Mundos além dos pólos

por

F. Amadeo Giannini

1959

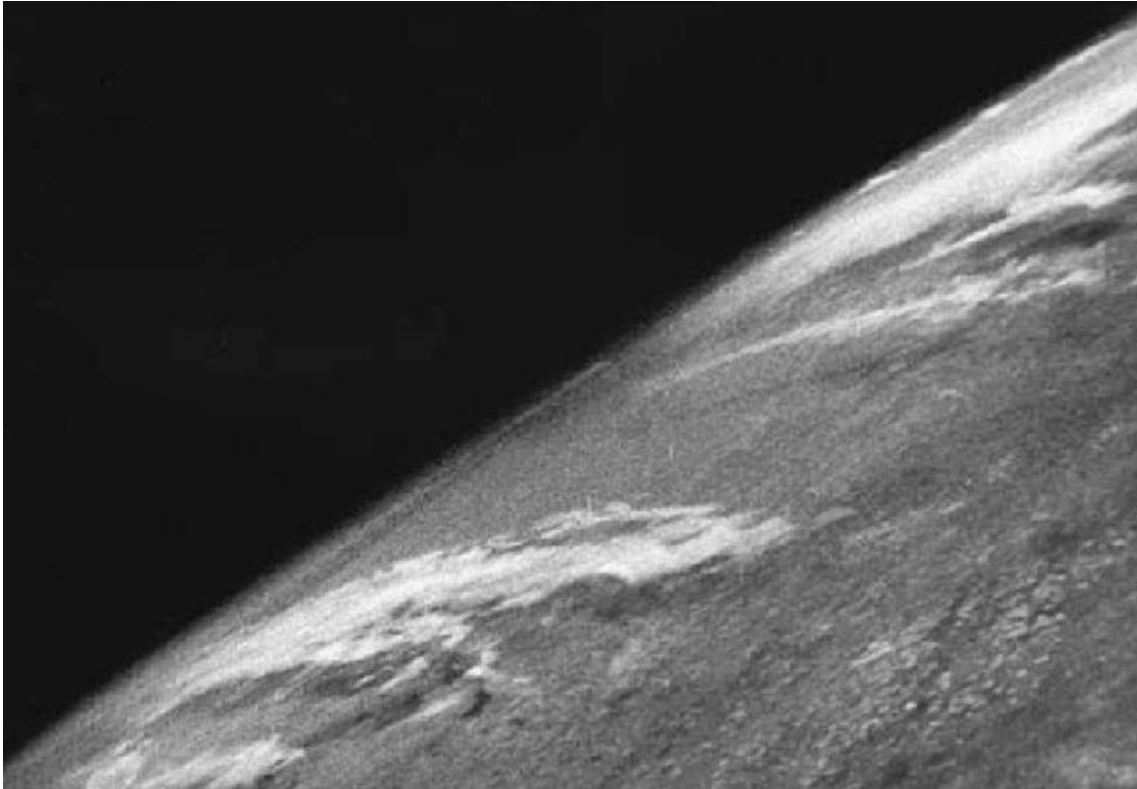
Mundos além dos pólos

- Continuidade física do universo -

Francis Amadeo Giannini

Traduzido por Samuel Santos

Nota do tradutor e créditos ao **autor:**

Pouco se sabe sobre Francis Armadeo Johnnene, mais conhecido pelo nome de Francis Amadeo Giannini. Ele nasceu em 3 de Outubro de 1898 em Cambridge, Massachusetts, e faleceu em 26 de Novembro de 1973 em Multnomah, Oregon. Ele foi um conferencista sobre relatividade, astronomia e exploração polar, filósofo, cientista e redator de revistas formado na universidade de Yale. Seu pai se chamava Giter Johnnense, e sua mãe Marion Mcclafferty. Neste seu livro "Mundos além dos pólos" de 1959, Giannini apresenta a idéia de que os pólos da Terra se estendem em uma superfície terrestre continua (em oposição ao espaço externo), levando não tanto para cima ou para baixo, mas através do universo percebido, uma hipótese que ele denominou simplesmente de "Continuum Físico" ou o *Conceito de Giannini*. Em termos mais simples, Giannini argumentou que existe uma ponte do "Pólo sul da Terra ao Pólo Norte de Marte, e do Pólo Norte da Terra ao Pólo Sul de Vênus", também conectando Vênus a Mercúrio, e Marte a Júpiter do outro. Giannini acreditava que o mundo se estendia através do espaço para além dos pólos por uma superfície terrestre continua, como se houvesse uma ponte interplanetária ou uma estrada daqui até a lua interligando os demais planetas. E essa ponte segundo ele podia ser de gelo, terra ou água. Giannini também defendeu a ideia que existiam mais terras depois da Antártida.

SESSENTA E CINCO quilômetros acima - Esta fotografia da estratosfera de uma pequena parte do céu da Terra, tirada de um foguete V-2 a 65 quilômetros de altura, mostra a ilusão globular e a distorção fotográfica expressa por Giannini. (Foto do laboratório de física aplicada da Universidade Johns Hopkins.)

Prefácio

As páginas a seguir contêm a primeira e única descrição do Universo realista de terra, água, oxigênio e vegetação, onde abundam os seres humanos e outras formas de vida animal. Esta não é uma obra de ficção, nem uma análise técnica de alguma nada. É apenas um simples recital de fato que transcende a ficção mais elaborada já concebida. É diametralmente oposto aos pressupostos e às conclusões matemáticas de teóricos e técnicos ao longo dos tempos. É a verdade.

Estas páginas descrevem as rotas terrestres físicas da Terra para cada área terrestre do universo ao nosso redor, que é toda terra. Essas rotas estendem-se além do Pólo Norte e Pólo Sul, os chamados "confins" da Terra, conforme decretado pela teoria. Será aqui mostrado adequadamente que não há limites do norte ou do sul da Terra. Assim, será mostrado onde o movimento em linha reta a partir dos pontos do Pólo, e no mesmo nível da Terra, permite o movimento em áreas de terras celestiais que aparecem "para cima" ou para fora da Terra.

Um tratado original básico para este livro foi escrito e exposto em universidades americanas, 1927-1930. Desde então, o Bureau de Pesquisa Naval dos EUA e as forças exploratórias da Marinha dos EUA confirmaram de forma conclusiva as principais características do trabalho. Desde 12 de Dezembro de 1928, as expedições polares da Marinha dos EUA determinaram a existência de extensão de terra indeterminável além de ambos os pontos do pólo, fora dos limites do suposto "globo isolado" de Terra, conforme postulado pela Teoria de Copérnico de 1543. Em 13 de Janeiro de 1956, enquanto este livro estava sendo preparado, uma unidade aérea naval dos EUA penetrou a uma extensão de 2.300 quilômetros além da suposta extremidade do Pólo Sul da Terra. Esse voo sempre foi sobre terra, água e gelo. Por razões muito substanciais, o voo memorável recebeu uma nota da imprensa insignificante.

Os Estados Unidos e mais de trinta outras nações prepararam expedições polares sem precedentes para 1957-1958 para penetrar na terra que agora provou se estender sem limites além de ambos os pontos polares. Minha divulgação original de uma terra então desconhecida além dos pólos, em 1926-1928, foi legendada pela imprensa como "*Mais ousado do que qualquer coisa que Júlio Verne já tenha concebido.*" Hoje, trinta anos depois, os Estados Unidos, Rússia, Argentina e outras nações têm bases naquela extensão de terra realista que está além da Terra. Não é espaço, como a teoria ditava, são terras e águas da mesma origem que constituem o território terrestre conhecido.

Este trabalho fornece o primeiro relato de porque é desnecessário tentar "disparar para cima", ou para fora, do nível terrestre para a jornada a qualquer uma das áreas de terra celestial astronomicamente nomeadas. Ele relata porque tal tentativa seria inútil. Estas páginas apresentam evidências incontestáveis de que a mesma densidade atmosférica desta Terra prevalece em todo o Universo. Tal característica prova que,

exceto pela presença de um envelope gasoso do céu e conteúdo de oxigênio subjacente equivalente ao da Terra, nunca poderíamos observar as áreas celestiais luminosas designadas como "estrela" ou "planeta". É mostrado aqui que, em uma determinação de valores cósmicos realistas, as áreas luminosas observadas do Universo ao nosso redor representam áreas do céu celestial e que são tão contínuas e conectadas quanto todas as áreas do céu contínuo e conectado desta Terra. Portanto, é mostrado que não existem "corpos globulares e isolados" que possam ser encontrados em todo o Universo: Eles são elementos de engano da lente. Conseqüentemente, a ausência de "corpos" celestes impede qualquer possibilidade de corpos "girando ou fazendo elipses no espaço".

Este trabalho se opõe radicalmente e com razão às conclusões astronômicas de todas as idades. Ele retrata as ilusões que se desenvolvem a partir de todas as observações telescópicas e fotográficas do Universo à nossa volta. Ele explica claramente e ilustra vividamente por que essas ilusões **desenvolvidas pelas lentes** foram erroneamente aceitas como fatos. O livro é, portanto, sem paralelo na longa história da tentativa de interpretação e registro do universo pelo homem ao nosso redor. Ele projeta a primeira compreensão do homem do Universo factual e infinito que contém a vida humana em toda a sua extensão e largura - independentemente de todas as teorias abstratas em contrário.

F. Amadeo Giannini

"*A descoberta de novos mundos, tanto na matéria como na mente, é apenas o resultado lógico de um universo infinito.*"

1927: Agosto. "*Se for assim, o mundo saberá disso.*" - William Cardeal O'Connell, Arcebispo de Boston.

1928: Julho. "*Giannini, já que as palavras não podem confirmar você, as palavras não podem negar você. É o seu trabalho, e só você pode dar.*" - Dr. Robert Andrews Millikan, presidente, California Institute of Technology (Pasadena)

"*Giannini, se você provar seu conceito ele estabelecerá, a mais completa Continuidade Física da história do homem*." - O Rev. Professor Jerome S. Riccard, S.J., Físico e Sismologista, Santa Clara University (Califórnia)

Dezembro: "*A memorável descoberta de 12 de Dezembro de terras até então desconhecidas além do Pólo Sul, pelo capitão Sir George Hubert Wilkins, exige que a ciência mude o conceito que manteve nos últimos quatrocentos anos em relação ao contorno sul da Terra*." - Dumbrova, exploradora russa

1929: "...A *continuidade Física do Universo mais ousada do que qualquer coisa que Júlio Verne já concebeu.*" - Boston American (Hearst)

1947: Fevereiro. "*Eu gostaria de ver aquela terra além do Pólo. Essa área além do Pólo é o centro do grande desconhecido*!" - Contra-almirante Richard E. Byrd, EUA, antes de seu vôo de sete horas sobre a terra além do Pólo Norte.

1955: 6 de Abril. "O *Contra-almirante Richard E. Byrd estabelecerá uma base de satélite no Pólo Sul.*" - Serviço de notícias internacionais

25 de Abril: "*Cientistas soviéticos vão explorar a superfície da lua com tanque Caterpillar.*" - United Press

28 de Novembro. "*Esta é a **expedição** mais importante da história do mundo.*" - Almirante Byrd, antes de partir para explorar terras além do Pólo Sul.

13 de Janeiro 1956: "*Em 13 de janeiro, membros da expedição dos Estados Unidos realizaram um voo de 2.700 quilômetros da base de McMurdo Sound, que fica a 400 milhas a oeste do Pólo Sul, e penetrou uma extensão de terra de 2.300 quilômetros além do Pólo.*" - Anúncio na Rádio, confirmado pela imprensa em 5 de fevereiro

13 de Março. "*A atual expedição abriu uma vasta e nova Terra.*" - Almirante Byrd, após retornar de terras além do Pólo Sul.

1957: "... *Aquele continente encantado no céu, terra de mistério eterno*!" - Almirante Byrd.

SOMENTE OS SONHOS SÃO VERDADEIROS (poema)

"*O tangível e real, em que nossas vidas são baseadas, foi o ideal de ontem, uma imagem rosada traçada;* por *algum visionário pitoresco Impraticável, "meio rachado" - Pintando suas fantasias estranhamente; e agora é um fato sólido.*

Tudo o que mantemos estável, confiável e sensato já foi uma fábula esperançosa de "castelos construídos na Espanha".

Antes do fato, da fantasia, antes da ação, do Sonho, que se constrói por necromancia o esquema duro, material.

Então, todas as suas torres que brilham, suas lâmpadas que iluminam o céu, elas já foram um pequeno raio dentro de um olho avistado.

O tempo faz nossos impérios se dispersarem, mas devemos construir de novo, porque só visões importam, e apenas os sonhos são verdadeiros.

- Berton Braley

Conteúdos

Capítulo um

Percepção extra-sensória: um minuto expresso ao universo sobre nós

Essa é a realidade; é uma verdade mais estranha do que qualquer ficção que o mundo já conheceu: Não há fim físico para as extensões norte e sul da Terra. A Terra se funde/une com áreas terrestres do universo ao nosso redor que existem bem à frente além do Pólo Norte e os "pontos" do Pólo Sul da teoria.

Agora está estabelecido que podemos viajar imediatamente para as áreas de terra celestial por meio do movimento habitual na horizontal, de além dos pontos polares. Também é sabido que o curso de voo desta Terra para conectar a área terrestre do Universo ao nosso redor que aparece "em cima" ou fora da Terra, será sempre sobre a terra, a água e a vegetação comum a esta área da Terra do Universo inteiro. Nunca precisamos "disparar para cima", como exige o equívoco popular, para alcançar a terra celestial existente sob todas as áreas luminosas que observamos à noite. Pelo contrário, seguiremos em frente, e no mesmo nível físico, a partir de qualquer um dos pólos imaginários da teoria.

A confirmação de tal curso de voo foi feita pela força-tarefa da Marinha dos Estados Unidos de fevereiro de 1947, que penetrou 1.700 quilômetros além do ponto do Pólo Norte, e além da Terra conhecida. A confirmação adicional e mais recente foi adquirida pelo voo de uma unidade aérea da Marinha dos EUA em 13 de janeiro de 1956, que penetrou 2.300 quilômetros por terra além do Pólo Sul.

Não há espaço algum entre as áreas do Universo criado. Mas deve parecer enganosamente haver espaço em todas as observações. Esse espaço aparente resulta da globularidade ilusória e do isolamento das áreas do céu celestial. Foi provado que as mesmas condições ilusórias se desenvolvem a partir da observação de áreas luminosas do céu externo do planeta. "Céu exterior" significa o céu visto contra a escuridão da estratosfera.

O conceito de que o Universo é composto por "corpos" globulares e isolados originou-se *da curvatura que é desenvolvida por todas as lentes*. E essa curvatura desenvolvida por lentes promove a aparência enganosa de "corpos" globulares e isolados que constituem o Universo. Os corpos são ilusórios. A antiga conclusão de Galileo Galilei, de que as áreas celestes luminosas estão isoladas umas das outras e estão "circulando ou fazendo elipses no espaço", foi fundada nos erros inevitáveis de funcionamento das lentes. O movimento "circular" aparente para Galileu é uma ilusão. Em um universo infinito de terra e céu de realidade, o ondulante gás do céu luminoso que envolve todo o Universo deve, enganosamente, aparecer como um movimento circular ou elíptico. A aparência enganosa se desenvolve a partir do fato de que esse movimento gasoso do

céu é detectado por uma lente circular. Portanto, é necessariamente reproduzida a imagem da lente circular e, portanto, de aparência globular.

Sob o gás em movimento do céu, que se estende por todo o reino celestial, há terra, água, vegetação e vida como aquela comum a esta Terra, indetectáveis, mas muito reais. Portanto, as chamadas "estrelas" e "planetas" de designação astronômica são, na realidade, áreas aparentemente globulares e isoladas produzidas por lentes de uma superfície celestial externa contínua e ininterrupta. Ele envolve todas as áreas terrestres do celestial da mesma maneira que envolve a da terra.

Pode-se questionar como tais características eram conhecidas quando a ciência não tinha registro delas. Nesse caso, basta terminar a leitura deste capítulo, que descreve adequadamente como, quando e onde.

Era outubro de 1926, quando aquele que buscava as respostas para os mistérios do Universo vagou por um vale florestal da velha Nova Inglaterra, pródigo com o hálito perfumado de pinho, bétula e cicuta. Lá, e como se dirigido por alguma força desconhecida, ele viu uma formação branca em massa do céu celestial antes que desenvolvesse a luminosidade que as sombras profundas do crepúsculo trariam. Foi então que a força da percepção extra-sensorial foi afirmada, e antes que a escuridão se apoderasse da cena da floresta, o buscador em espírito viu o vasto desconhecido.

O tempo e o espaço tornaram-se desconhecidos à medida que o retrato da realidade cósmica se desdobrava nessa visão interior. Sem se importar com as deduções e conclusões dos séculos, aquela visão interior formidável penetrou nas profundezas do céu luminoso dos resplandecentes chamados "Céus acima". Indo além dos horizontes limitados da percepção comum e padronizada, ele teve o privilégio de testemunhar aquilo que o orgulhoso sentido da visão e todos os seus assistentes de lentes telescópicas, independentemente de seu poder ostensivo, foram incapazes de detectar desde o momento em que o primeiro telescópio rudimentar foi construído.

O retrato sensacional desenvolvido pela percepção extra-sensoria era do sublime padrão criativo do Universo, que desafiara a análise do homem desde a hora desconhecida em que o homem terrestre contemplou pela primeira vez o desafiador espetáculo celestial. E trouxe a percepção de que a parábola de quase 1.900 anos de idade, "Com olhos não vedes, mas crede no que não vedes", também deveria conter a advertência de que as lentes com padrão de lentes humanas serão compelidas por sua função a distorcer coisas e condições, vistas e supostamente vistas, no universo à nossa volta.

A visão de sua percepção se estendia por um milhão de quilômetros e mais além dos limites matemáticos de um "globo isolado" falaciosamente assumido como a Terra. Penetrou através do domínio celestial sublime, onde luzes enganosas, como olhos brilhantes de cortesãs astutas, durante séculos incontáveis acenaram e cortejaram o

homem terrestre para seu abraço esclarecedor. Mas o homem terrestre, interpretando mal os sinais luminosos, foi negado o tão sonhado prazer de sua proximidade. Se ele tivesse interpretado corretamente os sinais, ele já teria adquirido áreas terrestres do universo ao nosso redor.

Não houve má interpretação dos sinais pelo buscador de 1926. Ele viajou até os faróis celestes nas asas da necromancia ilimitada da percepção extra-sensorial. Essa magia permitiu romper as barreiras há muito estabelecidas de dedução, hipótese e teoria. Desdenhosamente, empurrou para o lado as barreiras de gelo do Pólo Norte terrestre e o Pólo Sul assumiu o fim da Terra. E lá, além dos pólos, os segredos criativos mais fascinantes foram divulgados. Ao longo dos tempos, eles foram mantidos em sagrada confiança para o duvidoso e verdadeiro buscador que se aventurou nesse caminho. Os segredos então revelados forneceram conhecimento dos cursos terrestres em todas as áreas terrestres do Universo. Conseqüentemente, para a consciência perspicaz, ficou claramente demonstrado que a Terra não tem fim.

A maldição da aflição é sempre acompanhada por uma certa medida de bênção. E, infelizmente, cada bênção contém um elemento de maldição. Portanto, os sonhadores devem suportar a flagelação que os sonhos impõem. Os rebeldes devem pagar um preço por sua rebelião. Aqueles que são movidos por forças obscuras e extraordinárias devem ter negado o contentamento mortal. Os sonhos que construíram a civilização são obsessões magníficas. Mas não são menos obsessões; e o obcecado não pode ter esperança de escapar do açoite implacável da obsessão.

O impulso constante de alguém dotado de percepção extraordinária exige que a substância de tal percepção seja exibida, defendida e protegida a qualquer custo. E aquele cujo espírito desenfreado compeliu a quebra de todas as regras feitas pelo homem aplicáveis aos celestiais, foi forçado a apresentar suas descobertas surpreendentes e torná-las interpretáveis para a maioria. Mas essa maioria, aceitando e acatando as conclusões e ditames da teoria estabelecida, sempre habita com satisfação na segurança do reino ordenado da dedução, onde descobridores e descobertas no reino extra-sensorial considerado anormal e temeroso nunca são bem-vindos.

Então, como este peregrino do mundo extra-sensorial para apresentar seus dons, que foram prontamente percebidos como originários daquele reino medonho? Como, em um momento de escuridão da meia-noite, alguém poderia tornar plausível a luz brilhante do meio-dia para a maioria que nunca tinha experimentado aquela luz? Além disso, a maioria havia absorvido os ensinamentos dos séculos, o que excluía qualquer possibilidade dessa luz. Aquilo que é original e é concebido além dos limites dos conceitos aceitáveis da maioria não precisa desqualificar o originador para a existência cotidiana entre a maioria. Pois não precisa haver anormalidade expressa na aplicação diária às demandas do padrão social. No entanto, o sonho, a invenção, a descoberta ou

o que quer que seja original é facilmente designado como "loucura". Portanto, como pode o originador de tal considerada "loucura" esperar cortejar adeptos da coisa ou condição organizada e aceitável que está em erro? A maioria não deve sempre considerar o novo curso revolucionário? E se a coisa ou condição avançada perturba séculos de ensinamentos, não deve ser vista como uma expressão de quem é "louco ?"

O artista criativo inquieto, o inventor distraído e absorto, o descobridor e até o pioneiro em uma operação industrial podem se conformar à estrutura social da maioria. Mas é sempre um problema apresentar descobertas indesejáveis à maioria que está absorta em tradições agradáveis, mas fantasiosas e falaciosas, que negam a realidade das descobertas e resultados.

As páginas duradouras da história são finamente gravadas com registros de empreendimentos sonhadores que eram diametralmente opostos ao conceito estabelecido de um determinado tempo e lugar. Mas o sonho ajudou a construir nossa civilização, apesar do desdém da maioria. Foi assim desde o momento em que o "tolo" jogou terra preta em uma fogueira/lenha aberta e, por meio dessa "tolice", estabeleceu o valor e a finalidade do carvão. Ele, e um batalhão exclusivo de outros, representava o que a maioria tinha o prazer de rotular de "malucos", "visionários", "sonhadores" e "loucos".

Mas eles eram os experimentadores destemidos e os cientistas puros que constituíam o clã sempre fechado da civilização. Seus espíritos indomáveis eram nutridos por um néctar criativo, potente demais para o consumo normal da maioria. Esses sonhadores, forçados a viver em uma solidão espaçosa, eram, com raras exceções, compelidos a lutar sozinhos, pois é extremamente excepcional para os membros da maioria arriscarem a censura de sua sociedade pela cooperação aberta e ativa com um peregrino impetuoso do reino onde os sonhos, tão cheios de realidade, são incubados.

O que se segue, portanto, pode servir como um guia oportuno para a compreensão dos valores que contribuem para o desenvolvimento da civilização. E pode, assim, permitir uma compreensão mais fácil dos valores que este trabalho pretende apresentar em termos que todos possam compreender. Sócrates, o antigo e profundo filósofo, foi considerado "louco" pela maior parte de seu tempo e lugar. E o imortal Christus foi denunciado como "louco" em mais de uma ocasião. Podemos ler sobre a "estranheza" de Robert Fulton, que nutria uma "ideia insana" de aproveitar o vapor para a propulsão de barcos. A história também registra a adulteração "insana" de Benjamin Franklin com os elementos, que prendem um relâmpago com sua pipa "estúpida" e uma chave.

A excentricidade de Thomas Edison é, lembrada. Sua "noção insana" particular era a de manter uma eletricidade poderosa em uma lâmpada de vidro frágil para produzir iluminação elétrica. Westinghouse teve a ideia igualmente "insana" de parar uma

locomotiva monstruosa e um trem com nada mais formidável do que a liberação de ar: essa "insanidade" nos deu freios a ar.

Destaque no salão da Fama dos sonhadores é o nome de Louis Pasteur. Ele não era membro da fraternidade médica de seu tempo, mas contribuiu para a ciência médica com seus valores mais profundos, enquanto os seguidores do dogma médico estavam ocupados em castigá-lo por tal empreendimento "ridículo" e afirmações "loucas". Esta revisão limitada dos chamados "excêntricos", "malucos" e "visionários pouco práticos" do mundo pode continuar com a menção da "excentricidade" de Alexander Graham Bell, sua penosa perseverança forneceu nosso telefone. A telegrafia também foi fornecida pela "loucura" de Samuel Morse, que era culpado da alegação selvagem de que as mensagens podem ser enviadas por todo o mundo sem o som de uma voz.

A entrada dificilmente está seca na página da história que registra "a loucura dos Wrights", tal termo descreve a opinião da maioria de Orville e Wilbur Wright. No entanto, enquanto a maioria normal ridicularizou a nova empresa além de sua compreensão, os irmãos Wright jogaram as restrições da tradição ao vento e navegaram o primeiro avião bruto sobre Kitty Hawk.

Estes e uma lista exclusiva de outros que não eram populares tiveram seu sonho individual e o tornaram realidade. E sua forma particular de compulsão era, para eles, bênção e maldição. Portanto, como estamos cientes da maneira imutável pela qual a Força da Vida em ação semeia as sementes da percepção para que a humanidade possa sempre colher uma safra frutífera original, alguma orientação deve ser fornecida para o recebimento futuro das sementes e da safra. Deve desenvolver-se o conhecimento de que o novo e o original de qualquer época devem, por causa de sua novidade e somente por essa razão, ser condenado pelos constituintes do antigo.

O velho, o tradicional e estabelecido, é sempre a vaca sagrada alimentando-se do trevo da suposição em cada pastagem de valores conceituais cultivados e aceitáveis. Portanto, deve ser preservado a qualquer custo. O novo e o desconhecido são sempre assustador para a maioria. Os medos presentes nas atividades normais dentro de um padrão social estabelecido podem ser dissipados, ou pelo menos modificados, por um meio ou outro; mas o medo do que é novo e desconhecido, e que está além das condições e aflições do padrão ordenado, deve perturbar a maioria conformada. A rotina é a ordem do padrão; e embora às vezes seja fatigante, abrange uma medida de segurança que simboliza a proteção. Conseqüentemente, o novo e o desconhecido devem ser em certa medida ressentidos e devem sempre lutar por uma audiência.

A natureza humana exige que as crenças adquiridas sejam apreciadas e protegidas, por mais incompletas e imperfeitas que sejam. "Minha verdade é a verdade, então dizemos todos nós." Assim, como o porco-espinho projetando seus espinhos ao pressentir um possível perigo, a maioria se automatizou para lançar contra o novo e o

desconhecido os espinhos orais do ceticismo, do cinismo e do ridículo, sem sequer ouvir os valores inerentes ao novo. Eles temem que o novo possa invadir ou perturbar crenças acalentadas.

Consequentemente, com alguma apreciação dos princípios orientadores que constituem os conceitos humanos, podemos agora rever os primeiros movimentos do originador desta obra em particular em sua peregrinação para tornar conhecido o universo desconhecido da realidade.

No verão de 1927, a busca desse sonhador levou a um árbitro amplamente conhecido do Universo matemático, um cavalheiro beneficiado com alojamentos em um dos famosos edifícios cobertos de hera de uma universidade da Nova Inglaterra. Depois de ouvir apenas uma introdução à concepção então desconhecida de que em uma visão realista do Universo não há "isolamento planetário" e não há fins para a Terra, o guardião do Universo matemático exclamou veementemente: "O que! Você me faria duvidar dos meus sentidos?"

Tranquilamente veio a resposta: "Sim, uma vez que está estabelecido que o seu sentido da visão o engana. Esse sentido, em particular, deve sempre ser submetido à visão do cérebro, onde toda a visão verdadeira está presente."

O grande manipulador de lentes conhecia apenas o Universo matemático e o apresentou como o Universo factual. Na cegueira da raiva gerada pelo medo do desconhecido, ele gritou: "Fora! Como você ousa me dizer que não há esferas celestiais e nenhum espaço entre essas condições?" Sem ser perturbado por tal recepção, o jovem peregrino deixou os magníficos salões do anseio daquela universidade e procurou outros campos para a exposição das descobertas extraordinárias de sua percepção.

Pouco depois, ele foi gentilmente recebido na mansão palaciana do cardeal nas proximidades de Brighton, Massachusetts. Lá, em audiência privada com Sua Eminência William o cardeal O'Connell, Arcebispo de Boston, foi apresentado um retrato impressionante da obra então conhecida como *Continuum Físico*. A obra era então muito prematura, pois não havia confirmação de seus traços sensacionais. Assim, quando posteriormente fornecido referência à imprensa, foi descrito como "a coisa mais ousada do que qualquer coisa que Júlio Verne já concebeu".

Nesse recital inicial de 1927, foi mostrado que a teoria das "estrelas" e "planetas" isolados é baseada na ilusão, e foi afirmado que toda área celeste está definitivamente ligada como as pernas e os braços humanos estão conectados ao torso. Foi explicado que esse apego físico às áreas celestes e as conexões físicas das áreas celestes com o terrestre são sempre de terra, água ou gelo. Foi ainda divulgado como naquela época a conquista do celeste poderia ser realizada pela penetração de terras existentes além dos imaginários Pólos Norte e Sul, ou os verdadeiros centros geográficos do

supostamente "globo isolado" de Terra. Esse movimento de áreas polares foi descrito como conduzindo diretamente a áreas celestiais que aparecem "para cima" ou para fora da Terra.

A audiência daquele primeiro dia com o cardeal ocorreu sob a intensidade ardente de um sol de Agosto que abraçou com demasiada intensidade o jardim do cardeal em Brighton. E o calor do Sol, em conjunto com o recital dinâmico de um sonhador, logo cansou o idoso prelado. A audiência foi encerrada no meio da tarde.

No dia seguinte, o recital sem precedentes foi continuado com uma descrição do que cada área da superfície do céu externo da Terra apresentaria para observação da escuridão da estratosfera e de outras áreas terrestres do Universo. Foi explicado que a superfície exterior unificada do céu seria detectada como áreas luminosas e enganosamente globulares e isoladas. Conseqüentemente, o céu terrestre apresentaria o padrão idêntico de "estrela e planeta" projetado por áreas luminosas do céu celestial.

Foi então divulgado que a luminosidade observável de todas as áreas celestes resulta do fato de que todas as áreas celestes possuem o mesmo céu conhecido por envolver o terrestre. Alegou-se que o céu azul da Terra é luminoso quando observado contra a estratosfera escura por habitantes do território terrestre celestial. Portanto, é a existência de um céu azul envolvendo todas as áreas celestes que permite aos habitantes terrestres observar a luminosidade gasosa desse céu azul celeste contra a escuridão da estratosfera.

Em 1927, a ciência não sabia que qualquer área do céu terrestre seria luminosa quando observada além do céu. Não houve observação da estratosfera ou fotografia que pudesse mostrar a aparência de qualquer área externa do céu terrestre. A primeira observação e fotografia foi realizada pelo explorador da estratosfera, Professor **Auguste Piccard**, em Maio de 1931. Ele apenas se aproximou de uma visão e fotografia de uma área do céu terrestre da escuridão da estratosfera, porque Piccard não tinha alcançado altitude suficiente para um fundo estratosférico completamente escuro que expressaria adequadamente a luminosidade do céu externo.

O peregrino que havia explicado tal condição como a luz do céu nunca viajou para a estratosfera e dentro dela; no entanto, ele descreveu com precisão tudo o que Piccard viu quatro anos depois. E sua descrição continha tudo o que seria mostrado pelas fotos mais detalhadas obtidas por meio de uma subida da estratosfera da Força Aérea dos EUA sobre as Black Hills de Dakota do Sul em 1935. Além dos registros de câmeras da estratosfera em 1931 e 1935, ele descreveu em detalhes minuciosos o que foi fotografado pelas câmeras de foguete V-2 do Departamento de Pesquisa Naval dos EUA em outubro de 1946. Essas fotografias, obtidas a uma altitude de sessenta e cinco quilômetros, mostraram em um ângulo oblíquo uma área do céu aparentemente

semelhante a um disco e isolada sobre White Sands, Novo México, e as subsequentes fotografias da estratosfera da pesquisa Naval em altitudes mais elevadas contêm a confirmação mais sensacional da Continuidade Física.

O calor inabalável da audiência do segundo dia em Brighton exigiu um retiro antecipado para o fresco santuário da mansão do cardeal, onde o recital de mundos infinitos e a maneira de sua conquista foram continuaram. Durante essas horas, o escocês negro do cardeal esteve presente fielmente. Ele pareceu absorver profundamente os destaques do recital; talvez ele se perguntasse que história estranha era para aquele ambiente. O recital descreve ilusões ópticas resultantes da função da lente do olho humano, e foi mostrado que tal erro inevitável da lente teve que ser reproduzido e ampliado por todas as lentes fotográficas e telescópicas, que são modeladas após as lentes ópticas.

Foi explicado como a função da lente exige a convergência da lente, e como essa convergência da lente produz a curvatura enganosa que, por sua vez, é desenvolvida pela lente em proporção semelhante a um disco refletindo a redondeza de todas as lentes. Foi ainda relatado como a propriedade e função da demanda de lente exigem que todas as áreas celestes observadas telescopicamente pareçam globulares e isoladas.

Foi então afirmado, com razão, que cada área da superfície contínua e ininterrupta do céu externo da Terra expressaria enganos idênticos quando fossem observados e fotografados da altitude adequada na escuridão da estratosfera e de áreas de terra celestial. Em outras palavras, toda observação de áreas externas do céu terrestre da profundidade da estratosfera e de qualquer área de terra celestial manteria a ilusão de que o território terrestre é composto de inúmeros luminosos "corpos arredondados", e a ilusão de globularidade imporia a ilusão de isolamento. Portanto, se o retrato produzido por áreas luminosas do céu exterior do terrestre fosse uma réplica daquele produzido por áreas luminosas celestiais, haveria evidências convincentes de que as observações astronômicas do céu celeste lidam com gases luminosos do céu cobrindo o celeste assim como cobrem o terrestre. Segue-se logicamente que a aparente globularidade e isolamento das áreas celestes é ilusão.

*Em outro capítulo, há uma explicação adequada de porque a câmera-foguete de 1946 fotografou uma área redonda, por assim dizer, "no limite", em vez do globo completo que cada área do céu externo terrestre apresenta.

Para usar uma legenda recente, mas muito inadequada, do The New York Times (5 de novembro de 1952), "Os planetas estão conectados". O relato do Times atribuiu tal conclusão ao Instituto de Tecnologia da Califórnia. Parece apropriado notar aqui que o autor em 1928 expôs o Continuum Físico na presença do Dr. Robert Andrews Millikan, então Presidente do Instituto.

Em Brighton, em 1927, os termos "estrelas" e "planetas" eram considerados como tendo significado apenas para o Universo matemático, que é baseado ou desenvolvido a partir da hipótese fundada na ilusão. As conclusões aqui relacionadas negam a existência de entidades "estrelas" e "planetas" da astronomia dentro dos limites da realidade e da razão. Eles têm aplicação, como entidades isoladas, apenas ao mundo do ilusório. Assim, a conclusão em um mundo de realidade sustenta que tais entidades assumidas são produzidas por lentes.

Talvez seja oportuno apresentar uma nota para leitores não familiarizados com a teoria copernicana. Essa teoria, postulada em 1543, assume que a Terra, como uma unidade isolada no espaço, girava diariamente em um eixo imaginário enquanto prescrevia um movimento secundário em sua jornada anual em direção e para longe do Sol. A teoria afirma que outras áreas globulares e isoladas do Universo, os chamados “planetas”, também giram em órbitas espaciais matematicamente precisas.

O conceito de Continuidade Física, por outro lado, sustenta que as chamadas "estrelas" e "planetas" são áreas celestiais luminosas conectadas com a terra subjacente, não requer órbitas ou caminhos para áreas supostamente isoladas que não estão isoladas. E nenhum poderia ser prescrito. Portanto, uma vez que características como isolamento planetário e órbitas espaciais podem ter aplicação apenas ao Universo matemático baseado em ilusão, qualquer estipulação relativa à limitação do Universo se aplica apenas a fórmulas matemáticas. Consequentemente, a expressão acadêmica anterior e concisa deste trabalho, então referida como Continuum Físico e O Conceito de Giannini, opôs-se razoavelmente às limitações matemáticas abstratas da estrutura do Universo.

A extensão física do universo realista continua a ser indeterminável, apesar dos resultados sensacionais da pesquisa naval moderna, que traz o Universo ao nosso redor muito mais perto de nossa área terrestre. Qualquer conhecimento do fim de qualquer coisa pressupõe o conhecimento do início e o absurdo da matemática abstrata seria imediatamente detectado se a fraternidade matemática tentasse designar o início da Criação. Embora a matemática possa designar um fim matemático sem o conhecimento do início realista, tal fim pode ter valor apenas para o Universo abstrato do astro-matemático. Não tem nada a ver com a estrutura e a extensão do universo ilimitado da realidade.

Com a visão superior atual da realidade do Universo, adquirida por meio de pesquisas nos últimos trinta anos, pode-se perceber que a mecânica galileana não é mais necessária; seu objetivo era fortalecer a estrutura presumida do sistema copernicano. As leis propostas por Galileu não levavam em consideração a então desconhecida lei natural que governa o universo realista. Eles tinham aplicação apenas para aquele universo artificial abraçado pela fórmula copernicana. À luz dos eventos modernos, a premissa sobre a qual aquele universo matemático e mecanicista foi erguido é provada

ser ilusória; portanto, não pode haver nenhum propósito adicional para a mecânica destinada a sustentar uma premissa de ilusão.

Em agosto de 1927, o cardeal recebeu uma visão mental das extremidades polares de um globo terrestre supostamente isolado. Então, à medida que a vista se estendia para além dos pontos imaginários do Pólo Norte e do Pólo Sul, ele observou como as barreiras de gelo polar diminuíram e foram substituídas por cadeias de montanhas, lagos de água doce e vegetação abundante.

À medida que a viagem continuava, percebeu-se que o terreno e a densidade atmosférica prevalecente correspondiam às condições na propriedade familiar do cardeal em Brighton. Naquela jornada mental em um plano físico com a Terra, mas além da Terra, foi então entendido que para alcançar áreas aparentes "acima" do celestial, não é necessário "disparar para cima" Ou fora do nível terrestre: basta seguir em frente sobre a terra, continuando além dos pontos teóricos do Pólo Norte e Pólo Sul.

A viagem mental foi direcionada para a terra subjacente às áreas celestiais luminosas astronomicamente designadas Marte e Júpiter, onde o cardeal viu a semelhança surpreendente do terrestre e do celestial. Destes pontos, o prelado teve oportunidade de observar a aparência aproximada da área do céu terrestre cobrindo a propriedade de Brighton. Olhando para cima através do céu azul interno que envolve Marte e Júpiter, o cardeal surpreendentemente contemplado contra a escuridão da estratosfera incontáveis áreas luminosas e aparentemente isoladas como discos. Eles eram conhecidos por serem áreas do céu terrestre, mas eles apresentavam uma duplicata positiva dos chamados "céus acima" conforme observado em áreas terrestres. Então ele percebeu que "para cima" está em todos os ângulos de observação do terrestre e do celestial. Conseqüentemente, "para cima" está em toda parte e é sempre relativo à posição particular ocupada no Universo inteiro. Conseqüentemente, os "céus acima" estão por toda parte.

O crepúsculo lançava sombras suaves sobre a propriedade do cardeal em Brighton quando voltamos da extraordinária jornada celestial e a audiência do segundo dia foi encerrada. Essa viagem mostrou ao cardeal o que Galileu não esperava mostrar aos cardeais de seu tempo. Galileu havia se limitado a uma descrição apenas daquilo que as lentes produtoras de ilusão de sua construção podiam detectar. Essa lente era impotente para detectar a realidade cósmica, e seus sucessores também são impotentes para detectar a realidade cósmica.

O ilustre cardeal percebeu a importância do que havia sido mostrado. Enquanto seu convidado se preparava para partir, ele comrntou: "*se for assim, o mundo saberá disso*".

Enquanto o convidado que partia caminhava lentamente pelo caminho do jardim, onde as sementes da verdade haviam sido plantadas, o escocês negro do cardeal correu sobre o gramado. Algumas das sementes do plantio daquele dia em Brighton iriam brotar dentro de quatro anos, por meio da *subida original da estratosfera* de Auguste Piccard. Outros exigiram oito e vinte anos, respectivamente, durante a subida da estratosfera do corpo aéreo do Exército dos Estados Unidos US em 1935 e o voo do foguete V-2 da pesquisa Naval Bureau em 1946.

Ao contrário da crença popular, nenhum explorador havia penetrado além de qualquer ponto do Pólo antes de 1928. As legendas da imprensa dos anos transmitiram confusamente a ideia de que os voos do Ártico e da Antártida foram "Sobre o Pólo" e, portanto, sobre o fim da Terra. Nunca foi o caso. Sobre o Pólo, o ponto é possível, pois existe um tal ponto matemático; mas sobre o fim da Terra não é possível, pois não há fim. Certos primeiros exploradores alcançaram os pontos do Pólo, mas para voltar, fomos obrigados a refazer seu curso até o ponto do Pólo: em outras palavras, *eles tiveram que se virar*. Eles não foram "além do Pólo" da maneira sugerida pelos relatos da imprensa.

É o símbolo do globo que transmite a falsa ideia, para a imprensa e o público, de que o movimento "sobre o Pólo" de um lado da Terra para o outro é possível. Esse símbolo não atesta a extensão realista da Terra ou a relação factual da Terra com o Universo inteiro. É simplesmente uma conveniência da teoria arcaica: nunca foi outra coisa. Viagar do Alasca para Spitzbergen e vice-versa, representa apenas o movimento na direção oeste-leste e leste-oeste. Eles nunca foram viagens para o norte, do Círculo Ártico até o Pólo. Nenhum explorador já se moveu sobre no Pólo, Norte ou Sul, e chegou ao outro lado da Terra da maneira indicada pelo símbolo do globo. *Veja a Figura 1, na abertura do próximo capítulo.

Se o movimento pudesse ser feito "sobre o Pólo" e fosse possível voltar ao ponto de partida no lado oposto de um suposto "globo isolado" de Terra, não haveria possibilidade de ir além do Pólo, a Terra, como foi alcançado desde 1928. Nada além poderia existir, a menos que fosse o espaço originalmente conjecturado. O fator formidável que proíbe o voo do avião, ou outro movimento, na direção norte de um lado da área do Pólo Norte e chegando ao outro lado, como o símbolo do globo indica, é aquela terra infinita que se estende além do ponto do Pólo. Aquela terra desconhecida dos teóricos de 1543, é a terra que o tratado deste autor descreveu já em 1927. E é a terra além da qual o contra-almirante Richard Evelyn Byrd, EUA, e uma força-tarefa naval penetraram em fevereiro de 1947.

Esse fator idêntico de terra além se aplica como um agente de proibição a qualquer movimento ao sul sobre o Pólo Sul que permitiria o retorno em um curso ao norte para outras áreas do "globo" matematicamente prescrito. Todo movimento para o norte do Pólo Norte e para o sul do Pólo Sul deve necessariamente levar além dos limites

matemáticos do norte e do sul da Terra. E leva diretamente para longe e além da conjecturada "Terra-globo".

Deve-se lembrar que as chamadas "extremidades" norte e sul da Terra foram apenas assumidas. Elas nunca foram determinados de forma factual. Além disso, o valor presumido foi imposto há mais de quatrocentos anos, numa época em que as restrições às explorações polares proibiam a determinação da extensão terrestre factual. Também deve ser mantido em mente que a Terra não pode ser circum-navegada ao norte e ao sul no sentido de "circunavegar". No entanto, certos voos "ao redor do mundo" contribuíram para a concepção popular errônea de que a Terra foi circunavegada ao norte e ao sul.

"Sobre o Pólo Norte", com retorno às áreas de Zonas Temperadas do hemisfério Norte sem se virar, nunca pode ser realizado, porque não há extremidade norte da Terra. As mesmas condições são válidas para o Pólo Sul. Todo movimento progressivo além dos respectivos pontos polares leva além dos supostos "fins" de um "globo isolado" da Terra. E essa área além constitui uma conexão terrestre com o celestial. Essa terra de conexão, embora apareça "para cima" ou fora de outros pontos terrestres que não os poloneses, é alcançável pelo movimento direto dos pontos pólos imaginários.

Não estamos em 1927. A existência de mundos além dos pólos foi confirmada pela exploração naval dos EUA durante os trinta anos desde então. A confirmação é muito substancial, embora as informações não tenham sido divulgadas em todas as arquibancadas. Das arquibancadas também são pouco informados sobre o significado da exploração polar quanto os membros da imprensa. É por isso que este livro foi escrito com zelo, mas da forma mais árdua.

Figura 1

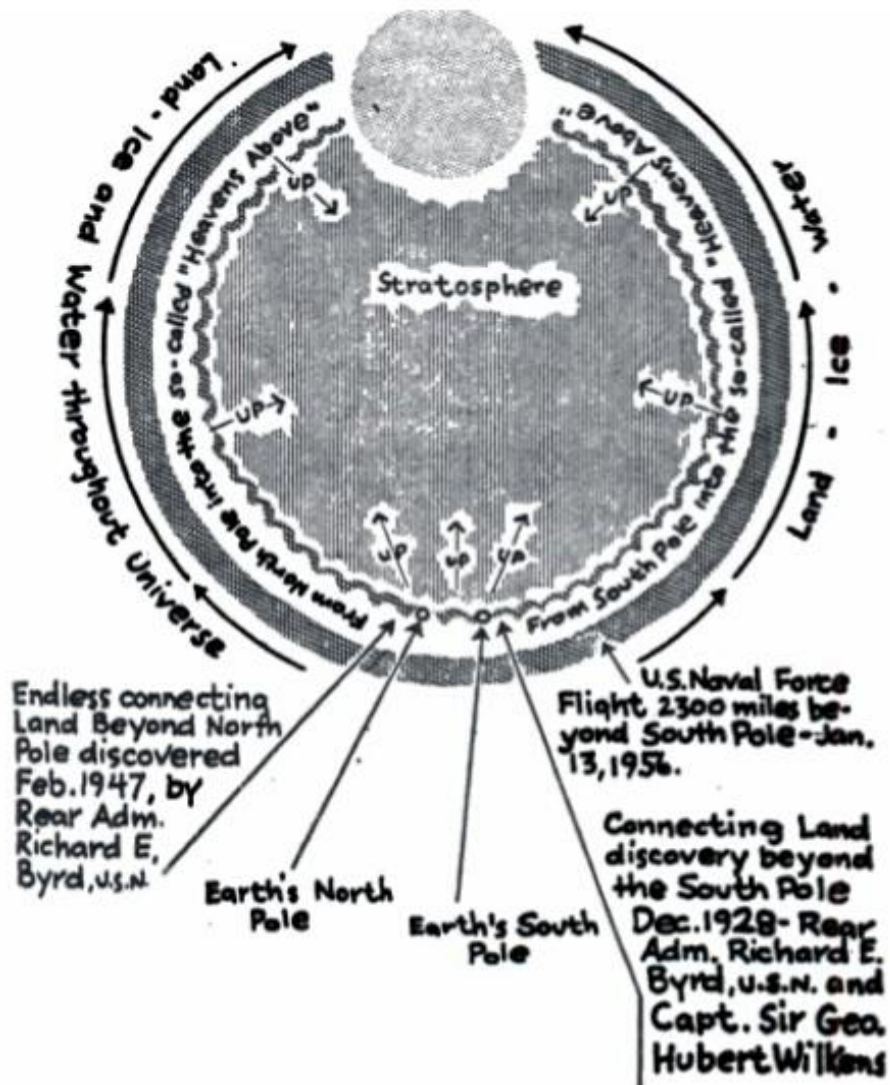
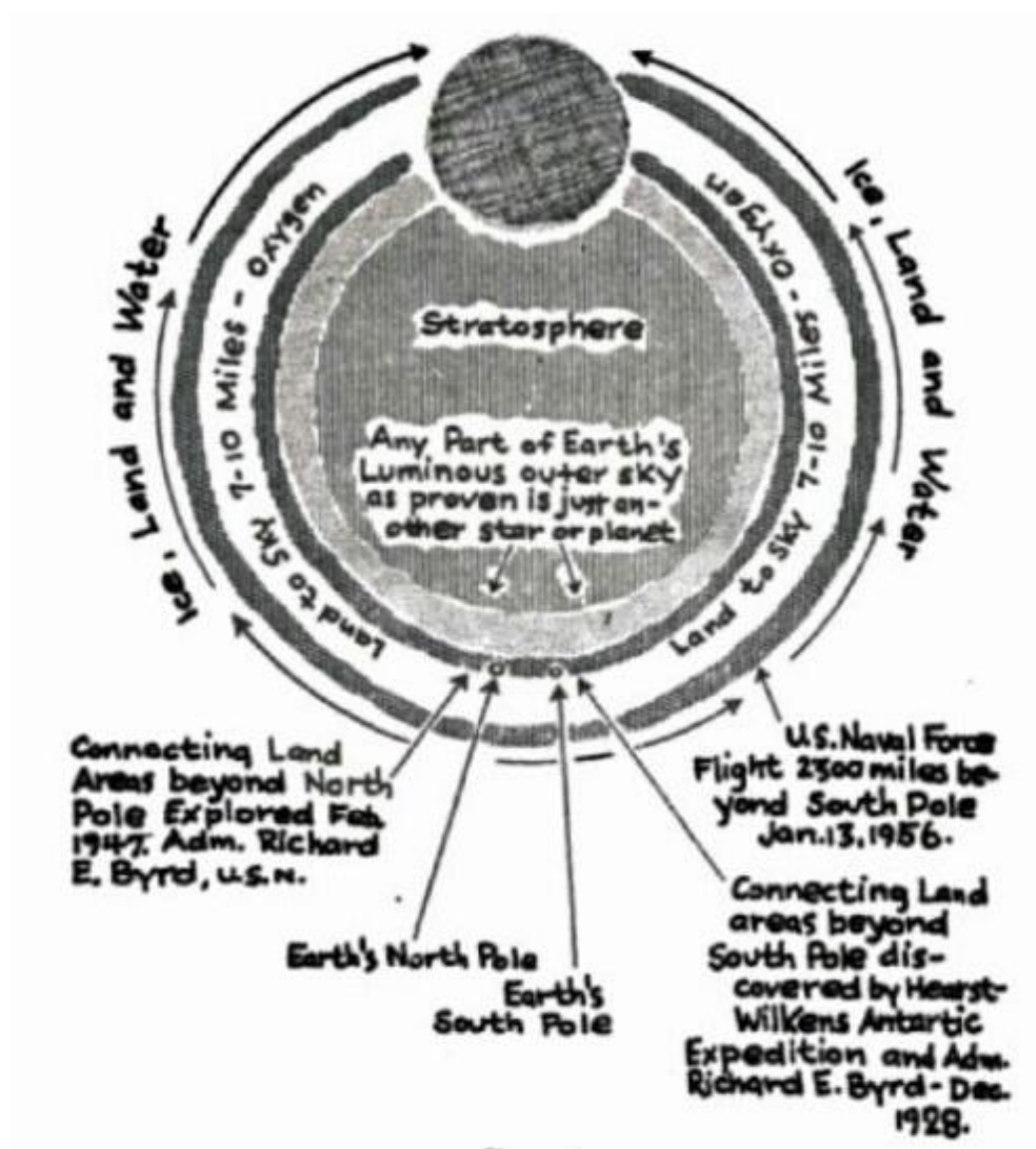



Figura 1. O universo como deve parecer enganosamente e como tem sido mal interpretado ao longo dos tempos.

1. Terra conectada sem fim além do pólo norte descoberta em fevereiro de 1947, pelo contra-almirante Richard E. Byrd, U.S.N.
2. Voo da força naval dos EUA 23,00 quilômetros além do pólo sul - 13 de janeiro de 1956.
3. Conectando a descoberta de terras além do pólo sul. Dezembro de 1928 contra-almirante Richard E. Byrd, U.S.N. e o capitão Sir George Hubert Wilkens.
4. Terra - gelo e água em todo o universo. (Do pólo norte para os chamados "céus acima")
5. Terra, gelo, água. (Do pólo sul para os chamados "céus acima")

Figura 2

1. Conectando áreas de terra além do pólo norte explorado em fevereiro de 1947, contra-almirante Richard E. Byrd. U.S.N.
2. Voo da força naval dos EUA 2.300 quilômetros além do pólo sul em 13 de janeiro de 1958.
3. Conectando áreas de terra além do pólo sul descobertas pela expedição antártica de Hearst-Wilkins e o almirante Richard E. Byrd - dezembro de 1928.
4. Qualquer parte do céu externo luminoso da Terra, como prevenção, é apenas uma outra estrela ou planeta.
5. Gelo, terra e água. Aterre ao céu de 7 a 10 quilômetros – oxigênio.

Capítulo 2

O universo conectado, mestre do engano.

"Vamos lembrar que é o cérebro que vê, e que o olho humano é apenas uma janela defeituosa que nos mostra apenas uma porção infinitesimal do universo ao nosso redor."

A Figura 1 indica os enganos experimentados na observação telescópica do universo que nos cerca. Mas não se destina a mostrar o verdadeiro contorno de todo o Universo; destina-se a expressar apenas as características salientes da Continuidade Física. Mostra como todas as áreas terrestres e celestes conectadas do Universo têm continuidade positiva com a Terra. Mas também mostra como cada área do céu do Universo deve aparecer enganosamente para a detecção telescópica como uma área globular. E esse engano da globularidade impõe a ilusão de que as áreas são isoladas.

Áreas de conexão ou partes das curvas luminosas do céu externo da ilustração, podem ser consideradas áreas de "estrela" entre os "planetas". Embora a ilustração os mostre todos eles ou menos semelhantes, existe uma variação em sua profundidade luminosa; mas todos elas são áreas da superfície luminosa do céu externo do Universo. Variações na profundidade luminosa resultam de diferenças na intensidade do conteúdo gasoso do céu. Essas variações, por sua vez, desenvolvem diferenças no espectro do astrônomo e na análise espectroscópica. Todas as áreas luminosas da ilustração do Universo são (em comum com o Universo que representa) partes observáveis de uma superfície externa infinitamente contínua e ininterrupta do céu. Ela cobre a terra, a água e o gelo celestes subjacentes à medida que cobre esses elementos da Terra.

Também é mostrada a região de densidade atmosférica entre a superfície da terra e o céu azul interno. A distância é a mesma no nível celestial e no nível terrestre, e o conteúdo de oxigênio é suficiente para sustentar a vegetação e a vida no nível celestial.

No conceito copernicano de isolamento planetário, é assumido que o Sol ocupa o centro da estratosfera escura e que as áreas de conexão do céu exterior do Universo são consideradas unidades isoladas. E presume-se que eles realizam um movimento rotativo em torno do centro do Sol de uma subdivisão do Universo matematicamente prescrita, conhecida como Sistema Solar. Esse arranjo do Sistema Solar, que abrange a Terra, representa uma espécie de cata-vento celestial e terrestre combinados. Para facilitar a compreensão da Continuidade Física, o centro do Sistema Solar cata-vento, ou Sol, foi de certa forma retirado para permitir uma colocação razoável como um guia ou líder para todo o Universo conectado. Como mostra a ilustração, cada área isolada anteriormente assumida do universo inteiro, incluindo a Terra, mantém sua posição original na estrutura do universo, e cada área mantém sua relação diária e anual com o sol. Consequentemente, a ilustração mostra como a terra e o céu celestial

se estendem e se conectam com os pontos pólos imaginários da Terra. Isso mostra que podemos nos mover além da terra sem "cair da borda" ou "cair das "pontas/fins".

O seguinte material descritivo, em conjunto com a ilustração, deve fornecer ampla orientação para a compreensão do Universo factual conforme foi criado.

1. O centro escuro representa a estratosfera perpetuamente escura em torno do terrestre e do celestial. É parte do vazio escuro do infinito, onde todo o Universo foi criado.
2. Os discos parciais externos luminosos, a serem observados contra a escuridão da estratosfera, representam a luz do céu desenvolvida em todas as áreas do Universo. Uma continuidade do mesmo céu azul que observamos da superfície terrestre em todos os lugares do planeta é vista por habitantes de todas as outras áreas do Universo, quando eles, assim como nós, olham para cima ou para fora de suas respectivas posições em sua superfície terrestre. Ao olhar através de seu céu azul interno à noite, eles observam a luminosidade de nossas áreas gasosas do céu externo precisamente da mesma maneira que observamos a luminosidade de seu céu externo contra a escuridão. Uma vez que não se pode esperar que suas lentes penetrem através de áreas de nossa luz celeste luminosa e detectem a terra sob nosso céu, é mais provável que eles tenham deduzido nós como errados e como nós de sua terra.
3. Portanto, o lado interno de todas as áreas do disco luminoso externo da ilustração pode ser entendido como representando o envelope do céu gasoso familiar observável de qualquer local terrestre como o céu azul particular. De todas as outras áreas terrestres do Universo, o céu azul visto da mesma forma representa o céu particular dos habitantes de tais áreas.

Na medida em que fotografias recentes da estratosfera naval dos EUA de áreas do céu externo provam que são luminosas e apresentam a aparência idêntica das áreas celestes, confirma-se que existe o mesmo conteúdo gasoso do céu para o celestial que é conhecido por envolver o terrestre. Visto que a luminosidade das áreas externas do céu terrestre corresponde àquela das áreas externas do céu celestial, segue-se que as condições atmosféricas subjacentes ao envelope do céu onde nossos primos celestiais habitam devem corresponder às condições atmosféricas prevalecentes no nível terrestre. Assim, o céu azul interno também deve corresponder a todo o Universo. Nossos experimentos mostram que, sem a existência de um céu azul interno de conteúdo gasoso, não poderia haver um céu externo luminoso, que é uma expressão do gás do céu, a ser observado em áreas terrestres ou celestiais.

4. Conseqüentemente, quaisquer marcianos, venusianos, jupiterianos ou librianos, olhando para cima ou para fora de suas respectivas posições terrestres, têm permissão durante o dia para ver seu envelope de céu azul gasoso com a mesma profundidade variável, ou tons de azul que observamos

em nosso azul céu. A profundidade do azul dependerá das condições atmosféricas prevalecentes nas várias localizações celestes no momento da observação. Além disso, como o conteúdo químico do céu celestial, ou intensidade gasosa, varia de tempo em tempo e de lugar para lugar, assim como o conteúdo de nosso céu, ele produz uma variação correspondente na intensidade da luminosidade do céu externo a ser observada contra a escuridão estratosfera por observadores remotos em todos os lugares. Portanto, as áreas internas da ilustração, denotando o céu terrestre e celestial conforme observado da superfície da terra, não devem ter uma profundidade azul constante. Da mesma forma, a luminosidade do céu externo não será constante, mas existem variações na qualidade luminosa. Como será mostrado mais adiante, variações no movimento luminoso do céu produzem, ou acompanham, mudanças nas expressões azuis e luminosas do céu.

5. À noite, os habitantes de todas as outras partes do Universo observam áreas aparentemente globulares e isoladas de nosso céu externo luminoso, da mesma maneira que podemos observar áreas luminosas, aparentemente globulares e isoladas de seu céu. Eles têm permissão para ver apenas a expressão luminosa externa de nosso céu, como vemos apenas a expressão luminosa externa de nosso céu, como vemos áreas luminosas de seu céu externo. Como seus telescópios mais poderosos não conseguem penetrar através da luz do céu, eles não podem esperar ver nossa terra ou nosso céu azul como o vemos até chegarmos à terra sob seu céu azul. Como nossas lentes telescópicas mais poderosas não podem penetrar através da luz celestial do céu, não fomos capazes de detectar a terra e a vegetação sob o céu luminoso que envolve todo o reino celestial.
6. Além disso, sobre a superfície externa luminosa de todo o nosso céu terrestre, que sabemos se estender ininterruptamente, outros habitantes do Universo são compelidos a observar milhões de "corpos" aparentemente globulares e, portanto, aparentemente isolados. São áreas luminosas do céu, e seu número dependeria do poder de observação das lentes dos telescópios e de outros fatores físicos aqui descritos.
7. Em nenhum lugar em todo o comprimento e largura de nossa terra e céu terrestre ou em toda a terra e céu infinitos do Universo criado, discos, esferas ou globos realmente existem, apesar de sua aparente existência. Eles são inteiramente criados com lentes, e representam os exemplos mais notáveis de ilusões de lente já conhecidas pelo homem.
8. Portanto, as curvas horizontais do céu azul interno da ilustração e as curvas do céu luminoso externo destinam-se a indicar os enganos experimentados na observação. Nem a Terra nem qualquer parte do universo sobre as curvas da Terra estão de acordo com os enganos de curvatura aqui apresentados. Podemos conceder realismo a tais curvas apenas na medida em que foram

criadas pelas lentes. Nenhuma lente pode escapar de produzir uma curva na distância adequada na horizontal ou na perpendicular. Conforme relatado anteriormente, a estrutura física e as propriedades de todas as lentes exigem que a curva seja criada. Em seguida, a curva criada pela lente é acentuada pelo conceito de um globo ou esfera isolada e de corpo inteiro à medida que a distância da área ou objeto fotografado ou observado telescopicamente é aumentada. Na realidade, não existe tal curvatura no céu infinito e na terra contínua em todo o Universo.

A única curvatura que poderia existir, e que jamais poderíamos esperar determinar, seria aquela de natureza conceitual, tendo o Universo como uma curva completa em tempo e espaço infinitos. Conceder tal arranjo inverificável para o Universo conectado como um todo não interfere de forma alguma com o fator importantíssimo de que o Universo está conectado e contínuo e que a jornada pode ser feita a todas as suas áreas por movimento no mesmo nível físico com esta Terra. Esse movimento indicado seria **em linha reta**, ao norte do Pólo Norte e ao sul do Pólo Sul.

9. Fotografias tiradas a qualquer hora e lugar - no Peru, na Ásia Menor ou em nossas próprias Montanhas Rochosas - de forma alguma provam a chamada "curvatura da Terra". Elas apenas provam que as lentes utilizadas não puderam evitar o desenvolvimento de curvas que foram erroneamente interpretadas como aplicáveis ao contorno da Terra. A própria lente criava a curvatura da mesma maneira que a lente óptica, pela graça de sua estrutura e função, cria curvas e horizontes enganosos na experiência de todos.

Por exemplo, o céu realmente se curva para baixo e encontra a água ou a terra onde os horizontes indicam que sim? Agora sabemos que não, apesar das aparências, porque o contato físico com esses pontos horizontais prova que esse encontro não existe. A abertura quadrada ou em forma de U de um túnel se junta, como parece fazer, e se torna globular à nossa vista conforme a distância dentro do túnel escuro e longe da luz do dia aumenta na abertura? Embora aparentemente pareça se aproximar e se tornar globular, a experiência nos ensinou que a entrada mantém sua forma e tamanhos originais. O topo quadrado de uma chaminé de tijolos não se torna enganosamente globular à medida que a altitude da fotografia aumenta diretamente sobre a abertura da chaminé? Essa aparência enganosa deve ser imposta pela lente; o conhecimento dita que a abertura da chaminé não se torne globular. Uma das expressões clássicas e mais comuns dos enganos inevitáveis decorrentes da função da lente é a das duas ferrovias separadas que parecem se fundir, ou se encontrar, à distância.

Um exemplo muito moderno de ilusão resultante da função da lente é apresentado no voo de aviões a jato. À medida que o jato veloz é observado movendo-se em um curso horizontal direto de leste a oeste, ou vice-versa, ele pode enganosamente parecer

estar disparando para cima na perpendicular, prescrevendo então uma curva ou arco definido conforme se aproxima. Então, à medida que passa por cima e se afasta à distância, parece estar caindo na superfície da terra. O curso horizontal do jato permanece o mesmo desde o momento em que foi avistado em um horizonte até que foi perdido para a visão no horizonte oposto, mas a lente desenvolve a ilusão de que o jato estava disparando primeiro para cima e depois para baixo. Nada mais vividamente atesta que a lente produz a curva.

Esses exemplos, além mil outros que poderiam ser citados, expressam eloqüentemente que todas as lentes estão sujeitas ao erro funcional da lente ótica, pois todas as lentes foram modeladas segundo as lentes do olho humano. Isso significa que a própria lente, ao desenhar para um ponto focal, cria a curva ilusória, e que a ilusão de curvatura, por sua vez, produz áreas e objetos "globulares" onde de fato não existe nada arredondado ou globular.

Portanto, assim como o céu azul interno aparentemente mergulha ou se curva para encontrar a terra ou a água, sob o poder da convergência de lentes que cria nossos horizontes, o mesmo ocorre com as áreas luminosas do céu externo do Universo sofrem a mesma aflição. Não faz diferença se a área do céu é de cem quilômetros ou de cem mil quilômetros. À medida que a distância aumenta, a curva ilusória original torna-se enganosamente preenchida com as propriedades do corpo, e é projetada a ilusão adicional de uma área completamente globular e isolada. Dessa forma, o universo ao nosso redor fica entulhado de "corpos" globulares e esféricos que não fazem parte da estrutura do Universo.

Na subida da estratosfera de 1931 do Professor Auguste Piccard, a lente da câmera fotográfica produziu um disco parcial da área do céu terrestre que Piccard mal penetrou a uma altitude de dez quilômetros. O desenvolvimento do disco, conhecido como "disco virado para cima", era parcial apenas porque não havia distância suficiente da área do céu gasoso. Na subida subsequente do Air Corps de 1935 a uma altitude de 14 quilômetros, havia distância suficiente da área do céu, e o disco parcial tornou-se arredondado para apresentar a aparência de um disco completo.

Pode-se compreender mais facilmente esse desenvolvimento de lentes de curvas e discos se tivermos em mente uma imagem da Lua do primeiro trimestre quarto ou crescente e seguir mentalmente seu curso mensal de preenchimento, ou conclusão, até a Lua cheia.

A confirmação desde 1935 do desenvolvimento infalível das ilusões descritas em todas as observações telescópicas do universo à nossa volta atesta a realidade da Continuidade Física. Cada centímetro do infinito império celestial telescopicamente observado e astronomicamente designado como "estrelas", "planetas", etc., é mostrado como estando fisicamente conectado - como a Figura 2 descreve - sem

curvas ilusórias. O celestial é mostrado para ser tanto uma continuação desta área da Terra quanto os vários países da Terra são fisicamente conectados e tornados contínuos pelos links de terra e água conhecidos. O terrestre tem afinidade com o celestial da mesma maneira que os Estados desses Estados Unidos se afiliam com o todo nacional.

Deve parecer enganosamente haver desconexões físicas em todo o Universo, onde cada área do céu celestial e terrestre fracamente observada, ao ser levada à convergência sob o funcionamento das lentes, aparentemente fica isolada de sua área vizinha - como descrito anteriormente, uma condição inevitável de observação. Por mais estranho que possa parecer, as concessões necessárias para tal desvantagem de observação nunca foram feitas, porque a desvantagem, embora conhecida por ser aplicável a observações em nível terrestre, não pode ser aplicada em observações em nível celestial. A dominação completa pela prescrição matemática da mecânica celeste - embora essa prescrição não contenha ingredientes do Universo da realidade - dotou as ilusões desenvolvidas na observação telescópica do Universo com uma realidade que eles não podem e não possuem. Portanto, nunca devemos perder de vista o fato de que a designação de áreas celestes como globulares e isoladas é, na melhor das hipóteses, uma suposição vaga dentro do mundo do astro-matemático, ao invés de um fato criativo dentro do mundo das coisas de que somos separado.

Com mais observação da Figura 1, pode-se perceber que, se alguém ocupasse qualquer área do Universo ilustrado inteiro ou observasse qualquer área dele a partir de uma posição da estratosfera, as áreas externas curvas e luminosas representadas do céu terrestre e celestial pareceriam enganosamente cheias entidades globulares isoladas com corpo. Essa condição de observação resultaria do fato de que quando a área da superfície curva luminosa é detectada, a mente é automatizada para preencher a proporção do corpo. No desenho não é possível evidenciar a plena globularidade que tais áreas curvas impõem à mente e configuram o conceito de isolamento. A inteligência média pode discernir prontamente que as áreas curvas luminosas não serão conectadas por meio da observação. Eles estão sempre desconectados. Embora conectado aqui para fins ilustrativos, a observação manteria uma área escura em cada ponto de conexão. Assim se desenvolveria o conceito de seu isolamento.

O estudo das curvas internas do céu pode servir como um guia para entender que a lente não prepara convenientemente as aparências conforme ilustrado. A lente faz exatamente o oposto. Ela corta cada conexão, então, a escuridão da estratosfera envolve cada área curva em ambos os lados e embaixo. Ao fazer isso, a área torna-se isolada para todas as aparências. Embora as curvas do céu interno também tenham sido desenhadas como conectadas, as lentes que observam qualquer área do céu azul e o céu luminoso externo continuam ininterruptamente *ad infinitum* (ao infinito), como mostrado na *figura 2*, mas as lentes devem negar tal continuidade realista.

A vida nada mais é do que o nosso conceito individual de vida: todos nós vemos e acreditamos apenas naquilo que queremos ver e acreditar. Conseqüentemente, observações "preparadas" são sempre de valor duvidoso - "tão duvidosas quanto espiões". Áreas globulares e esféricas celestes inexistentes são revestidas de realidade por meio do capricho das lentes ópticas, agravado por outras lentes e do alargamento conceitual da imagem defeituosa. Enquanto observarmos as curvas luminosas do céu celestial e terrestre produzidas pelas lentes e considerarmos o globo ilusório como realidade, é improvável que algo além de globos e esferas seja encontrado, independentemente do poder das lentes telescópicas. Além disso, a suposta esfera da Terra e suas pseudo-esferas celestes companheiras se tornaram tão firmemente fixadas na mente que as apresentações de tais esferas, que naturalmente mostram propriedades de corpo inteiro, são aceitas como sendo factualmente descritivas da composição do Universo.

Tal aceitação é tida apesar do fato avassalador de que nenhum telescópico observador e nenhuma câmera fotográfica jamais registrou proporções corporais realistas para qualquer área do Universo. As lentes detectaram e reproduziram apenas uma área de superfície semelhante a um disco que foi creditada com plenitude corporal. Portanto, o glamouroso globo terrestre retratado e suas contrapartes celestiais não apresentam nada mais profundo do que uma expressão notável de erro de lente e equívoco humano com base nesse erro, além do embelezamento artístico de símbolos do globo por outros artistas capazes que também estão sob o domínio do popular equívoco.

A descoberta moderna estabelece que o suposto isolamento do terrestre do celestial é uma falácia. A ligação terrestre ao norte da Terra com o celestial é um ponto teórico confirmado. Em fevereiro de 1947, uma força expedicionária da Marinha dos Estados Unidos ao Ártico, sob o comando do Contra-almirante Richard Evelyn Byrd, realizou um voo memorável de sete horas sobre uma terra que se estende além do "centro" geográfico norte ou "extremidade" norte matematicamente prescrita da Terra. Esse voo confirmou que não existe um fim físico ao norte para a Terra e que as conclusões de 1543 foram as mais prematuras. A continuidade física do norte da Terra com áreas celestes do Universo também tem sua contraparte na terra agora conhecida por se estender além do Pólo Sul.

Todo progresso físico futuro além dos pontos imaginários do Pólo Norte e do Pólo Sul deve e vai levar à áreas terrestres reais do Universo aparecendo "para cima", ou para fora, de nossa posição terrestre atual. Podemos nos mover, como o contra-almirante Byrd se moveu, além do Pólo Norte e fora dos limites físicos desta Terra, no mesmo nível físico desta Terra. Nosso movimento em áreas terrestres do universo à nossa volta nunca precisa variar do movimento conhecido em viagens da cidade de Nova York a Chicago, ou de Boston a Hong Kong, ou entre quaisquer pontos terrestres que se tenha o prazer de considerar. Podemos voar a distância com os meios agora

disponíveis, ou podemos viajar em qualquer um dos outros modos estabelecidos para tornar possíveis viagens de cidade a cidade e de nação a nação na área terrestre.

Exceto pelas vastas barreiras de gelo nas regiões Ártica e Antártica, especialmente na Antártica, podemos até caminhar. No entanto, os primeiros exploradores descobriram que caminhar e andar de trenó puxado por cães é um meio de transporte inadequado em áreas polares geladas. Essa é uma das razões pelas quais não houve um esforço inicial combinado para perscrutar "o topo do mundo", assim chamado, para determinar o que realmente existe além dos supostos fins terrestres. Outra razão pode ter sido que ninguém tentou perigosamente penetrar além do que seu conceito negou. Se o conceito não estabeleceu primeiro a coisa ou condição - neste caso, a terra além dos pólos - ela não pode e não "existe", apesar de sua realidade.

Apesar das lamentáveis restrições da teoria, os homens sempre se perguntam sobre a extensão da Terra. A primeira tentativa de chegar ao ponto do Pólo Norte e satisfazer essa curiosidade foi feita por Sir Martin Frobisher, da Inglaterra, em 1578. Mas a notável conquita de alcançar o ponto pólar não poderia de maneira alguma permitir a determinação de um território que se estende além do ponto do Pólo e fora dos limites do "globo" terrestre teorizado. Não é permitida a visão do território polar em horizontes quase ilimitados, como acontece com as planícies do Kansas. A determinação deve basear-se unicamente na fórmula matemática que sustenta que o ponto geográfico alcançado é de fato o fim. E embora o infinito se estenda além em um curso contínuo de terra e água, os homens não teriam razão ou inclinação para penetrar nesse curso se o conceito sustentasse que tal curso não existisse. Portanto, embora o mito do espaço não restrinja o movimento às áreas polares de uma suposta extremidade da Terra, ele definitivamente restringe o movimento além dessas supostas extremidades da Terra, onde os homens acreditavam que seriam projetados no espaço, presumivelmente existindo além dos fins.

Daí a terrível conjectura do espaço norte e sul da Teoria de copernicana erigir as barreiras idênticas ao progresso do norte e do sul que a obsoleta Teoria de Ptolomeu impôs ao movimento leste e oeste do Velho Mundo antes de 1492. Quão temerosa a palavra "espaço" foi!

Capítulo 3

Um Colombo moderno procura uma rainha Isabella.

Voltando à busca do peregrino de 1927-28 a quem o título do capítulo se refere (e como os relatos da imprensa daquela época o descreveram), podemos rever sua peregrinação solitária da mansão do cardeal em Brighton. Ao longo de um caminho solitário de volta para casa e na vigília perturbada de meses e anos que se seguiram, ele foi insultado pelas palavras de despedida do cardeal: "*Se for assim, o mundo saberá disso*." Silenciosamente, mas não menos firmemente, ele respondeu ao eco forte: "*Sim, meu cardeal; é assim. E por Deus, o mundo vai saber disso através do meu relato. Pois eu direi, embora a Terra e o Inferno se oponham a mim.*"

Ele não podia então prever que as forças combinadas da vida teceriam o padrão de seus movimentos de forma que ele deveria contar, embora isso o incomodasse de todos os valores mundanos e o deixasse rejeitado aos olhos dos homens. Ele não devia ser consultado pela força que implacavelmente o impelia para frente. E se ele tentasse escapar do fardo da responsabilidade, como tentava às vezes, ele era impiedosamente açoitado pelas expressões mesquinhas da "desumanidade do homem para com o homem" em uma compensação adequada por suas tentativas periódicas desesperadas de abandonar sua dotação. Não havia ninguém em quem um sonhador tão dotado pudesse confiar. Sozinho, ele foi compelido a mapear a peregrinação abandonada que conduzia ao seu objetivo declarado de disseminação universal de sua obra e sua confirmação final. Para onde ele iria? A quem ele poderia e iria divulgar os segredos devastadores recolhidos das profundezas ocultas além dos padrões aceitos de percepção?

Em qualquer busca realmente determinada pela luz, um farol, por mais fraco que seja, lança seu raio para guiar o curso do buscador. Conseqüentemente, foi trazido àquele primeiro peregrino o nome de alguém que, embora servisse aos interesses do tradicional e do entrincheirado, de forma alguma carecia de percepção. Para ele, no Distrito de Columbia, a missão foi realizada.

Chegando à capital nacional, o peregrino correu para os escritórios do Serviço de Ciências, onde se encontrou com um dos poucos cientistas de mente aberta. Com essa mente aberta, ele foi capaz de perceber além do padrão estabelecido de valores cosmológicos. O Dr. Edwin E. Slosson, então o destemido Diretor do Serviço de Ciência, ouviu pacientemente um recital dramático sem paralelo que descrevia como alguém poderia viajar direto das supostas "extremidades/fins" da Terra para chegar a áreas celestiais, como é o movimento para cima pontos sempre relativos e aparentes "para cima" do Universo seriam alcançados movendo-se em linha reta de uma maneira comparável à navegação ocidental de Cristóvão Colombo para ir para o Oriente. O Dr. Slosson não era um astrônomo, nem tinha medo de fantasmas espaciais.

No entanto, embora ele compreendesse totalmente a importância de revelações sensacionais, ele foi obrigado a aconselhar: "*Giannini, você não encontrará dez homens da ciência de mente aberta em todo o país.*"

Apesar de tal conselho sincero, dez homens tolerantes foram depois disso procurados com ardor. Pouco importava para o peregrino se eles ostentavam o rótulo de "cientista" ou qualquer outra coisa. Se eles existissem e pudessem ajudar na causa, deveriam ser encontrados. O zelo nascido da obsessão implacável não toleraria a interrupção da busca, que se esperava desenvolver os meios para a divulgação adequada e a confirmação final das descobertas extraordinárias da recepção. Ele percebeu logo no início da peregrinação que a subida cara da estratosfera e expedições elaboradamente equipadas além do Pólo Norte e do Pólo Sul seriam necessárias para a confirmação essencial de suas revelações. E com tal compreensão ele estava dolorosamente ciente de que era um pobre miserável, de acordo com o padrão de valores deste mundo. Ele não tinha como saber então que seu maior desejo seria satisfeito por meio da iniciativa física de outros que providenciariam para que a confirmação fosse desenvolvida. A subida à estratosfera necessária e as expedições seriam feitas.

Embora ele tivesse voluntariamente arriscado sua vida na subida pioneira da estratosfera para obter provas e em uma viagem perigosa para a terra ele sabia que continuaria além do Pólo Norte e do Pólo Sul, seus apelos sinceros por financiamento adequado de tais projetos caíram em ouvidos surdos. Jamais renunciando à ideia da confirmação física imediata de suas revelações e da forma de realizá-las, ele viajou para a Califórnia, onde, no Instituto de Tecnologia da Califórnia, conheceu o presidente daquela instituição, Dr. Robert Andrew Millikan. Ele acreditava que o Dr. Millikan, que havia conseguido recentemente o isolamento de um elétron e foi aclamado o melhor físico do mundo, seria dotado da mente aberta necessária para um programa que desenvolvesse a confirmação das revelações extraordinárias. O famoso físico gentilmente concedeu a audiência que apresentou características pertinentes do tratado original, *Physical Continuum*, também conhecido como *The Giannini Concept* [o conceito de Giannini]. Não havia dúvida quanto ao interesse do Dr. Millikan. No entanto, seu conselho e única contribuição para a causa foi expresso no seguinte: "*Giannini, é o seu trabalho, e só você pode conseguir. Já que as palavras não podem confirmar você, as palavras não podem negá-lo. Meus melhores votos para o seu sucesso.*" Suas palavras, naquele remoto verão de 1928, foram certamente amistosas e bem-intencionadas; mas para o peregrino solitário e sem ajuda eles mantinham um eco sombrio da máxima do verão anterior da mansão do cardeal: "*Se for assim, o mundo saberá disso.*" "*Giannini, você não encontrará dez homens da ciência de mente aberta em todo este país.*" Em seu entusiasmo juvenil, ele desprezou a falta de iniciativa construtiva dos árbitros da ordem científica estabelecida.

Ao longo da cansativa peregrinação de anos, mil e um tentáculos de desespero tentaram controlar seu espírito. Sozinho, com o bálsamo calmante das noites silenciosas e espirituais do deserto do Arizona, onde ele tinha um santuário temporário, ele freqüentemente sussurrava uma oração devota de sintonia com aquela Força Inescrutável que guiava o destino de um sonhador: "*Meu pai! Meu pai! Mostre-me o caminho!*"

Então, pareceria que a miríade de faróis do céu do deserto direcionaria seu curso de volta para a Califórnia, para aquela fabulosa terra do Sol poente onde parecia haver algum resquício do espírito pioneiro de acordo com horizontes mais amplos. Ali, onde os milagres da vasta credulidade do imposto de desempenho da natureza, acreditava-se que poderia haver menos daquele cinismo primorosamente desenvolvido infestando as metrópoles orientais, "cujas luzes haviam fugido, cujas guirlandas morreram" e onde os sonhos haviam sido proibidos por muito tempo. Esperava-se que pudessem ser encontrados os meios sórdidos, mas necessários para a realização dos sonhos por meio da cooperação do mestre financista, Amadeo Peter Giannini, que recentemente dotou a Fundação Agrícola Giannini da Universidade da Califórnia com dois milhões e meio de dólares.

Quaisquer que tenham sido suas esperanças, bastava que a terra do *Golden Gate* (portão dourado) o tivesse atraído. O peregrino seguiu para São Francisco. Então, em uma rápida série de eventos durante o restante de 1928, seu trabalho foi exposto para membros do corpo docente da Universidade da Califórnia em Berkeley, na Universidade de santa clara no abundante vale de pomares de Santa Clara, no San Jose State Teachers 'College, no Observatório Naval dos Estados Unidos na Ilha de Mare, e no Arcebispo Edward Hanna presidiu. Pouco tempo foi perdido em um itinerário que posteriormente o levou a Los Angeles, onde seu tratado Physical Continuum duramente invadiu a Universidade de Carolina Sul e a Universidade de California em Los Angeles. Mais tarde ele foi ouvido por representantes proeminentes da organização Hearst, que então se preparavam para a histórica Expedição Antártica de Hearst-Wilkins de 1928. Seu ardor insaciável se manifestou em todos os quadrantes onde sua causa poderia alcançar. Ele foi ouvido em círculos acadêmicos restritos, bem como em palestras semanais da estação de rádio KFL de Los Angeles. Ele foi convidado para acompanhar o capitão Sir George Hubert Wilkins e Alan Lockheed, presidente da Lockheed Corporation, a uma reunião seleta no Clube do café da manhã em Burbank, onde sua causa foi ouvida. Onde quer que fosse considerado que o interesse da obra poderia ser atendido, ele era encontrado. É compreensível que um despacho de imprensa da época o descrevesse como "*o Colombus moderno à procura de uma rainha Isabella em algum lugar da América*". Embora uma rainha pudesse ter possuído os meios para equipar uma expedição adequada para descoberta de terras além dos pólos ou para fornecer fundos para as subidas estratosféricas exigidas, nenhuma rainha, duquesa ou baronesa se aventurou a aliviar o fardo de um sonhador moderno.

Parecia que rainhas modernas e membros inferiores da nobreza eram sofisticados demais para ficarem intrigados com o anúncio de novos mundos a conquistar por um sonhador.

No entanto, o sonhador e o sonho não morreram por falta de rainhas, duquesas ou outras outros nobres. Era evidente que uma nobreza mais alerta se encontrava em São Francisco, pois foi lá que um membro graduado da nobreza da Igreja, na pessoa do Arcebispo Edward Hanna, possibilitou uma audiência do trabalho do peregrino pelo corpo docente da Universidade de Santa Clara. O famoso jesuíta, o reverendo Jerome S. Riccard, S.J., que era popularmente conhecido como "o padre das chuvas" como resultado de suas previsões meteorológicas precisas, era talvez o membro mais interessado do público docente. Seu interesse certamente ultrapassaria o do puro acadêmico, porque ele era um físico atômico e sismólogo. Quando a audiência terminou, o Professor Riccard exclamou com entusiasmo indisfarçável: "*Giannini, se você conseguir provar seu conceito de Continuum Físico, isso representará a continuidade física mais realista do Universo na história do homem.*"

Os ensinamentos do Professor Riccard afirmam que existia um jogo constante de energia entre todos os "corpos" assumidos e partículas do Universo criado como um todo. No entanto, sua digna participação na ordem dos teóricos que aderiram à suposição de 1543 não negou-lhe o discernimento de que a teoria de quatrocentos anos falhou em fornecer uma resposta ao enigma do Universo.

O chamado San Francisco daquela época ofereceu uma entrevista exclusiva com o peregrino cujas extraordinárias revelações haviam sido feitas na Universidade de Santa Clara. A apresentação à imprensa continha a fotografia do peregrino com a do explorador australiano, Capitão Sir George Hubert Wilkins. Havia também uma imagem do antigo astrônomo Copérnico, reproduzida de uma antiga xilogravura. O artigo tratava da então próxima expedição de Sir Hubert à Antártida, para descobrir terras desconhecidas além do pólo sul.

No entanto, mesmo aquela apresentação oportuna e sensacionalista falhou em trazer uma rainha ou uma duquesa, ou mesmo uma humilde baronesa, para emprestar óleo para as águas turbulentas e envolventes de um sonhador de aplicação cotidiana à disseminação de seu sonho. Como havia uma notável escassez de rainhas e sua nobre comitiva, reis das finanças e membros de sua nobre ordem americana também estavam ausentes. Nenhum subsídio seria obtido da famosa casa bancária de Giannini, embora seu senhor, Amadeo Peter Giannini, tivesse recebido conhecimento pessoal da importância do sonho. No entanto, deve-se reconhecer com justiça que sua recepção amigável e sua vontade expressa de cooperar de outra forma que não financeira constituíram uma medida de ajuda que foi talvez maior do que qualquer desembolso financeiro para a causa. Nem houve qualquer ajuda do vasto depósito de fundos privados com o propósito expresso de fazer avançar a ciência em todos os seus ramos,

independentemente do seu alcançe. Os senhores daquele armazém expressaram o maior ceticismo em relação à terra que um sonhador sabia que existia. Uma das poucas cortesias cooperativas da época foi estendida pela Marinha dos Estados Unidos, por meio de seu professor de matemática que também foi Diretor do Observatório Naval dos EUA na lha mare, Califórnia. Ele graciosamente permitiu que as observações fossem feitas com o equipamento naval. Embora uma ajuda mais substancial e direta tenha sido retida pelo Escritório de Pesquisa Naval, houve uma extravagância de ajuda indireta que nunca foi prevista. Este volume tenta descrever a realização sensacional do registro, desde 1928, pelas divisões técnicas e exploratórias da Marinha e do Departamento de Pesquisa Naval.

Embora os interesses mencionados aqui fossem talvez legitimamente reticentes em ajudar abertamente, em vista dos aspectos aparentemente fantásticos do Continuum Físico antes da confirmação, também era legítimo que sua atitude fosse ofendida por alguém que ainda não tinha consciência da magnitude de suas revelações. Para ele, eram de extrema simplicidade. Portanto, pode ser que, na sublime e insondável ordem das coisas, esse sonhador em particular estivesse, mesmo contra sua vontade, protegido dos perigos de sua desejada subida da estratosfera e de seus esperados voos para além dos pólos. Se ele então possuísse conhecimento dos eventos vindouros, ele poderia não ter considerado que é tão imperativo que ele pessoalmente realizasse o que ele considerava necessário para a confirmação de suas revelações revolucionárias. Ele não tinha esse conhecimento, e o fator de segurança pessoal nunca entrou em seus cálculos.

Ele buscou toda a compreensão possível da construção e operação do balão, e solicitou o custo do material do balão para a subida da estratosfera que ele tinha certeza de que iria desenvolver provas para suas afirmações pouco ortodoxas. Ele determinou o custo do equipamento do balão estratosférico da Thompson Balloon Company de Aurora, Illinois. Ele recebeu a promessa do Capitão Ashley C. McKinley, U.S.N (Aposentado), de pilotar a subida. O capitão McKinley era então um fotógrafo aéreo que havia sido um especialista em balonismo naval.

Em seguida, sua petição sincera de fundos necessários para adquirir equipamentos foi negada por nada menos que quatro milionários proeminentes a quem ele pessoalmente apelou e que anteriormente expressou intenção de cooperar. Assim, até 1935, ele persistiu em esforços desesperados para ter sua própria subida da estratosfera financiada. Na Transamerica Corporation, em Nova York, ele se encontrou novamente com o famoso A. P. Giannini, cujos problemas da época o deixavam pouco receptivo ao projeto da estratosfera.

Sua devoção à causa motivou uma jornada para a feira mundial de Chicago, onde ele consultou o Dr. Frank Moulton, Diretor da Divisão de Ciência, para a subida da estratosfera a ser lançada do campo de soldados. No entanto, descobriu-se que o

comandante Settle, dos EUA, já tinha assegurado o apoio do Chicago Daily News para sua subida à estratosfera. Portanto, o peregrino, negado sua própria subida e totalmente convencido de que o Comandante Settle não alcançaria altitude suficiente para a prova fotográfica, aproveitou todas as oportunidades para influenciar outros que eram favorecidos pelo financiamento da organização e que poderiam conseguir a confirmação necessária. Foi com essa perspectiva que ele arranjou um convite para inspecionar o equipamento de subida da estratosfera do Corpo aéreo de Aviação do Exército em Wright Field, Dayton, Ohio. E foi lá que ele instruiu o capitão Albert W. Stevens, EUA, a atingir uma altitude de quatorze quilômetros, se fosse fisicamente possível. Ele então soube que tal altitude seria necessária para a confirmação fotográfica da luz do céu terrestre e a aparência globular ilusória e isolada de qualquer área do céu fotografada.

No caso de expedições polares para confirmar sua divulgação de terras então desconhecidas, existentes e se estendendo além dos dois pontos polares, foi considerado imperativo que algum explorador conhecido de áreas polares se convencesse da realidade da Continuidade Física. Para tanto, resolveu apresentar o assunto ao capitão Sir George Hubert Wilkings, que na época (setembro de 1928) estava para embarcar na expedição antártica patrocinada pelos interesses do jornal Hearst.

Capítulo 4

Divulgando o corredor do sul Terrestre nos "céus acima"

O peregrino de 1928 acompanhou o capitão Sir George Hubert Wilkins a uma reunião do Los Angeles no Breakfast Club (clube do café), onde Sir Hubert foi o convidado de honra. E mais tarde ele visitou o famoso explorador australiano em seus aposentos no Hotel Roosevelt de Hollywood, onde as características salientes da Continuidade Física foram ilustradas com um símbolo de globo em miniatura que permitia que os quadrantes do globo fossem destacados. Desnecessário dizer que a maior ênfase foi colocada na característica da extensão da terra terrestre. Sir Hubert estava totalmente informado da terra desconhecida e interminável que se estendia além do ponto do Pólo Sul, para onde sua expedição era dirigida.

Aquela conferência foi de natureza um tanto diferente de algumas outras desta crônica, pois o "Colombo moderno" estava sendo ouvido por alguém que também era um sonhador e também um artista corajoso no mundo da realidade estabelecida. Conseqüentemente, a teoria arcaica não teve permissão para dominar a conferência.

Tornou-se evidente que o explorador não estava arriscando sua preciosa vida no proibitivo Pólo Sul apenas com o propósito de medir a velocidade do vento e medir a atividade direcional de blocos de gelo. Sir Hubert parecia compartilhar sinceramente a convicção de que o Pólo Sul não era de forma alguma o fim, extremo sul da Terra. Sua declaração forneceu um testemunho eloqüente de que ele possuía um forte desejo de ir além de todas as restrições da teoria no espírito pioneiro de um verdadeiro explorador: "*Você sabe, antes de deixar a Inglaterra, fui avisado de que, se conseguisse penetrar além do ponto do Pólo Sul, seria atraído para outro 'planeta' pela sucção de seu movimento.*" Isso proporcionou diversão apropriada, em vista do retrato perceptivo que então estava sendo exibido. No entanto, os responsáveis por tal expressão não deveriam ser censurados, o conceito copernicano, sustentando o Universo como sendo composto de corpos globulares isolados, não permite outra conclusão senão que o espaço seria encontrado além dos pontos polares da teoria.

Sir Hubert ficou visivelmente impressionado com as perspectivas apresentadas e garantiu firmemente que continuaria além do fim matemático tradicional da Terra quando disse: "*Giannini, se você me mostrar a rota para a terra que alega existir além do Pólo Sul, continuarei nela apesar de todos os obstáculos.*" O International News Service de Los Angeles recebeu cópia da informação que designava a rota solicitada por Sir Hubert. E a história registra sua memorável descoberta de terras além do Pólo Sul em 12 de Dezembro de 1928.

A maneira pela qual os teóricos podem ter posteriormente interpretado mal o valor daquela terra tem muito pouco significado para este trabalho, lidando com a realidade cósmica e diametralmente oposta às conjecturas dos teóricos. No entanto, parece adequado aqui reiterar que o medo habitual do homem do desconhecido permite a interpretação errônea grosseira de valores que exigem uma mudança de conceito. O homem odeia abandonar o curso antigo e conhecido. Embora os fatos recém-descobertos estabeleçam que o velho e acalentado da teoria não tem aplicação no mundo da realidade, apenas com a maior relutância o velho é abandonado.

Portanto, houve evidências iniciais de que tal terra anteriormente desconhecida além do Pólo Sul estava sendo submetida a um disfarce matemático que se pretendia manter intacto e preservar a conjectura de quatrocentos anos. A teoria não foi modificada para se adequar ao fato da extensão da terra, mas a extensão da terra foi descontada para se adequar à teoria. A razão e o propósito dessa extensão de terra ao sul, ligando nossa Terra ao universo ao nosso redor, foram obscurecidos por outro remendo de abstratos matemáticos generosamente aplicados pelos teóricos. Eles serviram apenas para tornar grosseiramente ridículo um assunto que foi então confundido fora dos limites da razão.

Portanto, ainda é de valor oportuno citar outro negociante destemido na realidade que foi ouvido imediatamente após a memorável descoberta de terras de Sir Hubert

em 12 de Dezembro de 1928. O árbitro magistral de fato foi o então famoso explorador russo Dumbrova, que anunciou: "*A sensacional descoberta de terras além do Pólo Sul pelo capitão Sir George Hubert Wilkins, em 12 de dezembro de 1928, exige que a ciência mude o conceito que manteve nos últimos quatrocentos anos a respeito do contorno sul de nossa Terra. Dumbrova, assim como Sir Hubert e um grupo muito seleto da época, não tinha medo do fantasma espacial projetado pelos teóricos. E, como suas palavras expressaram, ele não tinha paciência para a temível colcha de retalhos matemática para fornecer uma explicação fraca, temporária, mas grosseiramente contraditória, da existência daquela terra até então desconhecida.*"

Embora a extensão dessa continuidade de terra ao sul não fosse penetrada, seu comprimento estimado de cinco mil milhas indicava uma continuidade de terra sem fim, se houvesse uma interpretação adequada da existência da terra. E embora o sonhador que traçou o caminho para aquela terra estivesse disponível como o intérprete mais competente, sua interpretação inequívoca dos valores foi ignorada. Assim, nenhuma tentativa foi feita para influenciar uma mudança de concepção popular ditada pela realidade então divulgada. Pois a realidade daquela terra além do Pólo Sul contém uma refutação eloqüente das limitações matemáticas da Teoria Copernicana da Terra. Era evidente que figuras e limitações da teoria dominavam como árbitros da realidade cósmica. Visto que a existência e extensão da terra não se conformavam com o padrão figurativo estabelecido que contribuiu para a concepção errônea popular, sua realidade teve que ser negada.

É fácil conceder a um sonhador, que trabalhou para ter a prova estabelecida, o direito de acreditar que a prova acionaria o questionamento da teoria e do conceito arcaicos. Talvez houvesse tal questionamento, desconhecido para ele. Quanto interesse subjacente e não expresso que a terra além do Pólo Sul pode ter despertado só pode ser conjecturado. Mas é certo que as expressões daquela época não poderiam ser consideradas um sinal do despertar espirituoso pelos árbitros do padrão cósmico. No entanto, a pesquisa sensacional e empreendimento exploratório de 1928 a 1956, realizado quase exclusivamente pela divisão técnica da Marinha dos Estados Unidos, testemunha um interesse muito definido e surpreendentemente ativo para determinar os fatos. No entanto, a relutância em expressar abertamente o interesse prevaleceu até uma data muito recente.

Em uma análise final, pode ser bom que a ciência organizada, como um meio pelo qual os valores descobertos são interpretados, deva aderir a um procedimento mais rígido do que aquela cuja percepção "não natural" lhe permite ver além do padrão dedutivo aceitável. Aquele que ultrapassa o padrão deve lealdade apenas à sua alma. Foi essa qualidade que permitiu a descoberta de valores além do padrão ordenado. Sendo assim, devem ser feitas provisões adequadas por ambas as partes para que se tenha um melhor entendimento da aquisição de valores. A esta altura, devemos

aprender a lição de que o novo e o revolucionário não podem ser encontrados em atividades dedutivas ordenadas. Onde o percepcionista extraordinário, o inventor, o explorador ou mesmo o artista criativo podem e devem pular de cabeça sem esperar pela sanção e bênção dos estabelecimentos da tradição, você deve ter paciência para aguardar até que a ciência ordenada explore para sua própria satisfação o mérito de descobertas extraordinárias em qualquer campo de pesquisa, invenção ou descoberta. Por outro lado, cabe à ciência estabelecida conter a condenação excessivamente pronta do novo e do revolucionário até que a investigação apropriada tenha sido feita sobre a nova apresentação, de qualquer natureza. Não há desculpa para a ciência organizada ficar impaciente.

Consequentemente, no retrato geral dos valores perceptivos aqui, parece ser oportuno elaborar sobre as características pertinentes do conceito falacioso da Terra "globo", particularmente em relação aos chamados pólos. Algumas delas podem ser repetitivas. Nesse caso, a repetição está em ordem e não precisa de mais desculpas. Este não é um tema tão frequentemente repetido de amor, ódio ou as muitas expressões de outras emoções e comportamentos humanos. Este é um trabalho original que nunca foi publicado; portanto, às vezes é necessário repetir os recursos mais importantes e menos compreendidos para fins de clareza.

De acordo com o símbolo estabelecido do globo terrestre, deve-se presumir que qualquer progresso além dos centros geográficos do norte ou do sul designados pólos exigiria um retorno à Zona Temperada do Norte ou Zona Temperada do Sul. O símbolo torna esse retorno do outro lado uma necessidade física. Do contrário - e como os londrinos aconselharam Sir Hubert Wilkins - a pessoa experimentaria uma forte decolagem para o espaço. O equívoco de tal retorno do outro lado do símbolo do globo é tão firmemente estabelecido que a crença popular sustenta que a Terra foi de fato circum-navegada para o norte e para o sul em várias ocasiões. A crença persistiu apesar do fato de que nunca houve uma circum-navegação latitudinal da área terrestre. Não houve nenhum porque não pode haver nenhum.

Pode-se dizer/alegar que o almirante Peary, Raoul Amundsen e outros exploradores "ultrapassaram o Pólo". No entanto, também deve ser conhecido que tais relatos "sobre o Pólo" representaram erroneamente o termo. Seu objetivo realista era mostrar apenas que os exploradores de fato alcançaram os verdadeiros pontos do pólo. Nos pólos é possível realizar uma volta para retorno aos pontos de partida. Mas o movimento em direção ao pólo e "além do pólo" com retorno ao ponto de partida, sem se virar, nunca foi e nunca poderá ser realizado. Deve-se perceber que os exploradores do passado, em certos casos, eles alcançaram os pontos do pólares. Mas também deve ser percebido que eles definitivamente não foram além de qualquer um dos pólos e retornaram ao seu ponto de partida do lado oposto, como afirma o equívoco popular. Para e além do ponto do Pólo significa apenas movimento

para e sobre o suposto símbolo matemático do fim do globo, que representa não mais do que a suposta extensão terrestre, enquanto sobre o Pólo com movimento contínuo ao norte do Pólo Norte ou ao sul do Pólo Sul com retorno para outras áreas conhecidas da Terra é impossível.

Quando alguém vai além dos pólos, está se movendo, como o coloquial apropriadamente descreve, "para fora deste mundo". Em seguida, continua a se mover sobre a extensão da terra além da Terra. Aquela terra além não está em nenhum dos lados da Terra que foi conjecturado pelo Sr. Copérnico. Esse fator terrestre, por mais estranho que possa parecer para muitos, está agora firmemente estabelecido pela exploração naval dos EUA além dos pólos. Seria muito fantasioso afirmar que qualquer terra desconhecida existiu além dos pontos do pólares se alguém acreditasse que a frase "sobre o Pólo" realmente significa que os exploradores do passado passaram pelos pontos do pólo de um lado ao outro lado de um suposto "globo isolado" Terra.

Figura 3

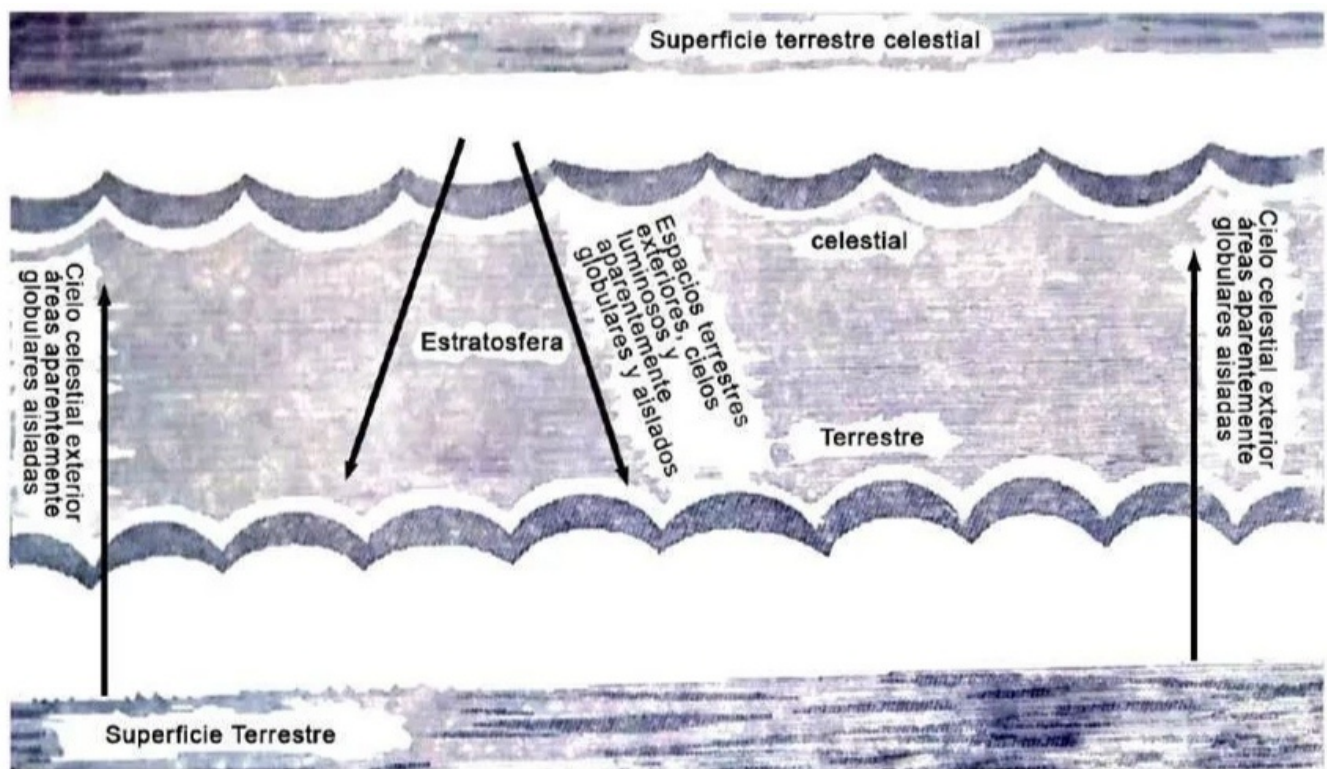



Figura 3- O céu infinito envelhecendo o universo, mostrando as ilusões inescapáveis.

Isso não tem a intenção de mostrar a distância do terrestre ao celestial, não pode ser desenhado em escala. Mas indica o que deve ser a visão noturna de nosso céu terrestre para nossos primos celestiais. Nosso luminoso céu externo, enganosamente aparecendo como milhões de "corpos" arredondados e isolados, apresentaria aos marcianos e a todos os outros habitantes do Universo os chamados "céus acima" idênticos, que vemos como suas áreas celestes luminosas e enganosamente isoladas.

Visto que "acima" é sempre relativo, nossos primos celestiais olham para cima, ou para fora, através de seu céu azul interno, como fazemos através do nosso, e contemplam o mesmo padrão de "estrelas" noturnas que testemunhamos. Ao contrário do equívoco popular baseado no ilusório, disparar para cima ou para fora de qualquer local no terrestre e no celestial levaria os infelizes exploradores para longe da estrutura do Universo e os projetaria no espaço infinito. Coloque o polegar na seção da estratosfera da ilustração e, em seguida, puxe-o em sua direção. Isso irá descrever para onde o explorador espacial iria, se ele não pousasse de volta em alguma área terrestre. Ele estaria completamente perdido no espaço onde o Universo foi construído, ou ele seria projetado em alguma área terrestre remota do ponto de origem do voo. Assim, as naves espaciais anunciadas seriam exatamente isso e nada mais: qualquer nave lançada (e não há dúvida de que poderia ser lançada) ou se perderia no espaço infinito ou seria devolvida a alguma área da Terra.

O aumento da velocidade e da potência aceleraria o desenvolvimento pelo qual se perderia fora de todo o Universo. Esse é o destino inevitável das naves espaciais. O Universo é tão ordenado de forma que o aumento de potência para superar o arco de voo precipitaria a espaçonave para longe do Universo. Por outro lado, a potência insuficiente restringiria a nave ao movimento de todos os projéteis, e ela teria que se conformar ao arco de voo que a levaria de volta a alguma área terrestre do terrestre. Esse princípio de voo, sempre exigindo consideração no disparo de nossas armas navais mais poderosas, aplica-se aos foguetes superpotentes da Marinha dos Estados Unidos. Seu arco e sua deriva aumentam com cada aumento de altitude. Continuando o estudo da ilustração para uma melhor compreensão dos "céus acima" terrestres, imagine que as curvas luminosas do céu terrestre cobrem cada uma uma área de terra de cem quilômetros de comprimento e largura. Em seguida, "cubra" toda a terra terrestre com discos do céu de cem milhas. Isso dará uma ideia dos incontáveis "corpos arredondados e isolados" luminosos que nosso céu externo conectado e contínuo apresenta à observação celestial. Os resultados da observação do celeste seriam comparados com os resultados da nossa observação do terrestre. A magnitude dos "corpos celestes" terrestres detectados dependeria em parte do poder das lentes de detecção.

Seria muito fantasioso afirmar que qualquer terra desconhecida existisse além dos pontos do pólo se alguém acreditasse que a frase "sobre o pólo" realmente significa que os exploradores do passado passaram pelos pontos do Pólo de um lado ao outro lado de um suposto globo isolado Terra. Sob tais circunstâncias, não poderia haver "além" a não ser o espaço originalmente conjecturado. Mas esse desempenho de um lado para o outro lado de um "globo isolado" da Terra é um aspecto do equívoco popular.

As expedições polares de 1928 do capitão Sir George Hubert Wilkins e do contra-almirante Richard Evelyn Byrd, USN, penetraram além do ponto do Pólo Sul em direção ao sul e descobriram que a terra se estendia pelo menos cinco mil quilômetros ALÉM do "extremo" sul matemático original da Terra. (A propósito, essa extensão estimada de cinco mil quilômetros representa a maior estimativa possível por meio da triangulação. E não há outro meio de estimar.) As expedições modernas penetraram naquela extensão de terra de cinco mil quilômetros, mas seu fim ainda não foi alcançado. Quando o fim da estimativa for alcançado, outra estimativa semelhante será feita. Essa estimativa e a penetração até o limite da estimativa podem continuar *ad infinitum* (ao infinito). Não há fim físico para a Terra, norte ou sul.

Essa estimativa primária de 1928 indicava uma terra que continua ao sul além do que foi considerado um "globo isolado" de Terra. Essa extensão de terra não pode ser mostrada pelo símbolo popular da Terra "globo": Está além dos limites desse símbolo da teoria. Mas você pode visualizar simplesmente adicionando outro símbolo de globo no topo do ponto do Pólo Sul. Os Estados Unidos e outros governos agora têm bases terrestres em terras que não podem ser representadas pelo símbolo do globo de 1543.

Aquela terra além do Pólo Sul foi vista através da percepção extra-sensorial antes que os olhos humanos a vissem e antes que qualquer mente deduzisse sua existência. E sua realidade estabeleceu tardiamente a inadequação da conjectura de quatrocentos anos sobre os fins da Terra e a relação da Terra com o universo ao nosso redor. A dificuldade do conceito médio de compreender o fato de tal Continuidade física do terrestre com o celestial resultou da fixação de que a esfera da sala de aula, representando a Terra, é uma entidade comprovada do Universo. Esse nunca foi o caso; era apenas um símbolo de teoria não comprovada.

A teoria de 1543 é extremamente abstrata. Foi desenvolvido pela ciência mais abstrata. E sua estrutura, conforme descrito aqui foi baseada no erro inevitável de funcionamento da lente. Nenhuma quantidade de observação, e nenhuma quantidade de maior poder de lente para ampliação de áreas celestes luminosas pode superar as ilusões desenvolvidas a partir de tal erro de lente. Portanto, à luz dos valores agora estabelecidos além dos pontos polares, pode-se questionar com razão como qualquer tentativa física poderia ter sido feita para verificar as "extremidades/fins" matematizados da Terra quando a teoria contendo tais fins foi desenvolvida. Naquela época, e até muito recentemente, não existia nenhum meio físico pelo qual o progresso pudesse ser feito além dos fins presumidos para a determinação de que tais pontos não eram os fins.

Uma designação matemática das extremidades da terra ao norte e ao sul era suficiente para o tempo da teoria. Mas deve-se estar alerta para diferenciar entre valores figurativos e realistas do Universo. De forma alguma a figura é intercambiável com o fato. Um famoso físico certa vez se referiu a essa diferenciação da seguinte maneira:

"*o mundo do matemático é povoado por todos os tipos de entidades que nunca existiram, ou nunca poderiam existir na terra ou no mar ou no universo à nossa volta.*" A referência apropriada é para o astro-matemático, cuja matemática ordena um Universo oposto à realidade criativa.

Com a compreensão de que a antiga tentativa de interpretar a extensão norte e sul da Terra era puramente matemática, torna-se razoável questionar os fins designados pela matemática. Então, pode-se admitir a perspectiva de terra e vias navegáveis continuando além dos pólos. Com a realização da descoberta moderna que afirma a existência de terras além dos pólos, torna-se razoável questionar o propósito daquela terra e para onde ela leva. Então, com a aquisição dos princípios observacionais que são firmemente estabelecidos pelas ciências, não parecerá fora de lugar aplicar tais princípios na observação telescópica do universo ao nosso redor.

A relação relativa de "acima" não é de forma alguma uma inovação deste escritor. Sempre foi conhecido, apesar do fato de que o entendimento nem sempre teve aplicação prática. "Acima" é sempre relativo à posição que ocupamos em qualquer parte da estrutura do Universo. Quando estivermos na terra "lá em cima", esta terra terrestre que deixamos para trás terá que parecer estar "lá em cima" para nossa observação de uma área celestial. A mosca que está no teto ou no chão está "para cima" de qualquer uma das posições. A mosca também não fica "de cabeça para baixo" quando está no teto. Nosso conceito de valores pode considerar a mosca no teto de cabeça para baixo, mas isso não pode afetar de forma alguma a posição da mosca. A mosca fica tão firme no teto quanto no chão.

Sentado no nariz de um foguete que está deslizando pela estratosfera a uma altitude de quinhentas milhas da superfície da Terra, teremos perdido de vista onde entramos na estratosfera escura. Então, para onde quer que olhemos, vamos observar os pontos luminosos designados astronomicamente. Agora, esta é a característica mais importante recentemente provada: quando olhamos para a área do céu que cobre a superfície da terra de onde partimos, serão vistos os mesmos pontos luminosos que nos envolvem de todos os ângulos de observação. Então, à medida que a altitude aumenta, as luzes do céu não terão maior relação de "acima" do que as luzes das áreas do céu terrestre. E como a luz universal do céu não estará disposta em um curso direto acima e abaixo do nosso foguete, mas aparecerá em todos os ângulos, "para cima" estará em todos os lugares para nossa observação. "Acima" está de fato em todo lugar. Os chamados "céus acima" estão em toda parte.

O problema de racionalizar terras infinitas que se estendem além dos pontos polares, com o conceito de terra "globo" ortodoxo, excluindo qualquer possibilidade de tal terra, é convenientemente resolvido da seguinte maneira. Conceda pólos matemáticos imaginários a realidade física do equívoco popular. Que eles permaneçam como fins para a Terra de 1543. Continue os pontos polares de 1543 até a distância além daquela

que foi penetrada até agora. Marque esses pontos como o Novo Pólo Sul e o Novo Pólo Norte. Em seguida, repita o desempenho com cada avanço exploratório feito além dos pontos do Novo Pólo.

Como os exploradores de 1928 além do Pólo Sul estimaram uma extensão de terra de cinco mil quilômetros fora dos limites do "globo" terrestre de Copérnico, o limite extremo dessa estimativa deve ser considerado o Novo Pólo Sul, quando foi alcançado. Quando as expedições futuras chegarem a esse Novo Pólo Sul, cinco mil quilômetros além do Pólo Sul original, elas estimarão outras cinco mil quilômetros além do Novo Pólo Sul. Esse procedimento de movimentação de pólos continuará enquanto os homens existirem e habitarem a Terra e responderem ao desejo de explorar essas rodovias terrestres que se estendem além de ambos os pontos do pólo. E à medida que continuam a penetrar nas extensões de terra do norte e do sul da área tradicional da Terra, eles estabelecerão que a penetração está sendo realizada em áreas celestes que, de nossas posições atuais no nível terrestre, devem parecer "para cima" ou para fora.

No momento, pode-se continuar a reter o conceito de isolamento da Terra se estiver além da capacidade de abandoná-la. O curso natural dos eventos modificará convenientemente o conceito do passado sem o conhecimento do indivíduo. A verdade tem uma maneira muito sutil de entrar onde não é desejada. À medida que cada exploração sucessiva do homem ao longo das rodovias terrestres do norte e do sul, unificando o terrestre e o celestial, traz a confirmação de que a Terra não está isolada, o equívoco dominante será dissipado. Esse discernimento não virá como uma injeção hipodérmica aguda. Ela se desenvolverá como o lento, mas certa mudança no crescimento do tecido corporal. Então, os pólos da compreensão do passado serão despojados de sua dominação restritiva.

Deve se tornar mais óbvio que não há limites ao norte ou ao sul para a Terra depois que os exploradores penetraram dez, vinte e cinqüenta mil quilômetros além das extremidades originalmente assumidas. E a terra que continua sendo penetrada deve, portanto, representar áreas do celeste. Após uma penetração tão extensa, a questão surgiria naturalmente: o que mais ela pode representar e significar?

Sem o estímulo desse retrato perceptivo de valores cósmicos, tem havido esforços periódicos para penetrar no continente Antártico imediato deste lado do Pólo Sul desde o ano de 1739. No entanto, os primeiros exploradores foram obrigados a refazer seu curso depois de alcançar vários pontos do vasto planalto antártico. Eles tiveram o acesso negado ao ponto do pólo devido à falta de equipamentos mecânicos essenciais agora disponíveis. E uma vez que não podiam alcançar o pólo, certamente não podiam esperar penetrar além do Pólo.

O mal-entendido geral das condições do pólo sul pode ser percebido a partir do seguinte relato descritivo do Continente Antártico, que impede o curso para e além do Pólo Sul: "*Um reino de mistério! O Pólo está localizado em um planalto de dez mil pés de altura no centro de um vasto continente de cinco milhões de milhas quadradas, cinquenta por cento maior do que os Estados Unidos. Ao longo de quase cem milhas quadradas da Antártida existe uma camada de gelo espesso brilhando sobre planaltos e cadeias de montanhas elevadas que dão ao continente uma altura média de sessenta e quinhentos pés, ou duas vezes a altura da Ásia*."

À luz do conhecimento moderno sobre o terreno do polar do sul e a largura dessa área, torna-se importante reexaminar o conceito de quatrocentos anos no que se refere ao quadrante final, o sul, de uma suposta esfera isolada. Em harmonia com o valor conceitual originalmente expresso, será que essa vasta área de terra e suas montanhas podem ser explicadas? Em qualquer tentativa de harmonizar a realidade descoberta de hoje com a teoria de ontem, deve-se ter em mente que nenhum esforço da imaginação pode transformar terras e montanhas em gelo. Lembre-se das disposições elementares da Teoria Copernicana de que, devido aos movimentos diários e anuais do globo supostamente isolado da Terra em seu eixo imaginário, os dois extremos desse globo ou esfera em movimento inconcebivelmente rápido realizariam o menor movimento no tempo e no espaço. E eles receberiam menos calor do Sol como resultado da inclinação matematicamente prescrita do "planeta" Terra, uma vez que fazia movimentos diários em sua órbita assumida para atingir o dia e a noite, enquanto fazia um movimento secundário em direção e depois para longe do Sol para organizar as estações que vivemos. A interpretação inicial dos valores da teoria sustentava que teria de ser experimentado um estreitamento perceptível do "corpo" terrestre da maior largura equatorial até a dos pontos do pólo. No entanto, a experiência ensina que tal condição não se mantém. O estreitamento é imperceptível; é negativo em comparação com a maior largura da Terra. Além disso, em conformidade precisa com a teoria, o movimento prescrito da teoria exigiria que as chamadas extremidades fossem de gelo, o que é um pouco diferente da terra sólida e das montanhas que existem e são revestidas de gelo. O fator de cobertura de gelo para as áreas polares do planeta terrestre resulta da posição dessas áreas em relação ao universo como um todo e da distribuição da força magnética por todo o universo. A dispensação magnética varia em todas as áreas terrestres de acordo com as leis naturais que governam sua distribuição universal.

Mas a força magnética da Criação não é de forma alguma dependente de regras de comportamento artificiais e equivocadas feito pelo homem. O homem pode assumir a estrutura do Universo como quiser. E ele pode ordenar uma fantasia de movimento para a estrutura contínua do Universo que sua dedução dissecou em múltiplas áreas desconectadas. No entanto, e por mais estranho que possa parecer ao egoísmo do

homem, a realidade cósmica não faz provisão para a dedução esperançosa, mas vazia do homem.

O material descritivo sobre a Antártida menciona que pinguins e baleias abundam nesta área desolada de gelo, geleiras e "escuridão eterna", e que as montanhas possuem uma fortuna fabulosa em carvão e minérios. Agora reconsidere aquela antiga teoria, que para explicar de forma plausível os longos dias, dias curtos e estações do ano como o suposto globo isolado da Terra prescrevem seu curso anual presumido em direção e para longe do Sol, tornou imperativo que as supostas extremidades de um suposto globo teria que ser gelo. Eles nunca poderiam conter a terra e os minerais dos registros modernos, e a profusão de vida animal conhecida.

O impressionante decreto do Alcorão descreveu as supostas extremidades do norte e do sul de uma Terra então considerada plana como "as terras da escuridão eterna". São elas? O desconhecido é sempre assustador e ameaçador. Portanto, deve ser considerado escuro. Como terra, montanhas, minerais e profusão de vida animal são encontrados para constituir a área da Antártica deste lado do Pólo Sul, terra, vegetação e vida são encontrados enquanto o progresso é feito além do Pólo e fora das fronteiras terrestres.

Nesse ponto específico do Pólo, e para uma distância além, são experimentados os ventos e nevascas mais intensas, que atuam como uma barreira para o progresso além da Terra. Tais condições parecem ser uma expressão da Vontade Divina que exige que o homem terrestre seja receptivo aos valores cósmicos antes de poder penetrar a barreira de gelo entre o terrestre e o celestial. Além da barreira será encontrado um clima mais quente, com terras e vias navegáveis. E é lá que os primos celestes aguardam a chegada do homem terrestre. E se perguntarmos até onde vai, bastará registrar que a distância é desprezível, com a moderna velocidade de transporte. As extensões terrestres do norte e do sul foram negadas até muito recentemente, da mesma maneira que as extensões de água do leste e oeste foram negadas antes do século XV[15]. A arcaica teoria ptolomaica do passado proibia a largura terrestre porque o céu parecia encontrar a água nos horizontes leste e oeste. E o símbolo do globo, também fundado na ilusão, restringiu o movimento além dos fins assumidos do globo. A experiência do século XV[15] ensinou que "as coisas não são o que parecem". Aprendemos que não precisamos "disparar para cima" ou "para baixo" em movimento de um lado a outro de um suposto globo terrestre. Aprendemos que podemos fazer esse movimento sem "cair da borda" da Terra. Infelizmente, ainda não aprendemos coletivamente que podemos seguir juntos em frente a partir dos supostos fins da Terra para alcançar áreas do universo ao nosso redor que aparecem "para cima", ou "para fora", da posição terrestre.

O símbolo do globo terrestre parece exigir um movimento para cima e para baixo de Boston a Hong Kong e vice-versa. Mas a experiência ensinou que o movimento entre

esses pontos ocorre no mesmo plano físico. Independentemente do que o símbolo do globo representa, deve ser entendido que o arranjo realista da Terra no espaço de sua construção é como se ambos os lados da Terra fossem mostrados como áreas de superfície plana. Por favor, não se perca. Isso não tem nada a ver com o conceito arcaico de Terra plana dos reis ptolomaicos. Se cortarmos a superfície do mapa do símbolo do globo de pólo a pólo, e esticarmos os dois lados do mapa, ele mostrará o curso realista do movimento de Boston a Hong Kong. Não há movimento para cima ou para baixo. Mas o símbolo do globo deve dar a impressão de que existe.

A relação de toda a área terrestre com o celeste é a mesma. "para cima" é sempre relativo. E seguimos em frente desde as supostas extremidades terrestres para alcançar as áreas celestiais que estão aparentemente "para cima". Ou fora, do terrestre.

Capítulo-5

Revelações da estratosfera "as coisas não são como parecem"

O peregrino de 1928 estava ciente de que as terras descobertas além do ponto do Pólo Sul confirmavam apenas um aspecto da Continuidade Física. Ele sabia que teria de haver uma confirmação fotográfica de sua revelação sobre a luz do céu terrestre e a aparência ilusoriamente globular e isolada de áreas externas do céu. Somente por meio dessa prova ele poderia esperar estabelecer a natureza ilusória das conclusões astronômicas que tratam das áreas celestes.

Portanto, sua viagem foi direcionada para obter uma prova fotográfica necessária através de uma subida da estratosfera que permitiria fotografar uma área da superfície luminosa do céu externo da Terra da escuridão da estratosfera. Embora nunca tivesse havido um registro de luz do céu terrestre, ele sabia que a condição seria confirmada se fosse possível para ele subir em direção à estratosfera. O engano da lente dependente da observação telescópica e da fotografia de áreas celestes luminosas era mais claro para ele, mas o dever para com sua causa parecia exigir que ele não poupasse esforços para mostrar as comparações em nível terrestre para que outros pudessem compreender as ilusões. Portanto, de 1929 a 1935, ele buscou meios pelos quais pudesse subir para à estratosfera. E durante esse período ele registrou as condições das luzes e seus movimentos que produziam ilusão no mundo cotidiano em nível terrestre. Ele perseguiu incansavelmente as contradições matemáticas da teoria que, por um período de quatrocentos anos, formaram uma colcha de retalhos incompreensível do universo à nossa volta. Embora os valores matemáticos abstratos

fossem compreensivelmente aplicáveis no século XV, quando apenas o abstrato poderia ser aplicado a uma interpretação dos valores cósmicos, eles pareciam pobres improvisados à luz das investigação e descobertas modernas. Durante inúmeras noites, ele observou pacientemente os faróis brilhantes, mas enganosos, do céu celestial, de pontos privilegiados na areia do deserto e de altas saliências nas montanhas. Nessa aplicação, ele foi capaz de comparar o movimento das luzes observadas em todos os ângulos no nível terrestre com o movimento aparente das luzes no nível celestial. E ele discerniu a sinonímia de ilusões desenvolvidas a partir de manifestações de luz em ambos os níveis.

As observações mais simples tinham um significado mais profundo. E aquele que diligentemente buscou o significado assistiu e registrou o movimento aparente, ou "piscar", de postes de luz estacionários em Oakland, Califórnia. Essa observação foi feita do convés de uma balsa percorrendo os sete quilômetros de água de São Francisco a Oakland. Essa simples observação provou que o movimento aparente dos postes de luz era atribuível ao movimento da água entre suas lentes ópticas sensíveis e as luzes de Oakland. E foi assim discernido que as condições conhecidas e desconhecidas existentes entre as lentes de um telescópio e as áreas do céu gasoso luminoso do céu produzem a mesma ilusão de movimento.

Ele nunca se cansou de experimentar o jogo da eletricidade no filamento de lâmpadas de todos os tamanhos e variedades. Ele observou o movimento da luz de todos os ângulos e sob todas as condições. E tal empreendimento forneceu prova da influência que toda luz exerce sobre as lentes ópticas, e em todas as outras lentes, para todas as quais a lente humana forneceu o padrão. A observação das distorções de luz resultantes da ampliação da luz em várias distâncias forneceu a base para a compreensão do erro observacional levando à conclusão astronômica absurda de "anéis planetários". Sua percepção reduziu os chamados "anéis" celestes a companheiros giratórios irreais de entidades astro-matemático globulares irreais que supostamente constituem o Universo.

Sua aplicação e estudo persistentes das manifestações mais humildes, mas realistas no nível terrestre, trouxeram o discernimento da completa falta de significado nas manifestações aparentes no nível celestial. As características celestiais astronomicamente prescritas de "baforadas de fumaça em um barril", "estrelas duplas", "galáxias" etc., foram reduzidas a valores mais simples, mas realistas, de expressão cósmica adequadamente descritos nas páginas seguintes.

O jogo não envolvido de refletores/holofotes em um céu escuro, ou outra área escura, provou a incapacidade da lente de registrar qualquer área com fidelidade. Quando o holofote revelou que era compelido a reproduzir seu contorno de lente circular em formações de qualquer natureza exceto globulares, ficou claro que áreas não globulares na realidade foram tornadas enganosamente globulares pela lente.

A influência distorcida da névoa e do nevoeiro em áreas e objetos luminosos da terra e das águas contribuíram para seu elaborado ritual dos anos. E o estudo de tal influência no trabalho trouxe a confirmação da Continuidade Física antes que existisse a primeira fotografia da distorção da luz do céu terrestre. E essa única característica contribuiu materialmente para a premissa de que o Universo, como astronomicamente assumido, nunca poderá existir.

Foi descoberto que halos e anéis, e intrusos esferoidais da cena magnífica da realidade, são encontrados onde e quando alguém os procura em condições que contribuem para seu desenvolvimento ilusório. Em consideração à facilidade com que são promiscuamente fabricados, não é de admirar que sejam observados em observações telescópicas do céu.

Ele diligentemente observou e estudou os movimentos das luzes dos aviões refletidas contra o céu escuro e contra o fundo de outras luzes em colinas próximas e montanhas distantes. E ele teve permissão para discernir o grande engano que as luzes em movimento dos aviões imporiam à mente imatura de algum nativo de uma região subdesenvolvida de nossa civilização. Um nativo, sem conhecimento da relação de altutude das montanhas e as luzes do avião em movimento e sua relação com outras luzes em colinas e montanhas do céu celestial, ficaria inconfundivelmente maravilhado com o espetáculo indefinível. Foi considerado razoável concluir que a ignorância do nativo sobre a localização e finalidade das várias luzes, em relação às do avião desconhecido em movimento, não permitiria outra determinação senão que as luzes do avião em movimento representavam alguma entidade ou condição desconhecida temível dos chamados "céus acima".

Embora a familiaridade com as luzes móveis de um avião durante a noite permita que os mais esclarecidos compreendam o valor realista das luzes e de seus movimentos, eles são, no entanto, facilmente confundidos por movimentos de luz correspondentes e distorções de luz desenvolvidas em seu nível terrestre imediato. Portanto, pode ser entendido que a medida de engano para a pessoa média é multiplicada pelo movimento aparente de luzes conhecidas e desconhecidas no nível celestial. Os primeiros experimentos estabeleceram que a ilusão pode ser facilmente fomentada nas mentes mais astutas através da observação da superfície da terra da aura de luz que, em condições favoráveis ao seu desenvolvimento, envolve as luzes de um avião, e do avião produz a ilusão de um disco luminoso se movendo através do céu noturno. Na medida em que um disco é um disco, a ilusão de "discos voadores" é imposta.

Também foi mostrado e provado que névoa, neblina, nuvens e ângulos de observação contribuem para o precedente e inúmeras outras ilusões. Foi ainda estabelecido que mesmo em uma noite muito clara, as luzes de um avião em movimento não apresentam nada além de um "disco voador" se forem observadas através de uma janela de vidro translúcida.

Descobriu-se que os mesmos desenvolvimentos ilusórios se aplicam a um arco brilhante a uma distância insignificante de quinze metros das lentes de observação, pois se aplicam à "lua" em sua distância estimada de cerca de 335.000 milhas. E, como a distância empresta encantamento, a ilusão determinável como tal a quinze metros é sem dúvida aceita como realidade celestial quando avançada por uma conclusão astronômica que não contém nenhuma esperança possível de determinação. Embora o disfarce e as ilusões projetadas de luzes e áreas luminosas possam ser habilmente penetradas a uma distância de 50 pés no nível terrestre, elas impõem um engano temporário até que se tenha uma determinação investigativa de seu valor realista. Portanto, considere a ampliação do engano de valores.

A observação da chama despretensiosa de um fósforo comum afirmava eloqüentemente os princípios da função da lente e os enganos daí resultantes. A experimentação estabeleceu que a chama perpendicular do fósforo aceso no escuro é distorcida automaticamente pela lente da câmera, que, na fotografia noturna, faz com que a chama seja reduzida a uma linha horizontal. A situação se desenvolveu em fotografia de um avião a uma altitude de apenas dois quilômetros. Percebeu-se assim que reduzir a chama perpendicular a uma linha horizontal sem chama constitui a expressão primária de toda a convergência da lente. O aumento da altitude de fotografar desenvolveu a expressão secundária na função da lente, produzindo a curva, conforme relatado anteriormente. A lente da câmera curvou essa mesma linha horizontal em ambas as extremidades no início de um arco. Na convergência completa da lente, conseguida na maior altitude de fotografia, o fósforo apresentava o aspecto fotográfico de um disco luminoso.

A qualificação deve ser feita para leitores que não estejam familiarizados com o fato de que a luz é sempre fotografada em branco. Portanto, embora se soubesse que o disco branco representava um disco luminoso, a área fotografada em uma fotografia em preto e branco era branca.

Este experimento de combinação simples não foi considerado muito simples ou sem importância para a aplicação de muitas horas do Corpo do Exército dos Estados Unidos. Portanto, considere o que a lente é capaz de fazer com uma linha reta e como ela pode tornar globulares e luminosas áreas isoladas do céu que não são globulares ou isoladas. Então, pode ser possível reconciliar as ilusões que se desenvolvem da observação do celestial com aquele ditado de dois mil anos: "*Com olhos não vedes, mas crede no que não vedes.*" Essa parábola também merece ser repetida em todas as páginas deste livro. Seu significado pode ser geralmente compreendido depois de outros dois mil anos.

Foi descoberto em outra ocasião que a chama do fósforo, através da função da lente óptica, desenvolveu uma aura de luz vermelho-esverdeada quando segurada em uma das mãos e vista com olhos ligeiramente lacrimejantes. Ou seja, seria formado, pela

lente ótica que detecta a chama por meio de um filme úmido, um círculo luminoso e colorido que parece envolver a chama. Essa ilusão em observar uma luz conhecida não mais do que seis ou oito polegadas da lente óptica de detecção, e no momento em que a menor umidade adicional entre a lente e seu objeto exerceu tal influência sobre a lente óptica que distorceu o objeto, é muito definitiva relação à detecção por lentes telescópicas de áreas luminosas do céu celestial. A detecção telescópica de áreas celestes luminosas deve ser obtida a distâncias tremendas e por meio de numerosos meios de distorção e obscurecimento. Em algumas áreas celestiais iluminadas, esses meios às vezes se tornam agentes muito mais poderosos do ilusório do que a ilusão de umidade ocular entre uma lente ótica e uma área luminosa conhecida próxima.

Embora não seja necessário prevalecer no nível celestial um volume correspondente de umidade influenciando as criações de lentes ilusórias vistas na aura de fósforo aceso, há radiação inconfundível do conteúdo gasoso de todas as áreas celestes luminosas observadas. Pode-se esperar que a influência de tal radiação entre as lentes de detecção telescópicas e uma área celestial luminosa, em conjunção com outras condições da estratosfera, desenvolva a ilusão de chama de fósforo correspondente de um ou mais círculos luminosos. Esses círculos, ou os chamados "satélites", podem enganosamente parecer estar girando em torno da área celestial luminosa observada.

Neste ponto, deve ser explicado que não é apenas a influência distorcida dos meios através dos quais a luz é observada, e a própria função da luz no ponto de observação, que contribuem para a produção do ilusório. Além de tais fatores, existe a influência que a luz observada exerce nas lentes de detecção. É expresso o valor de "quanto mais você olha, menos você vê". Muito olhar distorce as cores. A observação muito atenta da luz e das áreas luminosas produz a distorção da luz, sombras ou sombreamento. A observação contínua de luz muito intensa faz com que a área luminosa fique preta.

"Que haja luz." No entanto, o mundo da ilusão está repleto de emanações de luz. O Sol torna-se um bando positivo de globos multicoloridos quando observado no ângulo adequado ao seu desenvolvimento. E nos vários globos existem vários padrões globulares menores. O Universo de ilusão não tem fim para globos e esferas e "corpos" globulares giratórios, embora nenhum exista de fato.

O paralelo terrestre do poder da radiação de calor para distorcer áreas e objetos luminosos foi encontrado na observação de uma série de lâmpadas de parede que eram lâmpadas elétricas de vidro transparente. Elas se estendiam em intervalos de dez pés ao longo da parede interna de uma sala de trinta metros de comprimento. A sala era aquecida com ventilação aberta na parede oposta a cem metros de distância. De uma posição do lado do ventilador da sala, foi feita a observação das luzes elétricas na outra extremidade da sala, a cinquenta a cem metros de distância. Conseqüentemente, as ondas de calor dos ventiladores abertos estavam entre os nervos ópticos sensíveis observadores e as luzes elétricas. O movimento das ondas de

calor, embora não detectado pela lente ótica, produziu a ilusão de ótica de que toda luz estava piscando, ou "cintilando". Uma mudança de posição para o lado oposto da sala, onde as luzes eram vistas sem a interferência das ondas de calor, imediatamente permitiu a observação das luzes realistas e não cintilantes, provando assim a ilusão.

É significativo notar que esta condição ilusória se desenvolveu quando as ondas de calor não tinham força e volume suficientes para serem vistas pela lente óptica. A radiação exerceu sua ação ilusória, embora não fosse vista como uma barreira e distorção da observação da luz.

Anteriormente, uma contraparte da influência das ondas de calor foi mostrada na influência do movimento da água sobre os nervos ópticos sensíveis conforme a lente óptica detectava postes de luz em Oakland. Sob tais condições de observação, os postes de luz maiores e mais luminosos estavam sujeitos à influência correspondente e forneceram o mesmo desempenho ilusório. No entanto, é pertinente registrar que o movimento dos postes de luz foi mais pronunciado a uma distância de cinco a sete quilômetros do que o movimento ilusório de luzes elétricas a distâncias de cinquenta a cem pés.

Há uma lição aqui de maior movimento ilusório com o aumento da distância da área luminosa observada. Tem muito a ver com a premissa galileana de ilusão, "corpos arredondados circulando ou fazendo elipses no espaço". A consideração das distâncias astronômicas deve trazer a compreensão da Continuidade Física. E deve ajudar a saber que o movimento pode ser obtido dos pólos terrestres para o universo ao nosso redor.

Como está escrito, uma vozinha parece trazer a reclamação de um astrônomo de que tais enganos não podem ser impostos às lentes magníficas da oficina de astronomia. E ele argumenta/afirma que o maior poder das lentes do telescópio penetra nas condições que criam o ilusório. Portanto, deve-se dizer que nenhuma quantidade de ampliação de luz pode produzir maior clareza. A luz e as lentes parecem ressentir-se com a ampliação: A ampliação aumentada da luz e das áreas luminosas desenvolve um maior volume de distorção da luz. Torna-se evidente que a brilhante escritora do passado, Tiffany Thayer, conhecia tal característica quando se referiu às lentes do telescópio de duzentas polegadas então sendo aperfeiçoadas como "o elefante branco do Monte Palomar". Essa lente é competente para ampliar todas as ilusões dos séculos. A ampliação da lente de luz e áreas luminosas, e a distorção da luz que se segue, é o que produz "cânions" na Lua e uma gama grotesca de entidades astronômicas "que nunca existiram e nunca poderiam existir na terra ou no mar ou no universo ao nosso redor."

A ampliação da luz é o imponderável que produz as sombras claras nas áreas celestes luminosas. Essas sombras de luz dentro de áreas luminosas do céu são às vezes anunciadas como "nuvens" na estratosfera sobre a área de luz do céu celestial; em

outras ocasiões, eles são considerados vegetação na terra celestial sob a luz do céu. Nesse ponto, é bom repetir que as lentes do telescópio não podem penetrar na luz do céu celestial. É verdade que as nuvens e a vegetação ajudam os seres humanos. Sem as nuvens, a vegetação não poderia existir. Portanto, pode-se escolher o que as sombras de luz representam, além das sombras de luz. Embora nuvens e vegetação existam sob a luz que se estende por todo o Universo, tais condições não podem ser detectadas através do envelope do céu luminoso. Tudo o que as lentes do telescópio detectam é um aspecto do céu luminoso.

Essas e inúmeras verdades correspondentes de experimentação e observação do cérebro foram desenvolvidas por meio de um esforço incessante para refutar ou verificar o retrato perceptivo perturbador do Universo realista. Pois aquele retrato foi apresentado àquele primeiro peregrino como um presente pesado e doloroso da Força que ordena os destinos individuais. O presente não pôde ser rejeitado, porque a Força persistiu em sua investidura. Mas é de se admirar que aquele que foi tão dotado fizesse tentativas periódicas de abandonar o presente? As horas que ele consumiu em tedioso pentear através do acúmulo de séculos de dados astro-matemáticos incorporando contradições flagrantes que resultaram do esforço organizado para sustentar o postulado do isolamento terrestre constituíram um período que poderia ter contado três vezes as fábulas da fama de "mil e uma noites". E teria sobrado tempo para erigir todos os universos matemáticos irreais que a história registra.

Para realizar um projeto de tal magnitude que abriu os séculos de caminhos bloqueados pelo gelo para o universo ao nosso redor, o elaborado laboratório do primeiro peregrino era geralmente a plataforma organizada das areias do deserto. E seu observatório astronômico habitual era uma saliência de montanha desprotegida. Mas seu equipamento era superior aos telescópios mais poderosos do Monte Wilson e do Monte Palomar. No último caso, a lente de duzentos polegadas estava sendo retificada e preparada "para ver tudo e saber tudo". *Absurdo! Absurdo!* É o cérebro que realmente vê. E as lentes do telescópio não têm cérebro.

Seu fundo de dotação era de percepção extra-sensorial impecável, que detectou mais do universo realista em cinco minutos do que todas as lentes de telescópio de todos os tempos poderiam detectar. E sua organização leal era a fé - sua fé contra um mundo de ceticismo.

Em 1932 ele conheceu o explorador belga da estratosfera, Professor Auguste Piccard, nos aposentos do professor no Hotel St. Moritz em Nova York. Foi lá que ele viu as primeiras fotos do céu externo da Terra que havia descrito antes que qualquer lente a detectasse. As fotografias de Piccard mostraram uma área minúscula do céu da Terra como ela pode ser vista e fotografada de dentro do céu. As fotos foram tiradas na maior altitude de Piccard, e isso apenas no limiar da estratosfera. Piccard não havia alcançado altitude suficiente para uma fotografia contra o fundo da estratosfera de

escuridão total. Conseqüentemente, as chapas fotográficas mostravam apenas a área do céu inferior pela qual Piccard havia entrado. Essa área do céu apareceu como "*um disco iluminado voltado para cima*". Os cantos daquele disco voltado para cima estavam desenvolvendo um tom de cobre representando a iluminação primária do céu imediato. Era a cor vista na formação de nuvens quando o Sol desaparece muito além do horizonte ocidental.

Aquela coloração iluminadora do disco voltado para cima ou parcial obscureceu o contorno do terreno onde a subida de Piccard se originou/começou. Nada da superfície da Terra seria detectado por Piccard ou pelas lentes da câmera na base da gôndola da estratosfera. Tudo o que podia ser visto era o desenvolvimento do disco parcial parcialmente luminoso da área do céu sendo penetrada.

Embora Piccard não tivesse alcançado altitude suficiente para permitir a formação de lentes de um disco completo com luminosidade total, suas fotografias confirmaram a função da lente e as decepções resultantes conforme divulgadas desde 1926. Se ele pudesse ter aumentado sua altitude, o disco parcial ou invertido teria sido completado pela lente em um disco completo. Ambas as bordas do disco voltado para cima, como mostrado no início da escuridão da estratosfera, teriam sido continuamente puxadas pela lente até se encontrarem. Então, o disco voltado para cima seria detectado na escuridão da estratosfera e em todas as outras áreas do Universo como uma área curva voltada para baixo. Quando essa condição existe, é apresentada uma superfície de disco completa, que é conhecida como disco. Não falamos de áreas curvadas para baixo; quando apresentam tal formação, são denominados de disco.

A lente completa o círculo porque a lente é circular. Com a conclusão do círculo, a área do disco é detectada; a lente fez seu trabalho. Em seguida, a mente adiciona o toque final, que faz com que o contorno circular ilusório da área do céu tenha propriedades corporais. A plenitude do corpo deve existir para a mente adulta, embora não haja tal plenitude do corpo na realidade. A aparência daquela área do céu em particular sendo fotografada em 1931 impulsionou Piccard a anunciar: "*A Terra apareceu como um disco iluminado voltado para cima*." No entanto, é evidente que Piccard quis dizer que a área do céu fotografado apareceu como um disco iluminado voltado para cima.

* Nesta análise é importante que se tenha uma compreensão da profundidade do céu. O céu não é apenas um filme azul de um lado e um filme luminoso do outro. Tem uma profundidade mensurável. Em outras palavras, existe densidade do céu.

A palavra "iluminação" tem aplicação neste caso porque havia iluminação. Mas não havia luminosidade. Não havia escuridão suficiente no fundo da estratosfera para que a luminosidade se desenvolvesse. Embora a área do céu sendo fotografada de dentro da profundidade do céu não fosse luminosa, a iluminação primária foi suficiente para

escurecer a superfície da terra. Apenas o aumento da altitude, com escuridão adicional da estratosfera, desenvolveria luminosidade.

Piccard reconheceu no primeiro relato descritivo que não conseguia ver nada da superfície terrestre: "Uma nuvem cor de cobre envolveu a Terra." Não há dúvida de que Piccard teve boas intenções. Mas ele, ou o jornalista que o citou, usou uma escolha excessivamente enganosa de palavras, conforme aqui relatado **1.** a Terra não apareceu como nada, porque nenhuma área da Terra podia ser vista ou fotografada. **2.** Foi apenas uma área infinitesimal de todo o céu da Terra que forneceu a aparência de um "disco iluminado voltado para cima." **3.** A "nuvem cor de cobre" fazia parte da densidade gasosa do céu que estava desenvolvendo luminosidade.

Observe a Figura 4 no próximo capítulo. Lançado para os editores de ciência do país em 1930, ela mostra como todas as áreas do céu externo luminoso da Terra apareceriam a uma distância suficiente na escuridão da estratosfera e de todas as áreas terrestres celestiais. Se as áreas luminosas semelhantes a discos fossem desenhadas em círculos completos, a metade inferior de cada uma descreveria o disco voltado para cima. Ao visualizar qualquer área luminosa do céu, como aquelas mostradas da profundidade da escuridão da estratosfera e de áreas terrestres celestiais, as curvas de semicírculo são apresentadas como discos. Não deve haver confusão sobre esse ponto. O recurso poderia ter sido estabelecido na antiga Babilônia se eles possuíssem foguetes V-2.

Infelizmente, quando as áreas semelhantes a discos luminosos são detectadas no nível terrestre ou celestial, a mente humana fornece automaticamente propriedades corporais que não existem. Assim o Universo realista fica infestado de "globos isolados" que não existem. A área da Terra de todo o Universo não poderia escapar da infecção do "globo isolado". O dogma astronômico decretava que as áreas celestes luminosas detectadas eram "corpos globulares isolados" ou esféricos, à deriva no espaço infinito. E assim sendo, a Terra tinha que ser a mesma. Quem poderia provar o contrário em 1543, quando a teoria das "bolhas de astro" foi imposta?

Já que estamos nisso, pode ser bom voltar para a Figura 5, intitulada "As fotografias da câmera do foguete V-2 da Marinha dos EUA dissipam a ilusão." O título é mais adequado. A fotografia mostra uma área de superfície externa luminosa do céu da Terra a uma altitude de sessenta e cinco quilômetros. "Altitude" significa distância da superfície da Terra; portanto, a fotografia foi tirada aproximadamente cinquenta e cinco quilômetros além da área externa do céu. Pode ter sido um pouco mais de oitenta e cinco milhas, porque a distância da superfície da terra ao céu varia às vezes e em diferentes lugares o céu está a apenas sete quilômetros de distância, em outros pontos pode estar a dez quilômetros.

A Figura 5 é uma reprodução da fotografia original da câmera de foguete V-2 de uma pequena área de todo o céu da Terra. A fotografia não foi tirada na perpendicular, como era o caso da fotografia de Piccard de 1931. Portanto, ele mostra apenas em um ângulo a área completa do disco que a fotografia perpendicular de Piccard teria mostrado se ele tivesse subido à altura do foguete V-2. A câmera do foguete teria mostrado um disco redondo, em vez de um oval reduzido, se estivesse na cauda do foguete para que pudesse fotografar na perpendicular durante a subida do foguete. À medida que o foguete descia, ele oscilava; portanto, todas as fotos do céu externo precisavam estar em ângulo. Se o foguete tivesse evitado a deriva e descido em um curso perpendicular, ele teria mostrado toda a área do disco indicada nas Figuras 3 e 4.

Aquela fotografia original de uma área da superfície luminosa do céu externo da Terra, aparentemente globular e isolada, é a fotografia mais importante da história do mundo. Diz mais sobre o universo realista sobre nós do que todos os volumes astronômicos compilados ao longo dos séculos. Necessita apenas de uma interpretação adequada. E se o homem terrestre não é competente para interpretar seu significado neste momento, ele deve ser negado à aquisição do universo que nos rodeia. A área branca da fotografia é a luminosidade que cobre todas as áreas do céu. As áreas escuras representam sombras claras que se desenvolvem a partir do movimento gasoso que produz a luz. Outros fatores podem ter influenciado o sombreamento conforme mostrado. Se fosse uma lente automática muito poderosa fotografando daquela distância, teria ocorrido a ampliação da superfície de luz. Então, a luminosidade clara pode ser considerada existente apenas nas manchas brancas. Mas essa conclusão seria falha; a luz cobre toda a área. De uma distância maior, ele se manifestaria.

Anteriormente, houve referência a esse sombreamento claro como sendo "formação de nuvens". Esse termo é aceitável se significa formação de nuvem de gás. Caso contrário, torna-se ridículo. Se o sombreamento ou as manchas brancas fossem de fato nuvens atmosféricas observadas da superfície da terra, a superfície da Terra também poderia ser detectada. Em nenhum lugar ele aparece; e só poderia aparecer por meio da aplicação de um meio fotográfico apropriado, capaz de penetrar na luz. Existe esse meio de penetração da luz desenvolvido pela pesquisa moderna, mas sua aplicação sempre pode ser detectada porque o objeto ou área fotografada pela luz fica distorcida. A título de ilustração, a vegetação verde é reproduzida em branco e o contorno normal dos objetos torna-se desproporcional.

Embora o referido meio, filme infravermelho e extra-sensível, tenha aplicação para fotografia dentro de limites de distância, não há registro de sua aplicação à telescopia.

Se existiu, ou se alguma vez foi desenvolvido, um meio pelo qual as lentes telescópicas podem penetrar na luminosa luz celestial do céu, até mesmo os astrônomos terão permissão para discernir o universo factual ao nosso redor. Em seguida, eles

observarão a terra subjacente à superfície externa luminosa das áreas do céu celestial onde a conclusão astronômica negou a existência de terra. Então eles irão detectar a abundância de água e vegetação negada por conclusões astronômicas dos séculos. E essa vegetação vai desmentir a suposição astronômica de que as áreas celestes carecem do teor de oxigênio propício à vida.

Nenhum astrônomo, ou suas lentes de telescópio mais poderosas, jamais detectou mais do que a superfície luminosa do céu externo de qualquer área do universo à nossa volta. Nenhuma câmera telescópica já fotografada, a não ser a mesma área da superfície do céu que é aparentemente semelhante a um disco e isolada pela função de lente descrita aqui. Portanto, por mais estranho que possa parecer, as fotografias de áreas celestes luminosas com plenitude, ou corpo, são produtos da ilusão. A tragédia de sua exibição é expressa pelo equívoco que alimentam. A área do disco formada por lentes do céu celestial é a única coisa fotografada, mas a área do disco deve desenvolver a ilusão de que existe um corpo completo e isolado. Em vista da Figura 4, mostrando o que cada área do céu terrestre pareceria ser da estratosfera escura e de outras áreas terrestres do Universo, o desenvolvimento fotográfico do Professor Piccard de um disco parcial com luminosidade incompleta não foi geralmente considerado como evidência das ilusões descritas. O esforço foi, portanto, intensificado para ter fotografias do céu externo luminoso da Terra feitas de maior altitude que mostrasse um disco completo com luminosidade. A altitude necessária foi considerada quatorze quilômetros, quatro quilômetros além da altitude de Piccard.

Com esse objetivo, foi feita uma viagem à base do Corpo Aéreo do Exército dos EUA em Wright Field em Dayton, Ohio. Lá, o major Hoffman e o capitão Albert W. Stevens estavam fazendo elaborados preparativos para uma subida da estratosfera, e acreditava-se que eles poderiam ser induzidos a atingir uma altitude de 14 quilômetros, onde a confirmação fotográfica de enganos de lente seria obtida.

O capitão Stevens, então considerado o principal fotógrafo aéreo, tirou várias fotos da seção comercial de Dayton, Ohio, a uma altitude de cinco quilômetros. Fotografias daquela altitude, sem dúvida com uma lente de câmera muito poderosa, mostravam as estruturas de concreto conhecidas do distrito comercial sendo fundidas pela função de lente. Essa fusão confirmou que as fotografias em altitudes maiores fariam com que as estruturas de concreto aparecessem enganosamente como arredondadas ou globulares. Embora a função convergente de todas as lentes tenha sido estabelecida há muito tempo, as fotografias extraordinárias reafirmaram princípios conhecidos e contribuíram com o conhecimento adicional de que a função da lente pode criar inúmeras ilusões a nível terrestre. E as ilusões se desenvolveriam a partir da observação de objetos e condições com os quais estamos mais familiarizados. Conseqüentemente, não foi difícil determinar que haveria multiplicação da quantidade

e da qualidade das ilusões desenvolvidas por lentes em observações telescópicas e fotográficas de áreas celestes luminosas remotas que são totalmente desconhecidas.

A fotografia aérea também estabeleceu os enormes enganos resultantes de fotografias altitudinais de terrenos terrestres familiares, onde rios, aparentemente atraídos para a superfície da terra e privados de profundidade e largura naturais, perderam suas características de identificação como rios e foram enganosamente feitos para aparecer como listras na superfície da terra.

Através da cortesia do major Hoffman e do capitão Stevens, o peregrino de 1934 inspecionou o equipamento de subida da estratosfera no campo de Wright e prescreveu a altitude necessária para a confirmação fotográfica de sua reivindicação anterior. A altitude mínima considerada necessária foi de quatorze milhas: dez milhas da superfície da terra até p céu e quatro milhas na escuridão da estratosfera além do céu. O capitão Stevens garantiu que faria todos os esforços para atingir a altitude necessária. Sua tentativa inicial falhou quando o balão estourou logo após a subida começar. Logo depois, em novembro de 1935, a subida atingiu a altitude de 14 quilômetros sobre as colinas negras de Dakota do sul. Há poucas dúvidas de que naquela altitude foram feitas fotografias confirmatórias mostrando luminosidade completa e aparência de disco da área do céu. Infelizmente, as fotos dessa subida não foram divulgadas quando solicitadas.

Não houve nenhum desenvolvimento importante relacionado à Continuidade Física até outubro de 1946, quando o foguete V-2 da Marinha dos Estados Unidos atingiu a altitude sem precedentes de sessenta e cinco quilômetros. E sua câmera retornou fotografias sensacionais de um ângulo de uma área do céu luminosa, globular e isolada em White Sands, Novo México. Fotografias mais recentes de câmeras de foguete de uma altitude de duzentas milhas (maio de 1954) mostram uma área luminosa do céu terrestre estimada em trezentas mil quilômetros de largura. Também é enganosamente globular e isolado. Ao comparar essas fotografias de câmera de foguete (possibilitadas pelo pesquisa Naval Bureau dos EUA), é importante observar que a aparência globular e isolada é produzida a cada distância de fotografia da superfície externa do céu. Não existem variações de contorno, mas existem variações de sombras e distorções de luz, que este trabalho enfatizou apropriadamente.

Com tais evidências fotográficas conclusivas da luz do céu terrestre e as decepções do contorno do céu desenvolvidas por lentes, havia razão para acreditar que algum reconhecimento das afirmações do peregrino viria da ordem científica estabelecida. Argumentou-se que essa expressão vívida de engano das lentes permitiria aos mais céticos perceber que engano idêntico era experimentado em toda observação telescópica de áreas celestes luminosas. Como resultado da sensacional prova de câmera-foguete da sinonímia de luz celestial e terrestre e da aparente globularidade e isolamento das áreas do céu, parecia que quase qualquer um perceberia que a

astronomia lidou apenas com a luz celestial do céu e características ilusórias desenvolvidas por lentes telescópicas.

As ilusões agora provaram se desenvolver a partir de observações telescópicas do testemunho celestial que era natural para Copérnico, Galileu, Newton e outros de sua época concluírem que as áreas celestes luminosas são "corpos" globulares e isolados. Os ilustres cavalheiros careciam de dispositivos mecânicos modernos para provar o contrário. Sendo assim, era necessário prescrever órbitas espaciais matemáticas para o movimento aparente de tais entidades nascidas da ilusão que compõem o Universo. A partir daí, o conceito de "corpo" e "corpos" tornou-se tão fixo que foi impossível retornar ao ponto de partida de 1543 para investigação da premissa. Embora vários homens tenham questionado a premissa, não poderia haver investigação construtiva na ausência de equipamento mecânico mais recente. É somente através do desenvolvimento oportuno de tal equipamento que a prova foi obtida do desenvolvimento do conceito a partir do ilusório.

A respeito desse equipamento mecânico, os primeiros anos de peregrinação levaram ao laboratório semelhante a uma célula do Dr. Robert Goddard, pioneiro extraordinário na construção de foguetes. Quando em 1926 o peregrino o visitou na Clark University em Worcester, Massachusetts, ele desejou a perfeição do foguete com a mesma intensidade que o Dr. Goddard. Naquela época, com 28 anos, ele não sonhava que viveria para testemunhar o desempenho espetacular do foguete, que desenvolveu a confirmação de seu sonho.

No entanto, com toda a mecânica moderna, que supera a mecânica envolta nos corredores do tempo, demorou vinte anos para utilizar aquele foguete como prova das revelações mais sensacionais. E é significativo que um instrumento mecânico tão poderoso para o teste tenha sido usado pela primeira vez para destruir. Pode não ter sido utilizado para propósitos científicos profundos, mas pelo fato de que os militares ficaram seriamente interessados no desenvolvimento de foguetes para enfrentar o desafio da pior guerra da história, a Segunda Guerra Mundial.

Na prova agora estabelecida para as características principais desta obra existe um paralelo com a perspectiva de 1493, quando foi descoberto um "Novo Mundo" de terra, água e vida que a teoria arcaica havia negado. A existência dessa terra havia sido negada em decorrência de uma condição ilusória aceita como real, o encontro do céu com a água. Para superar o conceito de "Terra plana" desenvolvido a partir dessa ilusão, era de extrema importância para a ciência tornar plausível a existência desse "Novo Mundo". Portanto, quando houve um avanço em 1543 para sustentar o conceito oportuno, embora errôneo, de áreas celestiais isoladas constituindo o chamado "sistema planetário" e explicando simultaneamente a existência do Novo Mundo, isso foi muito aceitável.

Naquela época, era de fundamental importância estabelecer de forma convincente que a área da Terra, anteriormente concebida para abranger apenas o Velho Mundo, era de fato duas vezes maior. E, para garantir que ninguém "caísse da borda", era preciso mostrar como as viagens poderiam ser realizadas de um lado a outro do que era considerado um globo terrestre. A característica destacada era a das extensões de água oriental e ocidental então descobertas recentemente para conectar o Velho Mundo com o Novo. A largura tinha que ser conhecida, independentemente do comprimento. O progresso foi de leste a oeste, em vez de norte e sul. Se existiam extensões ao norte e ao sul, isso não era importante para a época.

A divulgação da ideia do globo terrestre foi simplificada pelo fato evidente de que o Sol nasce no Leste e se põe no Oeste. E foi ainda mais avançado através da compreensão de que se poderia navegar para o oeste e, finalmente, chegar a pontos no leste. Parecia razoável supor que o contorno da Terra era a de um globo ou esfera. Uma vez que o suposto globo terrestre tinha limites orientais e ocidentais no tempo e no espaço, limites matemáticos ao norte e ao sul que o tornariam conformado com uma esfera tiveram que ser fornecidos. Assim, a fórmula matemática decretou que o contorno da Terra é comparável ao das supostas áreas globulares e celestiais isoladas. Embora a suposta globularidade e o isolamento das áreas celestes tenham se mostrado ilusórios, os quadros teóricos foram obrigados a aceitar tais condições aparentes como fatos. Conseqüentemente, o terrestre, também considerado uma área globular e isolada de todo o Universo, como as áreas celestes também foi considerado "circulando ou fazendo elipses no espaço".

Os antigos teóricos, sem equipamentos modernos para determinar a realidade cósmica, estavam convencidos de que as lentes do telescópio eram um registrador fiel das condições celestes. Infelizmente, o capricho das lentes nunca foi levado em consideração na determinação do arranjo e do movimento no Universo. No entanto, a partir dessa suposição errônea de globularidade e isolamento, desenvolveu-se uma base para a medição precisa do tempo. Onde antes o dia terrestre só podia ser conhecido com duas partes, os períodos de luz e escuridão, a teoria da globularidade e do isolamento terrestre tornou possível medir os períodos de luz e escuridão por meio da aplicação de horas. E as horas, naturalmente, correspondiam ao movimento diário assumido da esfera terrestre assumida.

Pode-se perceber que a mesma medição de tempo poderia ter sido aplicada se, ao contrário, tivesse sido assumido que o Sol descrevia um curso diário ao redor da Terra de leste a oeste. Então, teria feito pouca diferença se a Terra fosse considerada globular, cilíndrica ou tubular no contorno. O movimento do Sol poderia fornecer as horas do dia tão prontamente quanto o movimento da Terra.

O movimento circular presumido da esfera terrestre presumida foi feito para se conformar ao medidor de tempo, e o medidor de tempo conformado ao movimento

presumido da esfera terrestre presumida. Consequentemente, a circunferência matematizada de aproximadamente 24 mil milhas de um suposto globo terrestre convidava à determinação matemática de que um vigésimo quarto da suposta rotação diária da Terra no espaço constituiria uma hora. Portanto, uma vez que se presumia que a rotação completa do suposto globo terrestre de circunferência de vinte e quatro mil milhas constituiria um dia terrestre de vinte e quatro horas, deveria haver vinte e quatro pontos de partida diferentes para o tempo, a cada mil milhas da circunferência de vinte e quatro mil milhas experimentaria de fato um meio-dia diferente ao meio-dia e uma meia-noite diferente ao meio-dia. Tal matematização não era nada complicado.

Em seguida, seguiu-se que o diâmetro do globo terrestre feito pelo homem teria que se conformar às dimensões globais. Conseqüentemente, teve de ser formulados os supostos pontos de diminição ao norte e ao sul para o suposto globo terrestre considerado isolado no espaço infinito. A realidade não podia ser consultada e não podia de forma alguma controlar a designação das supostas extremidades norte e sul que sustentam o conceito globular e o globo terrestre isolado.

O homem, tendo estabelecido o contorno e os limites da Terra para atender às necessidades daquela época, tinha muito pouco interesse nos aspectos físicos das extremidades norte e sul que sua matemática havia ordenado. Seu interesse estava centrado na viagem de leste a oeste do "Velho Mundo" para a conquista do "Novo Mundo" ocidental.

Depois que as extremidades assumidas do globo assumido da Terra foram matematicamente fixadas no tempo e no espaço, tinha que ser fornecida uma órbita independente, ou caminho espacial, para seu movimento diário e anual assumido em relação a outros "globos" cósmicos assumidos espalhados ao longo do infinito atemporal. Eles também tiveram que ser feitos para se conformar à ordem matemática que aperfeiçoa o universo ilusório do homem.

Portanto, pode-se perceber que o homem, ao invés da Força Criativa ou Divindade, foi responsável pelo padrão do século XV da Terra e do universo em torno da Terra. No entanto, o padrão tecido a partir da ilusão serviu a um propósito e atendeu a uma necessidade daquela época.

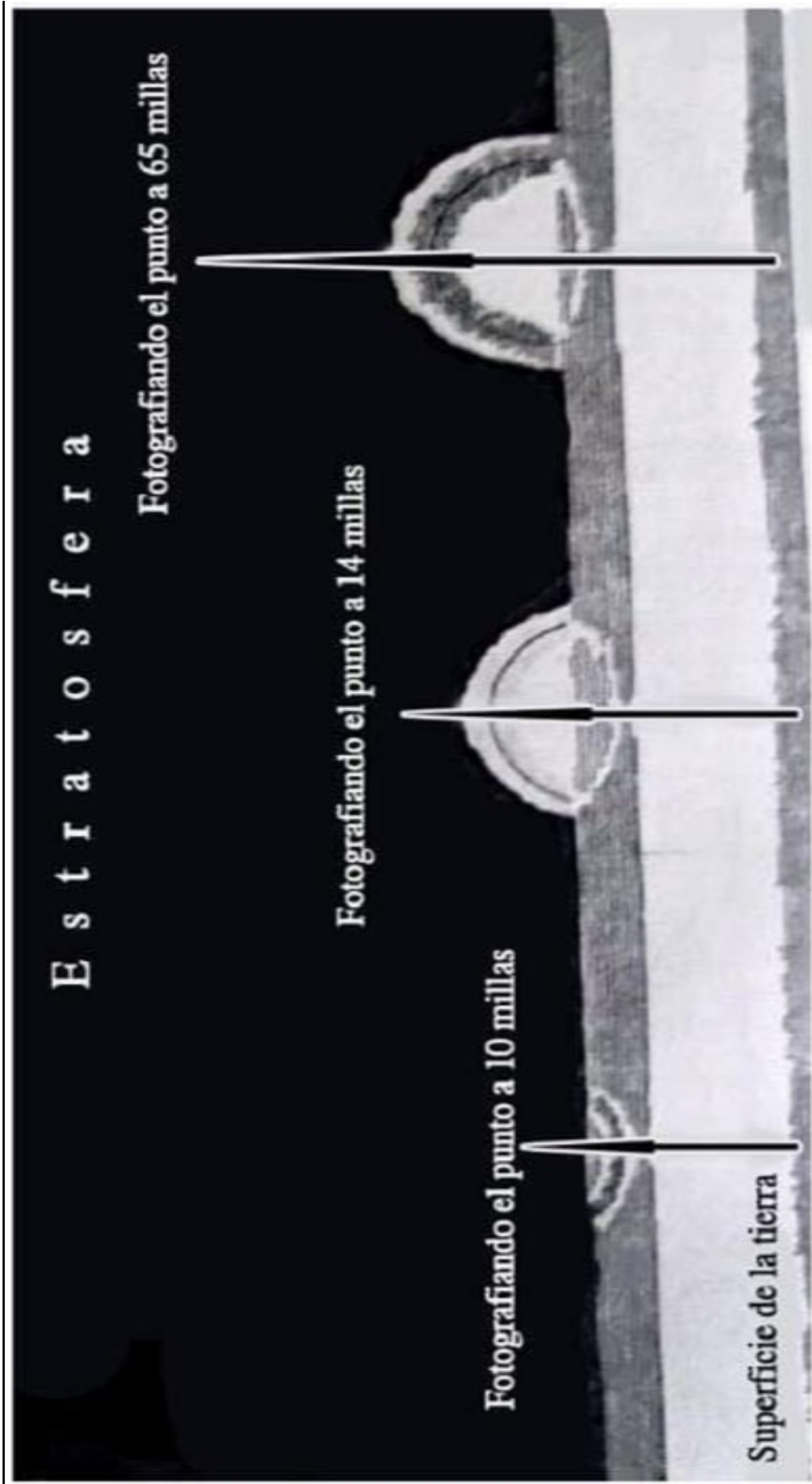
Pode-se perceber prontamente que o interesse de quatrocentos anos atrás não podia, e não precisava, ser de nenhuma maneira construtiva direcionado para os supostos confins do suposto globo terrestre. A falta de conhecimento factual da extensão norte e sul da Terra explica porque o mais famoso dos exploradores americanos, em fevereiro de 1947, foi impelido a descrever a terra infinita que se estende além da suposta extremidade norte da Terra como "o centro do grande desconhecido."

Embora a estrutura do Universo imposta pela Teoria Copernicana tenha se desenvolvido a partir da ilusão, a má interpretação dos valores conferiu certos

benefícios aos homens daquela época. Ele proporcionou uma compreensão geral adequada dessa realidade do "Novo Mundo". E forneceu um medidor de tempo necessário e muito útil, embora, ao fazê-lo, prescrevesse uma série de movimentos fantasiosos para "corpos globulares" cósmicos assumidos que, em comum com o "corpo globo terrestre" assumido. Aparentemente constituem o universo inteiro.

Infelizmente, ao fornecer tais benefícios, também se desenvolveu o benefício muito questionável da crença de que o homem "cairia" das extremidades da Terra ao norte e ao sul, em vez das "bordas" da Terra a leste e oeste. A teoria pode se opor persistentemente à teoria, mas somente os fatos podem substituir a teoria. Os fatos de nosso tempo revelam a falácia de supor que a Terra termina ao norte e ao sul. Tais fatos da descoberta moderna fornecem evidências abundantes de que a terra e a água se estendem indefinidamente além de ambos os fins presumidos prescritos pela teoria de 1543. Vinte anos de pesquisas aprofundadas sobre a escuridão da estratosfera confirmam a revelação de 1926 de que cada área da superfície externa do céu da Terra, independentemente de seu tamanho, apresenta uma réplica fotográfica de tudo o que foi observado do universo ao nosso redor. Este recurso sozinho fornece evidências conclusivas de que "as coisas não são o que parecem" em todo o Universo criado. Isso prova que a luz celestial detectada telescopicamente é a mesma luz do céu que comprovadamente cobre a Terra.

Portanto, está estabelecido que subjacente a todas as luzes celestiais está a mesma densidade atmosférica da Terra, o que torna o céu possível. É mostrado que o conteúdo gasoso do céu que torna a superfície do nosso céu exterior luminosa contra o fundo escuro da estratosfera é a mesma substância gasosa que torna a luminosidade celestial. O céu e sua luz prevalecem mesmo onde nenhuma lente telescópica os detecta. Existem certas áreas de nossa luz do céu terrestre que não podem ser detectadas na observação telescópica de áreas terrestres do céu. Mas essa falta de detecção de forma alguma confirma a ausência de céu terrestre e sua luz. Portanto, nos fatos modernos de descoberta que confirmam a presença de luz celestial do céu e densidade atmosférica semelhantes às que se sabe prevalecer no nível terrestre, há evidências suficientes de que vegetação e vida terrestre semelhantes existem em todo o Universo.

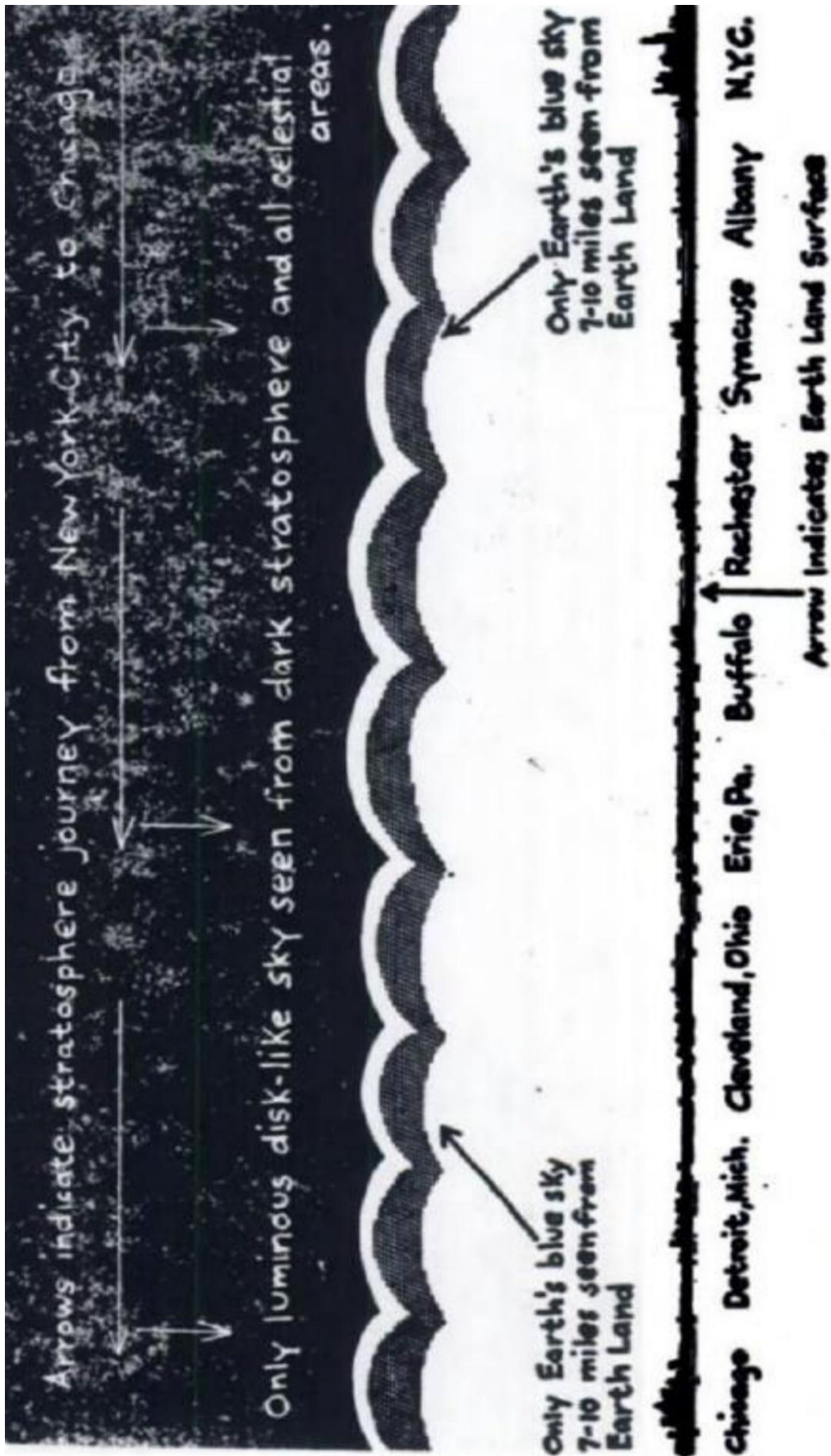
Figura – 4

Sobre a figura 4. **Apreciando a lente no ato de engano na fotografia da estratosfera.**

As fotografias da estratosfera comprovam como a lente desenvolve curvas que são vistas como discos. Elas são puramente ilusórios e impõem a ilusão de corpo-esférico. Esta ilustração tripla expressa a sequência histórica de eventos que confirmam o desenvolvimento das lentes da câmera da curva enganosa. Eles confirmam a continuidade física do Universo.

1. À esquerda está representado o início do desenvolvimento da curva pela lente da câmera utilizada na subida da estratosfera de Auguste Piccard em maio de 1931, que atingiu uma altitude de dez quilômetros. Onde Piccard mal havia penetrado em nosso conhecido céu azul, é mostrado o início da curvatura produzida por lentes daquela área específica do céu. parecia como um disco iluminado voltado para cima.
2. O desenvolvimento em forma de disco central mostra a aparência enganosa da área do céu penetrada por Albert W. Stevens do corpo aéreo do exército dos EUA, na maior altitude de quatorze milhas sobre as colinas negras de Dakota do Sul em 1935. A maior altitude permitiu o desenvolvimento de curvatura total, que é detectada como um disco. Ele representa a conclusão da função da lente, que desenvolve o "disco parcialmente voltado para cima" em um disco cheio.
3. O disco maior e mais luminoso à direita representa uma área luminosa do céu terrestre luminoso fotografada pela câmera do foguete do escritório de pesquisa naval dos EUA em uma altitude maior de sessenta e cinco quilômetros, ou cerca de cinquenta e cinco quilômetros da superfície externa do céu, que varia de sete a dez quilômetros da superfície da Terra.

Estas fotografias, e outras que seguiram em altitudes de até duzentas milhas, confirmam conclusivamente as revelações de 1927, de que os marcianos e outros habitantes do Universo são obrigados a considerar aquela área semelhante a um disco luminoso sobre White Sands como um "planeta" ou uma estrela." As fotografias estabelecem que todas as áreas do céu terrestre observadas além da Terra devem enganosamente aparecer como um "corpo esférico" isolado, comparável às muitas áreas celestes luminosas do falacioso "mapa estelar" da astronomia, que na realidade é um mapa celeste.

As lentes das câmeras das subidas da estratosfera e dos voos de foguetes não foram capazes de penetrar através da luminosidade impenetrável de nosso céu imediato nas distâncias insignificantes envolvidas. Portanto, eles não puderam detectar a terra e a vida realistas que conhecemos sob o céu. Lentes de telescópio, incluindo as recentes lentes de duzentos polegadas, são incapazes de penetrar através da luminosidade das áreas celestes para detectar a terra, vegetação e outras formas de vida igualmente realistas, existentes sob todas as áreas de luz celestial e todas as outras áreas celestes onde não a luz é detectada.

Figura 5

Sobre a figura 5.

- As setas indicam a jornada na estratosfera da cidade de Nova York a Chicago.
- Apenas céu luminoso em forma de disco visto da estratosfera escura e todas as áreas celestiais.

- Apenas o céu azul da Terra de 7 a 10 quilômetros visto da Terra.
- Chicago, Detroit, Mich. Cleveland, Ohio, Erie, Pa. Buffalo, Rochester, Syracuse, Albany, New York Citi.

Uma jornada de mil quilômetros na estratosfera sobre a estrada da ilusão das luzes do céu.

Em uma jornada de mil quilômetros na estratosfera, da cidade de Nova York a Chicago, nosso céu externo luminoso e produtor de ilusões, por causa das curvas desenvolvidas por lentes, enganosamente aparece como numerosos "corpos" arredondados e aparentemente isolados, idênticos aos celestiais fictícios da astronomia padrões de "estrelas" e "planetas". Embora o céu azul interno e o outro céu luminoso sejam mostrados para completar a ilustração, deve ser lembrado que o céu azul da Terra é visto apenas através da atmosfera da Terra, enquanto o céu azul da Terra é visto da escuridão da estratosfera durante o dia e a noite e de todas as outras áreas terrestres do Universo durante a escuridão da noite.

NOTA: a ilustração foi apresentada originalmente aos editores científicos dos serviços de imprensa deste país antes da aquisição de quaisquer fotografias da estratosfera dos segmentos do céu com aparência de disco luminoso da nossa Terra. As fotografias da câmera do foguete V-2 da pesquisa naval dos EUA, desde Outubro de 1946, confirmam de forma conclusiva a apresentação.

Capítulo 6

Uma viagem pela estrada clara da Terra de ilusões.

A lente é a culpada e o engano é o crime.

A Figura 6 é reproduzida a partir do original de 1930 lançada para os editores de ciência dos sindicatos da imprensa na cidade de Nova York. Destina-se a mostrar enganos de lente experimentados em todas as observações da superfície luminosa do céu externo da Terra da escuridão da estratosfera e de outras áreas terrestres do Universo. Também pretendia indicar os enganos das lentes resultantes da observação telescópica de áreas celestes luminosas.

Embora o desenho tenha sido feito antes de qualquer confirmação de fotos de subida na estratosfera ou voos de foguetes, agora pode ser visto como realidade, por causa da confirmação fotográfica do foguete V-2 desde Outubro de 1946.

1. A área terrestre, conforme indicado na parte abaixo do desenho, representa a localização costumeira em nossa observação do céu azul familiar entre a cidade de Nova York e Chicago. Ao olhar para cima, ou para fora, de tais posições terrestres - ou de qualquer outra posição terrestre da Terra - observamos o céu azul de profundidade ou densidade variada, de tempos em tempos e de lugar a lugar.
2. As curvas horizontais agudas nunca são experimentadas com ângulos tão agudos. O término abrupto do horizonte é aqui necessário para completar a ilustração. Ela impõe linhas de demarcação entre as várias comunidades fundiárias da Terra. Também permite a visualização simultânea da curvatura interna e externa do céu. O exterior deve ser observado apenas na escuridão da estratosfera e em outras áreas terrestres do Universo.
3. A região no meio representa a distância de sete a dez quilômetros da terra ao céu azul. A distância varia na Terra e em todo o Universo. Os habitantes de outras áreas terrestres do Universo não podem ver nenhum outro céu azul além do seu. Eles não podem ver nosso céu azul imediato, mas veem a superfície do céu externo como vemos a superfície do céu externo. À noite, eles veem as áreas da superfície externa do nosso céu, e todas as áreas do céu, como aqui representadas, são luminosas e enganosamente globulares. Conseqüentemente, a enganosa globularidade impõe a aparência de isolamento. Conseqüentemente, nossa área terrestre aparece para outros habitantes do Universo como as mesmas "estrelas" e "planetas" isolados que suas áreas aparecem para nossa observação. Nossas áreas do céu formam seus "céus acima", assim como suas áreas do céu formam nossos "céus acima".
4. A área escura da ilustração acima das áreas do céu representa a estratosfera, que se estende indefinidamente. À medida que invade as áreas do céu terrestre, da mesma forma existe sobre todas as outras áreas do céu do Universo.

5. As áreas externas do céu, luminosas e semelhantes a discos, mostram como o céu azul gasoso da observação terrestre se torna luminoso contra a estratosfera escura. A lente que detecta essas áreas luminosas, que sabemos definitivamente não são globulares e isoladas, é compelida por sua função de criar as curvas que produzem as áreas do disco luminoso conforme ilustrado. Cada área do disco deve, como explicado anteriormente, impor aquela ilusão adicional de um corpo. Os "corpos" celestes da astronomia são exatamente o que a ilustração descreve.

Portanto, à distância, vemos as áreas luminosas em forma de disco da ilustração como verdadeiras superfícies de disco. Da mesma forma, observamos áreas da superfície do céu celestial luminoso, as chamadas "estrelas" e "planetas" de suposição astronômica. E os habitantes de áreas terrestres celestiais veem as áreas luminosas de nosso céu exatamente da mesma maneira que observamos as áreas luminosas de seu céu. Ao compartilhar nossas ilusões de lente, como devem, eles dizem que fomos privados de uma viagem física para sua terra.

Como o desenho não teria propósito se os discos completos fossem mostrados, ele retrata apenas meios discos, ou uma série de arcos luminosos. Isso é tudo o que realmente é necessário, visto que só isso é o que os telescópios mais poderosos são capazes de detectar em todo o Universo. Se as áreas de céu azul inferior da ilustração fossem obscurecidas enquanto se segurava a ilustração com o braço estendido e observado do topo da página, seria possível discernir que qualquer área mostrada apareceria como um disco de observação distante. Conforme explicado anteriormente, quando essa área do disco em forma de lente enganosa é detectada, a mente fornece automaticamente a plenitude que completa o disco e impõe a ilusão de um "corpo globo/esférico". Cada área do céu externo luminoso da Terra e do Universo em torno da Terra deve, através da função de lente e somente assim, ser detectada como uma área semelhante a um disco ilustradamente apresentada, e é então assumido como um globo, e o globo ilusório deve parecer estar isolado.

Deve ser entendido que todo arco luminoso, ou área do céu em forma de disco, conforme ilustrado, possui largura e comprimento. Uma vez que existem nove áreas luminosas do céu na distância, ou comprimento, do curso da estratosfera de Nova York a Chicago, cada área deve ser considerada com aproximadamente cento e onze milhas de diâmetro, para fazer os mil milhas aproximados entre a cidade de Nova York e Chicago. Pode-se considerar que na máquina de voo que fotografa esse curso do céu haverá uma lente de potência suficiente para abranger uma área de cento e onze milhas de largura. Conseqüentemente, como esta jornada particular da estratosfera para Chicago se estende da direção norte para noroeste, seriam fotografados nove "corpos" luminosos, globulares e isolados no curso direto. E as fotografias feitas em um ângulo em relação ao curso direto mostrariam vários outros "corpos"

arredondados e luminosos isolados, seu número dependendo da altitude da estratosfera e da potência da lente da câmera mais o ângulo de fotografia. A intensidade do conteúdo gasoso do céu predominante no momento da fotografia também influenciaria o número de "corpos" a serem detectados pela lente da câmera.

O arranjo de grupos da Figura 4 pretende transmitir como cada área luminosa do céu terrestre se pareceria; mas tal agrupamento ilustrativo necessário de áreas do céu não permite que as áreas do céu luminoso sejam separadas, ou isoladas, como aparecerão de uma observação distante. Deve ser entendido que, quando observada individualmente, a curvatura luminosa para baixo de cada área do céu representada faz com que pareça enganosamente separada e isolada como uma unidade distinta, ou "corpo". Nenhuma lente pode detectar e registrar mais de uma das áreas do disco luminoso em um determinado momento. Esse recurso, como mostrado anteriormente, foi comprovado pelas fotografias de câmera de foguete da Marinha dos EUA de áreas luminosas do céu terrestre sobre White Sands, Novo México e território adjacente.

Como o experimento de fotografia de mil quilômetros da ilustração está em andamento de Nova York a Chicago, outros experimentos semelhantes sobre o céu de áreas de mil milhas correspondentes podem estar se movendo na estratosfera de Los Angeles e de Montreal, Londres, Berlim, Moscou e Roma. Todos eles estariam obtendo fotografias idênticas sobre suas respectivas áreas luminosas do céu. Pode haver variação na qualidade e na quantidade de sombras e distorções de luz em algumas fotografias em diferentes áreas do céu. Se as câmeras das diferentes expedições fotográficas possuíssem diferentes potências de lente, isso resultaria na existência de "globos" de área celeste terrestre mais ou menos luminosos e isolados fotografados em diferentes rotas, No entanto, se a mesma potência da lente for utilizada em todas as câmeras em todas as rotas e se a mesma altitude for mantida, os resultados fotográficos serão aproximadamente os mesmos.

A qualificação, aproximadamente, é válida porque as condições prevalecentes no momento da fotografia de algumas áreas de mil milhas variariam com as condições prevalecentes em outros lugares e com aquelas da área de mil milhas a partir da qual o padrão numérico foi desenvolvido. A condição gasosa das várias áreas luminosas do céu pode influenciar a detecção ou atenuar a possibilidade de detectar certas áreas do céu. O ângulo de fotografia também contribuiria para os achados numéricos. Assim, neste ponto, alguém pode ter adquirido algum conceito vago do enganoso Universo terrestre isolado que nossas áreas luminosas do céu exterior apresentam a todos os observadores de fora da Terra. Basta considerar brevemente o número de "globo" luminoso isolado a ser detectado em uma área de mil milhas de toda a superfície luminosa do céu externo da Terra. Naturalmente, pode-se esperar que o número de "globo" isolado a ser detectado varie dependendo da potência da lente,

restringindo os ângulos de foco da lente e as condições existentes em várias áreas do céu terrestre. Na última consideração, os elementos da estratosfera e o conteúdo e expressão do céu gasoso seriam fatores.

É razoável supor que uma lente com maior poder abrangerá uma área mais ampla do céu terrestre do que uma lente mais fraca. Mas as lentes mais poderosas não podem detectar tantos "globos isolados" em uma área restrita do céu devido ao fato de que, ao abranger uma área maior do céu, haverá uma sobreposição das áreas mais numerosas a serem detectadas pelas lentes mais fracas. Enquanto as lentes mais fracas podem mostrar vinte ou mais áreas isoladas do céu em cem milhas da superfície do céu, as lentes mais fortes podem detectar apenas dez ou doze, ou até menos.

No entanto, os números aqui usados são insignificantes a não ser para comparação. Nenhuma precisão numérica é pretendida ou necessária. O objetivo principal e mais amplo da ilustração de 1930 era expressar que todas as observações astronômicas das chamadas áreas estelares são produtos dos enganos inevitáveis da lente, que devem ser duplicados em todos os detalhes na observação telescópica e na fotografia de áreas luminosas da superfície do céu externo da Terra. A compreensão de imagens ilusórias no céu sobre nosso próprio quintal prova eloqüentemente que as observações telescópicas do céu celestial lidam apenas com áreas da superfície do céu celestial não arredondadas e conectadas. E é o conceito individual que erroneamente confere o status de "globo" às áreas da superfície do céu celestial depois que as lentes de detecção forneceram à área uma aparência de disco.

Deve haver grande necessidade de enfatizar este fator após trezentos anos de astronomia matemática que, ao detectar algumas e conjeturar outras áreas da superfície luminosa do céu celestial, desenvolveu o ditado extraordinário de que a área do disco de produção de lentes é na verdade o "globo" que conceito abriga. Para evitar a possibilidade de mal-entendido esta característica primordial de lidar com a ilusão e delírio, pode ser mais esclarecida da seguinte forma: o "globo" irreal que foi gerado pelo disco irreal (porque somente a lente foi responsável pelo disco) é astronomicamente estabelecido como uma entidade factual no mundo das coisas. Não é surpreendente? Felizmente, as fotografias atuais de câmeras de foguetes de áreas luminosas da superfície do céu terrestre externo tornam possível, pela primeira vez na história, verificar e comparar observações astronômicas. Essa verificação e comparação foram negadas à observação telescópica por muitos séculos. E, desde então, foi negado aos assistentes contratados da astronomia, à fotografia telescópica e à análise espectroscópica. No entanto, agora provou a fantasia completa de globos ou esferas isoladas "circulando ou fazendo elipses no espaço".

Embora a oportunidade sem precedentes de verificar e comparar as condições presumidas de descoberta celestial com condições factuais de descoberta terrestre esteja agora disponível para a astronomia, é questionável se a fraternidade

astronômica vai tirar vantagem disso. "*Vemos apenas o que queremos ver. E não acreditamos mais do que aquilo em que queremos acreditar.*" Conseqüentemente, observações iniciais são tão duvidosas quanto espiões. No entanto, embora as observações primárias possam ser conhecidas como não confiáveis, tais observações primárias são mantidas como companheiras porque esse parece ser o caminho mais fácil. Rejeitá-los significaria um esforço e uma responsabilidade.

Uma vez que as fotografias das câmeras de foguete estabeleceram que os enganos da função das lentes são inevitáveis, segue-se que, uma vez que a descoberta telescópica é aceita pelo seu valor nominal, deduzir robôs em vez de astrônomos humanos pode muito bem verificar as descobertas das lentes. O que os astrônomos podem interpretar das placas fotográficas telescópicas torna-se totalmente irrelevante, se o erro de lente reproduzido nas placas for aceito como fato. Infelizmente, o astrônomo parece extremamente relutante em admitir que a prova do erro está à mão. É pertinente explicar que as variações de espectro idênticas da análise celestial serão encontradas para se aplicar a áreas luminosas do céu da superfície externa da Terra. A mesma má interpretação dos valores ocorrerá. E com a compreensão dos valores factuais das áreas do céu terrestre, a má interpretação dos valores celestiais deve se tornar manifesta.

Embora as áreas do céu terrestre sejam conhecidas por serem contínuas e mantendo seu lugar atribuído na estrutura do Universo, sua ondulação ou flutuação dentro da área cósmica de sua construção e localização original será creditado aos mesmos movimentos fantásticos astronomicamente prescritos para as chamadas "estrelas" e "planetas" das áreas do céu celestial. Quando as áreas do céu terrestre são analisadas à mesma distância e com o mesmo equipamento astronômico, seu conteúdo gasoso e movimento produzirão tudo o que o gás do céu celestial produz para a análise do espectro dos astrônomos terrestres. No entanto, de nosso observatório celestial, não sonharíamos em interpretar as gravações do espectro como os astrônomos agora interpretam as gravações de áreas do céu celestial. Com o conhecimento de nosso céu terrestre, saberíamos melhor. Assim, voltando ao curso ilustrativo de mil quilômetros de ilusões terrestres de luz do céu, descobrimos que a jornada da estratosfera de Nova York a Chicago a uma altitude de cem quilômetros ou mais deve desenvolver a seguinte conclusão observacional e fotográfica: "*As áreas ilusoriamente globulares e isoladas do céu luminoso exigiriam ver o "planeta" da cidade de Nova York. Então, na ordem designada, seriam vistas a "estrela" de Albany e os "planetas" ou "estrelas" de Utica, Syracuse, Rochester e Buffalo. Então, em um ângulo da linha principal de observação perpendicular sobre as cidades do estado de Nova York, seria observada a "estrela" de Erie, na Pensilvânia. À medida que o curso continuasse em direção a Chicago, os "planetas" de Cleveland e Detroit apareceriam. Outras vagas dispersões de "estrelas" seriam observáveis em todas as direções distantes do curso direto que está sendo fotografado na perpendicular.*"

Cada área de mil quilômetros do luminoso céu terrestre apresentaria a mesma aparência enganosa. E as áreas do céu mostrariam variações correspondentes do céu celestial de luminosidade devido às variações do conteúdo químico e da atividade gasosa das respectivas áreas do céu terrestre. (Embora isso possa ser repetitivo, deve ser explicado aqui que a profundidade variável do céu azul familiar, ou azul, observável de vez em quando e de um lugar para outro ao mesmo tempo, atua na variação da luminosidade do céu externo.)

O recurso a seguir também serve como um agente para as ilusões de registro desenvolvidas pelas lentes. As tórridas áreas equatoriais e geladas do Ártico e Antártico teriam diferenças marcantes na profundidade de sua luminosidade quando comparadas com a luminosidade das áreas do céu da Zona Temperada. Isso significaria muito pouco se todo o Universo contivesse apenas uma zona tórrida e duas zonas geladas, como agora conhecidas em nível terrestre. No entanto, as zonas terrestres são duplicadas continuamente em todo o Universo. Esse fator influencia a diferença nas ondas de luz e cores agora registradas de áreas do céu luminoso do céu que são da mesma composição. As diferenças correspondentes, por razões correspondentes, seriam desenvolvidas a partir de áreas do céu terrestre.

Se aumentássemos a altitude de cem quilômetros para cinco mil quilômetros, a área do céu do curso da ilustração de Nova York a Chicago surgiria como uma ampla camada de "estrelas". Então, como nosso telescópio foi ajustado em um ângulo para observação do território do céu a nordeste da cidade de Nova York, seriam detectadas "estrelas" na área do céu de Connecticut, Rhode Island e Massachusetts. O número de "estrelas", "aglomerados de estrelas" e "estrelas duplas" a serem detectados naquela área do céu dependeria da potência da lente e de outras condições descritas anteriormente.

A extensão de nossa busca na estratosfera por "estrelas" do céu terrestre poderia continuar sobre o Oceano Atlântico além de Boston. As "estrelas" detectadas em tais pontos representariam a borda da área das "estrelas" terrestres detectada pela primeira vez na cidade de Nova York. E a detecção de "estrelas" não ficaria restrita a uma área direta ao oriental leste. Como abrangia a área de Nova York a Boston na direção leste, também abrangeria uma ampla área na direção norte até a fronteira canadense e ao sul até o Golfo do México.

Sob observação telescópica, algumas áreas do céu se tornariam mais vagas, enquanto outras na mesma área seriam mais luminosas. O mais luminoso pode aparecer na beira do Oceano Atlântico, e o mais vago pode ser detectado nas proximidades de Connecticut. Outras áreas de luz do céu pareceriam tão vagas a ponto de determinar que nenhuma luminosidade do céu e, portanto, nenhum céu, existia em tais pontos. A detecção da luminosidade do céu, celestial e terrestre, não depende apenas da distância do ponto de observação. Norte, leste, sul e oeste, nossa luz celeste terrestre

iria reproduzir o que é apresentado pela luz celestial. A extensão de nossa visão dos "céus acima" do céu da Terra dependeria do ângulo de observação na estratosfera, do poder das lentes de detecção e da condição gasosa das áreas mais remotas do céu no momento da observação. Em altitudes de mil a cinco mil milhas na estratosfera, as lentes telescópicas mais poderosas e suas lentes de câmera companheiras registrariam da mesma forma todas as entidades grotescas atualmente registradas das áreas da superfície luminosa do céu externo sobre a terra de outras partes do Universo. Essa gravação seria de áreas do céu sobre as terras conhecidas de Nova York, Connecticut, Rhode Island e Massachusetts, bem como sobre as águas do Oceano Atlântico. Conseqüentemente, eles poderiam ser facilmente determinados como a condição ilusória considerada real quando as mesmas entidades são observadas em áreas de terra celestial.

As astronomicamente registradas "Cabeça de Cavalo na grande nebulosa em Orion" e "as nebulosas espirais em Cygnus" seriam reproduzidas em certas áreas do céu terrestre onde o jogo dos gases do céu mais a ampliação das lentes desenvolveriam tais formações gasosas. E se a distorção da luz aparecendo como uma forma escura na área do céu terrestre não fosse definida como a "Cabeça de Cavalo" na luz do céu celestial de Orion da astronomia, ela poderia facilmente ser designada como outra coisa relacionada à anatomia do cavalo. Tal designação não obscurece o fato de que não é nada além de distorção da luz do céu. O que se aplica à formação escura na área do céu luminoso também se aplica à formação branca na astronômica "nebulosa de Cygnus". O véu branco semelhante ao ectoplasma, ou filme, da área da claraboia de Cygnus será duplicado na luz do céu terrestre. Pode ser descoberto que ele se desenvolve na luz do céu, formando as "estrelas" de Portland, Old Orchard e Kennebunk, Maine. Ou poderia ser facilmente observado na "estrela" celeste terrestre de Kalamazoo, Michigan. Essa condição de gás do céu que a astronomia tem o prazer de descrever como a "nebulosa de Cygnus" já foi fotografada no céu terrestre luminoso sobre White Sands, Novo México. E poderia ser reproduzida em muitas áreas do céu terrestre em condições favoráveis à sua formação.

Outra observação interessante do reino com halo da dedução astronômica é a que trata da "nebulosa M-31 em Andrômeda". Embora seja convenientemente matematizado como tendo 3,500 milhões de vezes o peso do Sol, pode ser facilmente dissipado com a ampliação das lentes. Isso expressa o máximo da abstração na aplicação da matemática abstrata. Apesar desse peso estimado do gás celeste, uma lente telescópica pode dissipar a formação chamada "nebulosa". Ainda assim, a lente não consegue penetrar através da densidade do gás até a terra subjacente.

A profundidade da abstração torna-se evidente quando se percebe que não pode haver uma medida autêntica para a massa do Sol. E qualquer estimativa de peso é absurda. Embora se encaixe no Universo da ilusão, não pode ter nenhuma aplicação no

Universo da realidade. É comparável a uma estimativa sobre o nascimento e os antepassados de Deus. Não é necessário sobrecarregar a capacidade de concepção em uma tentativa desesperada de determinar o significado dessa figura trinta e quinhentos milhões de vezes o peso do sol.

Independentemente de como alguém se preocupa em ver a aplicação da matemática abstrata e o real significado da chamada "nebulosa", o fato primordial permanece que nenhum movimento de gás do céu, aparente ou real, tem qualquer relação com a terra conectada realista existente sob todas as áreas do céu. Por motivos amplamente divulgados, as áreas do céu devem ser consideradas isoladas. A arte da astronomia, embora impotente para penetrar no envoltório gasoso do céu celestial, seja qual for sua densidade, ela é limitada à observação e análise das áreas luminosas do céu e do movimento de seus gases. E o fracasso da astronomia em conceder que a "nebulosa" é um aspecto do movimento do gás celeste fomenta a interpretação errônea dos valores cósmicos. A experimentação prova que na observação de áreas claras e luminosas às vezes se formarão criações grotescas. Em outras ocasiões, as formações serão dissipadas. Depende consideravelmente do ângulo de observação, do movimento gasoso da área luminosa no momento da observação e da quantidade de ampliação da luz ou área luminosa.

As observações microscópicas expressam claramente tais características, embora exista na microscopia uma possibilidade de erro que é infinitesimal em comparação com as possibilidades ilimitadas da telescopia. As observações de um campo microscópico estabelecem que a ampliação excessiva do espécime do campo fará com que seja obscurecido, enquanto uma quantidade de luz diferente distorcerá o espécime. Portanto, em um estudo factual do capricho das lentes, é estabelecido que a característica importante não é tanto o que é observado, mas ao contrário, como e em que condições as observações são feitas. Apesar das afirmações em contrário, a matemática abstrata e seus auxiliares e guias mecânicos competentes não podem, de forma alguma, corrigir a culpabilidade estruturalmente inerente da lente. O tamanho e a potência de uma lente não têm nada a ver com o erro do princípio da lente. Uma lente de mil polegadas não pode eliminar o erro, mas pode e aumentar o erro.

Do invejável ponto de observação de mil quilômetros na estratosfera, os "céus acima" seriam observados em todos os lugares e em todos os ângulos de observação. Cada área luminosa do céu externo sobre toda a Terra, ou o máximo do céu da Terra que pudesse ser detectado, apresentaria uma vista dos "Céus acima". A aparência terrestre em nada difere daquela das áreas celestes observadas do terrestre. A mudança rítmica do movimento da luz dentro de algumas áreas luminosas do céu externo da Terra também apresentaria as mesmas características sob a análise de espectro como atualmente encontradas na luz das áreas do céu celestial. E essa atividade correspondente faria com que parecesse que a "estrela" do leste de St. Louis,

ou alguma outra área do céu terrestre, estaria queimando sua órbita terrestre a uma taxa devastadora. E pareceria enganosamente estar circulando em direção ao nosso ponto de observação na estratosfera.

Por outro lado, pode parecer estar recuando rapidamente de nossa posição e longe de sua localização normal. A aparência de aproximação ou recuo dependeria da intensidade e do movimento dos gases do céu naquele local específico quando a observação foi feita. Tal condição poderia parecer enganosamente quando, na verdade, nada estava indo a lugar nenhum, seja para perto ou para longe de nosso ponto de observação da estratosfera. Algumas áreas do céu terrestre parecem piscar ou flutuar. O movimento de algumas áreas parece ser constante e, portanto, imperceptível como movimento. O movimento dos outros parece ser variável. E a constância ou variabilidade do movimento da luz do céu terrestre corresponderia àquela registrada pelas curvas de luz das áreas da luz do céu celestial. No entanto, com o conhecimento físico possuído do céu da nossa Terra, nenhuma pessoa racional poderia jamais atribuir a tais movimentos da luz do céu terrestre o que a astronomia interpreta a partir de movimentos idênticos na luz do céu celestial.

A luminosidade do céu celestial e terrestre e os movimentos dessa luz têm uma herança comum. Eles são da mesma família do Universo. Além disso, um é tão contínuo com o outro quanto o sangue circulante do corpo humano, que atua tanto no lado esquerdo quanto no direito e, assim, alimenta todo o corpo. A astronomia matemática não detectou e não detectará essa característica de continuidade óbvia em lentes e figuras. Essa característica, sendo do Universo da realidade, não foi confiada à incerteza de figuras e símbolos abstratos. Embora tais figuras e símbolos sejam dotados de precisão e positividade, a dotação se aplica e beneficia apenas o universo matemático irreal.

Na análise de ondas de luz de várias áreas chamadas de "estrelas" do Universo, às vezes dois espectros são observados se movendo para frente e para trás. Eles prescrevem, ou é prescrito, um movimento ondulante ou ondulante da luz do céu em análise. A conclusão do astrônomo deve ser que tal dualidade de movimento pressupõe entidades duplas em movimento. Ele não considera os movimentos atribuíveis aos gases do céu. Se o fizesse, ele teria o poder de considerar muitos outros recursos que este livro contém. Em vez disso, quando o exame espectroscópico confirma o movimento duplo, o astrônomo deve assumir que a confirmação foi feita de duas entidades distintas, ou "corpos", enquanto na realidade tudo o que os olhos do astrônomo, o telescópio e a câmera, o espectro e o espectroscópio, têm estabelecido é que o movimento duplo está ocorrendo na área celeste.

Deve-se notar ainda que nenhuma das observações e testes tem algo a ver com as áreas terrestres do Universo subjacentes à luz do céu que está sendo testada. Elas são restritos a uma determinação do conteúdo e da atividade da luz do céu celestial.

Eles são impotentes para lidar com a terra existente sob a luz do céu. Embora haja terra sob toda a luz celestial e terrestre do céu, não há "corpo" em movimento, para não falar de dois "corpos" separados em movimento. Os gases do céu, sempre ativos, são responsáveis por todos os movimentos detectados. Outros fatores podem influenciar o retrato do movimento que a lente detecta. Eles também influenciam o espectro.

Portanto, não é nada mais formidável do que a interpretação errônea do movimento do gás do céu que leva à conclusão de "binários espectroscópicos" ou "estrelas duplas", neste caso particular de análise da luz celestial. Pode haver dualidade de movimento do gás. Mas a dualidade de "corpos" nunca pode existir, pela razão de que não existem "corpos" celestes para ter movimento.

Essa particularidade astronômica foi adotada pelo tratado original *Physical Continuum* (continuo físico) já em 1927. Lá foi divulgado que todas as áreas do céu da Terra aparentemente parecem estar girando ou girando. Essa afirmação de 1927 aplica-se a todo o Universo. Ele desconsiderou o espaço interestelar astronômico e os círculos ou elipses de supostos "corpos" isolados em órbitas espaciais restritas. As órbitas definitivamente não são necessárias para os movimentos dos gases luminosos do céu sobre as áreas de terra que estão conectadas por todo o Universo e não estão "circulando ou fazendo elipse no espaço".

A energia em movimento é restrita a ondas de comprimento e intensidade variadas. Todas as empresa moderna estabelece essa característica da lei natural. E da empresa moderna estabelece essa característica da lei natural. E os gases ativos do céu terrestre e celestial estão de acordo com o princípio do movimento. O que aparentemente está acontecendo deve ser considerado ilusório pelos astrônomos modernos. Então, eles seriam capazes de desconsiderar as condições celestiais aparentes que perpetuam e aumentam a ilusão primária desenvolvida pela função da lente.

Outra das muitas características extraordinárias da confusão astro-matemática é aquela que concede aos chamados centros de "nebulosa" compostos de gás, e então passa a matematizar que esse gás é formativo na estratosfera como o núcleo da matéria "estelar". Essa conclusão rebelde resulta do fato de que as regiões centrais de algumas áreas luminosas do céu celestial sob observação desafiam a penetração e a dissipação de sua luz pelas lentes mais poderosas. Conseqüentemente, esses pontos centrais concentrados são matematizados e considerados algo diferente e remoto do restante da área do céu. Essa observação traz os astrônomos matemáticos às portas da razão. Mas, infelizmente, eles se recusam a entrar. Tal observação deveria mostrar que a substância, aparentemente formativa na estratosfera e aparentemente alienada da área central do céu luminoso, é o movimento gasoso da área iluminada do céu. Em um caso desse tipo, o astrônomo chega tão perto da verdade que é doloroso perceber

como sua concepção errônea de valores exige que ele adira à premissa falha e abandone a verdade tão flagrantemente apresentada.

Parece que algo pertencente a aqui foi mencionado cerca de dois mil anos atrás pelo Mestre imortal das parábolas, que pronunciou: "*Ninguém é tão cego quanto aqueles que não querem ver.*"

Essa intensificação da luz do céu em algumas áreas, celestes e terrestres, é uma condição muito natural. E está relacionado ao seguinte. Quando se olha para as brasas luminosas acumuladas de uma fornalha, a área luminosa do fogo, com exceção do centro, pode, sob observação intencional/atenta, ser dividida em formações visíveis. O centro, ao manter a força concentradora do fogo e emitir a maior luz, deve derrotar qualquer esforço para vê-lo como algo diferente de uma vasta concentração de luz e calor impenetráveis. Nem pode sua luz ser dissipada. Se o observador de tal fornalha estivesse a uma distância suficiente, e se ele não tivesse experiência direta com tal acúmulo de calor e luz, ele seria compelido a concluir que as áreas de fronteira da concentração do fogo eram diferentes em substância e separadas da área central. No entanto, a composição da área central não seria diferente da matéria ígnea visível nas extremidades de um centro luminoso tão intenso. Cada área seria contínua com o centro.

No entanto, os cálculos astro-matemáticos desenvolvem a falácia de que a luminosidade do centro, não suscetível a dissipação da lente, é de um modelo diferente e está isolada das extremidades desse mesmo centro. Na verdade, a concentração central de uma área luminosa de gás celeste tem a mesma relação com o restante da luminosidade detectada do céu, assim como o centro do fogo da fornalha está relacionado às extremidades do acúmulo de fogo.

O problema é resolvido da seguinte maneira. A massa de gás da luz do céu média é prontamente detectada pela lente na proporção de "estrela", enquanto o conteúdo extraordinário da massa de gás proíbe a dissipação da lente da luz do céu. Consequentemente, pode haver detecção de lente e formação de "estrela" apenas nas partes da área luminosa com menos concentração do que a área central. Portanto, o centro convida à conclusão de que é um "corpo" remoto. O centro da fornalha convidou à mesma conclusão. Portanto, toda a área é uma "nebulosa". E em um Universo de realidade, qualquer "nebulosa" é apenas um aspecto de luz e gás luminoso do céu manifestado por todo o Universo.

A característica fascinante das formações de luz do céu a partir do movimento do gás celeste torna-se uma característica dupla quando revisamos as realizações da câmera do foguete de 1946. Naquela ocasião, uma formação de "nuvem" correspondente foi fotografada dentro da área do céu luminoso sobre White Sands, Novo México.

Também foi erroneamente alegado ser uma formação na estratosfera. Portanto, se fosse de formação estratosférica, o astrônomo teria que considerá-la uma "nebulosa".

Agora, você pode ver que algo está para acontecer às figuras abstratas e aos símbolos de distância do astrônomo matemático. Deve-se lembrar que tal formação semelhante a uma nuvem branca foi desenvolvida a uma distância frágil de noventa quilômetros do ponto fotografado da estratosfera. Também deve ser lembrado que uma "nebulosa" é a suposta substância matemático-astronômica, supostamente observada apenas a grandes distâncias e por causa da distância. Supõe-se que seja o material de que são feitas as "estrelas". Conseqüentemente, “estrelas” estão sendo feitas em nosso próprio quintal. Criação maravilhosa!

Observe novamente como os astrônomos chegam perigosamente perto da resposta contida nas luzes de detecção telescópica. No entanto, eles não verão que a chamada "nebulosa" é parte da luz celestial e terrestre e que sua detecção em qualquer lugar é uma expressão da função do gás celeste. Pouco importa se a afirmação original sobre a fotografia da estratosfera for retratada. Ele afirma que uma área branca da fotografia é uma "nebulosa" na estratosfera e que a mancha branca foi destacada do restante da fotografia do céu terrestre. O fato evidente é que tal formação não pode ser considerada remota do restante de uma área do céu fotografada a uma distância de apenas noventa quilômetros. Se fosse remoto, não teria aparecido como parte da fotografia, como apareceu.

Qualquer que seja a determinação dessa mancha branca na área luminosa do céu sobre White Sands, ela exige o descarte de pelo menos 50% das deduções astro-matemáticas relativas à estrutura do Universo e ao que está ocorrendo em todo o Universo. O que aquela câmera do foguete de pesquisa naval dos EUA desenvolveu não pode ser considerado simultaneamente "nebulosa" e "não nebulosa". Não pode representar algo possível apenas a uma distância insondável e ao mesmo tempo provar que existe na luz do céu terrestre a menos de cem quilômetros de distância do ponto de fotografia.

Embora se concluísse que tais formações de gás celeste existiam apenas a uma distância presumida que a mente não pode compreender, e embora fossem consideradas entidades celestiais não relacionadas ao desenvolvimento de gás celeste terrestre, a conclusão astronômica de que estavam separadas das áreas celestes luminosas teve que ser aceita. Portanto, eles foram indiscutivelmente estabelecidos como elementos do chamado "espaço interestelar" do astrônomo. E com a suposição de que elas estavam contidas naquele espaço ao invés da luz celestial detectada, elas foram consideradas materiais de construção para as chamadas "estrelas".

A característica singular dessa exposição imediata é que o astrônomo, ao concluir que sua chamada "nebulosa" é material de construção para "estrelas", se move em um

curso de séculos em direção à admissão de que a Continuidade Física é uma realidade. Mas o astrônomo não sabe que ele admitiu. Se a "nebulosa" do astrônomo constrói "estrelas", é o acúmulo de gás. E a Continuidade Física mostra como o acúmulo terrestre e celestial de gases do céu deve ser considerado "estrelas" e "planetas". No entanto, o encontro do curso abstrato da teoria com o curso da realidade aqui descrito provaria ser simples demais para uma astronomia complicada.

Deve ser relatado aqui que quando os primeiros intérpretes do Universo prepararam a base para a elaborada estrutura astronômica, eles não puderam de forma alguma antecipar o desenvolvimento do foguete e seu desempenho sensacional. As fotografias da estratosfera de sua câmera destruíram grande parte da suposta estrutura astronômica. E como as fotografias das câmeras de foguete foram responsáveis por essa façanha magnífica, elas trouxeram a estrutura celestial realista para muito mais perto da terrestre. Eles também acentuaram o ritmo da conquista do universo pelo homem moderno que nos cerca.

Na referência anterior à penetração da lente e dissipação da concentração da luz celestial do céu, a palavra "penetração" implica apenas na capacidade da lente de captar tal área luminosa com o propósito de registrá-la. É o caso de penetrar na superfície luminosa, mas não através do acúmulo de luz de qualquer área de luz do céu, celestial ou terrestre. Não se pode esperar que nenhuma lente penetre através da luz do céu nas distâncias confusas conjuradas pelo astro-matemática.

Isso se aplica em particular quando foi provado conclusivamente, pelas subidas da estratosfera de 1931 e 1935 e por fotografias de câmeras de foguete desde 1946, que a luz do céu não pode ser penetrada a uma distância de menos de uma milha no primeiro caso e aos noventa a cento e noventa milhas no último caso. Conseqüentemente, a descrição necessariamente repetida da função da lente deve ser válida. Nenhuma lente telescópica pode penetrar através da luz celestial ou terrestre do céu e detectar a terra subjacente. Se as lentes pudessem ter esse desempenho, e se suas descobertas pudessem depois penetrar certa substância interpretativa, todos os problemas celestes teriam sido resolvidos quando o primeiro telescópio foi fabricado.

Essa descrição da falha da lente em penetrar através da luz pressupõe uma ausência da emulsão penetrante de luz aplicável à fotografia. Se houver um meio aplicável à telescopia, ele representa um desenvolvimento muito recente e é desconhecido para este escritor. No entanto, mesmo com a aplicação de tal meio de penetração de luz nas lentes da câmera, a área fotografada pela luz deve ser distorcida, e o uso do meio será prontamente detectado por evidente distorção e folhagem na superfície da Terra. O maior benefício para a humanidade, além do segredo de superar a morte, seria a invenção que poderia permitir a observação telescópica daquilo que está sob todas as luzes detectadas no universo ao nosso redor. Então, este volume pode não ser necessário.

No que pode ser considerado uma capitulação à razão, é observada a medida de penetração, mas não através, da superfície celeste celeste astronomicamente designada como "nebulosa M-31 em Andrômeda". Essa luz celestial do céu já recebeu alguma atenção aqui. Embora a terra exista sob essa área iluminada pelo céu, não pode haver nenhuma consideração sobre a terra pela astronomia, que lida apenas com a luz do céu na superfície externa. Uma história muito diferente seria desdobrada pela astronomia se as lentes telescópicas pudessem penetrar a luz do céu celestial, particularmente nas distâncias supostamente envolvidas.

No ponto de luz celestial já mencionado, os astrônomos matemáticos estimam um acúmulo de "nebulosa" pesando 3500 milhões de vezes o peso matematico do Sol. Se alguém adora números, tais números deveriam ser impressionantes, mesmo que nenhuma luz ou Sol existisse para os números de comparação. Conforme tais figuras colossais são apresentadas, afirma-se que a massa da "nebulosa" pode ser dissipada com a ampliação da lente. No entanto, neste caso, a forma de dissipação merece qualificação. Nenhuma área do gás do céu é dispersa por uma lente, mas o fato de aparente dissipação é suficiente para estabelecer que a lente telescópica detecta nada além do gás luminoso do céu.

Essa dissipação de maneira nenhuma implica penetração. É apenas uma dissipação superficial comparada à dissipação de um banco de névoa impenetrável experimentado na superfície da Terra. Embora o banco de névoa não deva ser penetrado pelas lentes ópticas, suas áreas externas podem ser dissipadas de várias maneiras. Se o banco de névoa pudesse ser dissipado à nossa vontade, não seria impenetrável. Se pudesse ser dissipado no verdadeiro sentido da palavra, poderíamos ver além dele. Portanto, não podemos dizer que a névoa foi penetrada.

A lente telescópica não pode e não dissipa o gás do céu para permitir a penetração. Se isso fosse possível, a terra subjacente ao gás do céu seria detectada. Mas uma vez que as conclusões astronômicas não parecem se aproximar desse raciocínio, seguiremos a dedução astronômica como o astrônomo iria:

1. Essa suposta massa da "nebulosa", que na verdade é uma nuvem de gás do céu sobre uma área de terra celestial, é matematizada como sendo 3500 milhões de vezes a massa e o peso do Sol desconhecido, supostamente conhecido pelo mesmo procedimento matemático abstrato.
2. E a luz de tal massa "nebulosa" pode ser dissipada, mas não penetrada, por uma distância cósmica considerada como sendo apenas mil e novecentos anos-luz. Este impressionante ano-luz astronômico é a distância que um raio de luz deve viajar durante o curso de nosso ano conhecido de trezentos e sessenta e cinco dias, enquanto se move à velocidade de 186.000 quilômetros a cada segundo daquele ano. Essa distância anual é de seis trilhões de milhas triviais.

> Agora, essa distância única de ano-luz precisa apenas ser multiplicada por novecentos mil.

Embora não seja possível conceber uma fração dessa distância, pode-se agora facilmente perceber com precisão como uma lente de telescópio pode detectar e dissipar a luz existente a tal distância. Pode-se também ter plena compreensão por que a lente não consegue penetrar a luz do céu celestial.

O cuidado parece ditar que não se tente visualizar tal distância ou a maneira pela qual uma lente de telescópio pode detectar e dissipar a luz em uma distância tão inconcebível, mas não ter o poder de penetrá-la. Embora possa haver o dobro, o triplo ou um trilhão de vezes essa distância inconcebível até o infinito, não há nenhuma lente criada e nenhuma que pudesse ser criada para detectar luz a uma distância matematizada como uma pequena fração de um ano-luz, para não falar de novecentos mil anos-luz. Essas distâncias não existem para entidades realistas em um mundo de realidade. Elas existem apenas para o Universo abstrato do matemático abstrato.

Um raio de luz é muito real. Uma lente de telescópio é uma entidade realista, apesar de seu erro inerente. E a função estabelecida de raio de luz e lente de telescópio impede o desempenho fantástico conforme prescrito matematicamente. A proibição é comprovada pelo fato de que uma lente é compelida por sua função de criar curvas em sua detecção de luz. E os raios de luz são compelidos por sua função a ondular e curvar enquanto a lente que produz a curva procura detectá-los. A lente não penetra através de seis trilhões de milhas de espaço antes de desenvolver a curva, e o raio de luz não viaja essa distância sem se curvar.

O único fator de curvatura da lente proíbe a realização de tal telescópio. E as determinações abstratas foram ditadas pelo controle da matemática abstrata. Eles são os únicos árbitros da situação, qualitativa e quantitativa.

Se alguém fosse competente para imaginar uma lente de telescópio de tal construção que eliminasse a curvatura da lente e, assim, permitisse a penetração da lente de infinito inconcebível e ilimitado, por qual raciocínio se poderia saber que o infinito inconcebível havia sido penetrado em sua extensão ilimitada? Se concedêssemos a capacidade conceitual de reter, a não ser por meio de um símbolo matemático, um espaço de tempo final até o infinito, como nomearíamos aquilo que se estenderia além dos limites finitos do infinito? Independentemente da designação, não constituiria uma continuação do infinito?

A mente humana busca estabelecer o fim de maneira rebelde, embora deva ser sempre negado o conhecimento do início. O procedimento vazio é comparado a uma tentativa desesperada de determinar o criador do Criador. Nele, seria descoberto que, quando a mente estabeleceu um poder por trás e precedendo o Criador, o processo mental para estabelecer a Causa Primeira para substituir a designação da mente de

criador do Criador se desenvolveria em um procedimento infinito e fútil. E a mente em sua busca se perderia.

O último esforço astro-matemático abstrato derrota o propósito de todo avanço educacional e pesquisa científica moderna. O esforço reflete a sabedoria imatura da criança na classe da escola dominical que, ao ouvir que Deus criou o mundo, foi impelida a perguntar: "Quem fez Deus?" Astro-matemáticos precipitam-se em direção ao fim do Universo, matematicamente ordenado. Ao fazer isso, eles negam o Universo da realidade em questão. E é nessa negação que eles exigem que o homem moderno renuncie ao seu direito divino de conquistar e habitar o universo resplandecente que nos rodeia. Como a criança que deve primeiro procurar conhecer Deus e suas abundantes manifestações ao seu alcance, o astro-matemático deve primeiro procurar saber o significado das manifestações cósmicas antes de tentar encontrar o fim do Universo. De alguma forma, parece haver mais glamour ligado ao segundo prato - e, como a maioria dos glamours é superficial e improdutivo, nenhuma parte do retrato astronômico que trata da chamada "nebulosa M-31 em Andrômeda" tem aplicação a um Universo de realidade. Como o astrônomo o apresenta, o retrato é aquele que se aplica em sua totalidade ao universo irreal da matemática abstrata.

A falta de realismo nas conclusões astro-matemáticas pode ser entendida a partir do seguinte. Se a partir do ponto do céu mais próximo de São Francisco, Londres, Roma ou qualquer outro ponto terrestre for erguido um observatório astronômico equipado com o equipamento mecânico idêntico e deduções dos astrônomos agora aplicáveis às observações do céu, as conclusões a serem alcançadas nas observações do terrestre se compararia com as conclusões atuais concernentes ao celestial. As distâncias estimadas desse observatório celeste às áreas terrestres luminosas teriam que permitir o espaço que se presume existir entre áreas aparentemente isoladas do terrestre. O padrão de espaço fictício agora aplicável e influenciando as estimativas de distância para áreas celestes teria aplicação idêntica ao presumido "espaço interestelar" entre "corpos" terrestres aparentemente isolados.

O território terrestre do Universo nunca poderia ser visto como uma unidade única no espaço, mas apenas como o conceito popular errôneo tem mantido. A curvatura da lente proíbe qualquer observação distante. E a curvatura da lente exige que a Terra seja vista como os múltiplos "corpos" globulares e isolados enganosamente arranjados para o celestial. O absurdo da estimativa astronômica da massa de gás do céu naquela área que o astrônomo conhece como "nebulosa M-31 em Andrômeda" seria estabelecido por aparições correspondentes em áreas do céu terrestre. A massa aparente de gás de pelo menos uma área de toda a superfície luminosa do céu externo da Terra apresentaria a mesma aparência da área conhecida como "nebulosa M-31 em Andrômeda", e se seu peso assumido fosse comparado com a massa presumida do Sol,

os números aplicados à condição de Andrômeda, teriam aplicação equivalente no mundo dos números.

Além disso, as distâncias inconcebíveis envolvidas na detecção da luz do céu de Andrômeda poderiam ser aplicadas a áreas conhecidas do céu terrestre a apenas alguns milhares de quilômetros de distância do ponto de observação. Os fatores até agora descritos, particularmente o fator espaço presumido, permitiriam a matemática mais confusa na descrição da distância.

Se tivéssemos que estabelecer uma linha imaginária a uma altitude estratosférica de dez mil quilômetros do céu terrestre como uma base de medição através de nossas áreas de luz do céu terrestre, seria considerada uma representação da área de "estrela" terrestre em conformidade com a fórmula básica de Herschel para áreas celestes de luz do céu. Haveria assim formado um "sistema galáctico" terrestre concordando com o atual "sistema galáctico" celestial de ordem astronômica. Ela abrangeria áreas de luz do céu terrestre em uma extensão matematicamente designada em todas as direções longe do "plano galáctico" terrestre.

Agora, deve ser entendido que as distâncias atualmente registradas do "plano galáctico" celestial até a maior extensão da detecção da luz do céu celestial são puramente atributos de fórmulas matemáticas. Elas são muito irreais. Então, ao aplicar o padrão astronômico habitual, as distâncias atualmente conhecidas e reais do "plano galáctico" terrestre aos pontos de luz do céu terrestres mais remotos exigiriam a mesma consideração de distância idêntica e obscura aplicável aos pontos de luz do céu celestial detectados além de uma determinada distância do "plano galáctico" celestial ou linha.

Os pontos de luz do céu de uma área conhecida do céu terrestre de 12 mil quilômetros, representando metade da circunferência da Terra determinada, teriam que ser considerados milhões de quilômetros de distância da linha divisória terrestre e do ponto de observação a apenas dez mil quilômetros de distância. Se a observação fosse feita do ponto da Lua celestial a trezentos mil milhas de distância do ponto terrestre, os pontos celestes terrestres mais remotos do "plano galáctico" terrestre teriam que estar a qualquer número de anos-luz de distância do ponto de observação. Essa consideração puramente matemática para um Universo matemático se aplicaria mesmo que os pontos de luz celeste terrestres mais remotos estivessem na verdade abrangidos pela circunferência conhecida da Terra de vinte e quatro mil quilômetros.

Essas conclusões absurdas em aplicação ao terrestre estão de acordo com as conclusões astronômicas relativas ao celestial. E o maior contribuinte para esse absurdo é o espaço presumido entre todos os pontos de luz terrestres detectados desde o "plano galáctico" terrestre até os horizontes terrestres mais distantes. Embora saibamos que o céu terrestre é tão contínuo e sem espaço quanto a terra terrestre

subjacente, o espaço ilusório seria um fator importante que causaria o aumento da distância em uma extensão incalculável.

Em conjunto com a ilusão do espaço do céu terrestre, a expansão e contração do gás da luz do céu terrestre e o brilho da luz do céu e a ilusão adicional que ela impõe também contribuiriam da mesma forma para um padrão de distância irreal correspondente àquela astronomicamente ordenada para o celestial. Outro fator é a velocidade da luz através do meio mais realista da escuridão perpétua do infinito, em oposição à velocidade da luz presumida pelos experimentos artificiais mas artificiais do homem ao nível do mar. Esses e muitos outros elementos puramente técnicos, mas extremamente importantes, são os agentes que influenciam na compilação de dados astronômicos sem qualquer aplicação ao celestial da realidade. Sua influência se estende às manifestações naturais do céu terrestre e terrestre. Eles também devem ser mal interpretados por meio do abandono ao ilusório.

As comparações celestes e terrestres, agora provadas ser de mérito como resultado de subidas da estratosfera e voos de foguetes, são aqui expressas oportunamente. Elas mostram as formações de luz do céu terrestre e enganos já encontrados em fotografias da estratosfera da área do céu terrestre luminoso. Essas fotografias testemunham a Continuidade Física nada menos do que a extensão da terra que continua além do Pólo Norte da teoria e dos extremos do Pólo Sul da Terra. Um recurso complementa o outro. E eles contribuem conjuntamente para o desenvolvimento de um retrato novo e verdadeiro do universo que nos rodeia.

O retrato de um radar pouco divulgado de uma área substancial do céu celestial também contribui para o retrato do Universo. E tais características, coletivamente, estabelecem, sem qualquer dúvida, que o padrão realista do Universo é diametralmente oposto ao desenvolvido pelas deduções astro-matemáticas dos séculos.

Se alguém achar difícil aceitar esses opiniões da Continuidade Física, apesar das provas físicas que as sustentam, o seguinte deve ser considerado: Na mente de uma criança podem ser fixadas as características ilusórias da "Fábula da Cegonha". A criança sem conhecimento do que é procriação/reprodução, deve agarrar-se a essa fábula fascinante. A fábula deve prevalecer se a mente da criança não estiver suficientemente desenvolvida para compreender o significado da reprodução, com seus estágios sucessivos de transmissão celular, desenvolvimento do feto etc. A mente da criança pode até adquirir a descrição aceita do nascimento. A criança pode ser capaz de expressar as palavras sexo, nascido, bebê, crescimento, etc. Pode até testemunhar o momento de um nascimento. No entanto, enquanto a mente imatura for dominada pela imagem de um pássaro de pernas longas dando à luz, ela poderá contemplar um milhão de bebês e permanecer na ignorância de como eles nasceram.

A mente dessa criança não difere da mente adulta subdesenvolvida. Embora a mente adulta certamente saiba como os bebês nascem, ela pode permanecer tão fechada quanto à mente da criança em relação a outras características da vida e do Universo. Aquilo que esse conceito não se sustenta está além dos limites da possibilidade, tanto para crianças quanto para adultos.

Como é com a mente da criança, assim é com a mente do astrônomo, que faz com que ele expresse as palavras curva, ondulação, curvatura, flutuação e ondulação. Eles devem fornecer amplo conhecimento de que a energia criativa no trabalho não circula. E deveriam ser a chave para a compreensão de que globos ou esferas não compreendem o celeste ou o terrestre. No entanto, apesar da observação mais ampla do astrônomo e dos cálculos mais profundos dos gases luminosos do céu celestial em movimento, ele exige que "corpos" de massa invisíveis prescrevam todo movimento, e o movimento errado.

A criança subdesenvolvida poderia ver fotos realistas do parto de um bebê e, por meio do domínio da fábula, permanecer ignorante da realidade. Assim é com o astrônomo que, ao ver as provas físicas à mão da falácia dos "corpos isolados", persiste em se apegar à fábula da "estrela" e do "planeta". E ele faz todos os esforços para encaixar as provas retiradas de um mundo de realidade em seu mundo de ilusões. O ilusório deve ser preservado a qualquer custo. É a verdade do astrônomo.

Não há uma característica de observação telescópica e fotografia, e de análise de espectro, considerada aplicável ao universo que nos rodeia, que não se aplique com igual força e volume aos testes correspondentes da superfície do céu luminoso externo da Terra. No entanto, a empresa moderna estabeleceu que tais características absurdas são puramente ilusórias. E elas não se aplicam. Todas as entidades fantásticas que se presume existir em todas as áreas luminosas do céu celestial parecem existir na mesma observação e análise dos gases em constante mudança do céu da Terra. E nunca deve ser esquecido que todas as observações, análises e conclusões resultantes aplicam-se apenas à energia gasosa do céu de áreas celestes e terrestres da luz do céu. Não há qualquer aplicação para a terra sob tais áreas iluminadas pelo céu.

A agência cósmica que contribui para os muitos movimentos enganosos de áreas menos luminosas e mais brilhantes do céu é responsável pelas mudanças, flutuações e ondulações da luz. E, assim, indiretamente governa as formações grotescas resultantes, que enganam o observador. A agência cósmica e a força criativa, além do alcance da astronomia, é a atividade de raios cósmicos. Ele está constantemente bombardeando todas as áreas do céu externo de todo o Universo. Os raios não têm padrão direcional. Eles não estão restritos a nenhum curso ou canal em seu movimento incessante através do reino infinito das trevas, do qual nossa estratosfera imediata faz parte.

Semeados pelo Plantador Mestre, eles são espalhados da cratera impenetrável do Sol em uma aparente desordem. E em tal aparente inconformidade com o padrão, eles estabelecem o mais profundo padrão criativo. Movendo-se com imunidade às leis feitas pelo homem aplicadas ao Universo, eles se associam a áreas receptivas do céu externo em todos os lugares ao longo do curso celestial e terrestre. Eles carregam uma área do céu e sobrecarregam outra com sua força magnética. Como sua força está concentrada em uma área particular do céu celestial ou terrestre, desenvolve-se dentro dessa área do céu uma acentuação sem precedentes do movimento habitual que confunde os observadores distantes. Em outras áreas do céu e ao mesmo tempo, a dispensação dessa energia solar criativa permanece estável em um equilíbrio perfeito de todo o céu do Universo. Mas a concentração de força em uma área do céu exerce uma influência mensurável nas áreas vizinhas do céu.

Conseqüentemente, para o encantamento da mente mortal, é produzida uma série única de movimentos dentro das áreas luminosas do céu sob observação. Mas sejam esses movimentos reais ou imaginários, eles são sempre movimentos do céu. Nunca são movimentos da terra realista, que, embora invisível, está sempre presente sob a luz do céu.

A razão determina que não se construa um telhado a menos que se queira ter uma casa sob o telhado. O telhado é o meio de proteção para toda a estrutura de madeira ou concreto subjacente. O telhado é um símbolo da estrutura. E as luzes magníficas, mas enganosas, da observação e do registro astronômicos, são áreas de um telhado criativo que não podem ser vistas como um todo coletivo e contínuo pelas razões aqui explicadas. Nosso céu terrestre cobre nossa sala da Casa do Universo da mesma maneira que todas as chamadas "estrelas" e "planetas" cobrem as infinitas salas celestes da mesma casa. Nosso céu, assim como todo céu celestial, não pode ser observado como uma unidade conectada. Da mesma forma, apresenta aos observadores distantes o padrão idêntico de luminosidade e movimento variáveis que observamos no céu celestial. O astrônomo expressa essa variação real da luz do céu do telhado celestial como "magnitude de estrela". E esse termo é sinônimo de "intensidade da luz do céu".

Essa atividade causativa, da qual tão pouco se aprendeu, realiza outras maravilhas implícitas no memorável anúncio do falecido Dr. Robert Andrews Millikan: "*A força da vida criativa está trabalhando em todo o Universo. Mas as maravilhas dessa Força em ação não devem ser determinadas por figuras abstratas e símbolos de figuras.*"

Capítulo sete

"Na terra como no céu"

Na Figura 5, a fotografia da câmera do foguete V-2 do escritório de pesquisa naval dos EUA de uma área luminosa, aparentemente globular e de aparência isolada do céu externo da Terra a uma altitude de cem quilômetros sobre White Sands, uma formação semelhante a uma nuvem branca aparece no área do céu. Recorde-se que a formação, resultante da variação da luz dentro da área do céu luminoso fotografado, foi mal interpretada como uma nuvem na estratosfera. (Veja o frontispício.)

Considere que a mesma formação branca seria conjeturada como a uma distância de vinte mil ou cem mil quilômetros. Não pode haver dúvida sobre o rótulo astronômico: ele, como muitas formações celestes de gás correspondentes, teria que ser conhecido como uma "nebulosa" à deriva no mar da escuridão da estratosfera envolvente. Essa descrição se aplicaria apesar do fato de que a parte branca é, na realidade, uma parte intrincada das áreas luminosas do céu.

Manchas pretas detectadas na seção chamada "Via Láctea" do céu celestial são parceiras intrigantes das manchas brancas. Elas também seriam detectadas no centro denso de nosso céu terrestre, onde a intensidade da luz do céu apresentava à observação telescópica uma "riqueza do campo estelar". Esse centro celeste terrestre dependeria da posição de observação mantida na estratosfera ou em uma área de terra celestial.

Se mudássemos nossa localização terrestre atual para aquela localização celestial agora considerada a "Via Láctea", seria descoberto que o céu terrestre sobre a posição da terra que deixamos detém a maior concentração de pontos de luz do céu, e essa seção do céu terrestre mereceria a designação "Via Láctea". Em comparação com outras áreas do céu terrestre, parece conter mais pontos de luz. Mas porque parecia haver mais, eles individualmente pareceriam ser muito menos luminosos do que outros pontos de luz do céu detectados individualmente. Ou, se o céu sobre o ponto de partida terrestre particular não tivesse a profusão aparente de luz que o qualifica para a comparação da "Via Láctea" celestial, outras áreas do céu terrestre possuiriam a profusão aparente necessária de pontos de luz. Portanto, em toda a extensão luminosa de todo o nosso céu terrestre, seria encontrada, a partir de observação distante, pelo menos uma área de luz do céu correspondente à "Via Láctea" celestial.

À medida que nosso ângulo de observação longe da "Via Láctea" terrestre acima da cabeça foi acentuado, verificou-se que havia uma diminuição aparente da concentração da luz do céu ou, conforme definido astronomicamente, uma modificação da "riqueza do campo estelar". Embora a "riqueza do campo estelar" astronomicamente definida seja constante na continuidade da luz do céu, embora não

necessariamente em brilho em todo o céu terrestre, parece haver uma diminuição da concentração da luz do céu longe da seção da "Via Láctea".

Para ilustrar, vamos supor que Des Moines, Iowa, e uma certa área do céu adjacente é a "Via Láctea" terrestre, como a observação é feita de uma posição de terra celestial sobre Des Moines. A área do céu de Des Moines e uma área considerável do céu que se estende para longe de Des Moines apresentariam à observação telescópica a área do céu terrestre de acúmulo de luz aparentemente mais abundante. Esse acúmulo significaria mais pontos de luz, mas não pontos mais brilhantes.

Cada observação além do acúmulo de luz do céu estabelecido e mais pronunciado da "Via Láctea" necessitaria de observação telescópica e fotografica em um ângulo crescente para facilitar a busca por "estrelas" nos horizontes distantes dos "céus" terrestres. A detecção de "estrelas" terrestres remotas, ou pontos de luz do céu, os consideraria mais nitidamente definidos como entidades isoladas do que o acúmulo de luz do céu compreendendo a chamada "Via Láctea" terrestre. O brilho que permite a detecção, de qualquer intensidade, ou "magnitude" astronômica, acentuaria o aparente isolamento comum à luz do céu de todo o Universo.

Mas esse aparente isolamento não seria tão pronunciado na "Via Láctea". Quanto maior o volume de luz concentrada, apesar do menor brilho de todos os seus pontos, menos pronunciado é o aparente isolamento de cada ponto de toda a área. No entanto, todo o ponto de luz concentrado que constitui a "Via Láctea" deve parecer mais destacado/separado de outros pontos de luz do céu detectados em todo o céu. É por isso que a chamada "Via Láctea" parece ser única, mas representa a luz do céu da mesma forma que qualquer outra "estrela" solitária detectada.

Embora soubéssemos do ponto de observação celestial que existia uma continuidade da terra e do céu na designada "Via Láctea", uma parte considerável da área de luz do céu não seria detectada, pois a observação em um ângulo foi feita longe de Des Moines centro do céu da "Via Láctea" terrestre. Qualquer observação fora do centro impõe limitações. Embora todas as áreas do céu terrestre sejam de fato luminosas em algum grau, como todas as áreas do céu celestial, muitas áreas teriam que ser consideradas inexistentes da observação celestial porque a luz do céu de tais áreas não seria detectada por várias razões descritas anteriormente.

O procedimento astronômico de busca por "estrelas" em horizontes distantes além da concentração da luz celestial do céu na "Via Láctea" pode ser considerado relacionado ao procedimento mais realista de busca de um técnico de laboratório. Essa pesquisa realista constituiria o exame de um espécime de massa na superfície iluminada de uma lâmina de vidro clínica As múltiplas partículas minúsculas da massa do espécime seriam o campo do técnico, já que todo o céu celestial é o campo do astrônomo.

A iluminação elétrica da lâmina de vidro representaria a luz do céu do astrônomo. O microscópio do técnico representaria o telescópio do astrônomo.

No foco direto e quase direto da lente do microscópio, o maior acúmulo de espécime seria aparente, embora o campo tivesse a mesma densidade em todas as partes. Se o campo fosse ampliado pelo foco da lente, teria que haver uma diminuição da concentração central da amostra. Então, as margens originais da concentração central teriam que parecer mais finas, a um ponto de eliminação do espécime. O desenvolvimento dessa condição não significaria que realmente houvesse menos substância de amostra nas extremidades do campo da lâmina de vidro, mas limitaria a observação do campo de igual densidade. A área de foco direto ou quase direto da lente parece conter a maior parte da substância do espécime.

Torna-se evidente que o técnico de laboratório, trabalhando nessas paredes do tempo, detém uma vantagem considerável sobre o astrônomo que trabalha nos corredores ilimitados do infinito. O técnico trabalhando nos corredores ilimitados do infinito. O técnico que trabalha em um mundo limitado, mas realista, pode mover e ajustar constantemente a lâmina de vidro, ou equivalente do "campo de estrelas", para atender ao seu propósito. E ele pode manter constante, ou pode aumentar ou diminuir a iluminação de seu campo. Além disso, tendo controle completo do campo e de sua luz, ele pode ajustar à vontade as lentes do microscópio para observação do centro morto constante do espécime.

Parece não haver nenhum registro de um astrônomo que fosse capaz de fazer ajustes em seu espécime de "campo estelar" que o mantivesse em foco direto, imóvel e sob a iluminação constante e adequada necessária para observação e determinação. A luz do céu do celeste, assim como da terrestre, não está sujeita ao empreendimento penetrativo das lentes do telescópio ou ao capricho e dedução dos astrônomos. Ao contrário, a luz do céu em todos os lugares influencia a capacidade da lente de detectar, bem como a dedução do astrônomo. É um fascinante jogo de pega-pega, onde os astrônomos e suas lentes continuam sendo "eles".

O técnico de laboratório humilde, mas muito mais prático, possui uma vantagem adicional, pois trata de entidades conhecidas em um mundo real. Se houver a menor dúvida quanto à identidade de certa matéria ou entidades dentro da amostra do campo de lâmina, qualquer número de testes práticos feitos diretamente sobre a substância duvidosa determinará suas propriedades exatas. Essa pequena característica de contato direto e teste imediato da entidade questionável, difere consideravelmente dos testes matemáticos extremamente abstratos aos quais o astrônomo é restrito em um esforço para determinar as condições e entidades desses remotos "campos estelares" abstratos. Será mostrado que a astronomia refuta as conclusões astronômicas em formação como resultado da maneira de observação que conduz às conclusões.

Quando um astrônomo detecta movimento duplo, ou o que parece ser dual, na observação de uma área remota do céu celestial luminoso, e a análise espectroscópica confirma a aparente dualidade de movimento, ele é compelido pelo conceito a concluir que duas entidades distintas estão operando no único ponto de luz em análise. O astrônomo poderia, mas não conclui, que uma única energia em ação em um determinado ponto celeste particular está prescrevendo um movimento duplo. Em consideração à conclusão do astrônomo, é aqui pertinente relembrar a referência anterior ao movimento ondulatório do gás do céu, e que o astrônomo ainda faz uso da palavra "ondulação". E convém lembrar que a ondulação é um movimento duplo.

O astrônomo é forçado a concluir que o movimento pode ser atribuído a entidades contidas na mente do astrônomo. E as entidades de ilusão que a mente contém são "corpos isolados", globulares ou esferóides, movendo-se em um círculo ou elipse. Nada mais servirá. Na realidade, existem lentes de telescópio e instrumentos do astrônomo para determinar nada mais do que o movimento duplo do gás em uma área do céu luminoso que cobre e obscurece a terra estacionária sob a área do céu detectada. O gás ativo do céu se move, mas a terra subjacente nunca participa do movimento.

Parece singular que o astrônomo decida em favor dos "corpos em círculo ou elipses" preconcebidos, tendo em vista o fato de que ele aplica os termos muito significativos "movendo-se para frente e para trás", ondulando e flutuando, que negam as entidades pré-concebidas e seu movimento. No entanto, suas conclusões alimentadas pela ilusão devem ser que a lente e o espectro, ou seja, ao registrar tais movimentos, verdadeiramente estabelece a existência de dois "corpos" celestes distintos em movimento. Para enfatizar esta característica mais importante, deve-se notar que sua conclusão de "corpos" celestes não implica corpos de gás de acordo com os ditames da realidade e da razão. Para ele, persiste a ilusão de que o movimento dos gases do céu significa o movimento da massa terrestre imóvel, que não pode ser detectada sob o movimento luminoso do gás do céu.

Observe que nada detectou ou estabeleceu sequer um corpo de massa em movimento, para não falar de dois corpos. Simplesmente foi alcançada a confirmação do duplo movimento, dentro de uma certa área luminosa do céu celestial. Portanto, os termos do astrônomo "ondulante" e "flutuante" são adequadamente aplicados para a descrição dos movimentos registrados de elementos gasosos dentro da área do céu luminoso. Mas os termos não têm aplicação posterior.

Sobre esse único exemplo de conclusão errônea é erguida uma estrutura astronômica de abundantes cálculos errados. Tendo verificado as descobertas mecânicas do movimento duplo com as encontradas pela visão direta, não resta nada para a conclusão do astrônomo além daquilo que seu conceito sustenta: "*corpos arredondados isolados circulando ou fazendo elipses no espaço.*" As lentes telescópicas

e fotográficas não os detectaram e registraram; o astrônomo não os observou. Eles, os "corpos", não são estabelecidos por análise espectroscópica de espectro. No entanto, conclui-se que existem como entidades de massa globular isoladas, quando eles constituem nada mais do que áreas de disco criadas por lentes de gás celeste em movimento. Podemos duplicar a aplicação do astrônomo e suas descobertas do celestial, retornando ao elevado ponto de observação da estratosfera, permitindo a visão de áreas do céu terrestre. Conforme ajustamos o telescópio para observação de Portland e Bangor, Maine, na costa leste dos Estados Unidos, ou qualquer outra parte da nação, as áreas luminosas do céu a serem detectadas em qualquer comunidade terrestre aparecerão exatamente como as áreas celestiais luminosas de observação astronômica aparecem. Nossas lentes não detectarão nada além de uma área do céu semelhante a um disco luminoso. Em todos os ângulos de observação e até onde nossas lentes podem penetrar, observaremos a mesma condição. Seria ridículo esperar ver através das áreas luminosas do céu terrestre observar a terra e a água e a vida comunitária que sabemos estar subjacente às áreas do céu.

Podemos primeiro detectar a luz do céu sobre Bangor, Maine. Veremos que a luz do céu de Bangor parece flutuar. Ela prescreve o movimento duplo que pode muito prontamente ser mal interpretado como "girar ou fazer uma elipse" a uma distância adequada. Se alcançássemos essa distância, desenvolveríamos a ilusão de circular. E embora possamos até aceitar o movimento ilusório como tendo aplicação à área do céu luminoso, nosso conhecimento da terra subjacente dissiparia a ilusão em relação à área da terra. Não alimentaríamos fugazmente a ilusão de que Bangor se isolou do resto de Maine e executou uma valsa orbital no espaço da estratosfera.

Fazendo o ajuste do telescópio para abranger as áreas do céu terrestre ao norte de Bangor, podemos detectar uma área do céu terrestre luminoso que parece rolar. E será muito mais brilhante do que a "estrela" de Bangor. Talvez descubramos, consultando nosso "mapa estelar" terrestre, que a área brilhante e ondulada representa o céu sobre Montreal, Canadá. À medida que continuamos nossa busca telescópica, será detectada uma área de céu luminoso a oeste de Montreal que desperta interesse. Haverá um filme branco pronunciado no canto esquerdo inferior da área do céu. O seu aparecimento e aparência suscitará dúvidas de que faça parte da área do céu, e devemos concluir que, por não ser da área do céu luminoso, é uma "nebulosa" na estratosfera.

Então, ajustando nosso telescópio para observação do céu de New Hampshire, detectaremos uma área escura no céu luminoso que nosso "mapa estelar" designa como Portsmouth, New Hampshire. Ampliar essa área luminosa do céu com uma lente mais forte revelará a mancha escura original como três formações distintas/diferentes. Eles serão facilmente considerados corcundas na área do céu luminoso. Na verdade, eles se parecerão tanto com o "aglomerado astronômico da corcova de camêlos" à luz

do céu celestial que seremos impelidos a chamá-los de "corcunda tripla de Portsmouth".

Portanto, será percebido que as condições registradas de áreas luminosas do céu celeste, onde o sombreamento de luz em um momento é determinado como uma "nebulosa" destacada da área do céu luminoso e em outras ocasiões como uma formação grotesca da área luminosa, devem ser incluídas no registro de áreas do céu terrestre. Como foi relatado, as condições correspondentes foram encontradas até o momento no céu terrestre luminoso sobre White Sands, Novo México e território adjacente. Como as areias das regiões desérticas desta Terra estão relacionadas como partículas de areia, e como as águas da Terra estão relacionadas como água, da mesma forma a luminosidade de cada área do céu terrestre corresponde aos elementos e condições das áreas do céu celestial. O gás do céu terrestre descreve os movimentos idênticos do gás do céu celestial. E as condições observadas de áreas do céu terrestre imporão as mesmas ilusões que aqueles sobrecarregando a busca vazia dos astrônomos do universo celestial em torno dele. Os "espectros estelares" idênticos se desenvolverão a partir da análise das ondas de luz das áreas do céu terrestre, conforme atualmente desenvolvido do movimento da luz nas áreas do céu celestial.

Massivas compilações astronômicas dos séculos desviaram, sem saber, o curso do homem da observação e da compreensão do universo realista à nossa volta. Mas a oportunidade atual de ver a função da luz do céu terrestre e as formações subsequentes anula as apresentações astronômicas. E essa visão moderna atesta eloqüentemente a importância do antigo ditado filosófico: "*Na terra como no céu*".

A empresa moderna confirma que o que pode ser encontrado nos "céus" celestiais tem contrapartes inegáveis nos "céus" terrestres. E foi vividamente revelado que é a aparência enganosa de coisas e condições sobre as áreas terrestres do Universo, ao invés do que existe na terra sob os "Céus" celestiais e terrestres, que causou confusão, negando assim a aquisição do universo ao nosso redor. As mesmas mudanças registradas astronomicamente no espectro, da onda vermelha mais longa para a onda violeta mais curta, devem ser registradas a partir da observação e análise do movimento da luz do céu terrestre. A sinonímia de desempenho celeste e terrestre, merecendo a mesma interpretação, deve fornecer evidências para a pessoa menos perspicaz de que os valores celestiais anunciados pela astronomia são puramente ilusórios.

Desse modo, pode-se perceber que se aplicássemos o padrão astronômico à luminosa superfície externa do céu terrestre, certas áreas, como a área celestial chamada Sirius, seriam consideradas possuidoras de mais de 26 vezes a potência matemática da vela do Sol. A conclusão absurda se desenvolveria a partir da aparente intensidade de calor da área do céu terrestre. Repetimos, intensidade de calor aparente.

Fantástico? Como poderia ser diferente, com nosso conhecimento físico das áreas do céu terrestre? No entanto, esse seria o desenvolvimento inevitável quando tentamos avaliar o céu terrestre com os mesmos instrumentos utilizados pela astronomia para medir o céu celestial. Em tal aplicação dos medidores da astronomia para as áreas do céu terrestre, será estabelecido que as ondas vermelhas e verdes não têm o mesmo significado que o que é astronomicamente concluído a partir de áreas celestes onde as cores são evidenciadas. Os testes a serem feitos com a luz do céu terrestre estabelecerão o valor das ondas vermelhas e verdes da luz do céu terrestre como diametralmente oposto à dedução astronômica.

A observação antiga das luzes detectadas no universo que nos rodeia desenvolveu os chamados "*gráficos/mapas estelares*". Esse desenvolvimento foi uma expressão engenhosa da íntegra "estrela" do passatempo de observação. Ninguém se iludiu com a arte de mapear a luz celestial. Mas quando a mesma arte se adorna com o traje jurídico da ciência e impõe ao mundo condições ilusórias aclamadas como reais, não é descrita nem arte nem ciência.

Durante os muitos séculos de observação, deve ter havido discernimento das ilusões. E o mínimo que poderia ter sido alcançado era a compreensão da maneira infalível pela qual toda energia criativa deve se mover. Esse movimento é uma onda. Mas o movimento das ondas universalmente manifestado foi substituído pela fraternidade astronômica com a suposição estéril de "circular" ou "elipse". E, estranhamente, tal substituição foi feita para sustentar a teoria, mesmo quando o termo onda foi elogiado da boca para fora. Com essa substituição do mundo do ilusório, toda a estrutura astronômica erguida sobre a suposição de "círculo" ou "elipse" tornando-se sem propósito e vazia. Em nenhum lugar, em todo o amplo domínio da pesquisa em ciência pura e aplicada, pode-se experimentar o movimento de "círculo" ou "elipse" contido na base da mecânica celeste. Onde quer que tal movimento pareça ocorrer, exceto na mecânica feita pelo homem em nível terrestre, é puramente ilusório.

Com relação ao movimento da energia dispensada universalmente, é oportuno relatar uma experiência pessoal confirmando que a energia criativa, onde quer que se manifeste, é compelida a se mover em uma onda. Isso é verdade mesmo que todas as lentes que o mundo possui façam com que o movimento pareça circular. A lente é incapaz de um registro fiel, mas o cérebro deve estar ciente desse fato, pois é o cérebro que realmente vê.

No capítulo dedicado à peregrinação, foi descrito um encontro com o famoso físico Dr. Robert Andrews Millikan, então presidente do Instituto de Tecnologia da Califórnia em Pasadena. Naquela época, durante o verão de 1928, o competente assistente do Dr. Millikan era o Dr. Carl Anderson. E enquanto o Dr. Anderson conduzia esse jovem

entusiasta pelo campus da instituição para ver o primeiro elétron isolado do mundo, ele observou: "*O elétron prescreve um movimento circular.*"

De maneira carente de sutileza diplomática, respondemos: "Faz o quê, Dr. Anderson?" O Dr. Anderson respondeu: "Parece se mover em círculos." Com a mesma falta de diplomacia, respondemos: "Assim é melhor."

Embora o Dr. Anderson fosse um físico muito erudito que posteriormente recebeu o prêmio Nobel, ele se referiu ao aparente movimento do elétron, embora seu cérebro visse o verdadeiro movimento. Essa menção de circular deveu-se à influência do movimento aparente. E a lente era responsável por essa condição aparente. No entanto, era sabido por alguém que nunca havia observado um elétron que os princípios básicos e irrefutáveis do movimento excluíam qualquer possibilidade de que o elétron realizasse qualquer movimento circular.

No caso do matemático- astrônomo, verifica-se que, apesar do conhecimento da onda e da curvatura da energia, há uma persistente adesão ao movimento aparente ou ilusório. Sua devoção inabalável ao ilusório exige a negação do movimento autêntico em todas as observações e conclusões astronômicas. Daí resultam os numerosos erros de cálculo da distância e velocidade desse movimento do ponto astronômico de observação. E impede a possibilidade de compreensão do calor gerado na área do céu celeste luminoso onde o movimento é detectado. Nenhuma estrutura em um mundo de realidade pode ser sustentada em uma base mítica. A estrutura da astronomia não produz nada de realista, porque é erguida sobre o ilusório. Pior ainda, as ampliações de lente constantemente aumentadas da luminosidade projetando a ilusão original retarda descobertas de verdadeiras do Universo realista. É demais esperar que depois de trezentos anos de astronomia telescópica matematizada, após três mil e mais anos de arte astronômica, a estrutura ilusória deva ser discernida por agências governamentais. Suas descobertas descobriram a ilusão básica e abriram caminho para a redeterminação dos valores cósmicos pelos astrônomos.

Embora a teoria possa ser de prescrição matemática duradoura, está sempre sujeita a mudanças. Ao longo do curso da civilização, a teoria que representava a verdade de cada época e lugar sofreu mudanças para melhor. Esse processo de mudança fez a civilização. Desde o tempo de Hipócrates, a ciência da medicina foi submetida ao escrutínio mais atento por membros que ousaram questionar sua premissa. E seu questionamento fez para redeterminar os valores anatômicos que beneficiaram a humanidade e avançaram a medicina ao seu alto estado atual. Foi apenas através de dúvidas, contradições e experimentações persistentes que o conhecimento verdadeiro foi adquirido do sistema circulatório do corpo humano. E com essa redeterminação de valores mil e um recursos progressivos e úteis foram desenvolvidos. Eles não poderiam ter sido possíveis até que a falsa teoria da função do sangue fosse descartada.

Projetar o sistema circulatório do homem na arena da análise da luz celestial permite uma comparação oportuna de valores. Pode servir para esclarecer características da Continuidade Física que os físicos atômicos quase encontraram com sua determinação: "*Existe um jogo de energia entre partícula e partícula de todo o Universo.*"

Nos últimos trezentos anos, a astronomia telescópica matematizada tem procurado determinar o "sistema circulatório" criativo do Universo. Mas nessa busca ela insistiu que o fluxo sanguíneo universal - força magnética e gás da luz do céu - estava restrito em sua função ao lado terrestre do corpo do Universo, ou todo. Aqui, o céu contínuo e constantemente energizante de todo o Universo é comparado ao sistema circulatório do corpo humano. As veias do céu funcionam em todo o corpo do Universo sob a força de gases celestes que circulam ativamente. Os gases, por sua vez, são constantemente agitados, ou estimulados, pela força magnética criativa do Universo.

O terrestre representa apenas um lado do corpo do Universo. O celestial representa o outro lado. As forças criativas em ação não nutrem e estimulam um lado ao descuido do outro. Se fosse esse o caso, o terrestre só poderia sobreviver.

A julgar pelas conclusões astronômicas, não existe magnetismo universal nem gás do céu celestial. E onde eles são relutantemente conjecturados para existir, eles são tão mal interpretados e mal calculados que obscurecem sua função e propósito. O astrônomo conclui que a formidável condição circulatória do gás do céu, que atua o terrestre e o celestial, é negativa como veia contínua de todo o Universo. Conseqüentemente, as abundantes expressões das veias, variações de luz, sombras de luz e distorções não são consideradas desenvolvimentos de uma veia do céu que se estende através do celestial.

A determinação de que tais expressões do céu celestial não provêm dos gases do céu celestial e a conclusão de que muitas expressões estão distantes das áreas celestes luminosas foi responsável pelo mais complexo sistema de contradições na história de todas as ciências. Em consideração ao procedimento astronômico, não é de se admirar que tal conclusão deva resultar, pois a matéria existente nas chamadas "nebulosas" celestes tem densidade um milhão de vezes menor do que qualquer coisa na Terra. Por tal figura, as chamadas "nebulosas" são astronomicamente ordenadas como matéria, embora menos que matéria. A matéria de referência é o gás do céu celestial e tem o peso da matéria celeste terrestre, ou gás idêntico. Conseqüentemente, é o gás do céu, o que não é uma matéria, como comumente indica a palavra. Mas as conclusões astronômicas apresentam algo mais sensacional. Eles comparam o peso do gás celestial com o peso da massa terrestre. O absurdo da comparação deveria ser evidente para uma criança de dez anos.

Em exemplos anteriores, particularmente a acumulação de "nuvem" branca em uma área fotografada da luz do céu terrestre, é mostrado que a "nebulosa" astronômica

nada mais é do que gás em movimento dentro e fora das áreas do céu externo luminoso do celeste e do terrestre. Acreditar tais "nebulosas" de gás com o peso da massa, como a massa é considerada em um mundo de realidade, equivale a atribuir a propriedade da massa a uma emanação ectoplasmática no campo do espiritualista. Embora seja verdade que mesmo os impulsos elétricos têm um certo peso, dificilmente se consideraria comparar os impulsos elétricos relativamente sem peso registrados pelo funcionamento da massa cerebral com qualquer propriedade de massa conhecida.

No extremo oposto da gangorra de equilíbrio da matemática da astronomia, é revelado que algumas "estrelas" possuem densidade um milhão de vezes maior do que qualquer coisa encontrada na Terra. Supondo que os astro-matemáticos, que por sua própria escolha de palavras e números provam que suas estimativas lidam exclusivamente com a luz do céu e suas expressões, poderiam por algum desempenho necromântico atribuir tal peso além da massa conhecida à luminosidade detectada e analisada, que significado isso pode ter em um mundo de realidade? O que pode significar ter uma medida de terra ou um bosque de árvores um milhão de vezes a densidade conhecida e real de uma medida agrária de terra ou um bosque de árvores? A mente humana não pode estimar a densidade de massa estabelecida. O que faria com a densidade conhecida um milhão de vezes?

Portanto, um milhão de vezes a densidade da densidade conhecida não pode significar nada mais do que uma escolha de palavras significativas apenas no mundo irreal do astro-matemático. Qualquer tentativa de aplicar à densidade conhecida um milhão de vezes suas características conhecidas como densidade transcende a capacidade de concepção. Além disso, a multiplicação por um milhão anularia necessariamente a densidade como densidade conhecida e, assim, estabeleceria a densidade como algo mais além da densidade. No reino sequestrado da alucinação, pode fornecer um núcleo para alguma fantasia de confusão até então não expressa, ou expressa mas não registrada. Caso contrário, expressa apenas a multiplicação que deve ser registrada: um milhão de vezes um milhão de cifras é igual a um milhão de vezes um milhão de nada etc., ao infinito.

Para esclarecer este material quanto à propriedade de massa e conteúdo gasoso, pode-se observar que deve haver uma diferenciação marcante dos sujeitos. Eles não podem, neste caso, ser considerados intercambiáveis - embora, em análise final, eles possam ser considerados interrelacionados.

1. A astronomia e seu âmbito matemático ilimitado de operação podem lidar apenas com a observação e dedução da superfície do céu gasoso celestial luminoso. "Superfície" aqui significa a camada luminosa externa do céu detectada pelas lentes do telescópio, ou se não detectada, considerada matematicamente como existente.

2. Embora haja um "peso" limitado para o gás do céu sobre as áreas terrestres celestes, ele não tem significado de peso quando comparado com o peso da massa terrestre indetectável subjacente. E o fato de que a terra celestial não pode ser detectada pelos instrumentos e medições engenhosas da astronomia pode ser repetido em todas as páginas deste livro, pois nessa característica repousa a base para a compreensão do Universo realista.
3. No entanto, é encontrado em conclusões astro-matemáticas que o céu gasoso de algumas áreas celestes possui, densidade um milhão de vezes mais do que qualquer coisa encontrada na Terra. Se fosse concluído que os gases do céu celestial de algumas áreas pesam um milhão de vezes mais do que os gases do céu terrestre, poderíamos culpar a matemática e imediatamente relegar o assunto ao Inferno de Dante ou a algum local correspondente. Mas dolorosamente, conclui-se que os gases do céu são muito mais pesados do que qualquer coisa encontrada na Terra. E, a menos que as palavras também tenham se tornado sujeitas à magia astro-matemática, a conclusão astronômica significa o conteúdo da terra na Terra, não o conteúdo gasoso do céu sobre a Terra.
4. Além disso, os mesmos métodos astronômicos revelam que a chamada "nebulosa" celestial tem densidade um milhão de vezes menor do que qualquer coisa na Terra. Mais uma vez, verifica-se que não pode haver comparação. A massa terrestre e o gás do céu celestial não são de forma alguma os mesmos assuntos ou parecidos.

A matemática infinita livremente utilizada de Immanuel Kant detém tal poder absoluto sobre o astro-matemático que eles podem dotar temas como massa terrestre terrestre e densidade celeste gasosa com sinonimidade. De tal material matemático são feitas "estrelas". O material constituinte pode ser um milhão de vezes mais pesado ou mais leve.

Pode ser útil observar:

a) A luz detectada ou deduzida é do gás que representa uma "estrela" **b)** *As sombras em movimento* naquele gás possuem uma densidade um milhão de vezes menor *do que qualquer coisa encontrada na Terra*. **C)** Então, em outro lugar no labirinto dos arquivos astronômicos, é registrado sem hesitação que uma certa outra "nebulosa" possui densidade trinta e quinhentos milhões de vezes a massa do Sol. **D)** No último caso, foi notado que a "nebulosa" ectoplásmica sem substância não pesa tantas vezes a massa da luz da superfície do Sol, mas sim 35 milhões de vezes o conteúdo de massa desconhecido de todo o Sol.

Tal estimativa do Sol é postulada impunemente, apesar do fato de que ninguém tem conhecimento do significado de "Sol" a não ser que ele fornece luz, calor e energia. Portanto, como pode haver uma estimativa do peso da massa daquilo que é

desconhecido? Ainda assim, o astro-matemático fornecerá a estimativa de peso sem o conhecimento do que está sendo pesado. Esse é o poder, mas dificilmente a glória, da matemática infinita.

Torna-se cada vez mais evidente que nossos primeiros ancestrais, que adoravam esse Sol sem os benefícios questionáveis da moderna astronomia matemática, sabiam mais sobre o Sol do que o moderno astrônomo matemático. Para uma determinação de valores, deveria bastar aqui registrar que todas essas condições matematizadas de peso assumidas no nível celestial teriam aplicação a áreas terrestres sob investigação de qualquer parte do celeste. Embora seja definitivamente conhecido que tais condições celestiais matematizadas e presumidas não existem em áreas terrestres ou em áreas de céu luminoso, elas teriam que ser matematicamente concluídas como existindo, mesmo que não fosse por uma razão melhor do que a de sustentar a doutrina. "As figuras não mentem." Embora Deus abandone Seu reino e o Universo entre em colapso, o figurativo deve prevalecer; a figura nunca deve ser questionada. Pois se não houver Universo, a figura criará um. E se não houver Criador ou Força Criativa, a figura irá substituí-lo adequadamente. Assim diz o figurador.

A astronomia ocupa uma posição única e nada invejável. É diferente de qualquer ciência frutífera conhecida pelo homem. Sua premissa é eterna, embora seja a mais ilusória já estabelecida.

A filosofia, buscando encontrar por trás das coisas e dos acontecimentos suas leis e relações eternas, ousa abandonar uma premissa que se descobre que está em desacordo com os fatos. Só assim a filosofia pode continuar a buscar, determinar e interpretar valores no mundo da realidade. Embora os amplos horizontes da filosofia estendam as coisas e as condições do mundo físico ao reino metafísico, há sempre uma continuidade de padrão em que as coisas e as condições para um plano físico continuam a ser razoavelmente identificadas no plano metafísico. Mas apesar de seu amplo escopo, a filosofia não precisa recorrer à definição figurativa de seus valores transcendentes. Equações e símbolos obscurecedores não são necessários para uma descrição coerente de valores factuais interpretáveis por palavras. Onde houver um fato a ser transmitido, serão encontradas palavras para expressá-lo. Mas quando não há fatos, os símbolos matemáticos obscurecem de maneira formidável a condição.

A astronomia, alegando interpretar o Universo físico, não possui conhecimento nem do início nem do fim de seu domínio telescópico. Nem esse domínio se originou ou terminou em um mundo de realidade. Gases do céu mal interpretados como massa de terra dificilmente podem ser considerados expressivos da realidade. Nem pode a grosseira interpretação errônea do movimento das ondas de energia prescrever um movimento de "círculo" ou "elipse" auxiliar a compreensão do homem do Universo criado e realista e permitir uma sintonia mais próxima com o infinito.

"*Os céus proclamam a glória de Deus*." E eles proclamariam essa glória se um telescópio nunca tivesse sido inventado. Após séculos de astronomia telescópica, o homem contempla o mesmo esplendor luminoso exibido por seus primeiros ancestrais. Ele não vê mais e não conhece mais os "céus acima".

Embora os telescópios tenham encontrado mais pontos de luz para as lentes telescópicas, eles continuam a ser incompetentes para penetrar esses pontos de luz e permitir a determinação do valor realista atribuído às luzes e o que está sob as luzes. Além disso, os valores matemáticos abstratos impostos às luzes detectadas distorceram tanto os valores reais criados que eles se tornaram progressivamente mais obscuros a cada ano que avança de detecção telescópica e interpretação astronômica. Na verdade, os matemáticos abstratos matematizaram tanto o Universo real que ele se tornou um Universo figurativo onde apenas símbolos matemáticos podem habitar.

Portanto, pode-se saciar mentalmente e fisicamente o universo real por meio da compreensão da importância dos eventos atuais. Então, podemos nos beneficiar plenamente do esplendor criativo da luz do céu celestial, apesar das conclusões astro-matemáticas obscurecedoras e distorcidas resultantes da falácia básica que representa a Prima Causa da astronomia.

A compreensão oportuna dos valores cósmicos recentemente descobertos permite discernir porque um grande clérigo, o falecido William Cardinal O'Connell, arcebispo de Boston, denunciou publicamente as tendências ateístas da matemática abstrusa no verão de 1927. Naquela época, Sua Eminência confidenciou: "*A ciência anda em círculos*". Os eventos sem precedentes de nosso tempo, como aqui registrados, atestam eloquentemente que, se a frase "andar em círculos" algum dia merecesse aplicação, não poderia ter melhor aplicação do que aquela ciência abstrata da astrofísica que o cardeal tinha em mente.

A observação oportuna do cardeal foi posteriormente ampliada pelo falecido Garrett P. Serviss, que escreveu sobre o autor daquele postulado matemático 'benéfico': "*No que diz respeito ao intelecto da pessoa média, ele é responsável por ter soltado de suas cavernas um bando de morcegos cegos cujo círculo selvagem sob os holofotes da publicidade atrai vislumbres sombrios ao redor da charneca do bom-senso cotidiano.*"

Onde está o significado da ginástica matemática, fornecendo uma estimativa presuntiva do peso do nosso Sol um bilhão ou dez bilhões de anos no passado? O significado é menor, se pudesse haver menos significado, quando outros ditames matemáticos contradizem a estimativa e estabelecem que a magnitude e função realistas do Sol são desconhecidas. O que significa "a vida de uma estrela" e seu peso matematizado? E se cada palavra dessa pergunta tivesse aplicação a um mundo de realidade, o que isso contribuiria para a compreensão do homem e aquisição do universo que nos rodeia?

Qual o valor para as estimativas astronômicas de trinta bilhões, duzentos bilhões e quinhentos milhões de pontos de luz celestial, quando o significado de apenas um ponto de luz não é compreendido, pelo menos não pelo astrônomo? Nenhuma ciência física poderia ou aceitaria por três semanas, para não falar de três séculos, as ilusões da astronomia. As ciências físicas poderiam e iriam determinar a realidade da premissa antes de elaborá-la. Mas o que a astronomia poderia fazer? O poderoso transportador matemático do astrônomo não poderia levá-lo aos pontos celestes de luz do céu sob investigação.

Em geologia, biologia, física, química, anatomia, botânica, as descobertas estão substancialmente enraizadas no mundo da realidade. E embora às vezes os números sejam aplicados em esforços verdadeiramente científicos, eles têm base na realidade, e não na ilusão. Eles se destinam a ampliar, mas nunca a distorcer a realidade básica, e os resultados matemáticos, embora sempre sujeitos a um escrutínio direto e mais crítico pela visão do cérebro em vez da visão da lente, são imediatamente questionados e tão prontamente rejeitados, se estiverem em desacordo com o fato.

No amplo âmbito das ciências positivas e aplicadas, onde se desconhece a fórmula da duplicação do homem, o fato é livremente admitido. Figuras abstrusas não são apresentadas para assumir a fabricação de um ser humano real em laboratório ou para facilitar a ilusão de ter feito um super monstro Frankenstein para substituir o homem.

Que valor poderia atribuir à fabricação matemática de uma única gota de sangue que as ciências combinadas são incapazes de reproduzir em laboratórios de um mundo de realidade? Apesar da fórmula matemática, a Cruz Vermelha seria obrigada a continuar a prática mais realista de extrair sangue das veias onde a Força Criativa fez com que se instalasse e onde só a Natureza, agente ágil dessa Força, é capaz de reproduzi-lo. Os ditames mais precisos e positivos da matemática infinita de Immanuel Kant forneceriam realmente uma única gota de sangue? No que se refere a um mundo de realidade infinita, a matemática é tão nebulosa quanto o espaço infinito. Ao contrário de todos os esforços e conclusões científicas dentro de uma ordem de realidade estabelecida, o astrônomo matemático tem o privilégio de criar entidades matematizadas sem relação com o mundo e a ordem da realidade. Além disso, ele tem permissão para distorcer e obscurecer entidades que vivem em um mundo de realidade por meio do jogo de matemática complicada.

O aspecto mais importante desse mundo de realidade é o céu que envolve a terra e a água do mundo, a vegetação e a vida. E sua superfície externa luminosa mistifica os homens com performances únicas contra a cortina escura do palco do infinito. Apresenta o espetáculo mais intrigante do Teatro Eterno daquele desconhecido Produtor Incomparável de drama celestial e terrestre. Aquele magnífico Produtor do Universo dotou a mais remota área celeste dos idênticos valores físicos comuns a esta conhecida área terrestre onde vivemos.

E no curso criativo dessa produção transcendente, também se desenvolveu o cérebro do homem. O produtor o pretendia como um agente formidável para verificar e corrigir as ilusões desenvolvidas a partir da débil observação do homem sobre a produção criativa. Cada quilometro celestial dessa produção conhecida como Universo é tão realista quanto esta área da Terra. E é negado tal realismo criado apenas como resultado da observação falha do homem terrestre e da interpretação mais falha. Onde o produtor pretendia que o cérebro visse verdadeiramente, o homem isola o cérebro e delega suas funções às lentes. Não funciona.

Portanto, os caminhos da ilusão estão em toda parte. Como foi comprovado sua existência por meio de fotografias reais sobre as áreas do céu terrestre luminoso de White Sands, Nova York e outros lugares, eles se estendem por todas as áreas do céu luminoso de todo o Universo. Não há uma milha dessa área celestial descrita pelo chamado mapa "estelar" do astrônomo, ou mapa celeste factual, que não apresente o caminho idêntico de ilusões a ser encontrado em cada jornada sobre as áreas do céu externo luminoso produtor de ilusão de nossa Terra.

Desde que essa afirmação foi feita pela primeira vez no ano de 1927, as subidas da estratosfera e a longa série de voos de foguetes do escritório de pesquisa naval dos EUA obtiveram fotografias de áreas do céu terrestre globular luminosas e ilusoriamente isoladas, confirmando a afirmação sem qualquer dúvida.

"*Com olhos não vedes, mas crede no que não vedes.*"

Capítulo oito

Para o desconhecido.

"*Quanto maior o conhecimento, mais aguda é a dor.*"

Embora os sonhadores do mundo sejam suficientemente dotados de conhecimento de uma ordem transcendente, eles não têm conhecimento do preço que seus sonhos irão cobrar. Talvez seja bom que seja esse o caso, caso contrário, o mundo pode nunca aprender sobre os sonhos.

Como o sonhador de 1926-27 não podia prever a flagelação que seu sonho infligiria, tampouco poderia prever as forças estupendas a serem reunidas para a confirmação de seu sonho. Passaram-se quase vinte anos para um dia, em outubro de 1946, quando a mais poderosa força de confirmação começou a funcionar além de suas mais ardentes expectativas. Isso trouxe a realização de suas esperanças de vinte anos antes, quando ele visitou outro dos excêntricos pioneiros do mundo na pessoa do Dr. Robert

Goddard na Clark University em Worcester, Massachusetts. O Dr. Goddard estava então experimentando meticulosamente a construção de foguetes em seu laboratório semelhante a uma célula na universidade. Ele também teve negado fundos para a perfeição de seu sonho particular. E ele ouviu a zombaria costumeira reservada aos sonhadores de todas as idades.

Embora houvesse então percebido as possibilidades de confirmação da Continuidade Física por meio do foguete, havia pouca expectativa quanto à perfeição inicial do foguete e ao papel extraordinário que ele estava destinado a desempenhar na obtenção de dados de confirmação. Portanto, houve um entusiasmo desenfreado quando, em Outubro de 1946, o foguete V-2 da pesquisa Naval dos EUA foi sensacionalmente projetado na escuridão perpétua da estratosfera além do céu envolvendo a comunidade do deserto de White Sands, Novo México. Lá, a uma altitude de sessenta e cinco quilômetros, sua câmera se desenvolveu a partir da área do céu terrestre sendo fotografada uma réplica inegável do que havia sido descrito já em 1927.

Essa fotografia original sobre White Sands se conformava em quase todos os aspectos com o desenho revolucionário de 1930. A única diferença era que a deriva do foguete desenvolveu uma visão angular das áreas do disco apresentadas pelo desenho. Se a fotografia estivesse na perpendicular, teria sido revelada uma das áreas do disco luminoso do desenho. Aquele desenho original de 1930 de ilusões terrestres de luz do céu foi reproduzido como a figura 4. Ele merece observação e estudo do leitor, porque é a chave para realizar os valores factuais do Universo.

As fotografias da câmera de foguete da Marinha dos EUA provaram que qualquer lente de câmera em altitude estratosférica suficiente mostrará todas as áreas externas do céu da Terra fotografadas como uma entidade luminosa e aparentemente globular e isolada, ou "corpo". A fotografia contém uma visão angular do disco; uma fotografia na perpendicular mostraria um dos presumíveis "corpos isolados" observados telescopicamente do celeste. Provou a ilusão em séculos de observação astronômica do universo que nos cerca, pois a área da superfície do disco luminoso deve impor a ilusão de um "corpo" globular isolado.

À luz de tal desempenho sensacional de câmera-foguete dentro do corredor escuro da estratosfera do infinito, havia grande esperança para a influência da fotografia. Acreditava-se razoavelmente que a fotografia despertaria os letárgicos guardiões do universo matemático e permitiria a realização das ilusões da luz do céu de todos os tempos. No entanto, apesar de tal feito memorável, não houve nenhum despertar aparente dos árbitros autonomeados do padrão do Universo. Sua evidente falta de discernimento acentuou a máxima cristã: "*Ninguém é tão cego quanto os que não querem ver.*" Conseqüentemente, mesmo quando a verdade implacável da divulgação não ortodoxa anterior foi apresentada, o equívoco globular causou o desenvolvimento

de uma série de interpretações errôneas daquela fotografia e de outras que se seguiram. As interpretações erradas representam tentativas desesperadas de manter intacto o retrato mental falacioso de um globo terrestre matematicamente isolado. Embora as fotografias da estratosfera de áreas externas do céu terrestre contenham provas abundantes de que a globularidade e o isolamento são ilusórios, sua mensagem é profunda demais para compreensão e aceitação.

"Minha verdade é a verdade." Assim dizemos todos. É sagrado e deve ser preservado, embora contradiga os fatos. Portanto, para escapar da realidade que destronaria a verdade aceita, concluiu-se que a fotografia da área do céu terrestre a sessenta e cinco quilômetros era uma área do celestial distante. Essa conclusão, embora carente de fundamento, partiu da suposição de que a câmera do foguete havia se inclinado enquanto o foguete, atingindo seu limite de voo na estratosfera, girava e começava sua descida, e a primeira fotografia foi considerada um segmento de um "corpo esférico" celestial a milhões de quilômetros de distância. O fato é que a câmera não precisava ter se inclinado/curvado, como assumido. O simples giro do foguete em seu deslizamento, ou deriva, descida teria feito com que a câmera registrasse em um ângulo a área do céu terrestre globular da qual o foguete estava se aproximando. Fotografias subsequentes sobre a mesma área do céu terrestre confirmaram esta última conclusão.

Percebe-se prontamente que no giro do foguete a lente da câmera não conseguiu reproduzir toda a área do céu terrestre, pois teria sido fotografada na perpendicular. Portanto, no segundo giro do foguete, apenas um arco da área completa do céu do disco poderia ser detectado pelas lentes. Isso resultou na exibição de uma área incompleta do disco. A função da lente da câmera não foi alterada. Ele estava desenvolvendo um disco por meio da detecção em um ângulo. Depois disso, ela foi compelida a produzir apenas ângulos de um disco porque o foguete continuou a flutuar. Não havia chance de uma fotografia perpendicular da área do céu. Se houvesse, as fotos após o giro do foguete teriam mostrado uma área completa do disco comparável às da Figura 4. Naturalmente, quando qualquer uma dessas áreas do disco é detectada, ela deve parecer enganosamente isolada. Deve parecer haver espaço entre as áreas do céu do disco. Isso é o que fornece a base para o equívoco de isolamento. A lente que era capaz de convergir à área do céu terrestre luminoso a uma distância de cinquenta e cinco quilômetros foi, portanto, considerada como tendo fotografado uma área celestial presumida a milhões de quilômetros de distância. Muito interessante.

Para evitar qualquer possibilidade de confusão, vamos afirmar que o número cinquenta e cinco quilômetros é exato. Embora a altitude do foguete fosse de sessenta e cinco quilômetros, ele estava a apenas cinquenta e cinco quilômetros da superfície externa do céu sendo fotografada. A distância da superfície da Terra ao céu é de sete a

dez quilômetros; a figura de dez quilômetros é utilizada aqui por conveniência, e a diferença entre sete e dez quilômetros tem pouco ou nenhum significado para a ilustração.

*Não se deve confundir tal visão de um disco completo com a fotografia anterior do Professor Piccard, que continha um disco invertido incompleto.

A lente que detectou o que foi falsamente alegado ser uma área celestial produziu um contorno idêntico em fotografias indiscutíveis subsequentes da mesma área do céu terrestre a uma distância de noventa quilômetros. (A altitude do foguete era de cem quilômetros.)

Deve-se observar que se a câmera estivesse na cauda do foguete, em vez de no nariz, haveria numerosas fotografias de disco inteiro tiradas da superfície do céu exterior até o limite de voo da estratosfera de noventa quilômetros. Elas teriam sido produzidas antes da fotografia do ângulo exibida, tirada no momento do giro do foguete na estratosfera. Após a curva, todas as fotografias do céu terrestre devem ser tiradas por uma câmera no nariz do foguete enquanto o foguete desce em um longo deslize ou deriva. Elas mostrariam os ângulos do disco dependendo do ângulo de deriva do foguete durante a descida. As fotografias angulares continuariam a ser tiradas até que o foguete penetrasse novamente no céu externo da Terra em seu retorno à superfície da Terra. Esse era de fato o procedimento na expedição fotográfica original. Portanto, as fotos que mostraram apenas um ângulo do terreno são como deveriam ser.

Além disso, embora tal fotografia angular não precisasse ser da área do céu terrestre imediato onde o voo se originou, ela teria que ser uma fotografia de outra área do céu terrestre além do ponto de origem do voo em White Sands. Ninguém jamais viu uma fotografia telescópica de qualquer área celestial apresentada apenas como uma visão angular de um disco ou como um segmento de um dos muitos milhões dos chamados "corpos globulares". A razão é que os telescópios do astrônomo estão firmemente ancorados, parados, firmados. Eles não estão vagando pelo espaço como a lente da câmera do foguete fex quando detectou áreas luminosas do céu terrestre. Conseqüentemente, a fotografia telescópica mostra cada área um disco completo. O antigo Galileu Galilei não gostaria apenas dos ângulos de um globo. Ele "viu" "corpos globulares" completamente arredondados, e devem ser "corpos globulares" completamente arredondados. E eles são, mas no ilusório.

As contradições manifestas decorrentes de relatos divulgados e cópias das fotografias do céu terrestre não foram, evidentemente, consideradas suficientemente enganosas. Foi apresentado para uma jornada mental popular na tortuosa terra da suposição o que se segue. Uma área escura de aparência aquosa no canto esquerdo inferior de uma das fotografias da área do céu terrestre foi proclamada como sendo o Golfo do México. Não houve, no entanto, nenhuma menção de um meio de penetração de luz

sendo usado. Sem dúvida, muitos gostaram de ler o interessante romance intitulado *Island in the Sky* (Ilha no céu). Esse título é adequado para um livro no mundo da realidade, mas a designação "Golfo do México no céu" é outra coisa, não do mundo da realidade, pois não é um título de livro. O primeiro lida com o mundo da realidade. Livros e títulos são desse mundo, ao passo que o último trata, e apenas na medida em que se possa lidar com coisas e condições em um mundo que não existe.

Para explicar melhor, é mostrado que as fotografias tiradas a uma altitude de cem quilômetros da superfície da Terra, ou a cerca de noventa quilômetros da área do céu terrestre sendo detectada pelas lentes da câmera, tinham que apresentar uma de duas coisas. Ambas as condições não poderiam ter existido simultaneamente na mesma área do céu terrestre. Ou (1) a fotografia com a área de aparência aquosa é uma verdadeira fotografia de uma área da superfície da Terra, realizada por meio de infravermelho e filme extra-sensível que permitiu à lente da câmera penetrar na luminosidade do céu e reproduzir a superfície terrestre sob aquela área do céu, caso em que os detalhes da superfície não seriam reproduzidos com clareza; ou (2) a fotografia não foi tirada com luz infravermelha, caso em que a lente não penetrou no céu externo luminoso e a fotografia não retrata água, como afirmado.

Portanto, a área que aparece como água representa nada mais do que variações de luz e sombras de e dentro das áreas fotográficas terrestres fotografadas. É apenas mais uma ilusão de sombra de luz como as desenvolvidas ao fotografar a luz celestial. A atividade natural dessa luz criou e continua a criar muitas das entidades grotescas do mundo astronômico.

Para afirmar a suspeita de ausência de infravermelho, não havia a costumeira menção de sua aplicação. Se não foi utilizada, a descrição da fotografia deve ser errônea e expressar apenas o que era esperado e não o que a fotografia contém. É notório que todos nós vemos apenas o que queremos ver e acreditamos apenas no que queremos acreditar. É verdade que "observações preparadas são tão duvidosas quanto espiões", a questão do "Golfo do México no céu" parece ser um caso em questão. A evidência mais substancial indicando que a área da fotografia com aparência de água nada mais é do que um sombreado claro dentro de uma área de céu terrestre luminoso reside no fato de que a área parecia água. A lente da câmera do foguete não poderia ter penetrado na densidade da luz do céu sem a ajuda de uma emulsão especial fotográfica e, se essa emulsão fosse usada, ela teria branqueado a água escura sob o céu luminoso. Isso teria feito com que a área escura da fotografia com aparência de água ficasse branca e, portanto, diferente de uma massa de água na aparência.

Além disso, o Golfo do México não poderia ter refletido suas características físicas conhecidas sob a fotografia através da luz e à distância registrada. Rios fotografados em fotografias aéreas em altitudes não superiores a cinco quilômetros perdem suas características físicas de rios e se tornam meras linhas, ou faixas, na superfície da terra.

Tal condição se desenvolve na fotografia que não é através da luz do céu. Portanto, quando a distância da fotografia é multiplicada quinze vezes e a lente é obrigada a penetrar a luz do céu com o auxílio do infravermelho, dificilmente se poderia esperar um retrato mais claro das condições físicas reais ou dos objetos sendo fotografados.

Finalmente, por que favor da necromancia uma lente de câmera a noventa quilômetros da superfície externa do céu fotografado poderia fazer com que fosse reproduzido na fotografia o nível do céu de noventa quilômetros e o nível da superfície terrestre de 100 quilômetros? Particularmente quando um nível era luminoso e envolvia fotografia contra o fundo escuro da estratosfera, enquanto o outro nível exigia luz para um fundo fotográfico? E como poderia a fotografia revelada de ambos os níveis mostrar que toda a área da fotografia era luminosa, exceto pela pequena área escura da chamada água do Golfo do México?

Seria necessário concluir que não há céu sobre o Golfo do México. Havia céu sobre a área de terra, porque nenhuma parte da terra foi mostrada. Se a lente tivesse penetrado na luz do céu, ela teria detectado tanto terra quanto água, mas a chamada área de água era apenas uma pequena parte da fotografia completa. Essa magia moderna permitiria fotografar o tapete da sala de estar e fazer com que uma área da fotografia revelada mostrasse um tubo de água em um canto do porão, enquanto o restante da fotografia mostraria objetos na sala de estar sobre o porão. Essa magia fotográfica seria superior ao raio X, que ao fotografar um nível parece não perceber o outro. Nesta comparação, o interior e o exterior tornam-se iguais aos níveis de fotografia.

Os experimentos mais simples estabelecem que é impossível ver o que está no lado oposto de qualquer área ou objeto luminoso. Tente olhar através da chama de uma fogueira em qualquer lugar. Tente penetrar na luminosidade de qualquer tipo de queimador. Veremos que a luminosidade de um filamento de luz elétrica, ou mesmo as chamas fracas de um jato de gás em chamas ou de um fósforo comum, desafiarão a penetração da lente. Nunca se deve perder de vista o fato de que não existe nenhum instrumento de observação que não tenha o padrão das lentes humanas. A lente humana é ótima e magnífica, mas está sujeita a muitos erros. Portanto, deve-se ter em mente que todas as lentes apresentam o mesmo erro elementar das lentes ópticas. É um grande mal-entendido afirmar que, embora a lente humana esteja sujeita a erros, a lente fotográfica supera o erro inerente. Não faz tal coisa. Se assim fosse, não haveria curvas reveladas pela lente fotográfica.

O avanço da telescopia por meio do registro fotográfico de áreas luminosas do céu celeste detectadas telescopicamente, não avança as descobertas telescópicas além do ponto alcançado quando Galileu construiu seu telescópio. Pelo menos na medida em que a descoberta lida com a realidade das coisas e condições celestiais, não houve nenhum avanço. A mente do astrônomo deve ser influenciada pelo erro inerente das

lentes de fotografia, assim como pelo erro das lentes do telescópio. E o aumento do poder da lente de forma alguma elimina o erro, na verdade, a ampliação amplia o campo de aplicação do erro original. As entidades irreais e ilusórias de tais agentes duplos de detecção são multiplicadas. E embora as entidades sejam irreais, elas recebem mais prontamente o status de realidade como resultado da confiança equivocada na capacidade de dois agentes de detecção em vez de um.

À medida que se avança ao longo da pista astro-matemática do encantamento, descobre-se que uma fotografia subsequente de uma câmera-foguete, a uma altitude de cento e cinquenta quilômetros, contém formações semelhantes a nuvens brancas. Elas apareceram no mesmo plano que o restante da área do céu luminoso fotografado. Estranho de se relacionar, como a área escura das formações semelhantes a nuvens brancas descritas anteriormente. Elas apareceram no mesmo plano que o restante da área do céu luminoso fotografado. É estranho relatar, como a área escura da fotografia de 100 quilômetros de altitude anteriormente descrita foi mal interpretada como água no nível da terra a dez quilômetros abaixo da área do céu fotografado, as formações de luz branca da nova fotografia foram deduzidas como nuvens na estratosfera acima da área do céu fotografado. É claro que as formações de luz do céu brancas não representam nada como "nuvens na estratosfera". Todas as fotografias claras são brancas. E o branco que se destacava na fotografia era a intensificação da luz natural do céu. A luz branca era mais pronunciada contra as sombras de luz escura de uma parte da fotografia, portanto, embora o branco fosse mais representativo da luz do céu, foi considerado separado da área de luz do céu. Era simplesmente um aspecto do luminoso céu terrestre.

A falta de referência razoável às nuvens de gás formadas dentro dessa área específica do céu gasoso lembra o anúncio apropriado de um cientista famoso: "*O mundo do matemático é povoado por todos os tipos de entidades que nunca existiram ou poderiam existir na terra ou no mar ou no universo ao nosso redor*." E nós aqui tomamos a liberdade de adicionar apropriadamente…. Nem nas áreas luminosas do céu nem em qualquer lugar.

Pode ser apropriado registrar que as nuvens de referência comum estão restritas à formação dentro da região da Terra de densidade atmosférica. Essa região se estende desde o nível do mar até cerca de seis quilômetros acima da superfície da Terra. As nuvens são produzidas como resultado das condições atmosféricas prevalecentes em toda a área atmosférica. Essa mesma região atmosférica se estende por todo o Universo, ao contrário das conclusões da astrofísica. Não precisa ser uma revelação estipular que as nuvens, como comumente referidas no mundo da realidade, supostamente contêm umidade ou o potencial químico para a umidade. A umidade dessas nuvens atmosféricas pode se transformar em chuva, granizo ou neve. Seria extremamente fascinante testemunhar a produção de chuva e neve a partir dos

elementos gasosos de qualquer área iluminada pelo céu, onde, devido aos elementos gasosos do céu em particular, as nuvens nunca poderiam se formar.

As áreas celestes e terrestres do céu contêm nuvens de gás. Mas seria uma revelação de que elas tiveram a devida consideração nas conclusões astronômicas sobre as áreas celestes da luz do céu. Essa consideração dissiparia uma grande quantidade de mistério cósmico e permitiria até mesmo aos astrônomos uma visão do Universo realista. Seria igualmente sensacional testemunhar a chuva e a neve da estratosfera. Se alguém sustentar a ideia de que a formação de nuvens atmosféricas poderia se desenvolver na região da estratosfera de densidade atmosférica desprezível, o pensamento pode ser dissipado com o conhecimento do fator que nega a formação de nuvens estratosféricas. Esse fator é a atividade de raios cósmicos prevalecente na estratosfera em todos os momentos. Seu movimento vigoroso é incessante. Conseqüentemente, a insuficiência da densidade atmosférica e o movimento constante de poderosos raios cósmicos proíbem a formação de nuvens. Os raios romperiam implacavelmente os elementos da nuvem do embrião que tentavam se acumular na estratosfera. Um explorador da estratosfera descreveu a atividade de raios cósmicos da seguinte forma: "*Eles bombardearam a gôndola da estratosfera de todas as direções.*" E se a atividade deles pudesse bombardear uma gôndola de metal, quão mais eficaz seria sua atividade contra a formação de nuvens?

Portanto, o problema levantado pelo anúncio de nuvens na estratosfera sobre o Novo México é comparável ao problema negativo das primeiras horas escolares, quando o problema apresentado negava o problema: "O que acontece quando um objeto imóvel encontra uma força irresistível?" Sem a necessidade de aplicação matemática abstrusa, é preciso discernir que um objeto imóvel não poderia ser conhecido na presença de uma força irresistível, e vice-versa. Um deve negar a existência do outro ao mesmo tempo e lugar. Se o objeto for imóvel, ele não pode experimentar nenhuma força irresistível, se a força for irresistível, não pode existir um objeto imóvel para aquela força. Conseqüentemente, para as nuvens, como é comumente conhecido, existirem na estratosfera, elas teriam que ser mais formidáveis como uma força do que a Força Cósmica perpétua por trás da atividade dos raios cósmicos. Essa força por trás é outro problema aparente agravado pela dedução.

Exploradores da estratosfera experimentaram a ação de raios cósmicos, mas não há registro de terem experimentado nuvens. Um aspecto importante da teoria copernicana era que a estratosfera, então desconhecida e inexplorada, é um vácuo, ou uma aproximação dele, onde até mesmo os raios cósmicos devem ser excluídos para o aperfeiçoamento da teoria. No entanto, os dispositivos mecânicos da subida moderna da estratosfera e voos de foguetes determinaram a presença e registraram a atividade de elementos da estratosfera até então desconhecidos. Assim, foi estabelecido que a

teoria do éter inicial, ou vazio conceitual, tem apenas valor presumido para sustentar outras suposições da teoria.

A função da lei natural, quando o Universo foi criado, excluía qualquer possibilidade de vácuo em todo o Universo construído. E a Natureza, por causa de sua produtividade perene, abomina o vácuo. Ela não tem nada com que trabalhar no aspirador. A abordagem mais próxima do vácuo foi alcançada pelo homem em seus laboratórios terrestres, ao invés da Natureza agindo como um agente incansável da Força Criativa em todo o Universo. Portanto, em consideração aos valores estabelecidos em um mundo de realidade, a conclusão deve ser que as fotografias da estratosfera de áreas do céu terrestre reproduzem exclusivamente as condições de claridade do céu. O sombreado escuro faz parte da área luminosa do céu tanto quanto o branco. Tais condições correspondem às observadas em áreas celestes luminosas.

E eles estabelecem que todas as confirmações necessárias das divulgações de 1927 foram obtidas. Visto que as fotografias provaram que as áreas do céu terrestre apresentam a mesma aparência luminosa e enganosamente globular e isolada de todas as outras áreas do Universo, é mostrado que cada área celeste luminosa contém os mesmos elementos químicos responsáveis pela luminosidade do céu terrestre. Portanto, o céu é universal. Uma vez que está, portanto, estabelecido que o céu terrestre contínuo enganosamente parecerá ser composto de áreas globulares isoladas, a lógica dita que cada área aparentemente globular e isolada do celeste é de fato tão contínua e conectada quanto o céu terrestre luminoso. O fato das áreas do céu luminoso externo da Terra parecerem enganosamente globulares e isoladas torna manifesto que a globularidade e o isolamento das áreas celestes também são puramente ilusórias.

Uma vez que existe ampla iluminação do céu para obscurecer a terra a uma altitude de dez quilômetros, não há possibilidade de lentes de câmeras de foguete penetrarem na maior luminosidade das áreas do céu em altitudes de sessenta e cinco quilômetros a cento e cinquenta quilômetros. Fotografias nessas altitudes maiores têm um fundo estratosférico mais escuro do que na altitude de dezesseis quilômetros. Portanto, a luminosidade do céu é mais pronunciada e representa uma barreira mais formidável para a penetração da lente. Voltando ao período de 1931-1935, o explorador pioneiro da estratosfera Auguste Piccard foi incapaz de fotografar qualquer parte da superfície da Terra na altitude de dez quilômetros. Essa altitude permitia a penetração apenas na superfície externa do céu. No entanto, embora Piccard não tenha emergido na estratosfera propriamente dita, sua descrição divulgada do que viu foi: "*A Terra apareceu como um disco iluminado voltado para cima*".

A conclusão é sustentada pela observação de Piccard após a subida de 1931: "A Terra estava assumindo uma coloração cor de cobre." Esse tom representava a iluminação primária, era suficiente para obscurecer a terra a apenas dez quilômetros de distância.

Nas altitudes de fotografia da câmera do foguete, a área do céu há muito se desenvolveu de um estágio primário de cor de cobre para uma área aparentemente globular extremamente luminosa. À medida que a luminosidade total da área do céu estava sendo desenvolvida por causa do aumento da altitude, a lente da câmera estava desenhando o disco parcial da área do céu em um disco completo e aparentemente isolado, de modo que o disco parcial detectado a dez quilômetros era um disco completo, ou "globo", nas maiores altitudes.

Nenhuma quantidade de aumento de potência da lente na câmera foguete poderia ter alterado o desenvolvimento relacionado. Na verdade, qualquer aumento notável da potência da lente ao fotografar essas áreas luminosas do céu terrestre e celestial contribuirá para uma maior distorção da área luminosa e de forma alguma contribuirá para a penetração da luminosidade. O aumento da potência da lente imporá uma ampliação opressiva da luz e fará com que a luz, que normalmente fotografa em branco, apresente uma aparência marcada de poços e fissuras de luz. Então, a área iluminada pelo céu pode parecer coberta por "desfiladeiros" correspondentes aos chamados "desfiladeiros" mostrados nas fotografias da lua.

À medida que a lente ótica projeta a miragem do deserto para brincar com a imaginação, a lente da câmera que desenvolveu variações de luz e sombras de luz em uma área do céu luminoso sobre White Sands produz ilusões correspondentes que fomentam delírios populares do universo sobre nós. Essa lente é capaz de projetar um lago ou um desfiladeiro no céu externo luminoso sobre a área terrestre sem lagos e desfiladeiros de Times Square da cidade de Nova York, ou em qualquer outra área do céu do Universo. O formidável fator de distorção da luz causará a formação de cânions fantásticos no céu externo luminoso sobre o deserto do Saara e os campos de trigo igualmente planos do Kansas. Ela os teceu no luminoso céu celestial que envolve aquela parte do Universo designada como Marte. Os "cânions/desfiladeiros" de Marte não têm mais realidade do que aquela que se ligaria aos cânions do Deserto do Saara e dos campos de trigo planos do Kansas. Somente quando tais "cânions" possam existir nas planícies e desertos planos e ininterruptos da realidade terrestre, eles existem para detecção telescópica em qualquer lugar do céu. Eles estão restritos à luz do céu; e são um desenvolvimento natural da ampliação do movimento dos gases celestes.

*Os "cânions/desfiladeiros na Lua" e "desfiladeiros em Marte", muito frequentemente divulgados, são produzidos pela mesma agência do ilusório, a ampliação e distorção da luz do céu. Fotografias recentemente exibidas de áreas celestes luminosas detectadas pelas lentes do telescópio de duzentos polegadas proporcionam uma expressão eloquente das distorções resultantes da ampliação das áreas luminosas do céu. O poder ostensivo dessa lente, muitas vezes referida como "o elefante branco do Monte Palomar", criaria as mesmas distorções em áreas do céu terrestre se estivesse localizado em qualquer área de terra celestial.

Como explicado anteriormente (e como a proclamação do amor de um apaixonado, não pode ser repetido com muita freqüência), cada área do universo ao nosso redor possui o céu idêntico que cobre a Terra. É de vários tons de azul quando observado da superfície terrestre e celestial, e é luminoso quando observado contra a escuridão da estratosfera. Não deve ser um esforço muito árduo discernir que cada "estrela", "planeta" e "nebulosa" definida astronomicamente é representativa da luz do céu celestial. Existem muitos milhões de áreas celestiais luminosas que enganosamente parecem estar isoladas como "estrelas". A função natural do gás celeste torna cada área um projetor potencial de entidades grotescas que nunca existiram e nunca poderão existir na realidade do Universo.

Embora exista em todas as partes do terreno celestial contínuo as características físicas do território terrestre - as planícies, as montanhas, os oceanos, os rios e os lagos - nenhuma lente, independentemente de seu poder, jamais detectou tais características físicas através do céu luminoso. A intensidade da luminosidade do céu não tem qualquer influência sobre o poder da lente para penetrá-lo: a luz mais brilhante e a luz mais vaga fornecem barreiras iguais para a penetração da lente. Nossa capacidade moderna de penetrar no grande desconhecido fornece um conhecimento edificante de que o Esquema Criativo não se ajusta à interpretação astronômica. As entidades grotescas de definição astronômica são mostradas como produtos da fabricação de lentes. Seu valor é mítico na estrutura realista do Universo.

Capítulo nove

2,000 quilômetros de terra através do pólo norte.

Terra de escuridão eterna, assustadora e desconhecida, há muito oculta pela teoria e suposições, seu mistério agora se dissipou.

"*Eu gostaria de ver aquela terra além do Pólo. Essa área além do Pólo é o centro do grande desconhecido.*" – Contra-almirante Richard E. Byrd, fevereiro de 1947

A força exploratória polar da Marinha dos Estados Unidos estava se preparando para embarcar em uma das aventuras mais memoráveis da história mundial. Sob o comando do contra-almirante Richard Evelyn Byrd, EUA, deveria penetrar na terra que se estendia além do suposto Pólo Norte. E foi sensacionalmente culminar em mais de quatrocentos anos de vagas conjecturas sobre a extensão norte da Terra.

À medida que se aproximava a hora da viagem aérea para a terra além, o almirante Byrd transmitiu da base ártica um anúncio de rádio de seu propósito, mas o anúncio foi tão surpreendente que sua importância foi perdida para milhões de pessoas que o

liam avidamente nas manchetes de todo o mundo. Esse anúncio de fevereiro de 1947, transmitiu em termos inequívocos a realização imediata da esperança acalentada do homem de penetrar na área terrestre do universo ao nosso redor. Prometia apaziguamento da fome do homem pelo conhecimento de uma rota para as luminosas mansões celestes. E prometia esse conhecimento de uma vez, não cem ou mil anos no futuro.

Como toda grande verdade, a simples verdade daquele anúncio de 1947 não era para ser discernida. A falta de ambigüidade do anúncio ao descrever a rota celestial tornava-a, como a mensagem descritiva de vinte anos antes, uma verdade mais estranha que a ficção. E em um mundo de ficção da teoria, quem pode esperar creditar aquela verdade que é compelida a fazer sua estréia em roupas mais estranhas do que aquelas que vestiam a ficção aceitável da teoria?

As palavras da mensagem foram importantes: "*Aquela área além do Pólo é o centro do grande desconhecido.*" Como o almirante poderia ter feito referência a qualquer área matematicamente estabelecida e então atualmente conhecida da suposta Terra "globo", conforme prescrito pela teoria de 1543? Deve-se admitir que a terra além à qual o almirante Byrd se referia tinha que ser uma terra além e fora dos limites da extensão teórica da Terra. Se tivesse sido considerada parte da Terra matematizada, não teria sido referido como "*o centro do grande desconhecido*". Se fosse parte do globo terrestre conhecido, seria conhecido, não desconhecido.

Para confirmar a importância do anúncio do Almirante Byrd, basta examinar o globo, que simboliza o conceito de Terra imposto em 1543. Tente encontrar qualquer área de terra, água ou gelo que invada o Pólo Norte e que não seja conhecida. Será visto que as áreas terrestres que se estendem em direção ao Pólo do Leste, do Oeste e do Sul são agora muito conhecidas e foram definitivamente estabelecidas como áreas terrestres por muitos anos. Spitzbergen ou a Sibéria são desconhecidos? E essas áreas de terra se estendem ao norte, além do Pólo Norte? Certamente não.

Será observado, no entanto, que não há nenhuma área de terra designada como se estendendo do norte a partir do ponto do Pólo Norte, ou se estendendo até o ponto do Pólo Norte a partir do Norte. Como mostrar um terreno, a despeito de sua realidade já comprovada, nos termos de uma teoria que proíbe a existência do terreno? Conseqüentemente, a terra mencionada pelo almirante Byrd deve ficar ao norte do Pólo Norte. Portanto, está dentro do espaço absoluto conceitual que se supõe existir além de determinados pontos ao norte e ao sul para sustentar a teoria Terra-globo de 1543.

Se os modernistas avançados temem abandonar a ficção do globo terrestre, a visualização da localização da terra pode ser obtida através do simples processo de adicionar outro globo terrestre na extremidade norte, ou ponto exato do Pólo Norte,

da Terra-globo atualmente concebida. Dê a esse globo adicionado o mesmo diâmetro ou comprimento da Terra, ou dê a ela duas ou cem vezes o comprimento terrestre. Se for fornecido o comprimento maior, isso poupará a tediosa operação de adicionar mais "globos" a oito mil quilômetros de extensão. O globo adicionado, é claro, se estenderá para o espaço. Onde mais ele poderia se estender? Todo o Universo criado se estende no espaço onde o Universo foi ordenado. Como é necessário ter um espaço relativo de terreno para construir uma casa, era necessário ter um espaço absoluto para construir o Universo.

Essa é a localização do terreno. Não está no chamado "outro lado" da Terra. Conhecemos os dois lados. Está além do ponto ao norte onde a Terra supostamente terminaria. É infinito em sua extensão em direção às áreas de terra celestial sob os pontos luminosos observados "para cima", ou fora, da área conhecida da Terra em teoria.

Revendo a magnífica realização naval de fevereiro de 1947, percebe-se que o Almirante Byrd não se contentou apenas em anunciar seu desejo de "ver aquela terra além do Pólo", mas ele de fato foi além, onde adquiriu conhecimento observacional dos aspectos físicos daquela terra que ele havia referido como "o centro do grande desconhecido". Ao contrário do voo de fantasia realizado pelo cardeal de Boston e o primeiro peregrino de 1927, o almirante e sua tripulação de avião realizaram um voo físico de sete horas de duração na direção norte, além do Pólo Norte. Cada quilometro e cada minuto daquela jornada além foi sobre gelo, água ou terra que nenhum explorador tinha visto. (É sabido que Raoul Amundsen, Umberto Nobile e outros exploradores anteriores podem ter testemunhado as condições no ponto exato do Pólo Norte, mas eles definitivamente não viram e viajaram sobre a terra, e montanhas e lagos de água doce se estendendo além do Pólo e além da Terra da teoria.)

O avião do almirante seguiu um curso na horizontal do ponto do Pólo Norte até um ponto 1.700 quilômetros além da Terra. Em seguida, o curso foi refeito até a base do Ártico. Em nenhum momento ele "disparou" ou saiu do nível da Terra. À medida que o progresso foi feito além do ponto do pólo, foi observado diretamente sob o curso de dentro do avião terras e lagos sem gelo e montanhas onde a folhagem era abundante. Além disso, um breve relato de jornal sobre o voo dizia que um membro da tripulação do almirante havia observado um animal monstruoso de cor esverdeada movendo-se pela vegetação rasteira daquela terra além do Pólo.

Em vista do equívoco popular de que é necessário "atravessar o espaço" para progredir além da Terra, parece adequado enfatizar que havia terra ou água diretamente sob o avião do almirante em seu voo para além da Terra. O solo e a água eram da mesma consistência que o solo e a água que compõem esta área terrestre. Não havia nada de misterioso no terreno. A densidade atmosférica forneceu o conteúdo de oxigênio comum às áreas da Zona Temperada da Terra conhecida.

Acima do avião estendia-se o céu contínuo; abaixo dela repousava a terra. O que mais se poderia pedir daquilo que por muitos séculos foi conjecturado como um "espaço vazio"?

A magnitude daquele voo memorável além da Terra, mas sempre sobre terra e água realistas, nunca foi submetida ao consumo popular. Os representantes da imprensa tiveram seu conhecimento negado, exceto durante o breve período de voo ativo, quando despachos de rádio os mantiveram informados. E na medida em que o conhecimento pessoal se estende, o almirante, ao contrário do precedente, não fez um relato de livro de sua fuga e descoberta mais importantes. Sua fuga teve um significado maior do que as viagens combinadas de homens que a história registra do homem e de suas conquistas mais brilhantes. É preciso perguntar por que tal jornada histórica **além da Terra** nunca foi adequadamente relatada? Quem, incluindo o famoso almirante, foi capaz de descrever a importância e o relato do voo? A ciência, como uma organização, já foi conhecida por tentar descrever o que não compreende? Os funcionários do governo poderiam ter tornado plausível a existência real e o significado da extensão de terra desconhecida além do ponto do Pólo Norte? O significado mesmo agora seria expresso, exceto por este relato?

Um incidente transmite algo da importância do voo. Imediatamente após o relato do voo ter sido ouvido em Washington, o escritório da Inteligência Naval dos Estados Unidos conduziu uma ampla investigação sobre o autor de uma obra que havia descrito tal terra desconhecida e a razão de sua existência vinte anos antes de ser descoberta. Desnecessário dizer que o autor não precisava de tanta atenção investigativa para atestar a autenticidade de suas revelações de 1927. Ele não precisava ter vivido para saber do voo memorável e da confirmação da descoberta de terras; ele ainda teria partido desta vida com o conhecimento de que a terra de sua revelação prematura de fato existia.

Essa descoberta de terras além do ponto do Pólo Norte em 1947 e o interesse expresso por uma agência governamental responsável deveriam trazer à tona o absurdo das supostas realizações de "espaçonaves". Não teria havido interesse na terra além, a menos que houvesse algum discernimento das possibilidades dessa terra para viajar para os pontos aparentes "para cima" do universo ao nosso redor. A descoberta moderna de uma extensão inestimável de terra além dos pontos teóricos do Pólo Norte e Pólo Sul atestam a completa falta de necessidade de "espaçonaves" para viagens modernas às áreas celestes do Universo.

A ideia de "naves espaciais" e sua esperada realização é baseada inteiramente em uma teoria arcaica que agora se provou falaciosa ao extremo como resultado dos valores factuais recém-descobertos descritos aqui. Um fator marcante para a derrota das conquistas das "naves espaciais" é a palavra da teoria "gravitação". "Gravitação" é uma palavra que tem valor apenas para as conjecturas da teoria; não tem nenhuma

relação com a realidade cósmica. A força cósmica é magnetismo, não gravitação. No entanto, uma palavra de teoria que se opõe à realidade cósmica foi considerada uma característica cósmica para sustentar uma "nave espacial" muito factual. Mas como a gravitação tem valor apenas dentro da estrutura da mecânica celeste conjecturada, como pode ser utilizada como um meio de realização em um mundo de realidade?

Relatos publicados sobre a esperada conquista de uma "nave espacial" afirmam, de maneira fantástica, que a locomoção da "nave espacial" pode ser derivada de elementos de poder inexistentes na estratosfera. Os elementos são alegados para sustentar a conjectura de desempenho de "nave espacial". Podemos até admitir a existência de elementos de energia necessários. No entanto, torna-se incompatível com a razão dar crédito à suposição astronômica de distâncias fantásticas e outras características astronômicas ilusórias e, ao mesmo tempo, esperar viajar para qualquer área celestial "disparando para cima", ou para fora, da superfície da Terra.

Não há qualquer dúvida a respeito da habilidade dos engenheiros mecânicos de construir uma "espaçonave" que poderia ser elementar. Mas o que então? Quer as viagens de "espaçonaves" sejam abrangidas pela realidade ou nada mais do que pura ficção, os desenvolvimentos de nosso tempo negam a necessidade de tentar tais viagens a áreas do universo ao nosso redor. A terra que se estende infinitamente além da suposta extremidade norte da Terra pode ser considerada uma terra celestial contínua com a área do Universo chamada Terra. O celestial se junta ao terrestre nas barreiras polares que o homem ergueu. Embora essas barreiras feitas pelo homem ao norte e ao sul para o celeste tenham se mostrado mais formidáveis por muitos séculos, a descoberta moderna mostra que elas não possuem maior valor de isolamento do que as barreiras de cerca de arame erguidas para isolar uma área de rancho de seu rancho vizinho em todo o oeste Estados, ou do que a fronteira entre duas nações.

Este presente pedido para a terra descoberta além do Pólo Norte revive a questão que surgiu quando a extensão da terra além do Pólo Norte e do Pólo Sul foi divulgada pela primeira vez a vários grupos científicos e acadêmicos durante palestras de 1927-30. As perguntas mais populares da época eram "Quais são os elos de conexão compostos além do Pólo Norte e do Pólo Sul?" e "O material é flexível que une nossa terra com áreas celestiais além do Pólo Norte e do Pólo Sul?" Tais questões correspondem a indagações sobre a consistência e flexibilidade da água do Oceano Atlântico e do Oceano Pacífico. Os oceanos servem como elos de ligação entre os lados oriental e ocidental desta área terrestre; eles se juntam ao "Velho Mundo" oriental com o "Novo Mundo" ocidental.

As perguntas não foram inspiradas apenas pela natureza sensacional da divulgação de que a terra conectada existe entre o terrestre e o celestial. Eles foram impelidos principalmente pela inflexibilidade do conceito desenvolvido a partir do falacioso

"globo terrestre" isolado e seu ilusório "círculo" no espaço. Naturalmente, o conceito de isolamento da Terra e seu movimento isolado através do espaço exclui a possibilidade de qualquer coisa além do espaço além do suposto "globo" do norte e do sul da Terra. O conceito tem que se harmonizar com a teoria, e a teoria tem que prescrever o fim da terra nos centros geográficos matematizados, os pontos polares imaginários. Tais pontos devem, por necessidade matemática e conceitual, designar os modernos pontos de *"queda" (caindo fora)* do norte e do sul. Eles são equivalentes às extremidades horizontais leste e oeste da Terra consideradas pontos de "queda" antes da descoberta deste "Novo Mundo". Esse conceito anterior criou o medo de que os navios navegando para os pontos do horizonte leste e oeste "caíssem sobre a borda da Terra" e se perdessem para sempre no espaço, enquanto o conceito substituto criou o medo de se perder no espaço além das ilusórias extremidades norte e sul da terra. Tal é o poder do conceito.

A revisão dos fatos revela que o conceito desenvolvido pelo astrônomo Ptolomeu é baseado no ilusório, e que este vasto hemisfério ocidental existe onde o espaço foi conjecturado. O curso da jornada da metade oriental da largura terrestre até a metade ocidental nunca requer disparos para cima ou para baixo. De um lado ao outro está em linha direta.

Mas o símbolo do globo alimenta a ilusão de que um lado está sob o outro. "Para cima" e "para baixo" são sempre relativos em um plano terrestre. Da mesma forma, são "para cima" e "para baixo" relativos no Universo todo. Conseqüentemente, os fatos inegáveis da empresa moderna atestam a semelhança do erro de concepção do passado com o de nosso tempo. As ilusões do passado se repetem, mas foram aplicadas a diferentes áreas.

A memorável descoberta de terras além do Pólo Sul, em 12 de Dezembro de 1928, e a subsequente descoberta de terras que se estendem além do Pólo Norte, em Fevereiro de 1947, confirmam que os "fins" da Terra anteriormente assumidos **continuam** em áreas de terras celestiais aparecendo "acima" ou fora, do nível terrestre. Por causa da estrutura do Universo como um todo, em que a área terrestre como realmente (3 palavras obscuras) em vez de uma unidade isolada, nenhum "disparo para cima", ou para fora, da Terra é necessário para uma jornada imediata e infalível em áreas do celestial. Os cursos terrestres do norte e do sul para o universo ao nosso redor, para Marte, Saturno, área denominada do celestial, estão agora claramente definidos. Eles podem ser percorridos tão facilmente nesta área moderna de velocidade de avião e comunicação de rádio simples quanto um navio oceânico pode se mover "para baixo" de um lado do "globo" equivocado da Terra ou "para cima" do outro lado. As perspectivas "para cima" e "para baixo" não têm valor factual no movimento de um navio oceânico ou no voo de um avião de um lado da Terra para o outro. O conceito globular fraudulentamente veste tal perspectiva com a realidade.

Na tentativa de visualizar o Universo e determinar viagens às suas áreas celestes, a relação do terrestre com o celestial é igualmente fornecida com falso isolamento "para cima e para baixo" porque o celestial parece estar acima do terrestre. Conseqüentemente, a condição aparente e enganosa tornam-se dotada de realismo nos planos de viagens às áreas celestes. Embora o erro de conceito possa ser compreendido e desculpado, ele não pode ser modificado de forma alguma, a menos que o conceito seja descartado. O crescimento da concepção depende sempre da irrigação nutritiva da mudança. A comparação a seguir é fornecida como um irrigador oportuno que conduz a tal mudança.

Capítulo dez

Uma comparação de valores

Um inseto é dotado de intelecto e visão humanos. Seu habitat está no centro de uma bandeira ondulante, ou estandarte. Cada área daquela bandeira ou estandarte ondulante teria que ser considerada à altura da observação do inseto. Essa condição prevaleceria apesar do fato de que todas as áreas observadas e não observadas do estandarte ou bandeira estão no mesmo nível da área onde o inseto habita. Independentemente de para onde o inseto se moveu, de sua posição relativa "para baixo" em relação à adquirida no Universo do inseto. A bandeira ou estandarte é o universo do inseto. Da mesma maneira, o homem terrestre está relacionado com todas as áreas celestes do Universo. "para cima" está em toda parte.

É o mesmo para o homem celestial, o terrestre que o homem terrestre considera "abaixo" ou abaixo do celestial está "acima" para os observadores no celestial. Embora a bandeira não descreva o arranjo realista de todo o Universo, pode a inteligência humana em um plano terrestre determinar a relação de posição com outras áreas do Universo como um todo.

Conseqüentemente, quando viajamos em frente de nossos supostos "fins" terrestres, continuaremos nos movendo no mesmo nível físico com a área terrestre de nosso conhecimento atual. Mas nesse movimento no mesmo nível, estaremos de fato progredindo para as áreas celestes que, pela observação terrestre, devem parecer "para cima". Em nossa chegada à localização celestial, cinco mil e mais milhas além das supostas extremidades terrestres, as áreas do céu terrestre das Zonas Temperadas e da Zona Tórrida parecerão estar "para cima" de nossas localizações celestiais além de qualquer ponto do Pólo. Como as áreas terrestres parecerão telescopicamente estar "para cima" em relação ao novo local além dos pontos polares, o céu luminoso sobre todas as áreas celestes, exceto a área de nossa ocupação, também parecerá estar "para cima" em relação a nossa posição celestial recém-adquirida além da Terra.

Agora considere a extensão da confusão que se desenvolve na inteligência do inseto quando seu estandarte/bandeira do Universo é movido para um ambiente escuro e toda a área do Universo recebe uma camada de tinta luminosa. O revestimento luminoso é aplicado de forma a deixar certas áreas tão finamente revestidas que, em comparação com áreas densamente revestidas, o conteúdo luminoso não pode ser detectado. A luminosidade será tão vaga, em comparação com a de outras áreas, que as áreas vagas não serão consideradas iguais às áreas mais luminosas. A visão do inseto, sendo equivalente à dos seres humanos, aumentará a confusão, pelo desenvolvimento das lentes de cada área de bandeira do Universo em um globo ou esfera enganosa. Com esse desenvolvimento, as áreas vagas da bandeira Universo serão multiplicadas.

Não seria a inteligência do inseto forçada a concluir que existem inúmeras áreas globulares ou esféricas que constituem seu estandarte no Universo? E o conceito de inseto não sustentaria que existe espaço entre as áreas do banner Universo? Seria inevitável que o inseto fosse confrontado com o espaço, embora nenhum espaço exista de fato entre as áreas da bandeira/estandarte do inseto do Universo. O inseto, assim como seus criadores humanos, possui habilidade visual que causa a convergência das lentes. E essa função de lente exige que cada área luminosa do Universo apareça enganosamente como um "corpo" globular e, portanto, isolada.

Pode ser apropriado repetir: Quando é afirmado que a área pareceria enganosamente globular e isolada, "é o cérebro que realmente vê". Portanto, embora as lentes de detecção encontrem áreas do disco, a área do disco detectada torna-se automaticamente uma entidade globular e isolada para a mente. Na linguagem comum, "mente" é sinônimo de "cérebro", embora na realidade a mente seja o desenvolvimento do funcionamento do cérebro. No entanto, o resultado é o mesmo. A lente detecta a área do disco; na verdade, a lente cria a área do disco. E imediatamente o cérebro interpreta a área do disco de desenvolvimento da lente como um "corpo" globular e esférico. Como recurso adicional para confundir a inteligência dos insetos na observação de seu Universo, imporíamos entre as lentes ópticas sensíveis do inseto e suas numerosas áreas luminosas do Universo, todos os elementos químicos que confrontam a observação humana de áreas celestes luminosas. Com que precisão se pode esperar que o inseto determine valores realistas das áreas luminosas ilusoriamente globulares e isoladas de seu universo bandeira quando a observação é influenciada por fatores conhecidos que influenciam a observação e as conclusões humanas? Alguns dos agentes influenciadores são os seguintes:

1. O céu azul imediato do inseto estaria em constante turbulência gasosa entre as lentes do inseto e todas as áreas da bandeira do Universo. E a mesma

influência existiria para qualquer lente de telescópio auxiliar que o inseto pudesse fabricar.

2. A superfície luminosa do céu externo pode projetar radiação na estratosfera, dependendo das condições prevalecentes.
3. Além da superfície externa luminosa do céu azul do inseto, o movimento constante e errático dos raios cósmicos iria interferir na observação do inseto e influenciar a determinação das áreas observadas do Universo como banner.
4. Outro agente influenciador seriam os raios ultravioleta do sol.
5. Outras partículas do Sol também influenciam a observação e as conclusões. Essas partículas, restritas ao desempenho da estratosfera, seriam agentes duplos, eles estariam presentes na estratosfera sobre o céu imediato do inseto e sobre a área do céu luminoso sob observação do inseto.
6. A radiação de alguma área luminosa observada seria, sob certas condições, refletida na estratosfera sobre as áreas observadas. Isso contribuiria com outro elemento de confusão.
7. O movimento contínuo do gás do céu na área luminosa observada e a variação desse movimento criariam todos os tipos de ilusões.
8. A variação do brilho de muitas áreas luminosas do céu imporia um risco adicional para a determinação dos valores dos insetos.
9. E Deus ajude a inteligência dos insetos, se fosse para adicionar aos erros comuns das lentes os enganos grosseiros que resultariam da ampliação telescópica da luminosidade do universo-bandeira. Assim, seriam desenvolvidas todas as entidades grotescas apresentadas pelo sombreamento e distorção da luz.

A inteligência humana que cria o inseto e seu estandarte Universo saberá que o estandarte Universo é finito. Portanto, ele pode deixar de perceber a situação do inseto. Para que a inteligência criada possa compreender mais plenamente, precisamos apenas alongar a bandeira Universo, de modo que o início e o fim não sejam observados ou determinados pela inteligência humana ou a inteligência dos insetos. Assim, o universo original limitado ou finito que criamos para o inseto torna-se uma estrutura infinita varrendo a escuridão do infinito. Pode ser comparado a uma planície sem fim que às vezes envolve alguém durante as projeções oníricas do sono. E está dentro dos limites da projeção consciente.

Agora, somos apenas deputados da Inteligência Suprema. Só ele pode saber o início e o fim da bandeira Universo. Estamos restritos ao discernimento da condição do inseto no estandarte imediato Universo que conhecemos. Essa área e suas condições são conhecidas por nossa inteligência criadora, mas o inseto não tem esse conhecimento. Embora possamos determinar mais prontamente os problemas do inseto em sua área imediata do Universo, não podemos determinar o fim, que ficou fora dos limites para nós e também para o inseto.

A área específica do universo-bandeira que conhecemos melhor do que o inseto corresponde à nossa área terrestre do universo maior. Portanto, vamos supor que observamos as tentativas do inseto de alcançar seus "céus acima", que parecem estar diretamente acima de sua observação. Ao longo de um período de tempo, vemos o voo do inseto a partir de sua localização no Universo-bandeira. O inseto sempre é forçado de volta para uma área do Universo-bandeira removida do ponto de onde partiu. Finalmente, com velocidade sem precedentes, o inseto faz um esforço desesperado para atingir os pontos aparentemente acima. E o inseto não retorna a nenhuma área de sua bandeira-Universo. Ele perde os pontos aparentes acima da cabeça e todas as áreas do Universo. Vai além da estrutura do Universo. Conseqüentemente, criamos um substituto para o inseto. Com conhecimento direto do erro de procedimento do inseto original para chegar a pontos aparentes "para cima", como deveríamos aconselhar o novo inseto habitante de nosso Universo-bandeira? Devemos aconselhá-lo a "disparar para cima" ou para fora, a partir de sua localização no Universo, retirando-o da estrutura do Universo e dos pontos que desejava alcançar? Ou deveríamos, com uma visão mais ampla do Universo-bandeira, aconselhar o inseto a se mover direto de qualquer uma das áreas do Universo-bandeira originalmente designada para a residência do inseto?

Naturalmente, essa área de insetos teria comprimento e largura, o mesmo que todas as outras áreas do Universo-bandeira. Não pode ser concebido como um mero ponto para acomodar o inseto comum em qualquer ponto comumente conhecido, como parede, chão ou teto. Este é um inseto extraordinário; deve ter uma área de estar excepcional. Essa área do inseto no Universo-bandeira corresponde à nossa área terrestre no Universo maior que representa a Criação. Portanto, apesar do fato de que o progresso do inseto seria barrado por um espaço vazio e escuro aparente entre sua localização permanente e as áreas luminosas do Universo que ele desejava alcançar, não deveríamos razoavelmente aconselhar que lá ele fosse disparado?

Como seria para o inseto em sua área do Universo-bandeira, o mesmo ocorre com o homem terrestre em sua área do Universo maior. Lembre-se de que o universo volante descrito no Capítulo Dois serve apenas como ilustração (Figura 1). O Universo não é construído como um enorme catavento. Tampouco qualquer área está isolada de sua vizinhança. Embora o volante não mostre o contorno realista da estrutura do Universo, o contorno realista da estrutura do Universo está contido nessa ilustração. Uma dica deve ser suficiente para a compreensão do contorno do Universo no espaço onde foi criado. Se a dica não servir, a civilização moderna não tem o direito de conhecer a estrutura do Universo. As páginas anteriores revelaram que não é tanto o que se vê, mas sim como se vê. A estrutura do Universo é mostrada na ilustração, mas não é mostrada pela simples visualização da ilustração na forma representada. "Ninguém é tão cego quanto os que não querem ver." Portanto, se alguém quer ver, deve olhar de muitas maneiras e de muitos ângulos diferentes.

Em vista do doloroso conhecimento do conceito de poder mágico do símbolo do globo sobre a média, a ilustração do volante foi considerada o meio mais adequado para descrever como uma viagem física pode ser feita para o celestial de além do Pólo Norte e Pólo Sul matematizados de um suposto globo-terrestre isolado. Indica adequadamente a ilusão de globularidade das áreas celestes e terrestres do céu. Ao mesmo tempo, expressa a Continuidade Física do terrestre com o celestial. O autor sabe que inerente a esta ilustração está um modelo verdadeiro da estrutura do Universo.

A Figura 1, a ilustração do vórtice, foi inspirada, pelo menos em parte, pela resposta de audiências de palestras anteriores. A resposta revelou que o conceito de Continuidade Física da Terra com áreas celestes é mais facilmente adquirido por meio da visualização das extensões terrestres do norte e do sul como globos adicionados ao "globo" terrestre original. Também foi divulgado então que a compreensão se desenvolverá a partir da visualização do Universo inteiro como (2 palavras obscuras) áreas cilíndricas conectadas. Essa visualização não tem um impacto tão nítido no conceito porque não representa um afastamento tão drástico do globular. Qualquer área de um cilindro pode ser desenhada para a proporção globular.

O problema mais difícil para o conceito médio de trinta anos atrás era o de fornecer uma superfície plana para as extensões de terra além dos pontos do pólo. O problema agora deve ser resolvido, com o conhecimento de que esta nação tem bases estabelecidas no além. Com o discernimento moderno de valores em um mundo de realidade, não é necessário questionar o curso do Contra-almirante Richard E. Byrd em Fevereiro de 1947. Esse curso se estendeu por quase duas mil milhas além da Terra. E se o recurso não foi amplamente anunciado, não há nada subtraído do feito. É certo que não pode mais haver dúvida quanto à realidade física da superfície da terra, das montanhas e dos lagos, fazendo o curso sem espaço do voo do almirante para além da Terra.

À luz da pesquisa atual e das descobertas modernas, que conceito precisamente ordenado de ciência organizada pode ser esperado para desafiar com sucesso a afirmação atualmente confirmada de trinta anos atrás de que tal terra e curso de água indetermináveis se estendem para o universo ao nosso redor? Que valor pode ser atribuído às teorias matemáticas do Universo do passado, à luz da irrefutável descoberta moderna por agências de pesquisa científica e exploratórias credenciadas dos Estados Unidos? Suas descobertas negam a premissa da teoria. E eles estabelecem a Terra como uma Continuidade Física das áreas celestes luminosas ao redor da Terra.

Que diferença faz se o Universo inteiro foi criado na forma de um enorme vórtice, ou como um cilindro sem fim, ou como uma bandeira ou um plano com extensão além dos limites dos conceitos mortais? Nenhum mortal, como ser mortal, jamais terá o privilégio de deixar a estrutura do Universo e, assim, ver seu movimento, se ele se

mover. Não se pode fotografar o movimento de um trem no qual se está viajando. Mas pode-se sair do trem para realizar observação óptica e registro fotográfico do movimento do trem.

Palavras e frases de conjectura sobre o contorno e o movimento do Universo são brinquedos para sofismas infantis. O mundo continha uma abundância de palavras conjecturais antes que os instrumentos de apuração de fatos permitissem as sensacionais descobertas aqui registradas. E uma pequena descoberta simples de fato infinitesimal é capaz de dissipar incontáveis séculos de conjecturas selvagens e sem sentido. O mais importante para o inseto demonstrativo criado na bandeira-universo era como atingir outras áreas igualmente substanciais de seu Universo. Foi negado o acesso a outras áreas, desde que teorizasse sobre o curso apresentado por aparências enganosas. A relação do inseto com outras áreas de seu Universo em miniatura não mudaria de forma alguma se seu Universo tivesse sido construído como o Universo volante ilustrativo ou como um Universo cilíndrico. As mesmas ilusões existiriam. E o inseto encontraria o mesmo espaço infinito se desenvolvesse velocidade suficiente para impedi-lo de retornar a outras áreas de seu Universo. Mas o inseto não realizaria jornada para pontos aparentes "para cima" de seu Universo "disparando".

O que se aplica ao inseto em seu Universo em miniatura também se aplica ao homem em sua área terrestre do Universo maior e realista que representa a Criação. O homem não pode "disparar para cima", ou sair, para áreas celestiais que estão aparentemente acima das terrestres.

Os conceitos de um Universo volante esférico contínuo e conectado e um Universo cilíndrico inteiro podem ser considerados de valor correspondente. Mas ambos apresentam padrões lógicos do Universo capazes de explicar as condições terrestres experimentadas que inauguraram a Teoria de Copérnico. Essas condições são os dias longos, os dias curtos e as estações do ano terrestre. Ambos os conceitos são despojados do ilusório, que era básico para a teoria copernicana. E eles permitem a aquisição imediata de áreas de terras celestiais, ao passo que a Teoria Copernicana nunca pode permitir o movimento do terrestre para o celestial.

Além do vórtice representado Universo inteiro, a bandeira ondulante Universo constitui outro conceito distinto da estrutura do Universo. Ambos se opõem ao conceito ilusório de "globo isolado" do Universo como um todo, mas eles explicam muito habilmente as condições terrestres experimentadas, ao mesmo tempo que proporcionam a vantagem definitiva de fornecer um curso para uma jornada imediata no universo à nossa volta.

Capítulo onze

A respiração magnética do Universo

As áreas do universo volante mostradas na Figura 2 (Capítulo Dois) podem ser prontamente desenhadas para o cilíndrico. Então, cada área de terra conectada do celestial e do terrestre poderia estar ondulando através do poder da energia magnética de cada área. A ondulação seria na direção e para longe do Sol, e o Sol estaria se movendo em seu curso imutável ao longo de toda a estrutura do Universo. A perpétua jornada do Sol ao longo do curso do Universo seria a de supervisão paterna para todo o Universo.

Conseqüentemente, o movimento diário da Terra, em conjunto com o movimento semelhante de todas as áreas celestes, seria em direção e para longe do caminho do Sol. Esse movimento explicaria o dia e a noite. O movimento contínuo do Sol ao longo do curso do Universo seria em uma estação do nosso ano terrestre em direção à área terrestre; em outro período do ano, estaria se afastando das áreas terrestres. Aproximar-se e afastar-se do terreno seria equivalente ao Sol se movendo no mesmo curso, mas se movendo mais lentamente nos meses de verão do que nos meses de inverno. E ambas as condições seriam iguais para o Sol permanecer sempre no mesmo curso, mas distribuindo maior energia solar em uma estação do ano. Qualquer uma das três condições explicará adequadamente as estações experimentadas e os dias mais longos e mais curtos do nosso ano terrestre. As mesmas condições podem produzir os mesmos resultados para outras áreas do Universo como um todo. Eles também têm dias longos e dias curtos, e estações, e seus períodos de noite e dia variam.

Esse movimento ondulante da área terrestre e de todas as outras áreas inseparáveis do universo inteiro pode ser comparado à **respiração do indivíduo**, ou expansão e contração dos pulmões. Existem variações conhecidas na velocidade ou intensidade da respiração individual em condições normais. E, em outros momentos, há uma respiração anormal que pode ser drasticamente mais lenta ou mais rápida, dependendo da condição individual. Conseqüentemente, a velocidade da respiração de todos os indivíduos da Terra se desenvolve constantemente e em todos os momentos.

As áreas do Universo também expressariam múltiplas variações na velocidade de seu movimento ondulante diário em direção e afastamento do curso do Sol no espaço. E as variações no movimento das áreas do todo seriam consistentes com a unidade contínua do todo do Universo.

A respiração normal dos indivíduos varia de quatorze a vinte e quatro ciclos por minuto, ao passo que em condições extraordinárias, particularmente em doenças

cardíacas e respiratórias, o número de respirações pode ser aumentado para cinquenta ou diminuído para oito. Portanto, pode-se perceber que existe uma variação constante da velocidade entre todos os indivíduos terrestres que se deslocam em direção ao mesmo lugar, continuando a viver. Cada indivíduo do terrestre pode ser considerado uma área distinta da humanidade, e cada indivíduo atinge a meta diária e anual com velocidade de movimento variável.

Todas as áreas terrestres de todo o Universo podem se mover com velocidades diferentes em momentos diferentes e cada uma permanece uma parte inseparável do Universo conectado. A expansão diária do pulmão terrestre, ou movimento ondulante parcial em direção ao curso do Sol, pode durar aproximadamente 12 horas. A expansão diária do pulmão terrestre poderia começar por volta da meia-noite e atingir sua expansão diária máxima por volta do meio-dia. Essa expansão máxima levaria a Terra a uma localização espacial onde o Sol estaria aparentemente diretamente acima. Então, durante as próximas doze horas, haveria uma contração da respiração da Terra. Completaria a ondulação diária e faria com que a Terra retornasse ao seu ponto mais baixo no espaço e mais distante do curso do Sol. Esse seria o ponto em aproximadamente meia-noite da meia-noite.

Mais ou menos no meio da contração pulmonar terrestre diária, ou movimento do ponto mais alto do meio-dia no espaço, a escuridão começaria a envolver as áreas da Terra. A aproximação da escuridão seria experimentada em alguns pontos terrestres já por volta das 16h00 e em outros pontos até às 20h00. E seria o resultado do aumento da distância de tais pontos terrestres do curso do Sol no espaço. Então, a expansão da respiração terrestre do dia seguinte traria a alguns pontos terrestres às 6 da manhã o chamado amanhecer. A luz do amanhecer aumentaria até que a expansão da respiração atingisse seu pico por volta do meio-dia. O pico de expansão levaria o terrestre ao seu ponto mais alto no espaço, onde receberia a maior parte da energia solar. A luz do dia prevaleceria durante parte do período de contração do pulmão terrestre, à medida que o terrestre se afastava do ponto solar mais alto.

Pode-se ver que à medida que cada área da Terra atingia seu ponto alto no espaço, ela retrocedia com a contração diária. Mas outro ponto do conjunto terrestre ocuparia a posição vaga de ponto alto. Portanto, quando o ponto do terrestre em Boston, Massachusetts, estivesse muito distante do ponto alto da expansão diária de sua área, Hong Kong, China e outras áreas terrestres estariam se aproximando do ponto alto. Algumas áreas do planeta terrestre experimentariam o meio-dia, enquanto outras experimentariam escuridão total. A mesma condição se aplicaria a todas as áreas celestes de todo o Universo. Eles também estariam se expandindo e se contraindo em comum com todas as áreas terrestres e da Terra.

Assim, como acontece com as variações respiratórias do corpo humano individual, corresponderiam a expansão e contração diárias de todas as áreas do terrestre e do

celestial. Naturalmente, a respiração diária das áreas do Universo seria muito mais longa do que a respiração de um corpo humano.

Embora sempre mantendo a mesma relação que partes inseparáveis da ondulação diária universal no espaço, algumas áreas terrestres e celestiais se moveriam em direção ao curso do Sol no espaço em velocidades maiores do que outras. Essa condição desenvolveria variações no tempo de chegada nos pontos de espaço alto e baixo, representando expansão e contração completas. A diferença na velocidade do movimento, por sua vez, desenvolveria horas e minutos diferentes para que as várias áreas terrestres e celestiais experimentassem o Sol como estando aparentemente diretamente acima. Ele se desenvolveria da mesma forma para as áreas terrestres e celestiais do universo, variações inteiras à meia-noite. A chegada de áreas terrestres ao ponto mais baixo do espaço, mais distante do curso do Sol, não ocorreria ao mesmo tempo.

Portanto, pode-se entender que o meio-dia ao meio-dia não se aplica a todas as áreas terrestres. E isso aconteceria independentemente de qual movimento a Terra e o Sol prescrevessem. Muitas áreas terrestres e celestiais experimentariam de fato o meio-dia em horas e minutos diferentes. A teoria do isolamento globular permite essa diferença de tempo, mas o meio-dia ao meio-dia é aceitável em todo o planeta por uma questão de conveniência.

A seguinte ilustração de palavras de um movimento comparativo a ser observado em nível terrestre parece pertinente e pode auxiliar na visualização da ondulação universal diária. Pode-se visualizar prontamente uma embarcação frágil enquanto participa do movimento da água corrente de um lago ou rio calmo. A visualização da mesma embarcação obrigada a participar da onda violenta e do movimento de elevação de um corpo de água turbulento ajudará materialmente a comparação mental de valores. Pode-se perceber que, no caso de águas turbulentas, a proa da frágil embarcação pode estar quase vertical no espaço, enquanto a popa pode estar na superfície da água. Assim, a embarcação estaria aparentemente em pé. E todas as outras áreas da embarcação, da proa à popa, ocupariam uma posição diferente no espaço, mantendo a unidade com a embarcação.

O retrato mental de áreas terrestres e celestiais fazendo uma ondulação diária unificada no oceano mais amplo do espaço infinito pode ser ampliado da seguinte maneira. Adicione àquela única embarcação uma centena ou mil embarcações semelhantes. Tenha a proa de alguém raspando a popa de uma embarcação conectada ao longo de todo o comprimento da embarcação ondulante que compreende o todo. Cada embarcação, e cada parte de cada embarcação, alcançaria seu ponto alto necessário, ou posição, no espaço relativo onde a ondulação prescreveu. O ponto mais alto a ser alcançado no espaço, longe da superfície da água, não seria e não precisa ser

o mesmo para todas as partes de todas as embarcações que compreendem o todo ondulante.

Cada embarcação e suas várias partes voltariam com o tempo a uma posição momentânea de quilha uniforme, ou quase quilha uniforme, na superfície da água. E qualquer mudança na velocidade da ondulação afetaria o tempo gasto por várias partes da ondulação no ponto da superfície da água baixa e no ponto do espaço alto. O ponto mais alto a ser alcançado no espaço, longe da superfície da água, corresponderia ao ponto mais alto a ser alcançado por certas áreas terrestres e celestiais em sua ondulação diária em direção e fora do caminho do espaço infinito que representa o curso do Sol. E a quilha uniforme mais baixa ou quase a quilha, a posição a ser alcançada por todas as partes do barco seria um símbolo do ponto mais baixo da ondulação diária das áreas terrestres e celestiais em direção e afastamento do curso do sol.

Algumas partes da combinação terrestre e celestial, ou áreas do Universo inteiro, iriam, como os barcos ondulantes, atingir o ponto alto do espaço simultaneamente. Mas nunca poderiam todas as partes da ondulação diária terrestre e celestial unificada atingir o ponto alto ao mesmo tempo. O mesmo vale para a conclusão da ondulação diária que traz todas as áreas do Universo inteiro para o ponto mais baixo no espaço longe do curso do Sol. Esse ponto seria meia-noite, mas sob nenhuma circunstância poderia ser meia-noite ao meio-dia para todas as áreas terrestres e celestiais combinadas ao mesmo tempo.

Consequentemente, todo o movimento de subida para o ponto mais alto, ou curso do Sol, no espaço infinito representaria o curso diário da meia-noite ao meio-dia para áreas terrestres e celestiais. A segunda fase da ondulação diária seria longe do ponto de curso do Sol alto no espaço em direção ao ponto mais baixo no espaço. Isso seria movimento do ponto alto do meio-dia ao ponto baixo da meia-noite. O tempo não teria influência na situação. Embora o tempo de chegada no ponto alto e no ponto baixo varie para áreas de ondulação, a chegada no ponto alto seria ao meio-dia para cada área, e a chegada no ponto baixo no espaço seria meia-noite para aquela área.

O anterior demonstra como o dia e a noite podem ser vividos sem qualquer necessidade de isolar a Terra e outras áreas terrestres realistas do Universo. O Universo pode sobreviver como uma unidade e todas as áreas da Terra e do céu no Universo podem continuar a estar conectadas. No entanto, cada área do universo inteiro pode prescrever movimento diário em direção ao sol e para longe do sol.

Em uma consideração das estações, é mostrado que o Sol em seu curso anual estaria diretamente sobre algumas áreas terrestres e celestiais em certos períodos quando todo o Universo prescrevia sua ondulação em direção ao curso do Sol no espaço. A aproximação ondulante de várias áreas do Universo ao curso do Sol não implicaria

que o Sol estivesse de fato acima. Para a maioria das áreas do Universo, o Sol estaria em qualquer lugar menos acima da cabeça durante a maior parte do ano, independentemente da posição aérea aparente do Sol acima. A relação direta com o Sol e a relação direta com o curso do Sol são condições bastante diferentes. A primeira fornece benefícios perpendiculares diretos do Sol quando está a distância mais curta de uma área particular do Universo, enquanto a última condição permitiria apenas os benefícios do Sol em qualquer ângulo. E o aumento do ângulo aumentaria a distância do Sol de uma área particular.

Portanto, a duração do dia e a mudança sazonal das áreas seriam influenciadas não apenas durante as breves semanas anuais, quando uma área tivesse relação perpendicular direta com o Sol em seu curso. A mudança também seria sentida por um período enquanto o Sol em seu curso se aproximava da relação perpendicular direta a qualquer área, bem como quando o Sol estava se movendo em seu curso para longe de uma área particular.

À medida que o Sol se movia em seu curso, desenvolveria para outras áreas terrestres e celestiais a mesma mudança sazonal. Seria experimentado quando o Sol se aproximasse da relação perpendicular com tal área, e a mudança seria mais acentuada quando o Sol atingisse a relação perpendicular direta. Então, à medida que o Sol continuava em seu curso para longe da relação perpendicular com a área específica, haveria outra mudança sazonal para a área específica. Assim, algumas áreas terrestres e celestiais estariam entrando em sua temporada de verão, enquanto várias outras áreas terrestres e celestiais estariam entrando em sua temporada de inverno. Algumas áreas poderiam estar experimentando simultaneamente o dia mais longo de verão, enquanto outras áreas, recebendo os benefícios do Sol no ângulo em que o Sol estava mais distante dessas áreas, estariam experimentando o dia mais curto de inverno. Haveria, portanto, variações no tempo exato do Sol direto para as diferentes áreas do Universo ao longo do curso do Sol de extensão inconcebível.

Tal poderia ser o desenvolvimento entre o Sol e todas as áreas do Universo como um todo, mesmo quando todas as áreas do todo poderiam estar aparentemente mantendo a mesma relação diária com o Sol. No entanto, essa condição aparente se desenvolveria a partir do movimento diário de cada área do Universo em direção e afastamento do curso do Sol. Embora uma área específica possa parecer estar se aproximando do Sol, o Sol pode estar em seu ponto de curso do Sol mais remoto da área. O aparecimento do Sol direto poderia prevalecer em tal hora e lugar, mas os benefícios da relação direta do Sol estariam ausentes.

A área equatorial terrestre, e a área equatorial celeste correspondente, ou Zonas Tórridas resultariam do fato de que tais áreas atingiriam o ponto mais alto no espaço na ondulação universal fazendo o dia e a noite de todas as áreas. Mas as áreas da Zona Tórrida nunca alcançariam o ponto mais baixo no espaço, mais remoto do curso do Sol,

para o qual as áreas da Zona Temperada seriam obrigadas a se deslocar. Como os barcos ondulantes da ilustração, as Zonas Tórridas do Universo alcançariam apenas o ponto de obrigadas pela função da ondulação universal a atingir a quilha uniforme absoluta. Equilibre as áreas do barco na superfície da água. Mesmo quilha para áreas terrestres do Universo fazendo ondulação diária significaria o ponto mais baixo da ondulação no espaço. A participação diária das áreas da Zona Tórrida na ondulação universal em direção e afastamento do curso do Sol seria suficiente para garantir a mudança diurna e noturna para tais áreas. Mas devido à vantagem adicional de sua localização na ondulação universal, seu movimento diário, ou mergulho, para longe do curso do Sol e em direção ao ponto mais baixo da meia-noite no espaço não precisa ser tão nítido quanto o de outras áreas. E sua velocidade em tal hora e lugar poderia ser aumentada de forma que eles se afastassem do espaço baixo mais rápido do que as áreas da Zona Temperada terrestre e celestial. Esse recurso proporcionaria uma vantagem de tempo na aproximação de seu ponto alto diário em direção ao curso do sol. Conseqüentemente, para todas as Zonas Tórridas em todo o Universo, haveria noites mais curtas e maior calor. E não haveria mudanças sazonais marcadas nas áreas da Zona Temperada.

Por outro lado, as Zonas Frígidas, ou áreas polares, do Universo manteriam tal posicionamento na ondulação universal que teriam que atingir o ponto espacial mais baixo possível. E o movimento ondulante de sua parte particular da ondulação universal seria quase imperceptível quando comparado com o movimento de outras áreas. Portanto, durante metade do ano, seu movimento de subida no espaço até o ponto mais alto que se aproxima do curso do Sol seria insignificante. E isso resultaria em seis meses de escuridão, característica das Zonas Frígidas. Durante os outros seis meses de luz do dia, ou aproximação disso, as mesmas áreas frígidas, terrestres e celestes, manteriam uma posição relativamente estável em direção ao ponto de ondulação universal mais alto no espaço. A posição das áreas frias durante esse período de ondulação universal proporcionaria proximidade com o curso do Sol, permitindo que a luz solar prevalecesse. No entanto, durante o período de ocupação de ponto alto do espaço, as áreas geladas/frias com seis meses de luz do dia não experimentariam uma relação perpendicular direta com o Sol em seu curso anual. Nenhuma área do Universo pode experimentar esse período de relação direta com o Sol. Mas a proximidade contínua de seis meses em relação ao curso do Sol seria suficiente para fornecer a condição de luz do dia duradoura.

Portanto, embora as áreas frias do Universo tivessem uma relação angular de verão suficiente com o Sol para uma medida de luz do dia além da de outras áreas, elas seriam privadas de relação direta com o Sol durante esse período. Conseqüentemente, elas não receberiam a medida do calor esbanjado nas áreas tropicais e temperadas durante uma parte desse mesmo período. Em outras palavras, como as áreas frias mantinham seu ponto de ondulação mais alto, ou proximidade com o curso do Sol, não

representariam o ponto alto do espaço das áreas temperadas ou da Zona Tórrida. Isso permitiria a recepção de força solar suficiente para garantir a continuidade da luz, mas o ângulo dessa recepção proibiria a intensidade do calor recebido pelas áreas temperadas e tropicais durante parte do mesmo período, quando estavam no ponto mais alto da ondulação. Haveria outras condições influenciando as mudanças sazonais do ano para as áreas terrestres e celestiais que participam da ondulação universal perpétua em direção e para longe do curso do Sol no espaço infinito. Pode muito bem existir a influência bem definida que resultaria da falta de consistência na distribuição de energia do Sol que produz luz e calor, ou pelo menos contribui substancialmente para isso, sobre áreas terrestres e celestiais. Pode ser que a distribuição de energia do Sol varie de tempos em tempos. Às vezes, algumas áreas do ondulante Universo receberiam menos energia solar do que em outras ocasiões. Tal condição poderia se desenvolver a partir do fato de que, conforme certas áreas atingissem o ponto do curso do Sol no verão, o Sol estaria emitindo menos energia do que quando outras áreas chegassem a uma posição correspondente no espaço. Esse fator compensaria os benefícios que essas áreas normalmente receberiam como resultado de sua relação direta com o Sol em seu curso.

Uma condição comparável pode influenciar o período de inverno de várias áreas terrestres e celestes. Elas poderiam ser beneficiadas pelo aumento da distribuição de energia do Sol, e haveria modificação do frio de inverno dessas áreas.

Não há critério de que a distribuição de energia solar não varie em quantidade e/ou qualidade. Mas há todas as indicações para sustentar a premissa de mudança periódica na distribuição de energia do Sol. Conseqüentemente, a localização das áreas conectadas do Universo na ondulação universal e seu ângulo de relação com o Sol influenciariam as condições climáticas, a mudança sazonal e a duração dos dias. A velocidade do movimento para alcançar e manter pontos altos e baixos do espaço, mais próximos e mais remotos do Sol, contribuiria da mesma forma para a mudança sazonal e a duração dos dias terrestres e celestes. E a diferença periódica na medida da energia solar distribuída também mereceria consideração como um agente de influência.

Outra possibilidade complicada é que o Sol, fazendo suas rondas anuais no Universo ao longo de seu curso, execute um movimento secundário de *afastamento* (ida) e *retorno* (volta) em direção ao Universo construído inteiro. Isso aumentaria periodicamente a distância das áreas terrestres e celestiais ao curso do sol. Portanto, pode-se esperar que algumas áreas do Universo se beneficiem e outras percam os benefícios pelo movimento do Sol secundário alterando o curso do Sol. Dependeria de sua localização no Universo inteiro. Consequentemente, para considerar um movimento secundário do Sol, as condições para se desenvolver a partir de uma diferença na distribuição de energia do Sol poderiam se desenvolver, mesmo que a energia permanecesse

constante em todos os momentos e para todas as áreas do Universo como um todo. Esse movimento secundário seria o equivalente à modificação periódica e intensificação da distribuição de energia.

Além disso, o Sol pode desviar de seu curso em conjunto com a modificação ou intensificação periódica da energia solar distribuída. Não há nenhum critério dentro do extenso domínio da astrofísica e seus valores matemáticos assumidos para negar tal possibilidade. A matemática infinita pode reinar suprema no Universo do matemático. E eles podem ditar as funções de tal Universo. Mas o universo de sua aplicação foi provado estranho à realidade por um desempenho moderno realista. A astrofísica não possui uma fórmula para a atividade direcional dos raios cósmicos dentro de nossa área imediata da estratosfera do espaço infinito. E uma vez que essa área da estratosfera está apenas à distância de alguns minutos de viagem sobre a superfície da Terra, certamente não pode haver determinação real da energia distribuída pelo Sol em sua distância assumida. E se um medidor da energia solar distribuída fosse necessário, ele poderia ter aplicação apenas no tempo de medição da energia distribuída; ela não conseguiria medir a energia distribuída em um período de 12 meses. E o medidor poderia se aplicar apenas à área imediata onde a medição foi feita. Por nenhum esforço da imaginação ele poderia ser considerado aplicável a todas as áreas do todo Universal.

Em vista dos movimentos assumidos da teoria arcaica de um globo ilusório da Terra, não há nada de sensacional na possibilidade aqui projetada de que o Sol possa realizar um movimento secundário. Para sustentar um postulado que isola a Terra e perturba o Universo realista, considera-se que a Terra faz um movimento diário primário em seu eixo imaginário a uma velocidade de mil quilômetros por hora. E presume-se que ela faça um movimento secundário em seu curso anual em direção ao Sol a uma velocidade de seis mil quilômetros por hora.

Observe o universo volante na Figura 2 (Capítulo Dois). Ele é despojado das curvas ilusórias produzidas por lentes mostradas para as áreas internas e externas do céu de sua figura companheira 1. Ele mostra como o Sol livre poderia desviar-se de uma trajetória espacial direta durante seu curso anual sobre o Universo construído como um todo. E esse desvio periódico do curso pode levá-lo a qualquer número de quilômetros de distância do Universo criado. Não há como ilustrar onde estaria o caminho temporário do Sol, mas o movimento secundário para longe do Universo seria de uma forma realizada desenhando uma linha do centro da estratosfera da ilustração em direção a quem está olhando para a ilustração. Não haveria nenhum propósito em traçar a linha do centro da estratosfera em direção a qualquer um dos lados da ilustração do Universo.

Portanto, com a aplicação adequada para o Universo fisicamente conectado e contínuo da Figura 2, no qual os enganos globulares da Figura 1 foram eliminados, será

possível visualizar todas as áreas da superfície terrestre do Universo ondulando em direção e para longe do curso do Sol no espaço. Esse curso do Sol pode ser considerado estendido até o centro da ilustração. Do ponto em que o Sol é mostrado no topo do "volante/vórtice", ele se moveria pela área escura da estratosfera da ilustração. Ele viajaria por todo o comprimento e, então, retornaria ao longo desse comprimento. Independentemente de qual seja a posição precisa do Sol, cada área ondulante de todo o Universo manteria sua relação e continuidade física com o Universo inteiro e com a ondulação universal em direção e para longe do curso do Sol. Os resultados seriam os mesmos se o posicionamento do Sol estivesse no centro da área escura da estratosfera da ilustração, a partir do qual ele completaria um círculo anual da circunferência ilustrada do Universo. Independentemente do curso preciso do Sol, a ondulação diária de todas as áreas do Universo faria com que enganosamente parecesse que cada área estava girando em torno do Sol como uma unidade isolada de todo o Universo. O movimento ondulatório das áreas do Universo faria com que a ilusão de girar em torno do Sol persistisse, independentemente de qual seria a localização do Sol no espaço.

Paralelo a essa experiência a ilusão de "girar em torno do Sol" é encontrada em uma condição local. Pode-se andar em uma montanha-russa que se move com grande velocidade para cima e para baixo, ou na direção e caminho de um enorme arco voltaico nas proximidades das ondulações da montanha-russa. Cada abordagem rápida em direção à luz e afastamento da luz deve criar a ilusão de movimento em torno da luz. Tal exemplo é elementar, mas é um conceito surpreendente para compreender a maior velocidade da ondulação universal em direção e para longe do arco voltaico do Sol com uma magnitude além do conceito.

Ao encerrar este retrato **oral** em palavras do Universo conectado e contínuo e seu movimento, parece adequado relatar que o Sol mostrado na Ilustração será vermelho quando observado contra o fundo perpetuamente escuro do espaço existente além das áreas do céu do Universo. Quando alguém observa o Sol de dentro da escuridão da estratosfera, ele não tem nenhuma qualidade da luz solar luminosa que pode ser observada em áreas terrestres: o sol é apenas um disco vermelho quando visto além do céu azul. A iluminação se desenvolve a partir da mistura de raios cósmicos com elementos químicos do céu envolvendo áreas terrestres em todo o Universo construído. O resultado dessa mistura produz luz solar e calor em todas as terras sob o céu universal.

E é esse contato dos raios cósmicos com os elementos gasosos do céu que resulta na luminosidade de cada área da superfície externa do céu a ser observada contra a estratosfera escura. A mesma escuridão da estratosfera prevalece sobre as áreas do céu celestial como é conhecido por prevalecer sobre as áreas do céu terrestre. E, a menos que a escuridão prevalecesse sobre as áreas do céu em todos os lugares,

não haveria arte da astronomia. Apenas a escuridão permite a detecção da luz do céu. Passamos agora da ilustração do vórtice do Universo e seu movimento para a ilustração original de 1928. Embora o primeiro seja o último na análise descritiva, há um padrão lógico. A apresentação da ilustração original permite a observação de apenas um segmento de todo o Universo abrangido pela ilustração do volante. No entanto, pode servir para demonstrar os valores transcendentes nas áreas de terra descobertas, em oposição a séculos de deduções científicas negando a existência da terra, para além dos pontos do Pólo Norte e do Pólo Sul de nossa Terra.

Para realizar a ilustração, devemos primeiro "recuar para trás" no espaço os dois ângulos superiores do vórtice na posição do Sol na Figura 2. Ambos os ângulos permanecerão ligados à área contínua da circunferência do vórtice, mas cairão no espaço o suficiente para permitir que ambos se projetem fora da vista além da localização do Sol. O restante da área da circunferência do vórtice se estenderá no espaço como uma bandeira de fluxo do Universo na horizontal. O Sol estará então situado sobre o Universo horizontal, e o curso do Sol no espaço será sobre o Universo. Agora, o banner horizontal de dois lados, ou simples, Universo começará uma série de arqueamento no ponto do Sol e o arqueamento continuará ao longo de todo o comprimento da área ilustrada do Universo que pode ser mantida na página. Mais do Universo além de ambas as bordas da página fará o mesmo, mas essa área não pode ser vista. A série de arqueamento para cima e para baixo, em direção e para longe do curso do Sol acima do Universo, irá prescrever uma ondulação das áreas do Universo.

Cada área da bandeira Universo apresentada poderia ser cilíndrica. Esse contorno não interfere de forma alguma na continuidade física do todo. Além disso, os desenvolvimentos em um mundo de realidade serão os mesmos se o Universo ilustrado se estender além do Sol, e o curso do Sol estiver acima do Universo ondulante inteiro, ou se o Sol se mover com a área invisível do Universo que compreendia a parte superior ângulo reto do volante. O Sol estaria então na ponta da ondulação do Universo. Ele atuaria como líder ou guia para toda a estrutura do Universo.

Então o Sol não faria seu curso anual ao longo da estrutura do Universo, conforme descrito na ilustração do vórtice, seu curso se tornaria o curso da força que ele dispensava, e essa força magnética seria transmitida ao longo de toda a estrutura do Universo. Então, cada área do céu do Universo absorveria qualquer porção dessa força magnética perpetuamente dispensada de que fosse necessária. Conforme explicado anteriormente, algumas áreas levariam menos porque sua condição exigiria menos. Outras áreas absorveriam mais porque sua condição exigiria mais.

Conseqüentemente, o comprimento inconcebível de todo o Universo está envolto em escuridão perpétua acima do céu externo luminoso contínuo que se estende com a estrutura terrestre do Universo. E ao longo do curso infinito do Universo, uma força

magnética inerente à estrutura serve para mantê-la no plano de construção original, ou nível, no espaço infinito. Essa força magnética realista, engendrada dentro da estrutura terrestre, pode ser comparada em sua função eterna ao espírito atuante do corpo humano. Ela recebe reposição constante da distribuição de energia do Sol, que é primeiramente recebida no céu em todas as áreas terrestres do Universo.

Essa força magnética distribuída pelo Sol serve a um propósito muito definido nas áreas externas do céu, onde é recebida. Do céu penetra nas profundezas da terra, terrestre e celestial. Mas novamente como o espírito humano, sua função nunca é concluída. Se o Universo faz qualquer movimento, é essa força magnética inerente que aciona o movimento. E se o movimento é ondulatório, é o espírito magnético de todas as áreas terrestres do Universo que aciona a ondulação.

Essa força magnética do Universo está além dos limites da teoria e da matemática complicada. Sua aplicação mais formidável serve para manter viva em toda matéria realista o dom criativo natural ou, se preferirmos, a centelha da Divindade. Portanto, a formação de um seixo na praia, uma pérola na concha de ostra e o aperfeiçoamento de um diamante, um rubi e uma esmeralda, ou o desenvolvimento de uma única gota de óleo nas entranhas da terra não são menos expressões da força magnética da engenhosidade criativa do que a luminosidade interna azul e externa do céu, que depende dessa força. A elevação de uma montanha em um momento e lugar, ou a ocultação de uma ilha em outro momento e lugar, atesta a influência magnética universal da cratera do Sol. Se toda a filosofia conhecida tivesse sido silenciada eternamente em seu início, as verdades magníficas da realidade criativa teriam sido evidentes como resultado da função incessante da força magnética em todo o Universo.

Tudo o que foi descrito sobre a função magnética do Universo representado pela ilustração do vórtice tem aplicação igual ao Universo atualmente descrito, estendendo-se como uma planície sem fim através do espaço infinito. A ondulação das áreas de circunferência do vórtice em direção e afastamento de um Sol central seria equivalente a uma ondulação por áreas do Universo plano horizontal em direção e afastamento de um curso do Sol acima do Universo e seu movimento. O Universo plano horizontal é comparável à bandeira-universo do inseto, estendendo-se na horizontal e ondulando ou ondulando no espaço. E as condições que se desenvolvem de ambos os padrões do universo, volante e planície horizontal ondulando em direção ao centro do Sol e em direção ao curso do Sol, se aplicariam a um terceiro padrão do Universo, onde a ondulação pareceria estar apenas em direção e longe de um curso do Sol no mesmo nível como a estrutura do Universo.

O Universo plano horizontal, como as planícies e desertos realistas da Terra, possui comprimento e largura. Mas como o comprimento é infinito, os fins transcendem a capacidade de concepção. Conseqüentemente, eles não podem ser submetidos à visão

física. No entanto, a largura de cada área do Universo pode ser estabelecida da maneira que a largura desta área terrestre de todo o Universo é adquirida. Mas a largura não pode ser estabelecida antes de chegarmos às áreas particulares do Universo. Essa consideração teria que ser aplicada independentemente da forma do universo realista como um todo.

Há mais a ser dito sobre a largura das áreas desconhecidas do Universo. Ela fornecerá a resposta ao contorno de todo o Universo, mas é muito duvidoso que a resposta seja vista. É um absurdo tentar o cálculo de áreas celestiais desconhecidas do Universo com a aplicação de medidores astronômicos. No entanto, e sem graças à astronomia, todas as áreas desconhecidas do universo celestial ao nosso redor são mapeadas com tanta precisão em largura quanto todas as áreas do planeta terrestre conhecidas. Assim, a resposta ao contorno realista do Universo, anteriormente apontado pela ilustração do vórtice, é novamente apontada pela afirmação anterior de que o padrão de largura celestial é mostrado por determinações de largura terrestre.

Ao retornarmos a uma descrição mais detalhada do universo ilustrativo, deve-se ter em mente que nada foi dito sobre ver a largura de áreas celestes desconhecidas de todo o Universo. Nunca veremos a largura até chegarmos às áreas celestiais específicas. Mas podemos saber a largura de um padrão ao qual temos acesso. No caso do Universo volante ilustrativo, todos os ângulos participaram da ondulação universal em direção e afastamento do curso do Sol no espaço, ou em direção e afastamento do centro da área escura da estratosfera da ilustração. Todas as áreas correspondentes do Universo plano horizontal prescreveriam o mesmo movimento para cima e para baixo, ou em direção e para longe do curso do Sol, que seria acima da estrutura do Universo. Pode-se observar que em ambos os casos a relação do Sol com todas as áreas do Universo permaneceria a mesma visualização do vórtice ao arranjo plano horizontal do Universo inteiro no espaço não alteraria de forma alguma o curso do Sol no espaço em relação ao Universo ao qual ele servia.

Vamos verificar a situação. No Universo de vórtice, o curso do Sol seria de sua localização representada até o centro da área escura da estratosfera. Quando o contorno do vórtice é encerrado e a circunferência esticada até uma linha horizontal que se estende além de ambas as extremidades da página que contém a ilustração, o curso do Sol torna-se um curso acima do Universo plano horizontal. Não importa quais palavras sejam usadas para explicar a situação, o fato inegável é que o curso do Sol no espaço não mudou. Em ambos os casos, o Sol está acima da estrutura do Universo. Mudamos o contorno do Universo, mas não fizemos nada para o Sol e o curso do Sol.

Embora o contorno do Universo possa ser conhecido, ele deve permanecer sempre além da vista humana. O padrão realista do Universo criado não poderia nem mesmo ser visto por um observador além do Universo, onde quer que esteja. Nós, que habitamos a área terrestre do Universo, e temos o privilégio de teorizar e conjeturar

sobre o contorno do Universo no espaço, somos afinal, uma parte desse Universo. Os padrões que aplicamos à área do Universo, mas alternativas oportunas para explicar as condições e eventos, tanto factuais quanto aparentes. E os padrões impostos por nossa teorização e conjectura devem estar distantes da realidade criativa.

Em ambas as ilustrações do contorno e movimento do Universo, cada área terrestre e celestial ondulou no espaço a partir da posição atribuída no espaço onde foi criada. Ao fazer isso, todos estavam subindo em direção ao curso do Sol, então, tendo atingido o pico da expansão diária de cada área, eles retornariam por meio da contração às suas posições originais no Universo criado como um todo. Desse modo, desenvolveram as condições físicas vivenciadas, particularmente os dias longos, os dias curtos e as estações, bem como as condições manifestas do dia e da noite. E tais condições experimentadas no nível terrestre devem ser experimentadas no nível celestial.

No entanto, uma explicação razoável das condições vividas não exigia a separação de uma área do Universo de sua área vizinha. Nem a explicação das condições exigiu a aceitação da ilusão de que cada área do Universo é uma área globular. E não exigia que cada área celeste e o todo terrestre fossem considerados isolados no espaço e arremessados em uma órbita matemática, em várias velocidades fantásticas para as diferentes áreas, em um curso anual em direção e para longe do sol. À luz das descobertas modernas, o conceito de áreas globulares e isoladas do Universo está desacreditado, e as descobertas excluem qualquer possibilidade de que áreas do Universo sejam áreas inteiras "circulando ou fazendo elipses no espaço". Conseqüentemente, o movimento ondulante do Universo como um todo conectado apresenta uma expressão muito mais razoável de engenhosidade criativa. E se encaixa no padrão das descobertas modernas. Se nós, como insetos do Universo realista criado, exigimos que ele se mova, vamos supor um movimento razoável que ofereça oportunidade de visitar outras áreas do Universo, depois de ter conjeturado como realizar a visita por séculos além da estimativa.

Conforme relatado anteriormente, não existe uma única manifestação criativa de energia em ação onde realmente ocorra o "círculo ou elipse". Embora existam inúmeros exemplos em que tais "círculos" ou "elipses" parecem ser realizados como resultado da função da lente e dos enganos que se seguiram. Essa consideração não deve ser confundida com a mecânica do homem, na qual uma profusão de rodas e globos desempenham sua função definida de girar e girar. Não há como errar em seu movimento. Não seria possível para eles se moverem de outra forma. Mas eles estão muito distantes da mecânica celeste.

A mecânica giratória feita pelo homem, expressiva da habilidade mecânica do homem, confirma tudo o que foi relatado a respeito da origem das ilusões globulares do

homem sobre o celeste. Pois foi a estrutura circular da lente humana que inspirou a construção, pelo homem, dos instrumentos circulares correspondentes. Mas os instrumentos foram forjados pelo homem para exigir um movimento circular, e nenhum outro movimento. E foi a forma estrutural da lente ótica que exigiu que o homem visse todas as áreas do Universo como globulares e, portanto, isoladas. Conseqüentemente, o Universo inteiro teve que parecer enganosamente ser composto de muitos milhões de áreas isoladas.

Descobertas recentes confirmam que toda a área terrestre do Universo não escapou da doença das lentes. Ela também aparece como muitos milhões de "corpos" globulares isolados à deriva no espaço. Deus não o formou dessa maneira. O homem era incompetente para modelá-lo de qualquer maneira. Mas a lente o moldou à imagem e semelhança da lente. Expressões criativas realistas de energia estão em conformidade com um movimento de curvatura e. E uma série de ondas apresentaria uma ondulação. Mas infelizmente para o progresso humano, o movimento ondulante e oscilante apresenta a ilusão de circular quando visto a uma distância suficiente sob certas condições.

Existem ondas de luz, ondas de calor, ondas sonoras, ondas de cores, ondas cardíacas, ondas cerebrais e outras. São, cada uma e todas, manifestações realistas que podem ser registradas. Algumas podem ser vistas. Outras só podem ser detectadas por instrumentos extremamente sensíveis. Levadas ao máximo, existem ondas espirituais que, pelo menos às vezes, são discerníveis. Elas podem ser pesadas e registradas. E podem, em condições apropriadas, ser vistas em trânsito.

Isso tem a ver com energia pura e suas expressões factuais em um mundo de realidade. E se alguém pudesse ter evocado o arco-íris com a menção de ondas coloridas, ele deveria ser imediatamente eliminado da categoria de energia pura. A formação do arco-íris é criada pela lente expressamente para a lente que o está observando. O arco-íris, ou qualquer tangente de um arco-íris, tem paralelo com as chamadas "curvaturas da Terra". E como este trabalho descreve, a "curvatura" da Terra deve existir para a lente porque a lente criou a curvatura em sua própria imagem e semelhança.

A inclusão de ondas espirituais na referência às manifestações de energia parece requerer alguma explicação. Existe uma eternidade de diferença no significado da palavra "ver" no que se refere a uma forma de auto-hipnose e à detecção visual de um espírito em trânsito ao se afastar do corpo humano. A auto-hipnose representa a "visão" costumeira dos espíritos, é uma projeção mental e não uma detecção visual. E a palavra "trânsito" deve ser qualificada para ter aplicação apenas ao breve intervalo em que o espírito humano deixa o corpo - aquele tempo imediatamente anterior à cessação de todas as funções corporais que tornam a vida como a conhecemos.

Na verdade, é esse afastamento do espírito do corpo que provoca a cessação das funções corporais que fazem a vida.

Há um ditado jocoso que descreve apropriadamente o desenvolvimento do que chamamos de "morte". "Ele abandonou/desistiu do fantasma." Ao "abandonar/desistir do fantasma", o espírito partiu. Neste caso, "fantasma" é sinônimo de "espírito".

No entanto, se alguém recordasse o espírito que "viu", aqui, ali e em todos os lugares e sob todos os tipos de condições, a conclusão razoável deve ser que tal "ver" foi uma projeção consciente ou inconsciente da imagem mental retida do corpo mortal de uma pessoa que partiu. A imagem seria do corpo uma vez vivo. Não seria do espírito vivendo naquele corpo antes que o corpo morresse e o espírito partisse. E a imagem pode ser de mãe, pai, irmã, irmão, esposa, amante ou qualquer pessoa que era conhecida antes de sua morte. Esses chamados espíritos são "vistos" de alguma forma na ordem em que o astrônomo "vê" corpos redondos circulando ou fazendo elipses no espaço. Esses "espíritos", com corpos supridos pela mente viva, são freqüentemente vistos sob condição de tensão emocional.

Sua presença é ordenada apenas pela mente de uma pessoa viva. É capaz de projetar o corpo-espírito, que não é um espírito, em quase qualquer lugar. Como é a mente mortal que deseja "ver", aquilo que é visto deve ser uma duplicata da imagem corporal que a mente retém de uma pessoa viva anterior cujo espírito partiu. O espírito daquele corpo previamente vivo e conhecido é, sem dúvida, um residente do domínio espiritual desconhecido. E o espírito, por ser espírito, não tem características físicas que identifiquem o corpo em que antes habitava. O espírito não pode ser um espírito e reter características mortais. Nem pode o espírito ter mente mortal, que foi desenvolvida para servir às necessidades do corpo. A mente permanece com o corpo. Ele, com o corpo, foi ordenado pelo espírito que acionou a célula para construir o corpo.

Portanto, não precisamos discutir os numerosos espíritos "vistos" totalmente vestidos com as roupas que cobriam o corpo onde o espírito que partiu estava contido. Isso não nega a evidência de sintonia espiritual com um espírito que partiu. Essa é uma questão muito diferente. Sob tal condição, o espírito de um corpo vivo de fato se sintoniza com um espírito que partiu. Então, o corpo vivo sente fortemente a presença do espírito que partiu. E à medida que o cérebro da pessoa viva recebe a vibração transmitida pelo espírito, a mente é acionada para projetar o corpo, as características e a vestimenta daquilo que o espírito que partiu representou. Então, muito mais rápido do que o F.B.I poderia funcionar, a mente da pessoa viva exibe tudo o que a pessoa viva uma vez sabia sobre a pessoa viva anterior que a vibração do espírito representa.

Assim, embora o espírito que partiu seja de fato fortemente sentido através do espírito contido em um corpo vivo, é a mente do corpo vivo que automaticamente

revive do depósito da mente de fotografias um retrato do antigo corpo que continha o espírito manifestado. Esse é o único retrato que a mente viva possui. Não pode conter uma imagem de outra coisa senão o corpo que um dia conheceu como corpo. Não tem nenhuma imagem de um corpo como um espírito. Portanto, a entidade física viva, você e eu e cem bilhões de outras pessoas, pode razoavelmente sentir a presença do espírito sem ver o espírito. Mas como alguém poderia esperar ver um espírito em forma de corpo, especialmente se esse corpo estava envolto em roupas de existência mortal e esperar que pudesse ser o espírito? Esse tipo de "ver" um espírito expressa uma forma de auto-hipnose, enquanto a visão positiva do flash luminoso do espírito partindo do corpo, logo antes da morte do corpo, representa uma função visual como ver o Sol, a luz, as trevas, e um milhão e uma coisas e condições em um mundo de realidade.

O espírito é tão real quanto o corpo. Sem ele, não poderia haver corpo. Pode ser visto, como espírito, em sua saída do corpo. Foi pesado ao sair do corpo. Mas nunca deve ser visto como um corpo físico. Nem deve o espírito ser visto com traços, e certamente não com roupas. Apenas o corpo precisa de recursos e roupas. Para progredir para o que pode ser considerado um reino de energia mais físico, onde se manifesta na e pela massa de terra e água, é experimentada a ondulação regular (ondas) de oceanos, rios e lagos. E também se experimentam as expressões irregulares das ondulações das ondas gigantes. Os tremores de terra experimentados são expressões de ondas subterrâneas de energia. Elas atingem o pico de expressão em violentos terremotos ondulantes e erupções vulcânicas. Na superfície da Terra, descobriu-se que gases e nuvens de fumaça ondulam e rolam. Mas eles não circulam. No entanto, ondular e rolar pode enganosamente parecer um movimento circular.

O relâmpago se curva, acorrenta e ziguezagueia em seu curso, mas não circula. E todas as expressões do controle e utilização da eletricidade pelo homem atestam que o movimento da eletricidade se opõe ao círculo. Onde a corrente elétrica é vista como luz, ela vibra de e para o filamento que a carrega de maneira ondulante. E a emoção é qualquer coisa, menos a de circular, mesmo que a corrente esteja cativa dentro de uma área globular, um globo de luz.

Sempre que um verdadeiro movimento circular ou de elipse é prescrito, ele é devido e é um atributo da mecânica feita pelo homem. E onde a mecânica não é feita pelo homem, como no universo ao nosso redor, o conceito do homem impõe à realidade criativa não globular um falso contorno globular. Não há dúvida de que globos e esferas, e itens globulares e esféricos, existem aos milhões. Mas eles existem apenas na superfície da Terra, onde o homem os criou. E existem vários produtos feitos pelo homem que prescrevem um movimento circular. Da mesma forma, existem muitos objetos feitos pelo homem que, quando adequadamente organizados e fornecidos na velocidade adequada, irão enganosamente parecer áreas globulares como resultado

do movimento circular que prescrevem. No entanto, quando o movimento cessa/para, descobriremos que as áreas são tudo menos circulares ou globulares em seu contorno.

Há amplo conhecimento disponível sobre os caprichos das lentes e as ilusões que se desenvolvem a partir do movimento diretamente à mão na superfície da Terra. Portanto, é muito singular que o homem moderno persista em dotar de realidade as áreas celestiais globulares irrealistas. E, ao conceder que as áreas são globulares, o homem deve decretar que elas sejam isoladas. Então, com a falsa globularidade e o isolamento no controle da mente, o movimento detectado no nível celestial deve estar circulando ou fazendo elipse.

É um desenvolvimento extraordinário que o homem, depois de séculos de conjecturas sobre o curso para Marte e todas as outras áreas do Universo, tema seguir o curso agora tão claramente definido. Na descoberta inicial de um curso de terra para o celeste, a existência de terras além do Pólo Sul foi estabelecida em 12 de Dezembro de 1928. Mas o curso não foi então penetrado. Em Fevereiro de 1947, o caminho do norte para os chamados "céus acima" foi descoberto além do Pólo Norte. E uma pequena extensão de sua área inestimável foi penetrada por uma força-tarefa naval dos EUA sob o comando do contra-almirante Richard Evelyn Byrd. No entanto, a teoria obsoleta e o equívoco que ela fomentou por vinte e oito anos restringiram a penetração em profundidade no curso do sul. Não foi até 13 de Janeiro de 1956, que algum progresso real foi feito; quando uma unidade aérea naval dos EUA realizou um voo de 2.300 quilômetros além do ponto teórico do Pólo Sul. Mas essa extensão não tem sentido quando se sabe que a jornada além pode ser continuada por centenas de milhares de quilômetros. Quase dez anos se passaram sem propósito exploratório notável ao longo do curso do norte que se estende além do ponto do Pólo Norte. Claro, é possível que a penetração tenha sido feita além do ponto de 1.700 milhas alcançado em Fevereiro de 1947, mas a conquista foi mantida em segredo.

Será que a reticência do homem terrestre em continuar sobre as áreas de terra do norte e do sul que levam ao celeste se deve à fixação da conjectura sobrecarregada de "disparar e subir para cima"? Em um longínquo ano de cinquenta anos atrás, este então garotinho perguntou seriamente a que distância fica o céu. Desde então, tem persistido o pensamento popular e a discussão de "lançar/disparar" um foguete para atingir Marte e outras áreas do universo à nossa volta. Parece que, finalmente, uma maneira mais razoável e frutífera de procedimento pode ser contemplada, particularmente após a descoberta moderna de rotas terrestres diretas que levam "para cima" de além do Pólo Sul e do Pólo Norte. O progresso direto de além dos pontos do pólo nunca exigirá "subir/disparar para cima", ou para fora, do nível terrestre para alcançar as áreas celestiais.

Diante da tendência atual de destruição do homem terrestre e de sua civilização, impõe-se o pensamento desagradável: Seria uma pena se o homem destruísse seu

reino na Terra antes que os preparativos adequados fossem feitos para o santuário no território celestial vizinho. Na indesejável persistência de tal pensamento, é revivido o nome de um famoso predecessor que morou na França. Ele era conhecido como Júlio Verne e previu que a Terra seria destruída por um instrumento de guerra que explodiria como uma caldeira. Ele também observou que os americanos eram bons fabricantes de caldeiraria. Somos bons caldeireiros. E os instrumentos de destruição correspondentes a uma caldeira são as bombas atômicas de átomo, hidrogênio e cobalto. Será que, enquanto o homem desta civilização terrestre está no limiar de áreas de terras celestiais, e quando os séculos dos Sonhos dos Sonhos estão para ser realizados, a destruição em massa cancelará a realização do Sonho?

Capítulo doze

O céu luminoso do mestre construtor

Todos são arquitetos do destino, trabalhando nestas paredes do tempo: Alguns com grandes e grandes feitos; alguns com menos rima. - Longfellow "Os construtores"

Ao longo dos corredores transcendentes da realidade criativa, os arquitetos do destino deram uma contribuição oportuna para uma interpretação da Criação expansiva. Cada arquiteto contribuiu na medida particular decretada pelo destino e pelo tempo. Copérnico, Halley, Kepler, Galileu, Huygens, Newton, Herschel, La Place e outros na longa lista de trabalhadores do tempo ajudaram no aperfeiçoamento de um mecanismo conceitual que explicava as condições e eventos, aparentes ou verdadeiros, projetados na tela da vida por superando a função criativa.

No entanto, apesar da melhor aplicação dos trabalhadores do tempo, a realidade permaneceu obscura e os sistemas matemáticos mais precisos falharam em abraçar a realidade cósmica sublime. É verdade que sua arte desenvolveu um sistema materialista, que fornecia uma explicação plausível e aceitável para o aparecimento de coisas e condições celestiais. Mas os mistérios do Cosmos permaneceram tão misteriosos como sempre. Por meio dos ditames do destino e do tempo, os sistemas evoluídos não alcançaram um conhecimento maior dos valores da Criação. Eles apenas aumentaram os amplos gramados e jardins da suposição para dignificar a prisão do homem de isolamento terrestre. O terrestre permaneceu uma prisão apesar do empreendimento arquitetônico.

O monumental universo mecanicista feito pelo homem tem sido, ao longo dos anos, embelezado por todos os tipos de "descobertas" astronômicas. E, embora as coisas e condições que constituem essas "descobertas" fossem ilusórias, o conceito popular

atribuiu a elas o valor da realidade criativa. Os gramados e jardins da teoria foram tão aumentados durante os últimos quatrocentos anos que observadores casuais perderam de vista o fato de que eles obscurecem uma prisão terrestre. O progresso dos séculos tem sido o de ampliar e embelezar uma imagem de Deus pagã, da qual se espera que desenvolva atributos divinos no processo. Sendo assim, os séculos de glamour ampliado para as fórmulas matemáticas decorativas podem ter levado a acreditar na realidade dos sistemas mecanicistas que desintegram o Cosmos e isolam a Terra. As fábulas desse esquema decorativo tornaram-se tão firmemente estabelecidas que são consideradas elementos factuais do padrão criativo.

Portanto, pode-se novamente expressar a indiferença de uma certa senhora encantadora, mas equivocada de outros anos, que assistiu ao relato da aula do autor sobre a realidade celestial. No final da palestra, ela exclamou inutilmente: "*Oh, eu não gosto de você! Você tira minhas estrelas.*" Como poderiam as "estrelas" daquela querida senhora, e de todas as queridas e encantadoras damas deste Universo, ser tiradas, exceto por decreto divino da sublime Força Criativa que originalmente ordenou sua localização resplandecente, mas sedutora? Essa planta sem sentido é semelhante à expressão inesperada de alguém que orou por muito tempo para ser mãe e que, ao observar o parto do bebê pelo qual orou, pode gritar para o obstetra: "*Oh, eu não gosto de você! Você tirou minha cegonha de mim. Você destruiu o valor das minhas bonecas de infância.*" Seria de se esperar que a mãe renunciasse e condenasse os meios pelos quais a realidade pela qual ela orou foi trazida à luz? Será que ela poderia condenar a imagem viva que contém a realidade por todas as ilusões que poderiam ser amontoadas na consciência humana?

Seria possível considerar o sangue menos do que sangue se e quando adquiríssemos um conhecimento preciso de sua composição e, assim, pudéssemos reproduzi-lo em esforços de laboratório? A luz benéfica e calor do Sol foram depreciados através da aquisição de conhecimento sobre a maneira pela qual essa luz e calor são gerados e dispensados? A luz do sol dourada se difundiu de nosso céu imediato, onde quer que alguém pudesse morar, tornou-se menos dourada porque as observações recentes da estratosfera revelaram que o Sol é vermelho, em vez de ter uma luminosidade dourada, quando observado contra a escuridão da estratosfera? Devem os sonhos ser considerados menos do que sonho pelo conhecimento das causas e do possível presságio dos sonhos? O pensamento seria prejudicado se nos tornássemos cientes da ordem e do movimento precisos de uma única vibração de pensamento dentro do cérebro humano? Seria possível considerar o sangue menos do que sangue se e quando adquiríssemos conhecimento preciso de sua composição e, assim, pudéssemos reproduzi-lo em esforços de laboratório?

Não, querida senhora, nada foi tirado. Suas "estrelas" continuarão a brilhar nas seis magnitudes de sua classificação original, de acordo com o brilho, do antigo cavalheiro

chamado Hiparco. E continuarão a ser observados até a vigésima primeira magnitude pelos cavalheiros modernos com lentes que são conhecidos como astrônomos. A única coisa a sofrer mudança será a compreensão adulta do valor "estrela", e a única coisa a ser tirada será a ilusão sem propósito de antigamente. E embora a sua interpretação de todos esses pontos de luz do céu celestial se torne mais articulada, nunca lhe será negado o prazer da contínua aparência ilusória de suas pequenas "estrelas" que parecem "piscar e piscar" para você, e manter encontros furtivos na quietude da noite.

As chamadas "estrelas acima" permanecerão para todas as observações. Mas seu verdadeiro caráter será conhecido. E seu valor anterior de "estrela" existirá de uma forma comparável à maneira pela qual animais e objetos existiam sem proporção corporal para a mente infantil subdesenvolvida. As mentes das crianças que não têm idade suficiente para ter adquirido um conceito de terceira dimensão de massa ou propriedade corporal não podem perceber a plenitude dos animais e objetos. Portanto, o animal ou objeto deve ser desenhado sem plenitude corporal. E todos os esforços para reproduzir o animal ou objeto de três dimensões, comprimento, largura e espessura, não permitem nada mais do que as linhas que mostram o animal ou objeto em um plano bidimensional. Sem o conceito da espessura corporal do animal e dos objetos, a criança não consegue expressar o que o conceito não comporta. Conforme a criança cresce, ela desenvolve um plano tridimensional. Sem o conceito da espessura corporal dos animais e objetos, a criança não consegue expressar o que o conceito não comporta. À medida que a criança cresce, ela desenvolve um conceito tridimensional das coisas. Percebe que os animais e objetos têm corpo ou plenitude. Então, ele é capaz de reproduzir o animal ou objeto como ele é, em vez de como a princípio parecia ser para a mente infantil subdesenvolvida.

Por mais estranho que possa parecer aos membros de nossa sociedade moderna iluminada, existem tribos inteiras em áreas remotas e não cultivadas, exploradas e conhecidas da Terra, cujos membros são incapazes de representar objetos e animais de três dimensões. Eles, por sua vez, são obrigados a desenhar o animal ou objeto sem plenitude corporal.

Assim, você consideraria que a criança perdeu ou ganhou por meio daquela medida de crescimento mental que lhe permitiu perceber a realidade das coisas e condições como existem em um mundo de três dimensões? Pode-se esperar que o pai dedicado ou o professor zeloso censure o desenvolvimento mental da criança? O animal ou objeto específico se tornaria menos real para o avanço da inteligência infantil? As respostas são mais óbvias. Nada foi subtraído da mente da criança e a medida de diversão derivada de desenhar os animais e objetos. Nem nada foi tirado do animal ou objeto, e seus desenhos. Ao contrário, houve considerável valor agregado duradouro para a criança, para os animais e objetos, e para os desenhos.

Portanto, a mente infantil adquiriu o valor realista das coisas. Da mesma maneira, desenvolver-se-á um avanço geral por meio do discernimento do valor verdadeiro das luzes celestiais. No esforço astro-matemático mais profundo, continuarão a ser observadas telescopicamente as chamadas "estrelas" de brilho de vigésima primeira magnitude. E a intensidade da luz "estrela" continuará a ser observada variando de tempos em tempos e de lugar a lugar. Isso se aplicará tanto ao terrestre quanto ao celestial.

Essas condições perdurarão para as lentes. E os inúmeros outros enganos, pelos quais as lentes são responsáveis, não terão fim no que diz respeito à observação. Mas o cérebro saberá a realidade por trás dos enganos. A observação e o estudo celestes serão avançados por meio da observação da luz do céu terrestre de pontos de observação de terras celestes recém-adquiridos. Mas o estudo continuará a manter as características aparentes do atual estudo astronômico do celeste. E as condições aparentes devem perdurar, apesar do fato de que as fotos das câmeras de foguete provaram que essas características são igualmente aparentes em áreas terrestres iluminadas pelo céu.

De forma alguma o padrão celestial atualmente observável será alterado. Mas suas múltiplas manifestações serão entendidas pelo que são, e não pelo que parecem ser. E o retrato mental adquirido da realidade do Universo irá ultrapassar a visão mecanicista desenvolvida a partir de aparências enganosas que anteriormente obscureciam a realidade.

O intrigante arranjo cósmico, para observação, continuará a conter os "gigantes" e os "anões" da elaborada catalogação de "estrelas" da astronomia. As numerosas "galáxias" persistirão no padrão observável telescopicamente do todo cósmico, sejam as observações terrestres ou celestiais. Mas seu significado será conhecido. E o significado expressará algo em um reino da realidade cósmica, onde todas as ilusões aceitas como fatos do passado serão conhecidas como ilusão. Então, os "arquitetos do destino" mais bem equipados lerão com precisão as impressões celestes do Universo do Mestre Construtor.

Os atuais chamados "céus acima" continuarão a manter toda a orientação atual expressa pela astrologia, pois o conhecimento do movimento da luz do céu celestial não mudará o movimento. E as influências edificantes permanecerão para os homens e mulheres que acreditam no valor das "posições" de seus guias de luz celestial. A elevação espiritual e a orientação moral serão as mesmas, mesmo que a "subida" presentemente assumida de uma área celestial luminosa particular seja conclusivamente estabelecida como nada mais do que o movimento ondulante do gás luminoso do céu sobre uma massa de terra celestial inobservável. É a medida da crença e a profundidade da fé em uma condição ou coisa, ao invés da propriedade da condição ou coisa, que desenvolve a inspiração e a perspectiva rósea que todos nós

exigimos na jornada através deste "vale de lágrimas". Portanto, no final das contas, faz pouca ou nenhuma diferença como a elevação e a orientação são adquiridas.

A arte da astrologia manterá seus símbolos de "estrelas". Seus movimentos, reais ou imaginários, não precisam ser descartados. E qualquer que seja a extensão do esclarecimento humano, o conhecimento não diminuirá as influências favoráveis atribuídas, e decorrentes de ações individuais nos momentos considerados mais oportunos.

Em outro reino das relações humanas terrestres, o conceito de céu teológico pode perdurar para a multidão religiosa. O mais cético não pode desafiar com sucesso a premissa teológica de que o infinito desconhecido contém a morada de um espírito que partiu. E, sendo assim, pode-se esperar que derrote qualquer aplicação da matemática abstrata que busque determinar ou negar a existência do céu. Quando for totalmente percebido que os vastos recursos astronômicos, com escopo ilimitado de operação para sondar o universo ao nosso redor, falham em detectar e estabelecer valores realistas do Universo, ficará manifesto que a compreensão de um domínio espiritual mais elusivo está além da capacidade da astronomia. E não faria diferença se o domínio do espírito estivesse dentro ou fora do Universo físico.

Além disso, se tal paraíso utópico existisse dentro do universo realista e fosse visto e medido todas as noites por todos os poderosos instrumentos da astronomia, como sua identidade poderia ser estabelecida? Os espíritos contariam aos astrônomos ou Deus diria a eles? Pode-se esperar que a ostenta mecânica astronômica, que se provou impotente para detectar a massa terrestre celestial ou para diferenciar entre movimentos de gás do céu aparentes e factuais, penetrasse e determinasse uma herdade celestial eterna para os espíritos humanos que partiram? E como poderia ser conhecido como tal, embora pudesse, de alguma maneira mágica inconcebível, ser abraçado pelos instrumentos de detecção do homem mortal?

Além disso, qual dos grandes instrumentos do homem poderia determinar que os espíritos detectados em um domínio espiritual obscuro eram de fato espíritos celestiais? Qual poderia ser a fórmula astro-matemática precisa que fornece o padrão de medição para espíritos celestiais e espíritos não celestiais? O Céu, o Céu teológico, que não é os chamados "Céus acima", poderia estar em qualquer lugar dentro do Universo físico construído, no que diz respeito a qualquer ciência abstrata. Que ciência abstrata, ou que ciência positiva, é capaz de contradizer a conjectura de que em alguma área de massa de terra de todo o Universo, e uma área que não é abrangida pelo céu dogmático, agora habitam seres humanos possuidores de asas? Quando consideramos as suposições absurdas da astronomia que obscurecem e negam a realidade e a vida do Universo, o que de estranho poderia haver com a suposição de que homens e mulheres vivos de outras áreas do Universo são dotados de asas? Não há nada de estranho nisso, quando consideramos que qualquer número de

animais inferiores dos chamados tempos pré-históricos são retratados com asas, embora nunca tenham sido vistos pelos homens. Quem pode determinar que o desejo milenar do homem terrestre de voar derivou em sua totalidade do exemplo sempre presente e da influência dos pássaros em voo? Não poderia ter sido retido no homem o conhecimento instintivo de ter voado em um período anterior de seu desenvolvimento?

Além disso, não poderia o homem terrestre atualmente desenvolvido, antes de sua residência terrestre, ter asas adequadas para uma antiga residência em algum lugar do céu? Certamente é tão fácil ordenar homens com asas quanto conjeturá-los com caudas, embora caudas possam ser consideradas mais apropriadas para alguns. Além disso, que eloqüência mortal de raciocínio pode negar de forma convincente a existência de uma área celestial habitada por, e restrita a espíritos sem forma que não podem ser vistos? Como tal espírito não pode ser visto, a mente humana não pôde discernir sua presença, embora os homens terrestres invadissem essa área celestial do domínio espiritual e se movessem entre os residentes espirituais sem forma. Podemos nós, de substância e forma física, ver a imagem de radio da substância durante o período em que ela é transformada em energia em movimento? Podemos detectá-lo antes de ser recebido e reproduzido como imagem da substância pelo aparelho receptor que construímos especialmente para a recepção da energia e sua transformação em uma imagem da substância original?

E, embora nosso equipamento de recepção e transformação seja o mais magnífico, podemos detectar, receber e transformar a energia a menos que haja recepção adequada ou sintonização? Podemos decifrar as vibrações telefônicas em trânsito e antes que cheguem ao receptor ajustado para sua recepção? Podemos interceptar as vibrações magnéticas funcionais do cérebro antes de serem registradas como ondas no gráfico de registro de nossa própria criação? E mesmo depois da gravação, podemos decifrar suas mensagens vibrativas em termos físicos?

Essas forças em ação estão dentro do reino realista inquestionável da expressão física humana. Elas representam elementos do e para o homem, e dos quais o homem tem experiência diária. No entanto, o homem, ao criar o poder por trás dessas forças em ação (com a possível exceção da função do cérebro), carece de domínio completo dessas forças diretamente disponíveis e sob a supervisão constante do homem. Portanto, qual é a possibilidade de determinação científica das vibrações espirituais que não estão em conformidade com nenhum registrador feito pelo homem? E a possibilidade torna-se mais remota se admitirmos que as distâncias astronômicas envolvidas são reais.

Esse tratamento do espírito pode parecer conflitar com a menção anterior da observação de uma pessoa viva de um espírito luminescente em movimento procedendo na escuridão para longe de um corpo humano onde todas as funções

vitais haviam acabado de cessar/parar. No entanto, não pode haver conflito. O espírito visto como um espírito sozinho/individual deve perder sua individualidade à medida que se funde com todos os espíritos no mundo espiritual desconhecido. Então, pode anular a habilidade mortal de vê-lo novamente como o espírito individual, ao se afastar do corpo que sustentou por um ou cem anos. Como a célula individual que é perdida de vista pela multiplicação subsequente de células que constroem o corpo humano, o espírito individual deve ser perdido de vista em sua fusão com os incontáveis espíritos que formam o mundo espiritual eterno. Afinal, foi o espírito invisível que acionou a célula original para construir o corpo. Sem ele, não haveria corpo. E o espírito, que atuou na célula original para construir o corpo, permaneceu como a força atuante daquele corpo específico até que o espírito estivesse pronto para partir.

Essa condição é a vida. Deve ser manifestado a todos, mesmo que não haja uma única declaração religiosa tentando descrever o espírito eterno do homem. No entanto, apesar da fusão do espírito individual com outros espíritos após ter realizado sua tarefa no corpo individual, ele pode, às vezes, reafirmar a individualidade e fugir do domínio dos espíritos coletivos que partiram. Essa é uma conjectura muito agradável, e não há autoridade para negar a possibilidade. Nesse caso, o espírito individual pode novamente ser visto por seres humanos selecionados a quem o espírito manifesta sua presença.

O seguinte exemplo simples pode descrever de forma mais adequada. Como indivíduos vivos, com corpo e espírito, podemos ver a atividade dos neurônios do sistema nervoso do corpo; ele é visto por meio da experiente contração de um único nervo. Mas nos é negado ver o acúmulo de neurônios do corpo que compõem o sistema nervoso do corpo. Conseqüentemente, a partida do espírito corporal individual ou individual no momento da partida pode ser considerada análoga à contração observável de um único nervo. A conclusão do voo daquele espírito individual do corpo, fazendo sua fusão com todo o mundo espiritual, proporcionaria a ele o status correspondente no acúmulo invisível de neurônios no sistema nervoso do corpo vivo. Assim, ele se tornaria invulnerável à vista de qualquer pessoa viva.

No entanto, embora fosse obrigado a permanecer fundido com outros espíritos do mundo espiritual, ele poderia expressar individualidade espiritual invisível ao manifestar sua presença espiritual ao espírito de uma pessoa viva em particular. Assim, as manifestações espirituais, invisíveis, se desenvolveriam para o subconsciente da pessoa, que por sua vez alertaria a consciência para a presença desse espírito. E a presença do espírito, embora invisível, seria muito real. Todo o sistema nervoso da pessoa viva sentiria isso. E o efeito da sintonização do espírito da pessoa viva com a presença do espírito que partiu penetraria na camada externa da pele da pessoa.

Muitos há que conheceram essa sintonização espiritual e experimentaram sua reação na carne e na pele. Portanto, não deve ser muito difícil discernir que o maior avanço físico possível em áreas terrestres dos chamados "Céus acima" nunca pode envolver a invasão do território do Céu, onde quer que seja. Embora os chamados "céus acima" estejam em toda parte. O céu deve ser sempre um domínio restrito, onde os seres vivos não podem entrar. Caso contrário, o céu deixaria de ser o céu. E é sem dúvida a única área onde não há necessidade da luz do céu luminosa para expressar "estrelas brilhando acima." O esplendor do Paraíso teria que ser magnífico demais para ser detectado pelas lentes e seus lacaios, ou não poderia ser o Paraíso. Teria que transcender o conceito mortal. E é verdade.

Cinquenta longos e tumultuosos anos atrás, naquela infância sem fardo de folclore e fábulas contendo o encantamento de "*Brilha, brilha, estrelinha, como eu me pergunto o que você é*", uma criança sensível perguntou à sua bela primeira-dama da vida: "*Mãe, a que distância está o céu?*" E a bela primeira-dama, a quem este livro é devidamente dedicado, respondeu: "*Querido, o céu está a milhões de quilômetros de distância*."

A memória de sua resposta amorosa provoca a pergunta: Alguém pode acreditar que a medida do encantamento sustentado na vista infantil de um céu desconhecido a um milhão de quilômetros de distância pode ser comparada com a fascinação mantida no conhecimento adulto da proximidade do céu a dez quilômetros? Pode o encantamento da distância, que serviu à infância, comparar-se com a compreensão adulta do propósito divino ordenado do céu de fornecer proteção infalível para toda a vida e vegetação na terra subjacente ao céu em todo o Universo? Que perda possível a criança poderia suportar ao perceber que a distância de um milhão de quilômetros era falsa e que a aparência de uma grande distância para o céu era uma ilusão?

Nada poderia ser levado embora, porque nada real existia. E, neste caso particular, considerável é ganho através da compreensão da proximidade do céu e seu maravilhoso propósito e função de salvamento de vidas.

Da mesma forma, que perda poderia ser sofrida por entender que a miríade de luzes celestiais são do mesmo conteúdo gasoso que o céu terrestre, e que expressam o mesmo grau de brilho, e que executam os mesmos movimentos que a luminosa superfície externa de nosso céu terrestre? E quem poderia se machucar com o conhecimento de que a luz da área do céu terrestre deve expressar aos observadores celestiais os mesmos "céus acima" que as luzes celestiais apresentam aos observadores que vivem nesta área terrestre? Embora todas as pessoas vivas possuíssem uma compreensão completa da realidade celestial, essas áreas celestiais luminosas não continuariam a transmitir as presentes mensagens "estelares" ilusórias?

Não devemos perder de vista que "para cima" é sempre relativo. "para cima" está em toda parte. Portanto, os atuais residentes do planeta terrestre irão nos próximos anos habitar em terras subjacentes ao que agora é considerado uma "estrela". Então, ao olhar "para cima", ou para fora, da área de terra celestial, eles observarão as áreas do céu terrestre como "estrelas" e "planetas".

E os futuros residentes de áreas celestiais não falariam das áreas coletivas do céu terrestre luminoso como "os céus acima?" As aparências, e a descrição de tais aparências, continuarão as mesmas, apesar do fato de que o conhecimento da ilusão será positivo. Será sabido que cada ponto de luz do céu terrestre é apenas enganosamente globular e, portanto, apenas aparentemente isolado. Conseqüentemente, as palavras de ilusão perdurarão, embora se tenha conhecimento de que elas se aplicam apenas ao ilusório. Eles terão uma vida estendida da maneira que a "Fábula da Cegonha" é expressa por adultos que sabem que o parto de bebês pela cegonha é pura ficção.

Não goza a inteligência adulta das ficções mais rebuscadas e das mais impossíveis, mas temporariamente intrigantes, produções cinematográficas, ainda que se tenha plena consciência de que as condições descritas pelos livros ou cinemas vão além dos limites da realidade? Conseqüentemente, o conhecimento máximo dos valores celestiais faria com que as "estrelas", como são vistas agora, apareçam menos do que agora parecem ser? Eles não teriam maior valor como ilusões de "estrelas" conhecidas do que como ilusões desconhecidas dos séculos?

A "Lua" não seria menos "Lua" se fosse universalmente conhecido que a área de luminosidade, maior do que a luminosidade de outras áreas celestes, é apenas um reflexo do Sol em vários ângulos em diferentes períodos. E não vai prejudicar a "Lua" e seu propósito quando se sabe que o reflexo não é lançado sobre um corpo "Lua" isolado muito mais perto da Terra do que outras áreas celestes, mas que o reflexo é de fato lançado sobre um área do céu celestial luminoso conectado. A "Lua" não continuaria a brilhar? E não continuaria a inspirar toda a descrição poética de outrora? A "lua cheia" de amanhã, como a do passado, não desfilaria em esplendor régio ao longo de seu curso de gala nas noites de outono? E não traria uma agradável fruição as abundantes colheitas e outras alegrias da "lua cheia" e das noites da colheita? A simbólica "lua crescente" não persistiria e mereceria toda a descrição gasta do tempo da intriga oriental? E como seria sombria a alma de alguém que não pudesse ser transportado na "lua crescente" para as longínquas areias do deserto e tendas onde as paixões do harém próximo douram a "lua crescente" oriental com um tom de vermelho ardente.

Tudo isso não se aplica, seja qual for a "Lua" em um mundo de realidade? E, nesse mundo de realidade, a "Lua" definitivamente não é um corpo isolado. O autor, que há cinquenta anos questionou sua mãe, recentemente dirigiu a mesma pergunta a um

jovem que observava atentamente o drama noturno da luz do céu celestial. Ele perguntou: "Filho, a que distância você acha que o céu está?" E o jovem respondeu: "O céu está a bilhões e bilhões de quilômetros de distância". "Bilhões e bilhões de quilômetros de distância." Como não há guilhões de que falem os jovens, não existe um "corpo lunar" isolado de que falem as crianças mais velhas. Tampouco existem em qualquer lugar do Universo criado os corpos isolados de "estrelas" ou "planetas" de que falam os astrônomos. Eles não são menos condições de um mundo de ilusão do que a distância aparente do céu para o jovem sem discernimento, para quem o céu parecia além da estimativa da distância. Portanto, novamente a questão é apresentada: Que perda aquele jovem poderia ter sofrido quando subsequentemente soube que não há bilhões de nada e que o céu aparentemente distante está a apenas dez milhas/quilômetros da superfície da Terra? Da mesma forma, que perda poderia ser conhecida por todas as crianças da Terra através da extensão do conhecimento de que "estrelas" estão aparentando enganosamente como áreas globulares e isoladas de uma superfície de céu externo luminosa contínua e ininterrupta?

E não haveria uma medida de elevação espiritual a partir do conhecimento de que tal céu cobre protetoramente cada centímetro da terra celestial da mesma maneira que protege toda a vida e terra terrestre? E o que também seria sustentado ao saber que a luz universal do céu, de brilho variável, só parece piscar e piscar pelas razões substanciais descritas nos capítulos anteriores? Apesar da aquisição de tal conhecimento corretivo, as crianças crescidas de hoje, nos horizontes em expansão de amanhã, continuarão a olhar para fora das posições terrestres para ver os resplandecentes chamados "céus acima". E elas também mencionarão suas "estrelas cintilantes" favoritas. E sua visão, e a descrição dessa visão, permanecerão, embora se tenha conhecimento de que os ex-residentes terrestres estão vivendo na massa de terra subjacente à área do céu celestial para serem vistos pela observação terrestre como uma "estrela cintilante".

Portanto, a assistente de palestra sem discernimento pode se consolar com o conhecimento de que ninguém e nenhuma força conhecida pode tirar suas "estrelas". Os astrólogos e seus seguidores, e todos os observadores zelosos de todas as estrelas, podem saber que suas "estrelas" durarão enquanto o Universo e sua vida continuarem.

Se a Força Criativa organizando a luz universal do céu, que permite que os padrões de "estrelas" sejam vistas pelas razões pelas quais são vistas, causasse a descontinuação do céu e de sua luz, então não poderia haver olhos mortais para ver que as "estrelas " se foram. Pois sem a densidade protetora do céu celestial e terrestre para produzir a luz que fornece a aparência de "estrela", então deixaria de haver qualquer aparência de vida na Terra ou no Universo ao nosso redor. Para a astronomia e seu elaborado sistema mecanicista, a "Estrela" do Norte e todos os pontos celestes de luz celestial

atualmente mapeados, compreendendo os "mapas estelares" do astrônomo, permanecerão para observação. E eles não sofrerão nenhuma perturbação senão a de terem acrescentado a eles, por meio da compreensão humana, sua massa de terra natural subjacente e há muito negada. E então será entendido que a massa de terra subjacente é produtiva de vegetação abundante e que sustenta a vida humana e de outros animais.

Não, as estrelas não devem ser tiradas pela conquista imediata do homem de áreas de terras celestiais que as chamadas estrelas, como áreas de luz do céu celestial, tão competentemente protegem e escondem. As religiões e seus membros devotos continuarão a reter seus símbolos luminosos como "a estrela de Davi" ou "a estrela de Belém". As aparições de luz celeste, celestial e terrestre atualmente observadas durarão enquanto o céu universal protetor permanecer um aspecto do grande milagre de Deus e servir como o telhado do Universo do Mestre Construtor.

As pesquisas e explorações navais do último quarto de século comprovaram as revelações feitas pela primeira vez na presença do cardeal de Boston em 1927. Ele confirma que os chamados "céus acima" devem ser observados de qualquer local do todo universal. No entanto, embora mil expedições polares penetrem um milhão de quilômetros ou mais no interior dos Céus acima, não haverá interrupção do padrão celestial atualmente observável. As observações permanecerão para sempre como estão. Mas as viagens ao universo que nos rodeia fornecerão um conhecimento tardio da realidade cósmica. E esse conhecimento vai inspirar uma fé maior no Construtor, Principal responsável pela estrutura do Universo. Então, será sabido que o único Mestre Construtor sempre lida com força e substância realistas que não permitem nenhum lugar para os fantasmas cósmicos da dedução astro-matemática.

O reino dos céus acima, embora não do céu, está próximo, onde sempre esteve. Nós simplesmente não sabíamos disso. E os cursos de terra agora claramente definidos e mais convenientes para as terras celestiais realistas estendem-se diretamente a partir de qualquer suposta extremidade da Terra conhecida. São as rodovias terrestres descobertas além do ponto teórico do Pólo Sul na data memorável de 12 de Dezembro de 1928, e além do ponto teórico do Pólo Norte em Fevereiro de 1947.

Durante o período de compilação deste livro, o contra-almirante Richard Evelyn Byrd anunciou publicamente sua intenção de retornar à exploração dos milhões de quilômetros quadrados de terra abrangidas pela estimativa de 1928 de uma extensão de terra de cinco mil quilômetros além do ponto do pólo sul. Desde esse anúncio, uma unidade aérea naval dos EUA penetrou quilômetros da extensão terrestre estimada. No entanto, apenas uma breve menção foi feita a essa conquista extraordinária de 13 de Janeiro de 1956. Conforme explicado anteriormente, deve-se perceber que a estimativa de 1928 da extensão do terreno constitui apenas uma avaliação elementar. As cinco mil milhas são a maior estimativa de comprimento possível até que um novo

ponto de estimativa seja estabelecido no local de cinco mil quilômetros. Em seguida, outra estimativa de cinco mil quilômetros de comprimento da terra será feita. E esse processo de estimar e penetrar até o comprimento estimado continuará por qualquer número de anos, dependendo da velocidade de penetração nos mundos além dos pólos.

Mas quando a expedição polar naval dos Estados Unidos e outras nações chegarem ao fim daquela extensão estimada de cinco mil quilômetros, será encontrada a raça de homens que atualmente são desconhecidos nesta Terra. Eles também não tinham conhecimento da extensão de suas terras para a área terrestre e não fizeram nenhuma tentativa de penetrar o gelo proibitivo e a barreira de tempestades da área do pólo sul terrestre. Sua relação com os habitantes terrestres corresponde à relação de nossos ancestrais europeus pioneiros com o índio americano. O índio americano do século XV[15] também não sabia que as águas dos oceanos Atlântico e Pacífico eram o curso para outro mundo. O índio americano era tão ignorante do "Velho Mundo" existente quanto nossos ancestrais europeus eram do "Novo Mundo" do índio. Além disso, o aparente encontro do céu com a água era tão real para o índio do "Novo Mundo" quanto para o europeu do século XV[15]. Portanto, não se poderia esperar que o índio tentasse penetrar em uma terra que estava além de seu conceito. E ele também tinha medo de "cair da borda" da Terra e se perder no espaço.

As expedições polares internacionais de 1957-58 podem ter penetrado em uma extensão estimada de cinco mil quilômetros além do Pólo Sul. À medida que o progresso é continuado além desse ponto, serão encontrados os numerosos grupos raciais característicos da população desta área terrestre. Os homens brancos vão morar em uma área; homens negros viverão em outra área. Homens amarelos saudarão exploradores em uma área de terra mais além. Homens morenos e cor de cobre inibem outras áreas. Todas as mudanças conhecidas nas condições climáticas comuns às áreas terrestres prevalecerão em todas as áreas de terra que contêm os vários grupos raciais de mundos além dos pólos. E cada área da terra além é uma rodovia espaçosa dos chamados "céus acima". Pois, como o universo volante ilustrativo transmitiu, o ângulo mais baixo em progresso além de qualquer ponto do pólo terrestre carrega a relação de estar "acima" do nível terrestre. O estudo dessa Figura 1 mostrará que qualquer área do volante além dos pontos designados do pólo terrestre deve, a partir da observação em qualquer lugar entre os dois pólos, parecer estar "para cima" da área abrangida pelos pólos.

Conseqüentemente, as terras descobertas além do Pólo Norte e do Pólo Sul não são meramente rodovias para o celestial, são áreas de terras positivas do celestial que fazem o Universo ao nosso redor. E elas representam a conexão de cursos de terra às áreas de terra particulares dos "Céus acima" a serem observados na perpendicular, ou diretamente acima, de qualquer área de terra terrestre. As áreas celestes colocadas

em todo o Universo em um ângulo de apenas 5 graus além do nível terrestre são uma parte dos "Céus acima" tanto quanto as áreas celestes luminosas observadas em um ângulo de 90 graus. Todos elas são áreas conectadas de um universo contínuo. O contorno verdadeiro do Universo e a relação física do **terrestre** com o **celestial** apresentam uma verdade mais estranha do que a mais estranha ficção que as mentes dos homens já desenvolveram. Mas a verdade é considerada mais estranha do que a ficção.

Capítulo Treze

Cumprimento dos infinitos mundos e profecia de mansões e tribos que marcam o caminho.

O valor dos anúncios proféticos do passado é conhecido por desenvolvimentos subsequentes que revelam a realidade contida na profecia. Portanto, ao concluir esta exposição da Continuidade Física do Universo e das características modernas que confirmam sua realidade, há a realização dos sonhos do passado há tanto tempo negados. Dessa forma, é estabelecido o valor eterno dos profetas antigos e suas profecias.

Assim, em um reconhecimento de antigas revelações de outros mundos, os eventos desta época mostram que a realidade cósmica é diametralmente oposta às apresentações do "mapa estelar" astronômico. E está estabelecido para todos os que verão que de Plutão a Mercúrio, e de Cygnus a Centaurus, a massa de terra subjacente à luz contínua do céu de qualquer magnitude de brilho é tão densa quanto a terra na qual nossa civilização terrestre foi construída. Em todo o reino celestial essa condição se aplica. De Phoenix a Cepheus e Lupus, e de Indus através das áreas celestiais de Delphinus e Polaris, evidenciam-se as facetas cintilantes de um diamante incomparável celeste feito por uma mão de mestre. Os faróis luminosos do céu, chamados de "estrelas", guiam o curso dos marinheiros na brincadeira do oceano que se enche. E eles dirigem o solitário peregrino do deserto que vacilou em seu caminho.

Por toda a estrutura realista do Universo do Criador, as luzes aceleram mensagens ilimitadas de esperança e inspiração enquanto elas zelosamente tecem um milhão de santuários luminosos para fiéis astrológicos. Que diferença faz, para quem tem esperança, se as áreas iluminadas do céu forem chamadas de "estrelas?" Os faróis e os santuários são, cada um, apenas manchas da magnífica e protetora luz celeste de Deus, que brilha e se desvanece de tempos em tempos e de lugar em lugar.

E apesar das ilusões que apresentam e dos delírios que impõem, quem poderia conceber maior perfeição para a expressão divina? A medida de orientação das luzes poderia ser menos considerada pelo avanço do conhecimento sobre sua base criativamente realista como áreas de céu protetor? Poderiam a esperança e as

ambições dos fervorosos adeptos da astrologia diminuir através do discernimento do fundamento eterno e das expressões factuais de seus santuários? Poderia diminuir a medida de elevação espiritual para os religiosos devotos saber que a luz que brilhava sobre Belém era da natureza de toda luz celestial e terrestre do céu? Não seria a própria intensidade daquela luz sobre Belém da natureza de toda a luz celestial e terrestre do céu? A própria intensidade daquela luz sobre Belém não proclamaria a superioridade do menino cuja chegada ela anunciava? E sua magnificência seria menor se a luz fosse conhecida como luz do céu ou como uma "estrela?"

Além disso, como a luz poderia ser considerada mais intencional por meio da designação de "estrela", quando foi provado que "estrela" se enquadra na categoria de ilusório? Essa verdade não era conhecida quando Cristo nasceu. "Uma rosa com qualquer outro nome teria o mesmo cheiro doce." E o brilho intensificado de qualquer área iluminada pelo céu seria tão brilhante e proposital com qualquer outro nome que não "estrela."

A estrutura da astronomia baseada em ilusão prescreve designações de "mapa estelar" para áreas luminosas do céu celestial como "estrelas" de brilho variável. E a medida de brilho se estende desde a primeira magnitude até o ponto de diminuição da luz da vigésima primeira magnitude, e mais fraca. Mas aquilo que é prescrito pela astronomia representa, em um Universo de realidade, a intensidade variável e extremamente intencional da luz do céu. As variações podem ser consideradas da seguinte forma: O jato de gás do céu está alto ou baixo? Existe uma lâmpada de cinquenta watts ou uma lâmpada de quinhentos watts acesa no ponto celestial de nossa observação imediata?

Astronomicamente "planetas", "aglomerados de estrelas", "estrelas duplas", "galáxias", "nebulosas" ou a "Via Láctea", são aspectos adicionais da luz celestial infinita do céu que se estende sobre a terra celestial e áreas de água. A variação idêntica do brilho da luz do céu celestial, agora comprovada para se aplicar ao nosso céu terrestre, impeliria os astrônomos celestiais a fornecer os mesmos rótulos de identificação de "estrela", "aglomerado de estrelas" ou "Via Láctea", para áreas luminosas de nosso céu terrestre. Não é mais segredo que as áreas de luz do céu terrestre apresentam aos habitantes das áreas de terra celestial tudo o que as áreas de luz do céu apresentam para observação de localizações de terras terrestres.

E, para que não seja esquecido, os celestianos devem olhar "para cima", ou para fora, de suas posições terrestres para observar os "céus acima" apresentados por áreas de luz do céu terrestre, mesmo quando os habitantes terrestres olham "para cima" ou para fora, para ver "os céus acima" apresentado por áreas de luz do céu celestial.

A apresentação da luz do céu nunca pode mudar enquanto o Universo e sua vida durarem. Desde a hora distante e desconhecida da chegada terrestre do homem, as

luzes da criação mistificaram. Os coloridos sumos sacerdotes do antigo ritual pagão e, em seguida, os sábios e profetas da civilização em expansão, se perguntaram sobre o esplendor luminoso das áreas celestes de luz do céu que compreendem nossos chamados "céus acima". Alguns eram dotados de uma visão interior que os capacitava a imaginar outros mundos de ordenação divina além desta escassa área terrestre. E sua sintonia com o sublime elemento criativo inspirou eloqüentes expressões de outros mundos. Então, um vago registro de suas revelações extraordinárias foi feito em pedra e pergaminho. E então, infelizmente, a importância de suas revelações tornou-se obscura.

Seus ditames não representavam a ostentação de egoísmo raso e turbulento. Eles refletiam puro ego ligado à insondável Prima Causa. Sua sintonização com a Causa primeira, ou Deus, dotou-os da percepção mais clara da estrutura do Universo. Conheça e nomeie essa sintonização como quiser - uma centelha de divindade, revelação divina, percepção, intuição, inspiração, consciência cósmica, ou o que quer que possa agradar à fantasia individual - o fato incontestável é que ao longo da linha da marcha humana houve de tempos em tempos os humildes transportadores mortais de fragmentos brilhantes da verdade absoluta. E essa verdade era tão articulada que as tentativas humanas comuns de interpretação a tornavam inarticulada. Era como uma luz ofuscante que tornava impossível ver.

Eles de tal dotação extraordinária eram almas nobres, mas miseravelmente sobrecarregadas. Pois eles foram concebidos como meios através dos quais minúsculas porções do desenvolvimento criativo realista deveriam ser reveladas para a elevação e crescimento da humanidade. Esse arranjo da Vontade Divina não deveria ser imposto sem ressentimento pela multidão no momento e local da revelação. Eles temiam a intrusão de um fornecedor desconhecido de um produto tão desconhecido quanto a verdade criativa. Conseqüentemente, aqueles cuja visão interior estranha lhes permitia perceber além da capacidade de seus irmãos nunca foram bem-vindos pela riqueza de suas revelações. Pelo contrário, eles foram vistos com alarme, pois alguma doença estranha veio atormentar a humanidade.

Assim, o medo normal, mas não menos prejudicial do desconhecido, exigia que "em uma comunidade de cegos, aquele que tem visão deve ser destruído". E foram destruídos com bebida de cicuta, com crucificação e com outras formas mais avançadas de assassinato. Portanto, fatídicas, complexas e confusas têm sido as tentativas de interpretar o Universo da realidade. Mas as tentativas têm persistido desde aquela hora da revelação divina, quando a alma do antigo profeta Moisés se sintonizou com o decreto mudo de outros mundos ordenado desde o início. E a mensagem edificante da promessa desse decreto foi interpretada pela voz de Moisés aos pobres no espírito de seu tempo e lugar específicos: "*Existem outros mundos formados como esta terra.*"

No entanto, quem entre as tribos daquela época e lugar era capaz de compreender o significado de palavras que eram da maior clareza para Moisés? Quem naquela época desolada poderia esperar dar crédito à profunda mensagem que Moisés recebeu? Poderia a multidão (palavra obscura) daquele tempo e lugar entrar em sintonia, assim como o desenvolvimento criativo (palavra obscura) tão extravagantemente rico e fino a ponto de se perder na sintonia média? Havia, no entanto, entre a multidão algumas almas ousadas que, embora não conseguissem compreender o significado da mensagem do profeta, a repetiam com medo. E a repetição fez com que o registro vago das palavras do profeta fosse levado ao longo dos corredores do tempo.

Mas o Onisciente não poderia ser derrotado. Ele revelou ao imortal Christus o segredo da construção de seu vasto Universo. E o Christus, com parábola magnífica, reiterou em vão o pronunciamento anterior de outros mundos como esta Terra. "*Na casa de meu Pai há muitas moradas. Quem realmente busca, encontrará.*" Mais uma vez, o pronunciamento inspirador e orientador da revelação provou ser profundo demais para ser aceito. Embora nunca devesse ser esquecido, nunca foi acreditado. E a oferta cristã de "muitas moradas/mansões" foi ridicularizada pelos escribas e fariseus que não quiseram ver. Suas interpretações errôneas da parábola de Cristo fizeram da "casa de nosso Pai", o Universo todo, uma confusão de vagas conjecturas opostas à máxima de Cristo. E por quase dois mil anos o acesso a qualquer área de terra do universo ao nosso redor foi negado aos habitantes da Terra.

Em uma época e local posteriores no avanço da civilização, o significado da parábola cristã tornou-se mais obscura por meio da observação profissional e comercializada e da representação abstrata do Universo. Conseqüentemente, a elevada parábola de Cristo, que abrangia a realidade criativa, era considerada aplicável apenas ao ideal do Nirvana, da Utopia e do Paraíso. O equívoco popular, dado forma por ditames da teoria abstrata, sustentava que as "muitas moradas/mansões" não implicavam nada mais importante do que o condicionamento das mentes durante este estágio da existência humana. E a verdade profunda da estrutura do Universo foi suplantada pela ficção desenvolvida a partir de hipóteses baseadas no ilusório. Essa ficção, disfarçada de fato, foi capaz de projetar uma estrutura de Universo severamente imponente. Mas a projeção da ilusão como fato representava uma "casa do Pai" sem fundamento, o Universo como um todo, diametralmente oposto à origem criativa e à revelação cristã.

Não há registro de que Cristo ou Moisés tenham explicado as razões dos muitos mundos de sua revelação. Nem descreveram o curso da terra em tais mundos. Mas é razoável concluir que Cristo teria fornecido uma explicação adequada se ele tivesse sobrevivido ao medo e ódio da multidão de árbitros desconhecidos de terras além da Terra. Aquela terra além era desconhecida dos escribas e fariseus da época de Cristo. Mais tarde, o Alcorão descreveu as supostas extremidades da Terra como

"*terras de escuridão eterna*". Conseqüentemente, eram áreas terríveis que conduziam ao Inferno, e a mensagem de Cristo pretendida i, tanto para os teóricos quanto para a multidão, serviu apenas para acentuar seu medo.

Agora, 3.300 anos após a divulgação por Moisés e quase 2.000 anos desde que Cristo falou de muitas áreas habitadas do Universo como a Terra, há um brasão de um despacho da United Press com a data de 25 de Abril de 1955. "Cientistas russos vão dirigir trator sobre a superfície da Lua." Fantástico? Essas palavras se aplicam apenas na medida em que o novo procedimento, invenção ou descoberta, deve ser considerado irreal por causa de sua novidade. A visão ampla de hoje deve privar o plano de qualquer elemento de fantasia que a visão estreita de 1,900 anos atrás ou de apenas trinta anos atrás pudesse ter exigido. Será mostrado que a "superfície da Lua" é na verdade uma área de terra dos "muitos mundos moldados como esta Terra" de que falou Moisés. Será provado que a "superfície da Lua" é uma área de "muitas moradas" que a parábola de Cristo mencionou. As divisões técnicas do governo dos Estados Unidos já anunciaram publicamente que, se a ocasião exigir, eles poderiam colocar um homem na "superfície da Lua".

Algo foi escrito sobre a Lua em um capítulo anterior. Muito mais pode ser escrito. A Lua sempre confundiu os astrônomos e seus teóricos associados. Não se encaixa no padrão mecanicista do Universo feito pelo homem. Ela continua a se apresentar como um enigma celestial porque os teóricos erroneamente persistem em considerá-la um "corpo" isolado, distante de outras áreas celestes de luz do céu, enquanto a "Lua" representa a área do céu celestial onde a reflexão solar, em ângulos variáveis durante nosso mês calendário, acentua a luz natural do céu das áreas celestes no curso do reflexo. Esse curso é ditado pelo movimento do Sol. Portanto, é o reflexo em diferentes ângulos que produz para os habitantes da Terra o espetáculo comumente conhecido como "fases da Lua".

Essa condição careceu de explicação adequada por muitos séculos. E deve ficar para sempre sem explicação se continuarmos erroneamente a interpretar a luz da lua como indicativa de um "corpo" isolado. A Lua de nossa observação definitivamente não é um "corpo" de qualquer natureza, a menos que desejemos considerá-la um corpo de luz do céu celestial contendo a luz adicional de reflexão solar. Em uma visão realista de todo o Universo, ela representa apenas uma condição de luz celeste celestial isolada. E a condição de isolado é produzida pelo único corpo verdadeiramente isolado em toda a Criação: Esse é o sol. Assim, por meio do reflexo desse Sol na luz celestial gasosa e em movimento do céu, são desenvolvidos sombras de luz convenientemente descritos como "o homem na Lua". Os sombreados não representam nada na superfície da terra celestial subjacente à luminosidade dupla da luz natural do céu celestial intensificada pela reflexão solar. Eles são os únicos produtos da luz existente na área do céu celestial sobre a terra celestial.

A experiência tem mostrado que as assim chamadas sombras de luz do "homem na Lua" podem ser consideradas qualquer uma das numerosas formações, dependendo da fantasia individual, quando observadas de diferentes altitudes e sob variadas circunstâncias de observação. No entanto, e independentemente de toda e qualquer interpretação de como os matizes de luz se assemelham, as manchas escuras naquela área luminosa celestial da lua permanecem como aspectos de luminosidade. Elas não têm qualquer relação com a terra celestial subjacente à luminosidade. A condição mais óbvia de sombreamento de luz nunca foi levada em consideração pelo astrônomo. Ele procura estabelecê-lo como um aspecto da terra por meio da ampliação intensiva da área de luz do céu celestial já ampliada pela reflexão solar. Dessa ampliação intensificada de luz são desenvolvidos os numerosos poços de luz. Eles são submetidos à visão pública desavisada como os cânions clássicos do astrônomo na lua. Mais espantoso!

As distorções de luz resultantes da ampliação da luz do céu sobre uma área terrestre celestial conhecida como Lua são interpretadas como formações de massa terrestre na superfície terrestre dessa área celestial em particular. Tal conclusão astronômica se desenvolve apesar do fato de que a área de terra celestial não pode ser detectada telescopicamente através da densidade de luz do céu celestial onde os "cânions" da fossa de luz são produzidas. Se a terra sob aquela área do céu celestial duplamente iluminada estivesse completamente coberta por cânions realistas conhecidos em algumas áreas terrestres, não haveria nenhuma lente capaz de detectá-los através do gás luminoso ativo do céu. Conforme relatado anteriormente, esse gás luminoso e ativo do céu cobre toda a região do universo. E pesquisas navais recentes dos EUA estabeleceram que ela também cobre todas as áreas terrestres da Terra. Portanto, o governo russo, assim como qualquer outro governo, pode, durante os próximos dois anos, explorar a superfície terrestre subjacente à luz da lua. Tal realização memorável não exigirá "disparos para cima", ou para fora, de áreas terrestres. Nem será necessária qualquer velocidade fantástica de movimento. As velocidades dos aviões de nosso tempo serão suficientes.

Mais importante para o nosso tempo é a exploração da terra celestial realizada até agora por aquele governo que não publica todas as suas descobertas para o benefício das nações cristãs. Enquanto esta crônica do cumprimento da profecia estava sendo levada a uma conclusão oportuna, um despacho do International News de 6 de Abril de 1955 tratava de assuntos celestiais muito mais próximos de áreas terrestres do que a lua. Essa mensagem, apesar de sua aparente fantasia, estava vestida com o traje do realismo, agora vestindo adequadamente (os também sonhados) foguetes perfurantes do céu, mísseis guiados e bombas atômicas. Ele falava de uma realidade equivalente à familiar luz elétrica, geladeira, automóvel e avião. Ele contou em termos inequívocos sobre a expedição do governo dos Estados Unidos para a conquista de áreas de terra

do universo ao nosso redor. E essa conquista não seria pela maneira conjecturada de subir/disparar para cima ou para fora, a partir o nível terrestre:

Byrd passa a construir base da marinha na expedição do pólo sul

O anúncio da Marinha dizia que cinco navios, quatorze aviões, um batalhão de construção móvel com equipamento especial para a Antártida e um total de trezentos e noventa e três oficiais e homens, estarão envolvidos na expedição. As especificações para a base do pólo sul fornecem: A expedição deverá obter o material necessário e construir uma base de satélite no Pólo Sul.

Uma base de satélite no pólo sul! Uma expedição sem precedentes de aviões, navios e mão de obra se moveria em linha reta sobre a terra e, se possível, nas vias navegáveis que se estendiam além do ponto do pólo sul. E essa expedição era para penetrar em áreas de terra celestial que parecem estar "acima" da Terra.

O equívoco popular, apegando-se à tradicional falácia de "subir/disparar para cima", pode questionar a necessidade de uma viagem tão longa ao Pólo Sul para estabelecer uma base para o movimento em áreas celestiais. Essa pergunta seria semelhante à conjectura de 1928 por amigos do capitão Sir George Hubert Wilkins. Pode-se lembrar que seu equívoco os levou a acreditar que Wilkins seria "atraído pelo espaço" para outro "planeta" caso se aventurasse além do Pólo Sul. A questão seria razoável apenas na perspectiva ortodoxa e errônea de que os terrestres estivessem de fato isolados de acordo com o pressuposto da teoria, teríamos que "subir/disparar" para alcançar as áreas celestiais. E como não haverá "disparos", não estamos isolados do universo.

Conseqüentemente, o curso planejado do governo dos Estados Unidos deveria finalmente fornecer evidências convincentes de que a Terra não está isolada no espaço. E esse curso de movimento em frente, além do Pólo Sul, deve tornar manifesto que não há outro curso. Se os funcionários do governo responsáveis por esse anúncio estivessem planejando um movimento que não fosse sobre terras conhecidas além do Pólo Sul, não seria razoável estabelecer uma "base de satélite" em um ponto tão remoto. A base poderia ser mais convenientemente estabelecida em Maryland ou em qualquer outro ponto mais acessível.

Foi divulgado que o explorador mais velho do mundo, o contra-almirante Richard Evelyn Byrd, comandaria a memorável expedição do governo àquelas terras infinitas além do Pólo Sul. O contra-almirante Byrd era uma pessoa muito prática que sabia que ele não "subiu para cima", ou saiu do ponto do Pólo Norte na performance de sua jornada de 1947 por terra e água se estendendo além do suposto extremo norte da Terra. Ele não contemplou um movimento de voo contrário ao que o transportaria de sua casa em Boston para o Edifício da Marinha em Washington, D.C. Ele sabia que deveria se mover em linha reta em nível terrestre a partir do ponto do Pólo Sul.

Antes de sua partida de San Francisco, ele fez um importante anúncio de rádio: "*Esta é a expedição mais importante da história do mundo*". O subseqüente 13 de Janeiro de 1956, a penetração de terras além do Pólo em uma extensão de 2.300 quilômetros provou que o almirante não estava exagerando. Pois a base dos Estados Unidos naquele ponto é a base mais importante que esta nação, ou qualquer outra nação, já teve. Conseqüentemente, o agora comprovado movimento em frente e no mesmo nível de qualquer ponto do pólo estabelecerá o homem terrestre na terra de seus primos celestes. E nossos primos celestiais terão todas as características físicas dos homens e mulheres terrestres. Pois, por mais estranho que possa parecer e difícil de compreensão, pois sem dúvida é para os astrônomos, os habitantes celestiais têm a mesma qualidade e quantidade de oxigênio que aquele a que temos acesso nos pontos terrestres.

A terra que se estende além de ambos os pólos imaginários terrestres é uma área diminuta de mundos além dos pólos. É uma área dos mundos imaginada pelo profeta Moisés 3.300 anos atrás. É uma sala de terreno das "muitas moradas" das revelações de Cristo 1.930 anos atrás. Um pouco além das franjas polares do norte e do sul do território terrestre continuam a terra e as águas celestiais que conduzem por todo o Universo. A partir de tais pontos polares, podemos de uma vez e à vontade continuar a jornada, sem "subir para cima", para o "vale da Lua" e para Marte e Júpiter, e para qualquer outra área do Universo inteiro! Os chamados "céus acima", a serem observados em todos os ângulos fora do terrestre, começam onde o gelo polar terrestre do norte e do sul diminui!

Um voo de sete horas em áreas terrestres dos "céus acima" foi realizado na memorável façanha naval de Fevereiro de 1947. Esse desempenho além do ponto da teoria do Pólo Norte era tão simples que uma explicação adequada o teria tornado muito confuso. E é evidente que ninguém foi capaz de explicar. Naquele voo da força-tarefa naval de 1947, havia terra, água e vegetação sob o curso do avião, à medida que o progresso era feito para o norte a partir do ponto do Pólo Norte. Se a força naval possuísse suprimentos de motivação que lhes permitissem continuar, e o equipamento para fornecer bases essenciais ao longo da rota, eles poderiam ter penetrado no céu por 100.000 quilômetros ou mais, em vez de apenas 1.700 quilômetros.

A penetração naval de 1956 em terras além do Pólo Sul se estendeu por 2.300 quilômetros sobre a área de terra dos chamados "Céus acima". Expedições polares internacionais recentes e planejadas podem se estender tão longe no universo ao nosso redor quanto seus recursos permitirem. Não há limite para a extensão da penetração possível.

A riqueza natural ilimitada de áreas celestes que se estendem desde os pontos do Pólo terrestre já desenvolveu um espírito de competição acirrada entre as nações. E deve estimular toda a exploração corporativa possível. Depois de séculos de conjecturas

vazias, o conhecimento está à mão de que as rotas terrestres para a riqueza incalculável do Universo enganosamente padronizado se estendem além das passagens bloqueadas pelo gelo do Pólo Norte e do Pólo Sul. A penetração contínua de tais áreas irá desenvolver a descoberta de vida humana atualmente desconhecida e de outras formas animais. O pavor do ano passado do terrível desconhecido pode ser dissipado à luz de pesquisas e descobertas modernas sem precedentes; pois eles confirmam que não há extremidade norte ou sul da Terra. O mundo terrestre é de fato "um mundo sem fim".

É assim, ou eu não poderia ter lhe contado.

Luz de ilusão (poema)

Luz que parece tão distante, você não é uma "estrela" separada; e nenhum mistério pode ser, de sua qualidade brilhante.

Embora o seu "brilho/cintilar" pareça ser, é um truque que os olhos jogam em mim; pois eu aprendi como eles enganam, e a imagem ilusória vai embora.

Como uma colcha de retalhos do céu celestial externo, você está enfeitiçando os olhos; no entanto, cubra com terras invisíveis, como o céu terrestre faz à mão.

Você não conhece a difícil situação do isolamento, embora você apresente a visão solitária, pois você está preso no abraço do céu. Comum a este lugar terreno.

E finalmente estou pronto para visitar debaixo de sua tela brilhante; eu não terei que me mover pelo espaço no ritmo fantástico de um foguete.

Diretamente da região polar, na terra e nas águas da legião, movendo-se de uma maneira estabelecida, chegarei na sua mansão celestial.

- F. AMADEO GIANNINI

1959 Continuidade física do Universo. As páginas anexas contém a primeira e única descrição do Universo realista de terra, água, oxigênio e vegetação, onde abundam os seres humanos e outras formas de vida animal. Esta não é uma obra de ficção nem uma análise técnica de nada. É um simples relato de um fato que transcende a ficção mais elaborada já concebida. Ela projeta a primeira compreensão do homem do Universo factual e infinito que contém a vida humana em toda a sua vasta extensão e largura - independentemente de todas as teorias abstratas em contrário.

F. Amadeo Giannini

Traduzido por Samuel Santos

ISBN 0-7873-0347-X
Health Research
P.O. Box 850
Pomeroy, WA 99347
Toll Free: 888-844-2386
www.healthresearchbooks.com